

As grutas da serra de Montejunto (Cadaval)¹

João Ludgero Marques Gonçalves*

Resumo

Apresentam-se neste trabalho os materiais recolhidos em diversas grutas da Serra de Montejunto (no concelho do Cadaval) em escavações arqueológicas dos finais do século passado, em princípios deste século e nos anos 30, depositados no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Os materiais vêm de pequenas grutas, algumas com pouco material, ou de grutas com algum interesse como Vale da Lapa e Vale d'Oiro, com materiais mais significativos. As grutas do Furadouro apresentam materiais de maior interesse, sobretudo campaniformes, e a gruta das Fontainhas apresenta material do Neolítico antigo e da Idade do Bronze.

A gruta da Fórnea testemunha uma ocupação do Neolítico Final, destacando-se os vasos com bordo denteado. A gruta do Furadouro da Rocha Forte apresenta o mesmo Neolítico Final, com vasos de bordo denteado, mas destaca-se um vaso com decoração simbólica e motivo solar. Destas grutas são também de destacar os ídolos bétilo e as placas de xisto decoradas.

Pela análise dos materiais comprova-se que a Serra de Montejunto foi ocupada desde o Neolítico Antigo, tendo uma importante ocupação no Neolítico Final. O Calcolítico Final, campaniforme, também foi importante nesta serra e a Idade do Bronze Final culmina a ocupação das grutas, sendo rara a Idade do Ferro.

¹ Agradece-se ao Dr. Francisco Alves, director do Museu Nacional de Arqueologia, ao Prof. Dr. Miguel Ramalho, do Instituto Geológico e Mineiro, pelo apoio dado ao estudo das colecções dos museus, e à Fundação Calouste Gulbenkian pela bolsa que permitiu levar este trabalho ao seu termo. Este trabalho foi realizado enquanto arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa.

* Ex-bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Arqueólogo da Câmara Municipal do Bombarral.

Abstract

This paper presents materials from several caves at the Serra de Montejunto (district of Cadaval). These artifacts, which are deposited at the Museu Nacional de Arqueologia and at the Museu do Instituto Geológico e Mineiro, were collected in excavations carried out at the end of the last century, at the beginning of this century, and in the thirties.

The materials were recovered from a variety of caves; some were small and contained only a few artifacts, while other caves, such as Vale da Lapa and Vale d'Oiro, are of greater interest. The caves of Furadouro produced significant assemblages, mostly Bell Beaker ceramics, and the cave of Fontainhas yielded material from the Early Neolithic to the Bronze Age.

Fôrnea cave showed a Late Neolithic occupation, which is illustrated by denticular rimmed bowls. From the same period, the cave of Furadouro da Rocha Forte produced bowls of the same type, but has also yielded more unusual pots with symbolic decoration and a solar motif. From these caves, the betile idols and decorated schist slabs are also worthy of note.

Study of these materials shows that Serra de Montejunto has been occupied since the Early Neolithic, with the main occupation occurring during the Late Neolithic. The Late Calcolithic, or Bell Beaker, is also well represented in this range of bills. Occupation largely terminates in the Late Bronze Age, with the Iron Age presence being only sporadic.

1. Grutas e locais da serra de Montejunto²

Foi em 1880 que se fez a primeira exploração de grutas na serra de Montejunto. A Comissão dos Trabalhos Geológicos escavou, então, duas grutas no vale do Furadouro (Apolinário, 1897, p. 86).



No entanto, as grutas da serra de Montejunto começaram a ser melhor conhecidas quando, nos finais do século passado, António Maria Garcia, um professor primário de Pragança, aldeia da serra, iniciou a descoberta e exploração de algumas dessas grutas.

No Cadaval, José Leite de Vasconcelos, que aí exerceu a função de Subdelegado de Saúde de Maio de 1887 a Janeiro de 1888, tomou conhecimento de muitas das grutas através de António Maria Garcia e também procedeu à sua

² Veja-se o inventário das grutas da serra de Montejunto elaborado por Jorge Paulino Pereira - *A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto)*. «Setúbal Arqueológica». Setúbal. 2-3 (1976-77), p. 49-95.

exploração. Aquele professor entregou a José Leite de Vasconcelos o material por si recolhido, ingressando este nas colecções do actual Museu Nacional de Arqueologia.

Existem várias referências à exploração das grutas da serra de Montejunto por José Leite de Vasconcelos, embora de carácter vago e sem a sua localização precisa.

Em 1887, escreve este investigador a Martins Sarmiento “as únicas estações pré-históricas de cá são umas grutas, de onde já desenterrei várias ossadas” (Vasconcelos, 1958, p. 86). Em 1893 escreve, “Na encosta do castro [de Pragança] encontrei grutas funerárias, contendo ossadas humanas e objectos de indústria” (Vasconcelos, 1958, p. 151). E ainda, em 1894, “Amanhã mando para o Cadaval, continuar as explorações, o meu adjunto no Museu: vai explorar uma gruta” (Vasconcelos, 1958, p. 171). Neste caso, trata-se da escavação das grutas do Furadouro, exploradas nesse ano e publicadas três anos depois.

Em 1897, escreveu também, “Na Páscoa de 1892, numa visita que fiz à Serra em companhia dos meus amigos o Sr. Dr. Alexandre Agrella, médico no Cadaval, e o Sr. António Maria Garcia, professor em Pragança, obtive à superfície do chão de uma gruta duas tigelinhas de barro inteiras, e fragmentos de muitas, gruta que bem merece ser metodicamente explorada” (Vasconcelos, 1897, p. 43-44).

A maioria destas grutas não eram localizadas com exactidão e ainda hoje não se sabe a localização da maioria delas (fig. 1).

Algum do material existente no Museu Nacional de Arqueologia apresenta etiquetas de papel coladas nas peças. Estas etiquetas têm o nome de António Maria Garcia, comprovando ser este o autor de muitas das explorações realizadas nas grutas. Porém, o material recolhido quer por António Maria Garcia quer por José Leite de Vasconcelos ficou inédito até à actualidade.

Após esta primeira fase de explorações das grutas da serra de Montejunto, Leonel Trindade, nos anos 30, descobriu e escavou mais algumas, tendo recolhido também material em grutas já anteriormente exploradas por António Maria Garcia e José Leite de Vasconcelos.

Leonel Trindade escavou também, nessa época, uma outra pequena gruta na encosta do castro de Pragança. Foram recolhidas ossadas e dois vasos hemisféricos, encontrando-se um dentro do outro (Pereira, 1976-77, p. 83).

A sua colecção foi vendida ao Museu Nacional de Arqueologia, em 1941, tendo na altura o director do Museu, Manuel Heleno, feito investigações em várias grutas, algumas delas já antes exploradas por aqueles arqueólogos (Machado, 1964, p. 129-130).

O trabalho que a seguir se apresenta não pretende fazer o registo exaustivo de todas as grutas da serra de Montejunto mas, somente, apresentar o material mais significativo de algumas delas - e que corresponde às explorações daqueles investigadores. As mais importantes e com maior volume de material serão objecto de estudos separados.

Gruta do Castelo

Situa-se na escarpa adjacente ao castro (castelo) de Pragança. Forneceu apenas um ídolo de gola, em osso polido (fig. 2, n.º 1) e um vaso hemisférico de cor cinzenta escura (fig. 2, n.º 2).

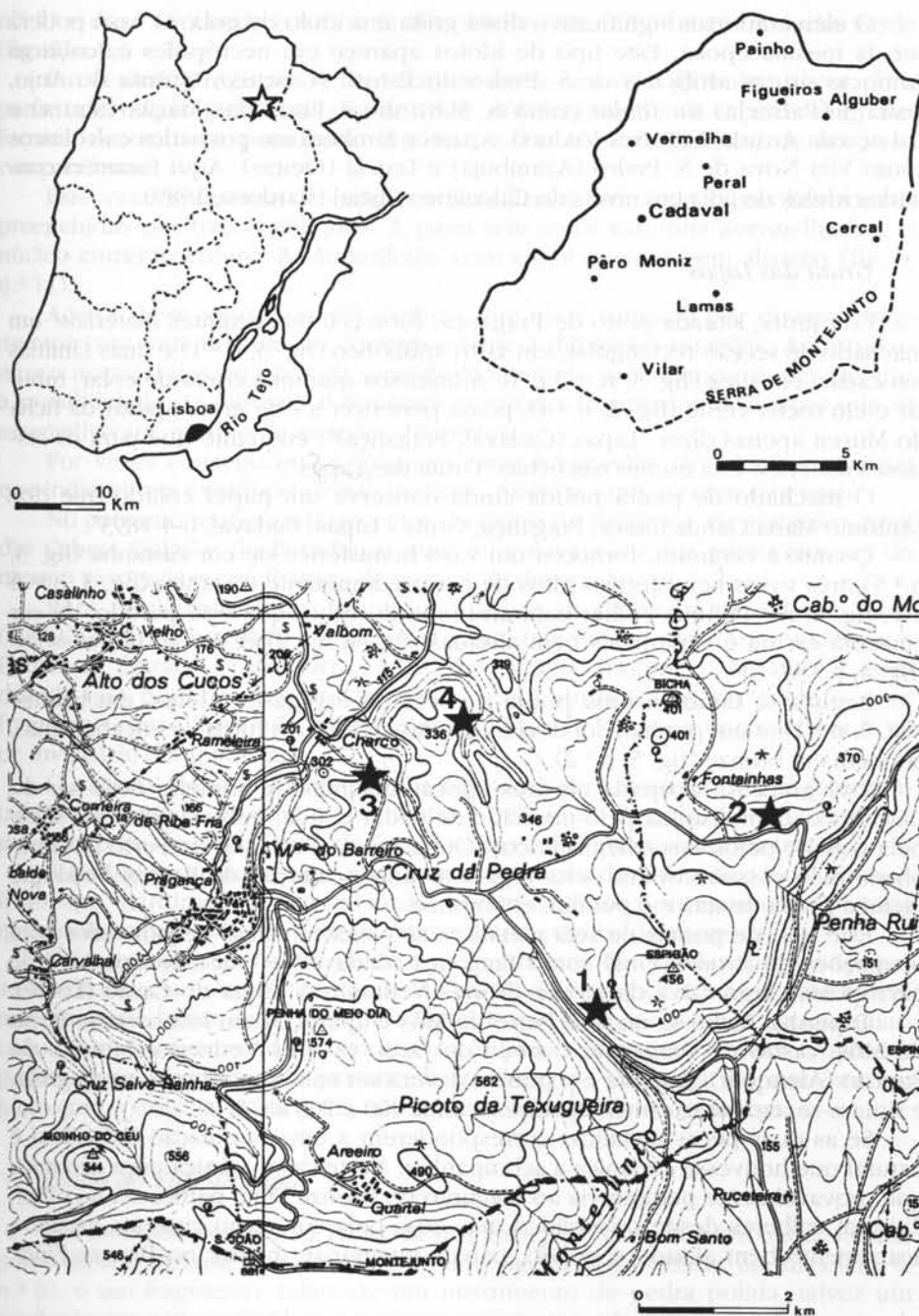


Fig. 1 – A serra de Montejunto no distrito de Lisboa e no concelho do Cadaval. Mapa da serra de Montejunto, à escala 1/50.000, com a localização das grutas mais importantes. 1 - Gruta do Furadouro; 2 - Gruta das Fontainhas; 3 - Gruta da Fôrnea; 4 - Gruta do Furadouro da Rocha Forte.

O elemento mais significativo desta gruta é o ídolo de gola. O vaso poderá ser da mesma época. Este tipo de ídolos aparece em necrópoles calcolíticas como as grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (Cascais), Quinta do Anjo, gruta 3 (Palmela) ou *tholoi* como S. Martinho e Praia das Maças (Sintra) e Cabeço da Arruda 2 (Torres Vedras). Aparece também em povoados calcolíticos como Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) e Leceia (Oeiras). Aqui foram encontrados ídolos de gola em níveis do Calcolítico Inicial (Cardoso, 1989).

Gruta das Lapas

Esta gruta, situada perto de Pragança, forneceu os seguintes materiais: um machado de secção rectangular, em xisto anfibólico (fig. 3, n.º 1) e duas lâminas retocadas, em sílex (fig. 3, n.ºs 2 e 3). Admitimos que uma conta de colar, tubular e em rocha verde (fig. 3, n.º 4), possa pertencer a esta gruta apesar da ficha do Museu apenas dizer "Lapas (Cadaval, Pragança)", enquanto que para os restantes materiais está escrito nas fichas "Gruta das Lapas".

O machado de pedra polida ainda conserva um papel colado que diz: "António Maria Garcia Júnior, Pragança, Gruta - Lapas, Cadaval, 6-4-1893".

Quanto à cerâmica, forneceu um vaso hemisférico de cor castanha (fig. 3, n.º 5), três vasos hemisféricos altos de cor predominante castanha (fig. 3, n.ºs 6 e 7; fig. 4, n.º 1), uma colher com arranque do cabo, que está partido, de cor cinzenta escura e superfícies bem alisadas (fig. 4, n.º 2) e, ainda, um cossoiro (fig. 4, n.º 3).

Regista-se também uma ponta de seta de espigão e aletas, em bronze (fig. 5, n.º 1), e um punhal, em dois fragmentos, com três furos de encabamento, também em bronze (fig. 5, n.º 2).

Esta gruta foi ocupada em três épocas distintas. A primeira deve ser do Calcolítico, demonstrada pelo machado de pedra polida, pelas lâminas em sílex, pela conta e pelos vasos hemisféricos. Outra época é a Idade do Ferro testemunhada pelo cossoiro. Antes desta regista-se uma ocupação do Bronze Final que inclui a ponta de seta e o punhal, em bronze.

Este tipo de pontas de seta metálicas são características de povoados com ocupações do Bronze Final como Pragança (Cadaval) e Ota (Alenquer) ou de necrópoles como Cova da Moura (Torres Vedras) ou Vinha do Casão (Loulé).

O punhal inclui-se no tipo Porto de Mós e apareceu em locais como Porto de Mós, castro de Pragança, Cabeço do Jardo (Torres Vedras) e Moinho do Raposo (Alenquer). A ponta e o punhal devem ser contemporâneos, nesta gruta, e situam-se, cronologicamente, entre os anos 900 e 700 a.C.

Se as duas peças metálicas corresponderem a uma tumulação individual é natural que houvesse cerâmica a acompanhar. Neste caso, a única peça cerâmica que provavelmente pertenceria ao conjunto do Bronze Final parece ser a colher. Existem colheres desde o Neolítico mas esta, pela coloração cinzenta escura e acabamento bem alisado e polido, parece integrar-se melhor no Bronze Final.

Gruta do Curral das Cabras Gafas

Nesta gruta, também situada perto de Pragança, foram encontradas quatro lâminas em sílex (fig. 6, n.ºs 1 a 4), um ídolo de gola, em osso polido (fig. 6,

n.º 5) e duas contas de colar, uma discoidal e outra cilíndrica, em rocha verde (fig. 6, n.ºs 6 e 7).

Em cerâmica registam-se, um fragmento de um vaso globular, decorado a pente com traços horizontais (fig. 6, n.º 8), dois fragmentos de caçoilas campaniformes, decoradas a pontilhado (fig. 6, n.ºs 9 e 10) e fragmentos de um vaso campaniforme.

Este vaso apresenta decoração a pontilhado formando faixas horizontais preenchidas por traços oblíquos. A pasta tem a cor castanha avermelhada e o núcleo cinzento escuro. As superfícies, com engobe, estão bem alisadas (fig. 6, n.º 11).

Acerca deste vaso, convém explicar que ele é formado por diversos fragmentos com uma numeração correspondente a diferentes estações. Ao estudarmos o material das estações da serra de Montejunto procurámos ter em atenção a possibilidade de misturas e tentámos comparar fragmentos cerâmicos que se assemelhavam, mesmo de estações diferentes.

Por vezes conseguiam-se colagens entre fragmentos de estações distintas que indicavam a existência dessas misturas. Assim aconteceu com este vaso.

No conjunto reunimos fragmentos do castro de Pragança, da gruta do Curral das Cabras Gafas e do Furadouro que, ou colavam ou nos pareceram ser do mesmo vaso pelas semelhanças de pasta e de decoração.

Para comprovar isto, note-se que um dos fragmentos deste vaso (n.º 11.420, B) tem colado um papel, já gasto, que tem escrito: “António Maria..., Pragança, Entrada ... do Curr..... Gafas, Vege... fragmen... orname...”. Sem dúvida que pertence à gruta do Curral das Cabras Gafas, no entanto, este fragmento estava integrado no material do castro de Pragança (a respectiva ficha de inventário desapareceu).

O material desta gruta revela uma ocupação do Calcolítico Inicial representada pelas lâminas em sílex, pelas contas e pelo ídolo de gola. O ídolo de gola é mais tosco do que o da Gruta do Castelo e deverá ser do Calcolítico Inicial.

A cerâmica campaniforme revela uma ocupação do Calcolítico Final. O vaso é do tipo marítimo ou internacional. Cerâmica deste tipo aparece em várias necrópoles e povoados da Estremadura com ocupações desta época.

O fragmento decorado a pente e os fragmentos de caçoilas campaniformes assemelham-se a outros encontrados no castro de Pragança. Uma vez que houve misturas entre várias estações e pelo facto de estes fragmentos não estarem marcados com os números de inventário do Museu (como muitas vezes acontecia) poderíamos considerar que pertencem ao castro de Pragança. Porque estavam junto com o material desta gruta não quisemos deixar de os representar.

Gruta do Vale da Lapa

Foi escavada por Leonel Trindade nos anos 30. Nela foram encontradas uma ponta de seta de base quase recta, com uma ligeira concavidade, em sílex (fig. 9, n.º 6), e um fragmento, talão, de um instrumento de pedra polida, talvez um machado, em xisto anfibólico e com a secção rectangular (fig. 9, n.º 7).

Quanto à cerâmica, foram encontrados fragmentos de vasos hemisféricos decorados com caneluras (fig. 7, n.ºs 1 a 3), vasos hemisféricos e hemisféricos altos, sem decoração (fig. 7, n.ºs 4 a 9), apresentando um deles o bordo espes-

sado (fig. 7, n.º 9) e vasos globulares, também sem decoração (fig. 8, n.ºs 1 e 2). As pastas têm as cores predominantes castanha e cinzenta.

Os vasos carenados têm a pasta de cor cinzenta escura e as superfícies brunidas (fig. 8, n.ºs 3 a 5; fig. 9, n.ºs 1 e 2). Um destes vasos apresenta uma pega perfurada com dois furos na carena (fig. 8, n.º 3). Existem também dois vasos com colo, tendo as pastas cor cinzenta escura (fig. 9, n.ºs 3 e 4), mas um deles tem a superfície brunida (n.º 3) e o outro tem a superfície rugosa (n.º 4).

Por fim, regista-se um vaso decorado que tem as paredes direitas e a pasta de cor cinzenta escura com o núcleo castanho avermelhado, apresentando a superfície brunida. A decoração é feita por linhas incisas formando duas faixas com triângulos preenchidos (fig. 9, n.º 5).

Esta gruta mostra ocupações de duas épocas. Uma é do Calcolítico Inicial. Dela fazem parte a ponta de seta e o machado de pedra polida, os vasos hemisféricos e globulares, lisos, e os vasos hemisféricos decorados com caneluras. Este tipo de vasos aparece em povoados e necrópoles da Estremadura com ocupações do Calcolítico Inicial.

Uma outra ocupação é do Bronze Final e está representada pelos vasos carenados, pelos vasos com colo e pelo vaso decorado com triângulos incisos. O vaso carenado com pega perfurada na carena é típico desta época. O vaso decorado, em forma de copo, é pouco comum no Bronze Final mas, a coloração cinzenta da pasta e o acabamento polido das superfícies, bem como o padrão decorativo, semelhante ao padrão de vasos decorados com ornatos brunidos, são elementos que permitem integrar este vaso no Bronze Final.

Gruta de Vale d' Oiro

Nesta gruta recolheu Leonel Trindade numerosos crânios e ossos humanos. Foram também encontradas lâminas em sílex, sendo algumas retocadas (fig. 10, n.ºs 1 a 6), um punhal ou instrumento perfurante em osso, possivelmente um fragmento proximal de cúbito de Bos (fig. 10, n.º 7) e algumas contas de colar, discoidais, subcilíndricas e cilíndricas, em rochas de cores cinzenta escura e verde clara (fig. 10, n.ºs 8 a 23).

Foram também encontradas, mas não representadas, algumas lascas em sílex, um fragmento de enxó de pedra polida, em rocha branda, um fragmento de dormente de mó, um movente discoidal de mó, um percutor esférico, um percutor subesférico e um percutor discoidal, em rochas de arenito e quartzito. Há também uma pequena rodela em chumbo (com 2,2 cm de diâmetro por 1 cm de espessura). Encontrou-se ainda uma ponta de seta metálica, em bronze, com espigão comprido e lâmina curta (fig. 10, n.º 24).

Na cerâmica, temos a registar um bordo com pega e decorado com caneluras horizontais que ladeiam a pega (fig. 11, n.º 1), outro bordo com uma pega vertical (fig. 11, n.º 2), vasos hemisféricos pequenos (fig. 11, n.ºs 3 e 4), vasos hemisféricos altos de pequena dimensão (fig. 11, n.ºs 5 a 7) e um grande vaso hemisférico alto (fig. 11, n.º 8).

Há também uma taça com o bordo espessado (fig. 12, n.º 1), mais alguns vasos hemisféricos altos de bordo ligeiramente espessado (fig. 12, n.ºs 2 a 5), um vaso de forma globular (fig. 12, n.º 6) e um outro globular com o bordo espessado (fig. 12, n.º 7). Um grande vaso é também de forma globular e tem um furo

pouco abaixo do bordo (fig. 13, n.º 4). As pastas têm cores que vão do castanho avermelhado ao castanho e ao cinzento.

Um vaso apresenta o bordo denteado (fig. 12, n.º 8) e outro é hemisférico e tem caneluras horizontais abaixo do bordo (fig. 12, n.º 9). Um vaso hemisférico muito alto tem também uma canelura horizontal (fig. 13, n.º 1).

Um fragmento decorado pertence a um vaso globular e tem sulcos horizontais (fig. 13, n.º 2) e outro fragmento decorado tem um sulco horizontal e pequenas “folhas de acácia” formando espinhados (fig. 13, n.º 3).

Dois bordos devem pertencer a vasos carenados (fig. 13, n.ºs 5 e 6). Existe também parte de uma carena (fig. 14, n.º 1). A pasta destes bordos e da carena tem cor castanha e apresentam as superfícies bem alisadas e polidas.

Um fragmento de um vaso de forma indeterminada tem uma decoração composta por linhas pontilhadas, feitas com pente, formando um padrão ziguezagueante. A sua cor é castanha e a superfície está bem alisada (fig. 14, n.º 2).

Há ainda um fragmento de asa subcircular, junto com o bordo, e que tem cor cinzenta escura com a superfície bem alisada e polida (fig. 14, n.º 3). Parte de um fundo apresenta uma concavidade central e a pasta é castanha (fig. 14, n.º 4). Por fim, uma grande taça com fundo plano e bordo ligeiramente espessado tem a pasta de cor cinzenta e as superfícies bem alisadas e polidas, quase brunidas (fig. 14, n.º 5).

Na cerâmica existem ainda, mas não representados, alguns fragmentos e pequenos bordos de vasos hemisféricos e dois bordos, um fragmento de asa e parte de um fundo de vasos da Idade do Ferro.

Esta gruta revela ocupações que vão do Neolítico Final à Idade do Ferro. Do Neolítico Final temos um vaso com o bordo denteado. Do Calcolítico Inicial existem os vasos com caneluras horizontais abaixo do bordo. O vaso com uma pega horizontal alongada e caneluras laterais parece característico do Neolítico mas não se exclui a hipótese de pertencer a outra época. A cerâmica lisa, vasos hemisféricos, globulares e a taça poderiam integrar-se no Calcolítico.

As lâminas em sílex, o punhal em osso e as contas de colar tanto podem ser neolíticas como calcolíticas. Do Calcolítico Médio são os dois fragmentos cerâmicos decorados com sulcos e com espinhados de “folha de acácia” (fig. 13, n.ºs 2 e 3) no entanto, este tipo de cerâmica é pouco usual em grutas, pelo que poderíamos admitir ter havido mistura com material do castro de Pragança.

Da Idade do Bronze são os fragmentos cerâmicos de vasos carenados e, talvez, a grande taça de fundo plano. Esta, pela coloração da pasta e pelo acabamento das superfícies, parece poder integrar-se nesta época, embora esta forma seja pouco comum. Na Idade do Ferro poderiam incluir-se o fragmento com decoração de pente formando linhas ziguezagueantes, a asa de rolo e o fundo com a concavidade central.

Por fim, põe-se a questão da ponta de seta em bronze. Esta ponta tem o espigão comprido e a lâmina curta, ocupando apenas cerca de 1/3 do comprimento. Este tipo de ponta é mais evoluída do que as pontas tipo Palmela, a meio caminho entre estas e as pontas do Bronze Final, como a representada atrás, da Gruta das Lapas.

Uma ponta semelhante apareceu na *tholos* do Paimogo (Lourinhã) (Gallay et al. 1973, p. 53). Aqui apareceram também duas outras pontas tipo Palmela, um punhal de lingueta e cerâmicas campaniformes, do Calcolítico Final.

No entanto, na gruta de Vale d'Oiro não foram encontradas cerâmicas campaniformes, o que permite colocar esta ponta na Idade do Bronze.

Também em Paimogo apareceram alguns vasos cerâmicos (um com asa, outro com pé, vasos com colo e fundos planos) que os autores afirmam que poderão pertencer a uma primeira Idade do Bronze (Gallay et al. 1973, p. 35, 37, 39). Em Paimogo, a ponta metálica deste tipo deve poder integrar-se nesta época, tal como a ponta de Vale d'Oiro. Pontas como esta, no Sul de Portugal (especialmente uma achada em Aljustrel), são do Bronze do Sudoeste I, de entre 1400 e 1100 anos a.C. (Schubart, 1975).

Gruta do Covão

Foram apenas recolhidos um fragmento de lâmina retocada (fig. 15, A, n.º 1), mais uma lasca e uma ponta do Paleolítico Superior, em sílex. Uma outra lâmina em sílex foi cedida à Universidade de Luanda há muitos anos. A lâmina representada poderá ser tanto neolítica como calcolítica.

Gruta do Picoto da Rameleira

Registam-se dois micrólitos trapezoidais, um deles com entalhe no lado menor (fig. 15, B, n.ºs 2 e 3), uma pequena lâmina (fig. 15, B, n.º 4) e duas pontas de seta, uma de base ligeiramente côncava e outra de maiores dimensões, em sílex (fig. 15, B, n.ºs 5 e 6). Existem, ainda, uma lasca, um seixo e três fragmentos cerâmicos incaracterísticos. Os micrólitos e a pequena lâmina deverão pertencer ao Neolítico e as pontas de seta ao Calcolítico.

Covão do Barreiro

Desta gruta vieram duas lamelas (fig. 15, C, n.ºs 7 e 8) e uma pequena lâmina (fig. 15, C, n.º 9), em sílex. E, ainda, dois fragmentos de lâminas, também em sílex. Este material poderá ser do Neolítico.

Gruta da Penha

Foram encontrados dois micrólitos trapezoidais, em sílex (fig. 15, D, n.ºs 10 e 11), neolíticos.

Gruta do Mendes

Assinalam-se nesta gruta, situada perto de Pragança, um pequeno vaso hemisférico e um fundo plano de um grande pote, em cerâmica (fig. 15, E, n.ºs 12 e 13), um alfinete com cabeça dupla e uma argola, ambos em bronze (fig. 15, E, n.ºs 14 e 15). O vaso hemisférico poderá ser neolítico ou calcolítico. O grande fundo plano poderá ser do Bronze ou do Ferro. As peças metálicas integram-se na Idade do Bronze Final ou já na Idade do Ferro.

Furnas

Foram recolhidos fragmentos cerâmicos de diversos vasos, alguns hemisféricos (fig. 16, n.ºs 1 a 3), outros hemisféricos altos, ou com o bordo reentrante ou extravasado (fig. 16, n.ºs 4 a 10) e vasos carenados (fig. 17, n.ºs 1 e 2). As pastas têm cores que vão do castanho avermelhado ao cinzento escuro. Existem ainda duas lascas em sílex e um seixo. Os vasos de cerâmica aqui referidos deverão ser do Neolítico Final, a julgar pelos vasos carenados.

Furadouro da Alargada

Registam-se apenas uma lâmina retocada, em sílex (fig. 17, n.º 3), um furador em osso (fig. 17, n.º 4) e um fragmento de vaso hemisférico com decoração a pente formando traços ondulados (fig. 17, n.º 5). Este material deverá ser do Calcolítico. Também foi recolhido, junto com estes materiais, um crânio trepanado.

Malbadas

Deste local veio um pequeno cinzel de pedra polida com duplo gume, em xisto anfibólico (fig. 18, n.º 1). Provavelmente é uma peça calcolítica.

Covão das Malbadas

Regista-se apenas um machado de pedra polida, com a secção rectangular, em xisto anfibólico (fig. 18, n.º 2). Igualmente este machado deverá ser do Calcolítico.

Covão das Pias

Daqui vieram um pequeno machado de pedra polida, de secção rectangular, em xisto anfibólico (fig. 19, A, n.º 1), e um fragmento de cerâmica decorado com sulcos muito leves, tendo a pasta de cor cinzenta escura (fig. 19, A, n.º 2). Existem também três fragmentos cerâmicos incaracterísticos e um dormente de mó, em arenito. O machado parece ser do Calcolítico mas o fragmento cerâmico decorado é da Idade do Ferro.

Gruta das Chocalbeiras

Assinala-se uma lâmina em sílex (fig. 19, B, n.º 3) e um pequeno machado de pedra polida com a secção sub-rectangular, em xisto anfibólico (fig. 19, B, n.º 4). E, ainda, três lascas em sílex, um machado grosseiro, um percutor esférico e três percutores discoidais, em quartzito, um movente discoidal, em arenito, e um fragmento cerâmico com arranque de asa. A lâmina e o machado deverão ser calcolíticos.

Chocalbeira

Deste local há apenas a registar uma goiva de pedra polida com a secção circular, em xisto anfibólico (fig. 19, C, n.º 5). Provavelmente será do Calcolítico.

Covão do Areeiro

Daqui veio um machado de pedra polida com a secção rectangular, em xisto anfibólico (fig. 19, D, n.º 6). Deverá ser um machado calcolítico.

Gruta do Garcia

De interesse existe apenas um fragmento cerâmico de bordo de um vaso globular decorado com sulcos horizontais e outros oblíquos (fig. 19, E, n.º 7). Há mais um fragmento cerâmico incaracterístico. Este fragmento decorado é do Calcolítico Médio. No entanto, por ser pouco usual este tipo de cerâmica aparecer em grutas, poderia tratar-se de mistura com material do castro de Pragança.

Vale das Perdizes / Malhadas

Neste local foi encontrado um machado plano, de forma trapezoidal, em cobre, com a secção rectangular (fig. 20, n.º 3). Este machado deverá pertencer ao Calcolítico Final. Existem alguns machados semelhantes no vizinho castro de Pragança.

Serra / Locais incertos

De proveniências indeterminadas regista-se, um vaso carenado com a pasta de cor castanha e com manchas cinzentas, apresentando a superfície bem alisada, quase polida (fig. 20, n.º 1), um punhal com dois rebites, em bronze (fig. 20, n.º 2), e vários machados planos, de forma trapezoidal, em cobre ou cobre arsenical, de secção rectangular, menos ou mais espessos (fig. 20, n.º 4; fig. 21, n.ºs 1 a 6).

Um destes machados tem uma reentrância no talão (fig. 20, n.º 4) e outro apresenta o talão convergente (fig. 21, n.º 1), ao contrário dos restantes, que têm o talão aplanado, como é habitual neste tipo de machados.

Por fim, um outro machado tem alvado quadrangular e duas aselhas e é em bronze. Apresenta uma nervura central de cada lado (fig. 22, n.º 2). A imperfeição de fabrico provocou que um dos lados ficasse menos espesso e, por isso, fracturou com maior facilidade.

O vaso deverá poder integrar-se na Idade do Bronze, Inicial ou Pleno, embora esta época esteja ainda mal estudada na Estremadura. Existe um vaso semelhante no castro de Pragança.

O punhal de rebites pertence à Idade do Bronze, Pleno ou Final. Existem punhais semelhantes no Sul de Portugal pertencendo ao Bronze do Sudoeste I e II.

Os machados planos integram-se no Calcolítico Final, podendo alguns deles (sobretudo os que têm o gume mais arqueado e lateralmente salientes) ser já incluídos na Idade do Bronze, Inicial ou Pleno.

Covão ...

A etiqueta de papel colada nesta peça está gasta e não permite determinar o nome exacto deste local. Trata-se de um machado em bronze, de talão (que está

fracturado) e uma aselha. Tem como característica ser um machado unifacial e apresenta uma nervura central nessa face (fig. 22, n.º 1).

Não queremos deixar de referir ainda outros dois machados em bronze provenientes da serra de Montejunto, de locais indeterminados. Um é de talão e aselha, tendo a particularidade de ser unifacial (fig. 22, n.º 3) e outro é de alvado quadrangular e tem duas aselhas (fig. 22, n.º 4). Encontram-se no Museu Municipal de Alenquer (Macwhite, 1951). Estes machados em bronze, de talão e de alvado, pertencem ao Bronze Final com cronologia entre os anos 900 e 700 a.C. e têm paralelos na região centro e norte de Portugal.

No Museu Nacional de Arqueologia existem ainda outras grutas e locais de que não representamos o seu material por ser pouco significativo. No entanto, fazemos dele uma referência sumária.

Barreiro Pequeno

Deste local veio apenas uma pequena lâmina em sílex.

Cabeço Redondo

Estão referenciadas duas lascas em sílex e quartzo.

Campo do Salgueirinho

Regista-se apenas um pequeno cinzel de secção quadrangular, em xisto anfibólico.

Carvalhal da Serra

Existe somente um fragmento de talão de um machado de secção circular, em xisto anfibólico.

Chaves de Pragança

Dos campos deste local veio apenas um machado em pedra polida, de secção rectangular, em xisto anfibólico.

Covão da Serra

Daqui vieram dois instrumentos em pedra polida, um machado de secção rectangular e um alisador, com o gume polido, também de secção rectangular, ambos em xisto anfibólico.

Gruta do Algar das Heras

Esta gruta forneceu apenas um percutor em xisto anfibólico de secção quadrangular e alguns fragmentos cerâmicos não decorados e incaracterísticos.

Gruta das Penbas da Chocalheira

Regista-se apenas um fragmento de uma lâmina em sílex.

Portela de Alfama

Daqui veio apenas um percutor discoidal em rocha.

Rocha Forte

Deste local vieram seis instrumentos em pedra polida. Uma enxó de secção elíptica, em fibrolite, um cinzel de secção quadrangular, um percutor de secção quadrangular, um machado de secção circular e dois machados de secção rectangular, todos estes em xisto anfibólico.

Serra

Foram encontrados na serra, em locais indeterminados, três instrumentos em pedra polida: um pequeno machado com secção elíptica, um outro com secção rectangular e uma goiva com secção rectangular.

Serra da Neve

Este nome indica toda a serra de Montejunto e os materiais podem ter sido recolhidos em vários locais. Registámos um percutor em pedra polida de secção rectangular, um fragmento de instrumento em pedra polida, indefinido, dois fragmentos cerâmicos não decorados, um bordo de vaso hemisférico liso e parte do fundo de um vaso, possivelmente de um campaniforme inciso.

Três Moinhos

Este local forneceu doze lascas e um fragmento de uma pequena lâmina, em sílex, e um bordo cerâmico decorado. Esta decoração compreende um cordão em relevo abaixo da linha de bordo, traços horizontais acima deste cordão em relevo e sulcos verticais por baixo. O tipo de decoração deste fragmento cerâmico não está bem definido cronologicamente.

Vale das Pedras

Regista-se apenas um fragmento cerâmico incaracterístico e um bordo cerâmico denteado, do Neolítico Final.

Valeiro Pequeno

Foi recolhida uma pequena lamela em sílex.

Vila de Alfama

Uma etiqueta colada num dos fragmentos cerâmicos diz: "... no campo do Villa d'Alfama, Pragança", pelo que deve tratar-se do nome de uma pessoa e não de um local.

O material encontrado consta de um fragmento de pedra polida, indefinido, um bordo cerâmico com carena, um bordo de vaso hemisférico e seis fragmentos cerâmicos característicos. Este material é pré-histórico. Mas existe ainda um fragmento de grande pote decorado, parte do fundo de um grande pote e três pesos cerâmicos prismáticos e com furo de suspensão. Este material é romano.

Gruta da Salvé Rainha

Situa-se perto do miradouro da serra e foi descoberta ocasionalmente em 1956. Leonel Ribeiro e outros fizeram a sua exploração. Os materiais foram estudados por Jorge Paulino Pereira (Pereira, 1976-77).

Esta gruta forneceu machados e enxós, em pedra polida, lâminas de sílex, contas de colar, fragmentos de vasos cerâmicos e um vaso de boca elíptica, intacto. Cronologicamente, este material pertence ao Neolítico Final.

Nota final

Chama-se a atenção para a análise cuidadosa que deverá ser feita de alguns destes materiais. Como se viu em algumas grutas, certas cerâmicas decoradas parecem aí deslocadas, além de ser estranho que haja apenas um fragmento de bordo decorado de cada tipo cerâmico (caso de Vale d'Oiro, por exemplo).

O mais provável é que tivesse havido misturas com o castro de Pragança, local de onde certas cerâmicas parecem provir. Também não é possível saber, hoje, se estas misturas foram acidentais ou intencionais e se foram feitas no campo ou no Museu. Só futuros trabalhos arqueológicos nestas grutas poderiam esclarecer certas dúvidas.

Bibliografia

- APOLINÁRIO, M. (1897) - *Grutas do Furadouro*. «O Archeologo Português». Lisboa. S. 1, 3, p. 86.
- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia, resultados das escavações realizadas, 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal, p. 114, fig. 110.
- GALLAY, G. [et al.] (1973) - *O monumento pré-histórico de Paimogo (Lourinhã)*. Lisboa, p. 53, fig. 70, n.º 392; p. 35, 37, 39; fig. 19, n.º 22; fig. 21, n.º 29; fig. 22, n.º 30-33.
- MACHADO, J. L. S. (1964) - *Subsídios para a História do Museu Etnológico*. «O Archeologo Português». Lisboa. Nova série, 5, p. 129-130.
- MACWHITE, E. (1951) - *Las relaciones atlánticas de la Península en la Edad del*
- Bronce*. «Dissertaciones Matritenses». Madrid. 2, p. 68, fig. 19.
- PEREIRA, J. P. (1976-77) - *A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto)*. «Setúbal Arqueológica». Setúbal. 2-3, p. 83.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. «Madrider Forschungen». Berlin. 9, est. 34, n.º 339.
- VASCONCELOS, J. L. de (1897) - *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional, v. 1, p. 43-44, nota 3.
- VASCONCELOS, J. L. de (1958) - *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. p. 86, 151 e 171.

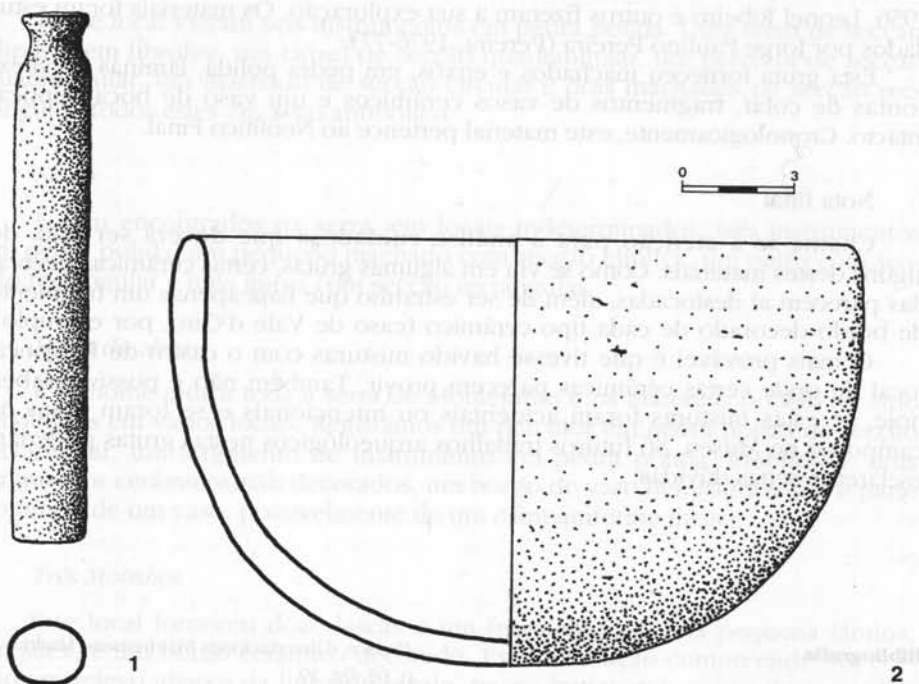


Fig. 2 – Gruta do Castelo. 1 – Ídolo em osso; 2 – vaso hemisférico.

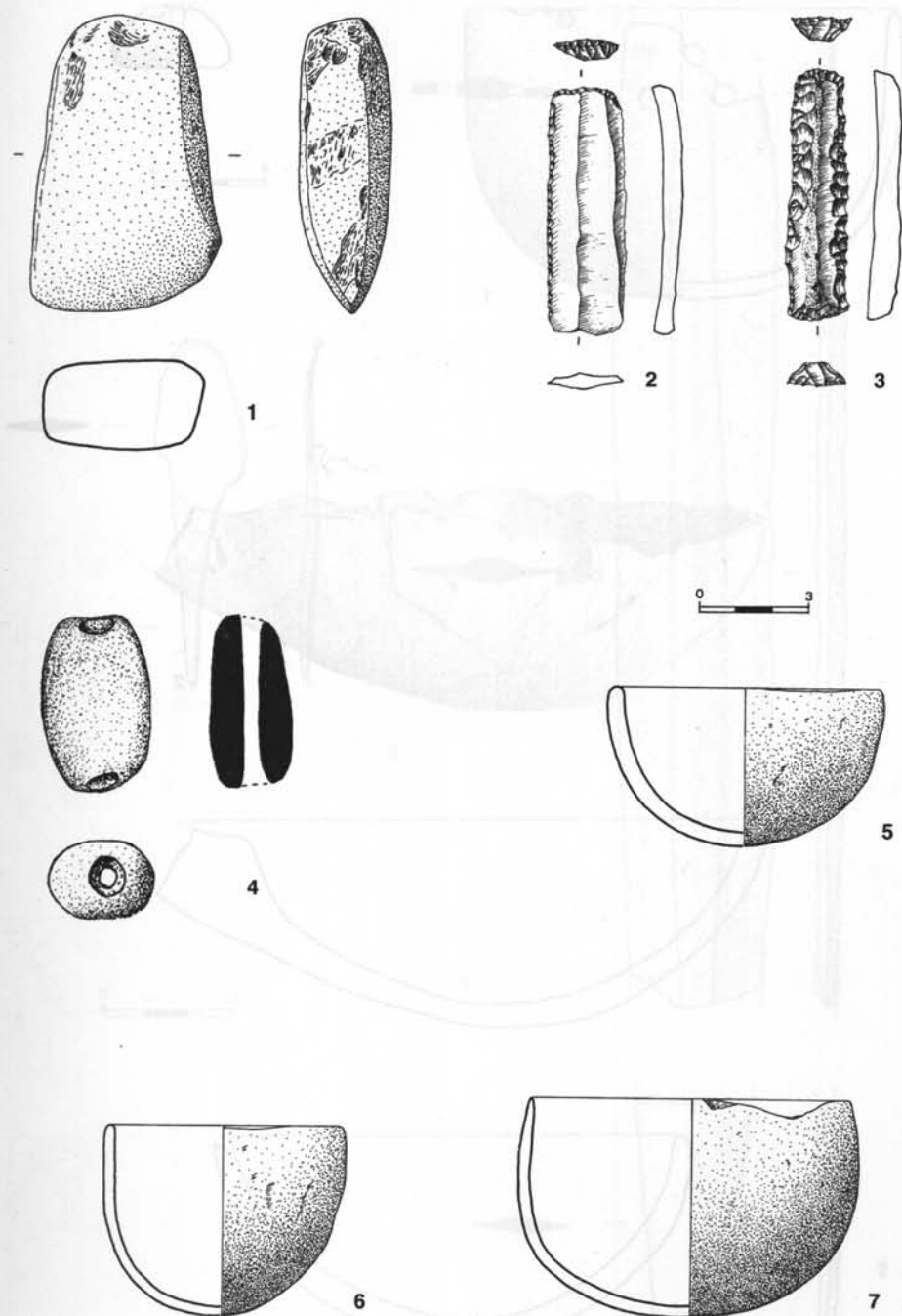


Fig. 3 – **Gruta das Lapas**. 1 - machado em pedra polida; 2 e 3 - lâminas em sílex; 4 - conta de colar; 5 - vaso hemisférico; 6 e 7 - vasos hemisféricos altos.

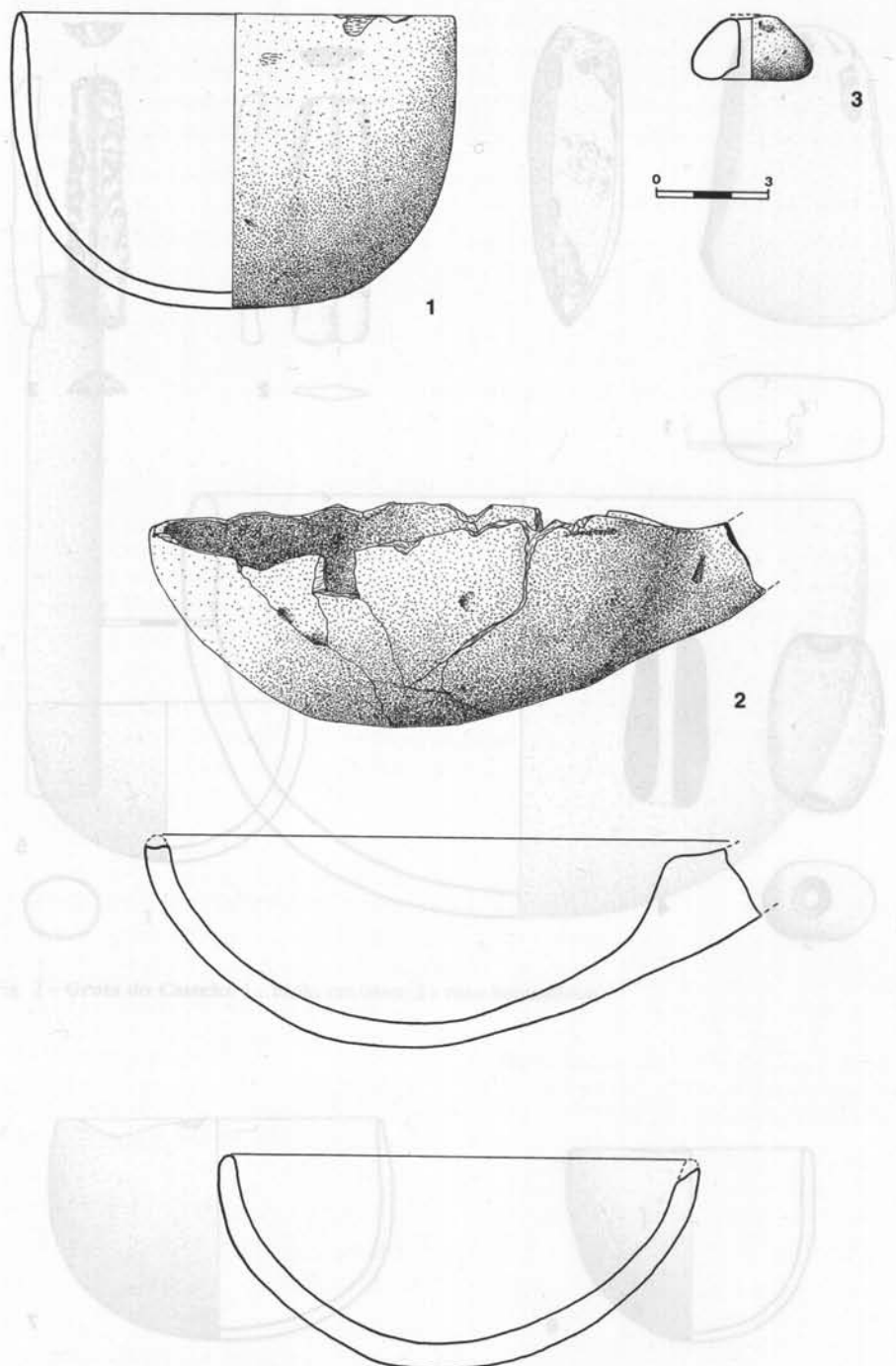


Fig. 4 – Gruta das Lapas. 1 - vaso hemisférico alto; 2 - colher; 3 - cossoiro.

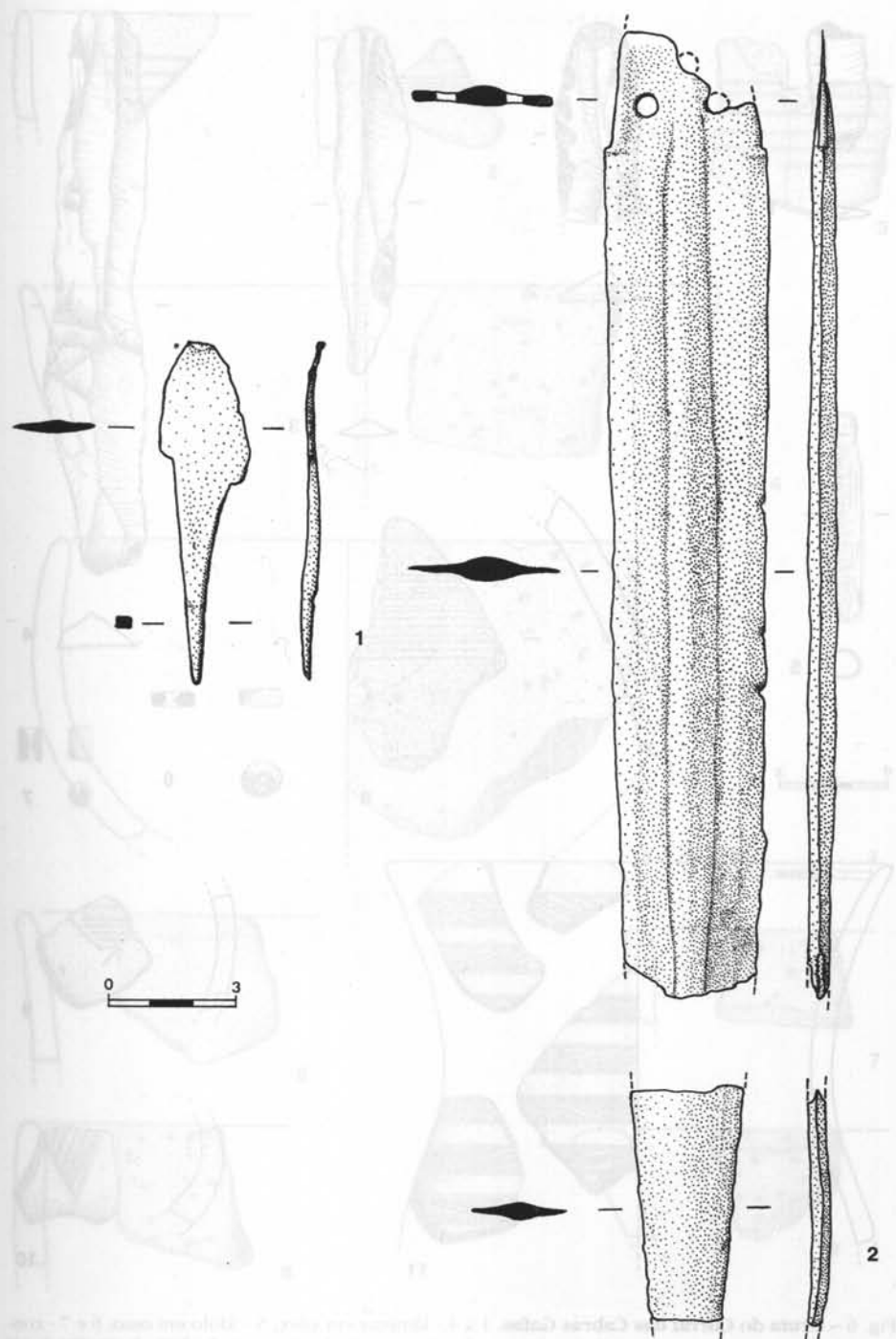


Fig. 5 – Gruta das Lapas. 1 - ponta de seta; 2 - punhal, ambos em bronze.

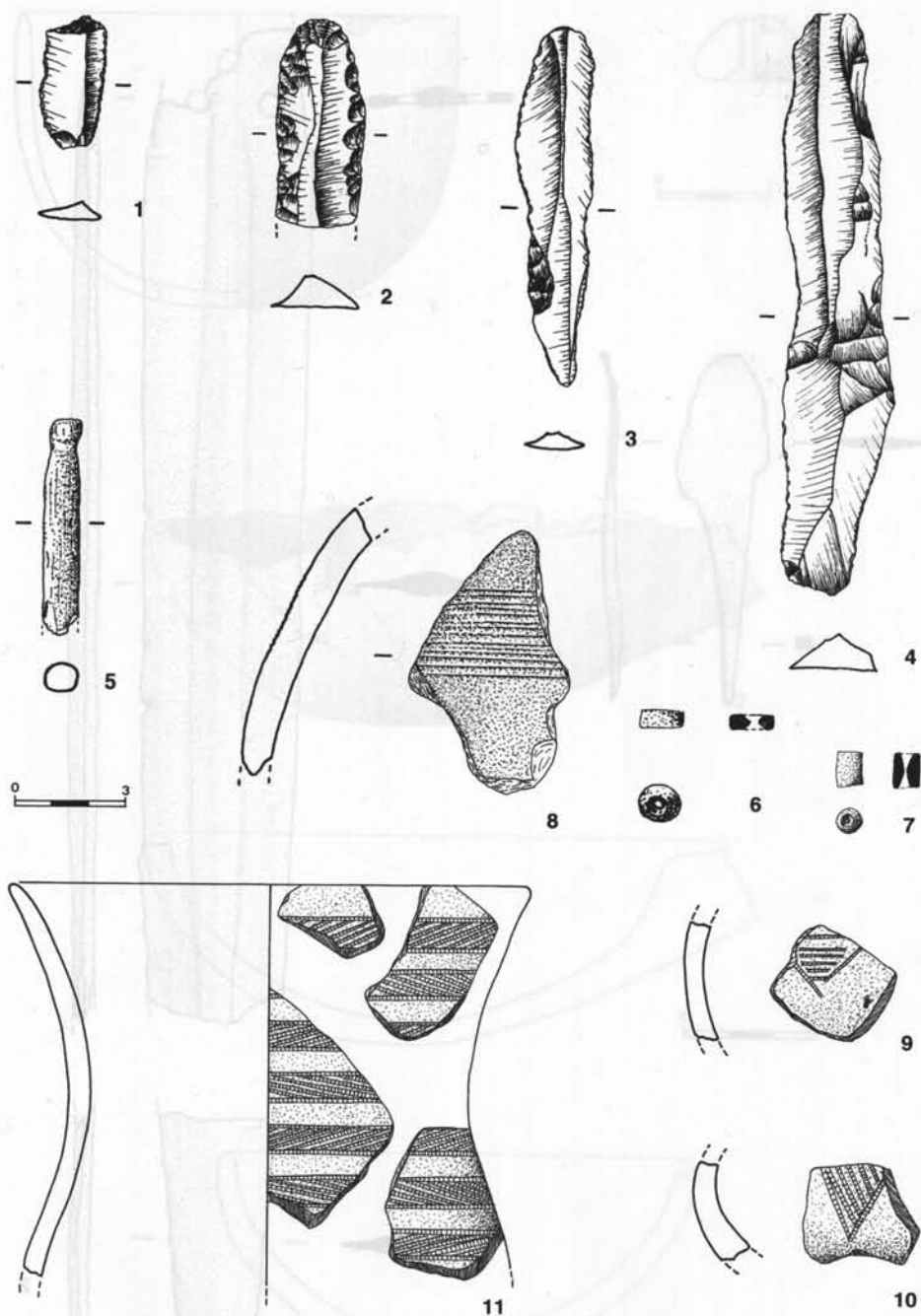


Fig. 6 – Gruta do Curral das Cabras Gafas. 1 a 4 - lâminas em sílex; 5 - ídolo em osso; 6 e 7 - contas de colar; 8 - fragmento cerâmico decorado; 9 e 10 - fragmentos cerâmicos campaniformes; 11 - vaso campaniforme.

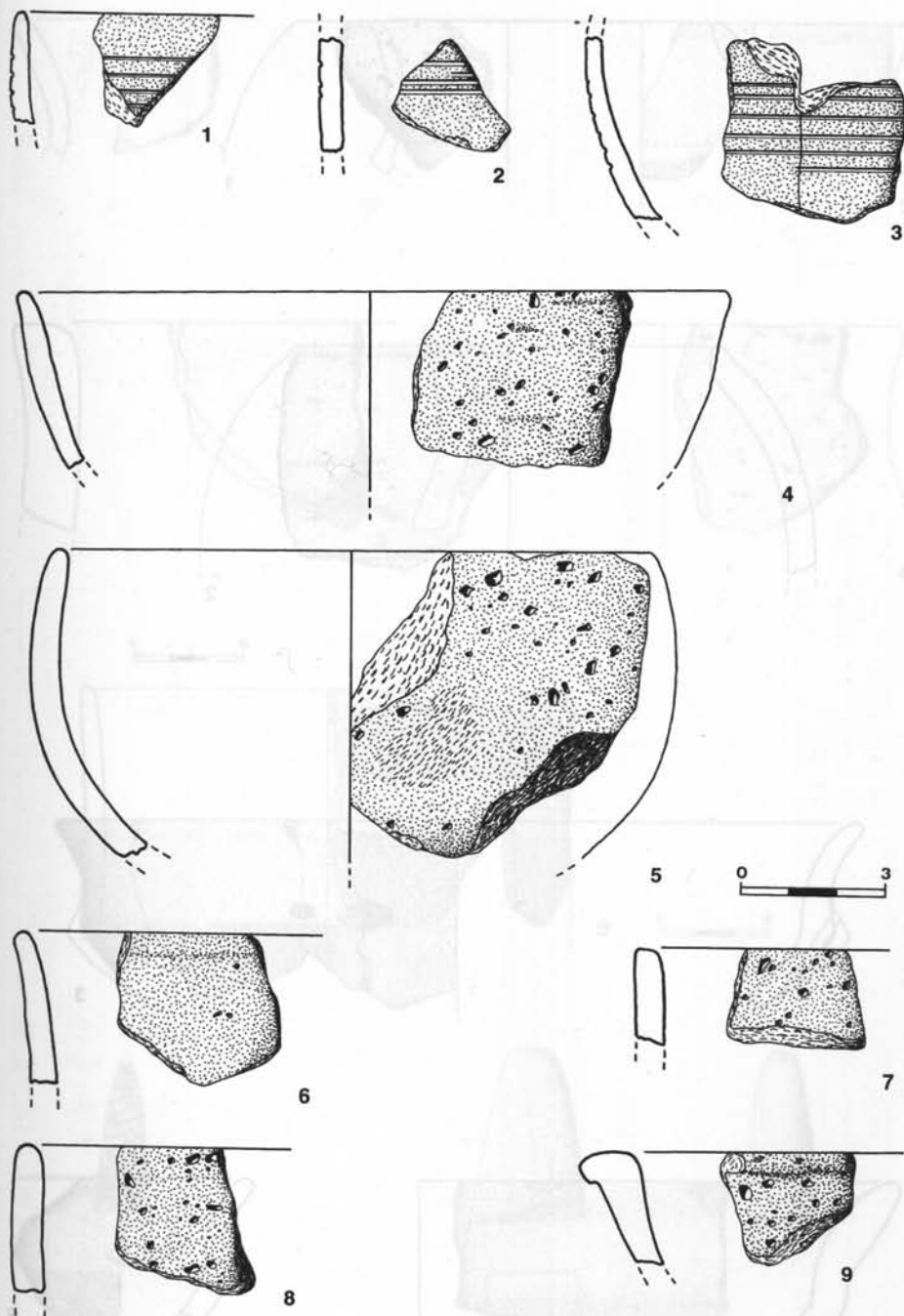


Fig. 7 – **Gruta do Vale da Lapa.** 1 a 3 - fragmentos de vasos hemisféricos canelados; 4 - vaso hemisférico; 5 - vaso hemisférico alto; 6 a 9 - fragmentos de vasos cerâmicos.

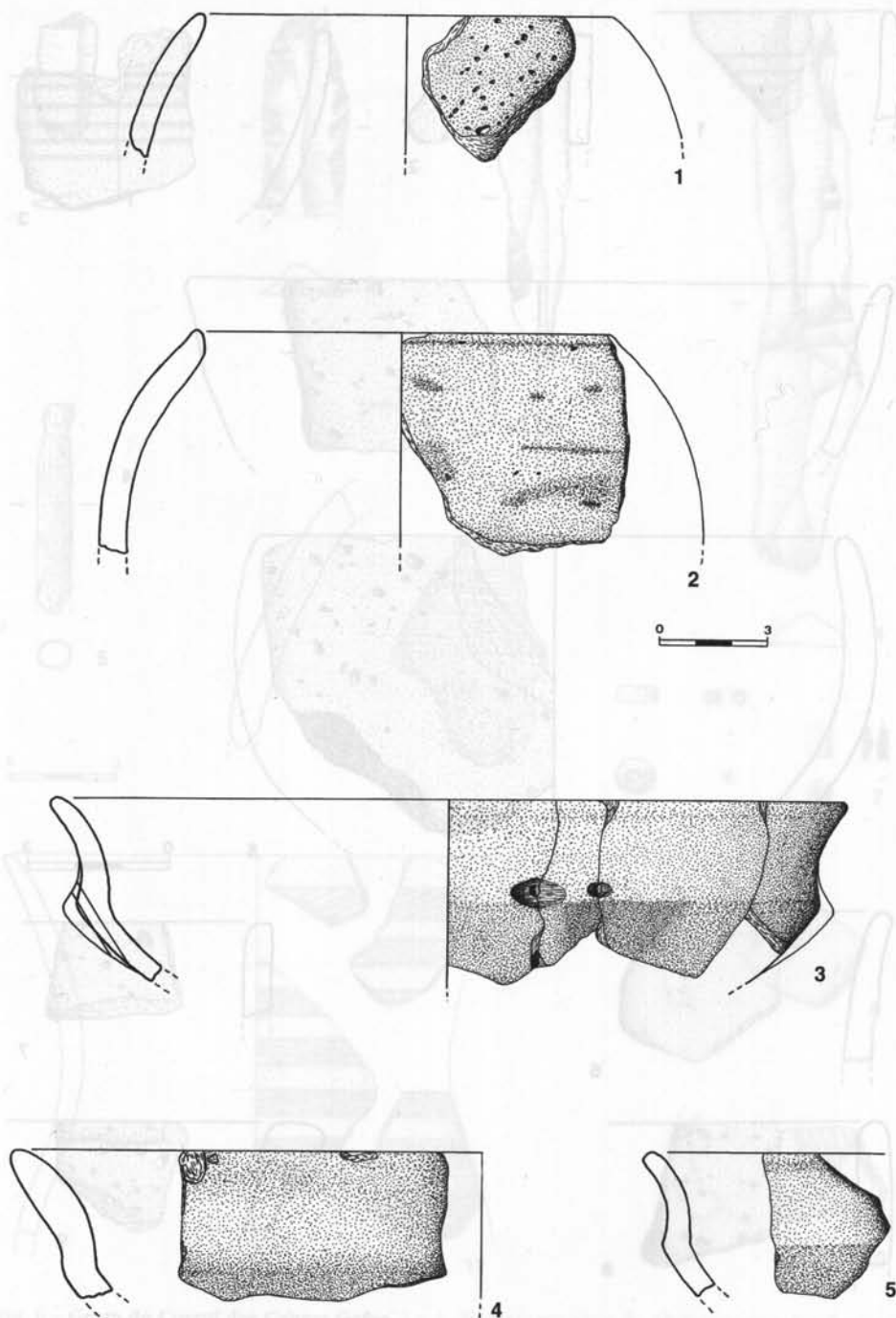


Fig. 8 – Gruta do Vale da Lapa. 1 e 2 - vasos globulares; 3 a 5 - vasos carenados.

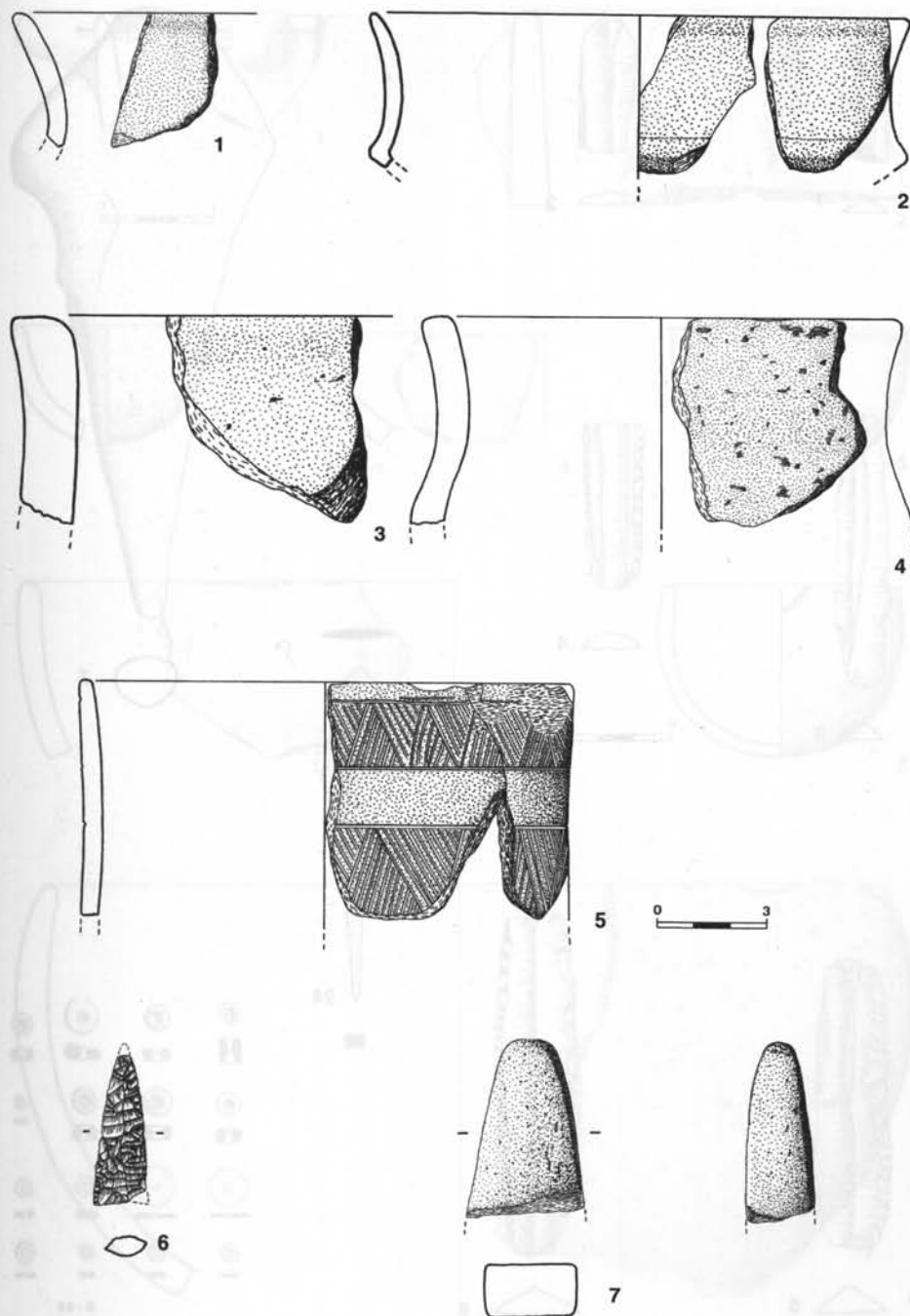


Fig. 9 – **Gruta do Vale da Lapa.** 1 e 2 - vasos carenados; 3 e 4 - vasos com colo; 5 - vaso decorado; 6 - ponta de seta, em sílex; 7 - fragmento de machado de pedra polida.

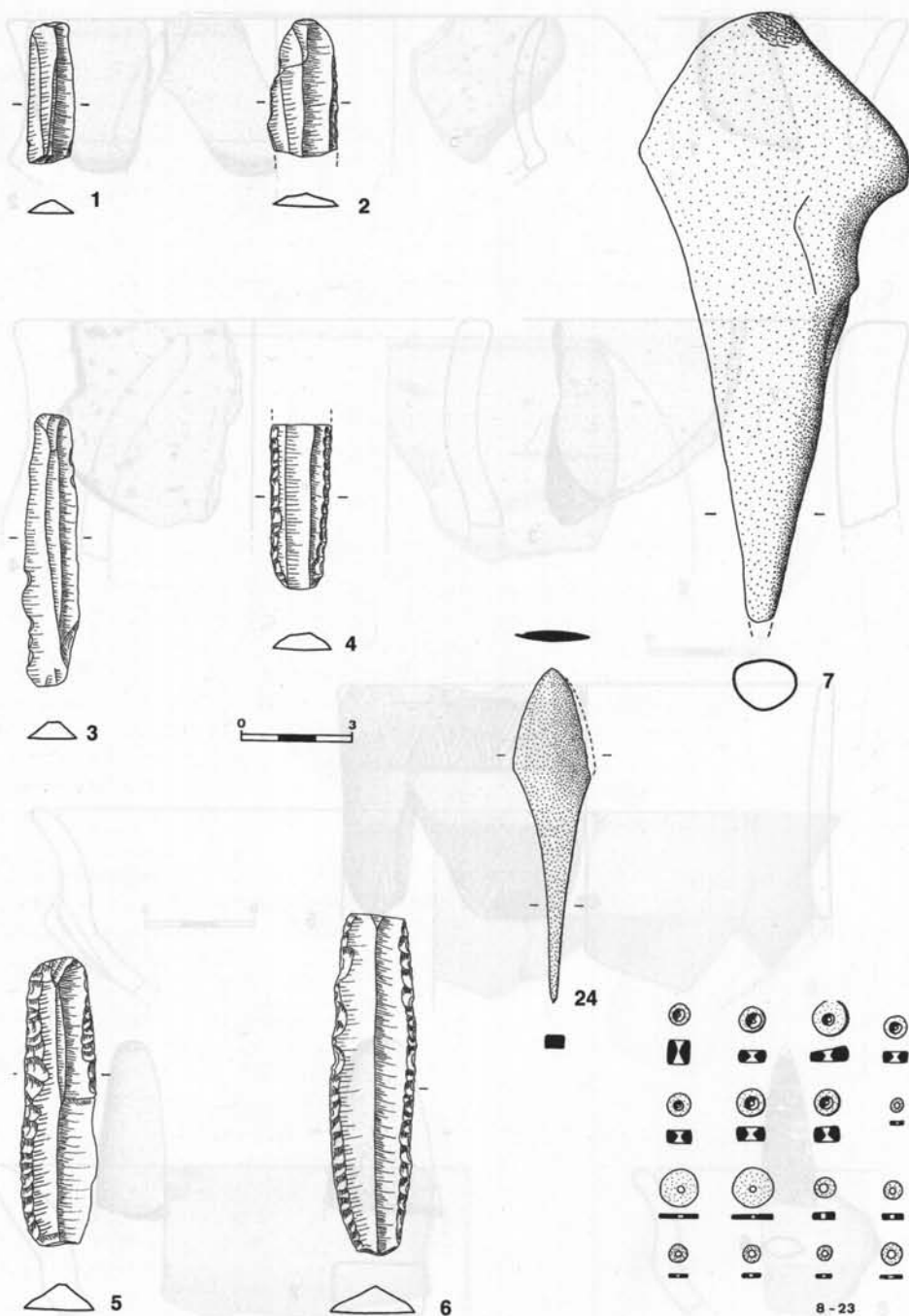


Fig. 10 – **Gruta do Vale d'Oiro**. 1 a 6 - lâminas em sílex; 7 - punhal em osso; 8 a 23 - contas de colar; 24 - ponta metálica.

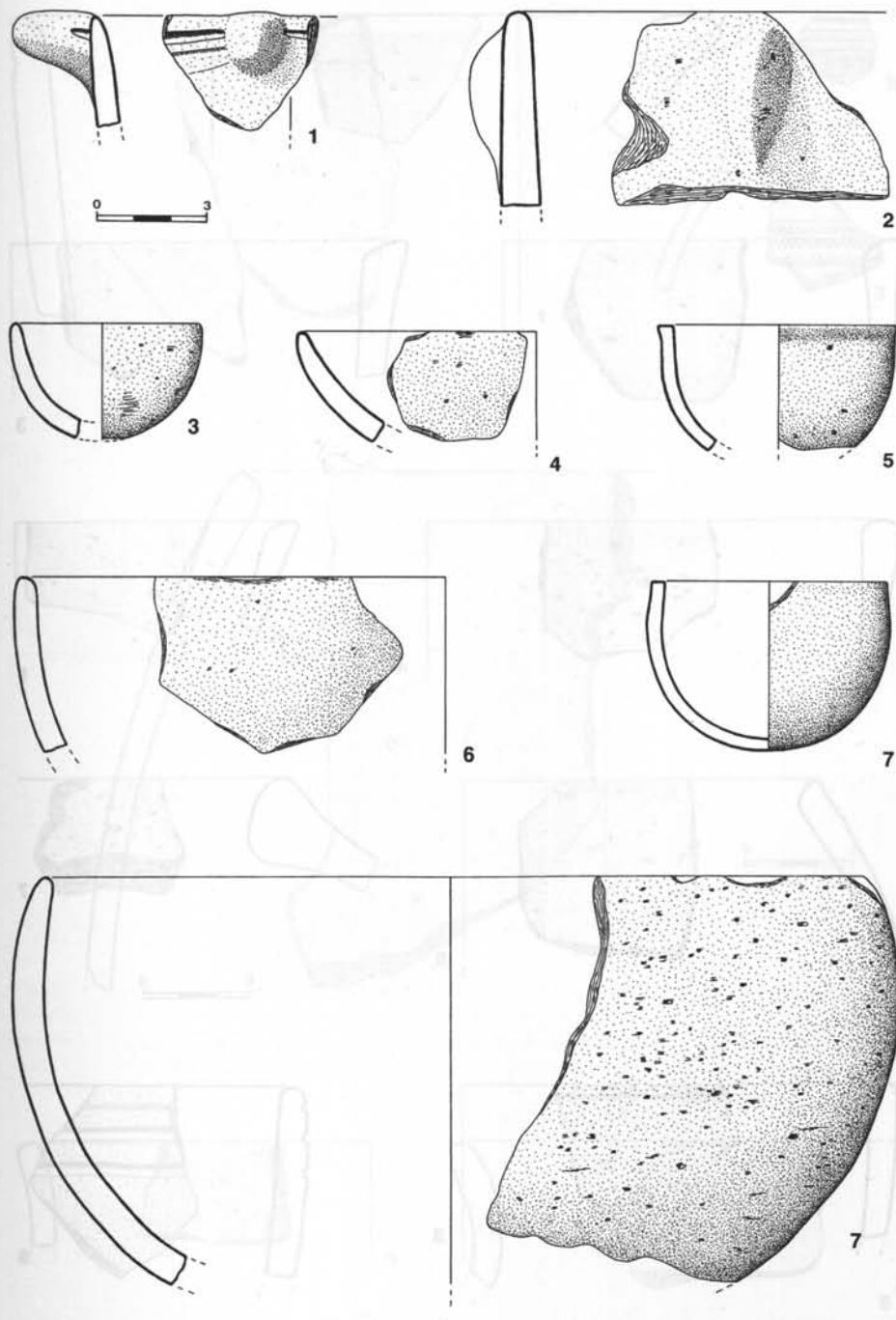


Fig. 11 – **Gruta do Vale d'Oiro**. 1 - Bordo cerâmico decorado, com pega; 2 - Bordo cerâmico com pega; 3 a 7 - vasos hemisféricos; 8 - grande vaso hemisférico alto.

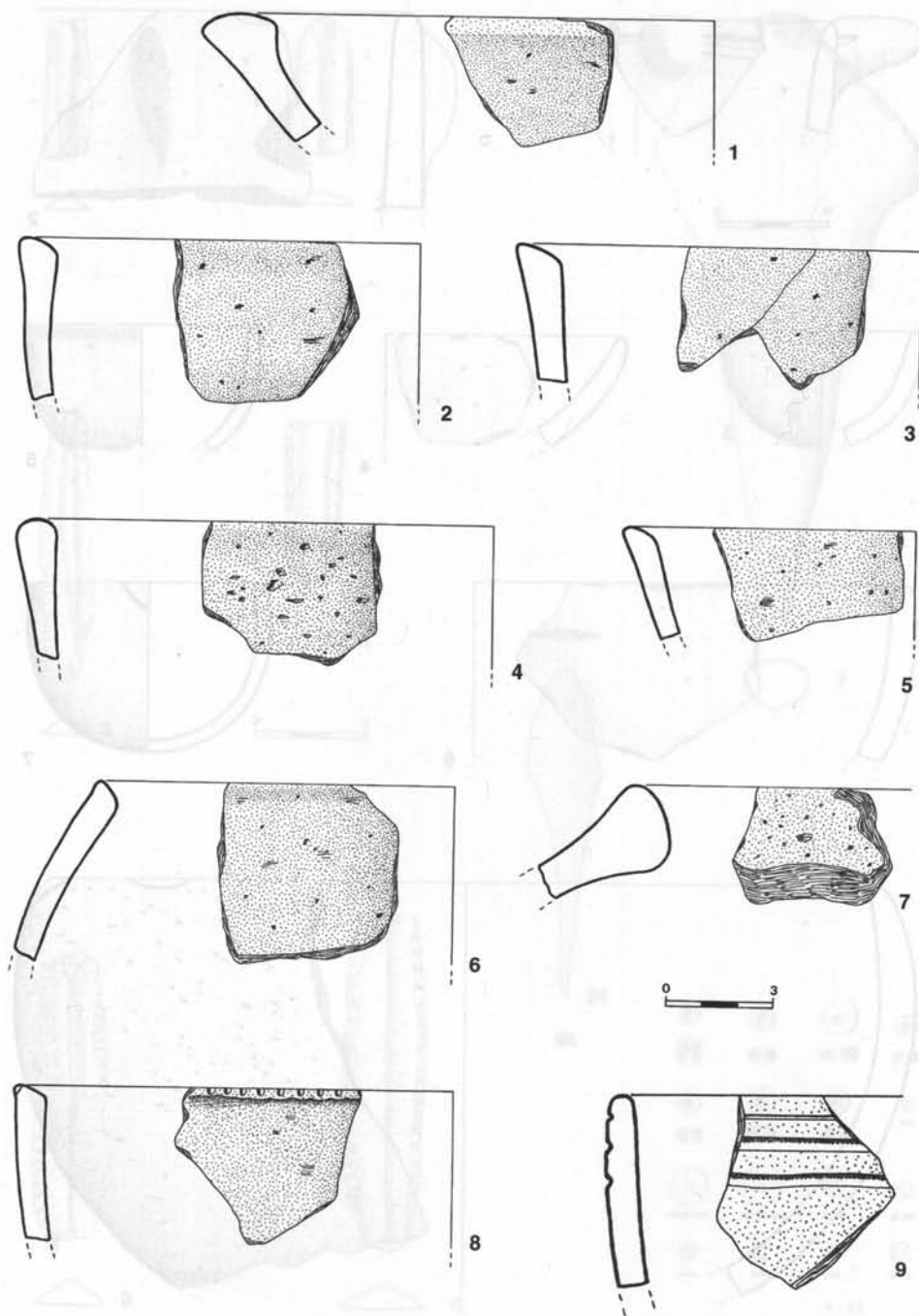


Fig. 12 – **Gruta do Vale d'Oiro**. 1 - taça cerâmica; 2 a 5 - vasos hemisféricos altos; 6 e 7 - vasos globulares; 8 - bordo cerâmico denteado; 9 - bordo de vaso com caneluras.

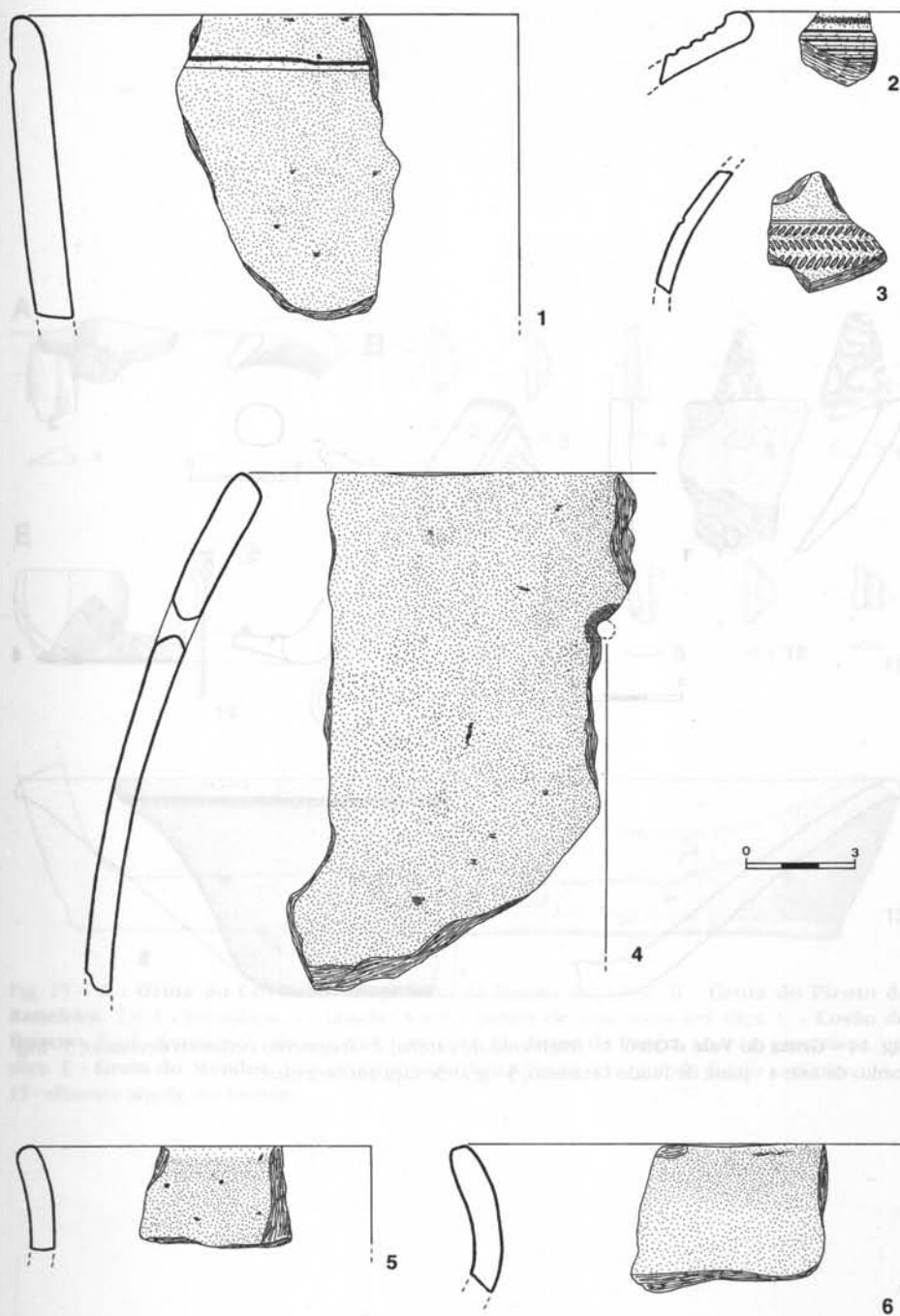


Fig. 13 – **Gruta do Vale d'Oiro.** 1 - vaso hemisférico alto com canelura; 2 e 3 - bordo e fragmento de vasos decorados; 4 - grande vaso globular; 5 e 6 - bordos de vasos carenados.

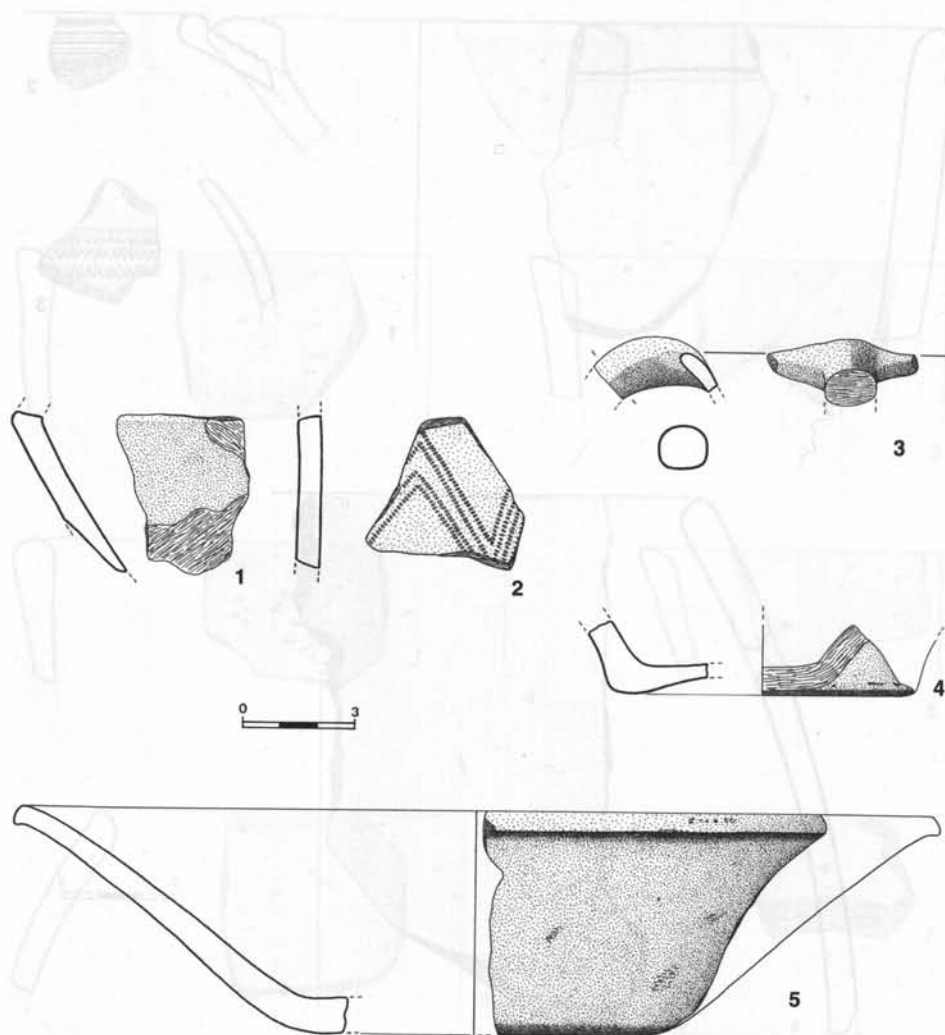


Fig. 14 – Gruta do Vale d'Oiro. 1 - fragmento de carena; 2 - fragmento cerâmico decorado; 3 - fragmento de asa; 4 - parte de fundo cerâmico; 5 - grande taça em cerâmica.

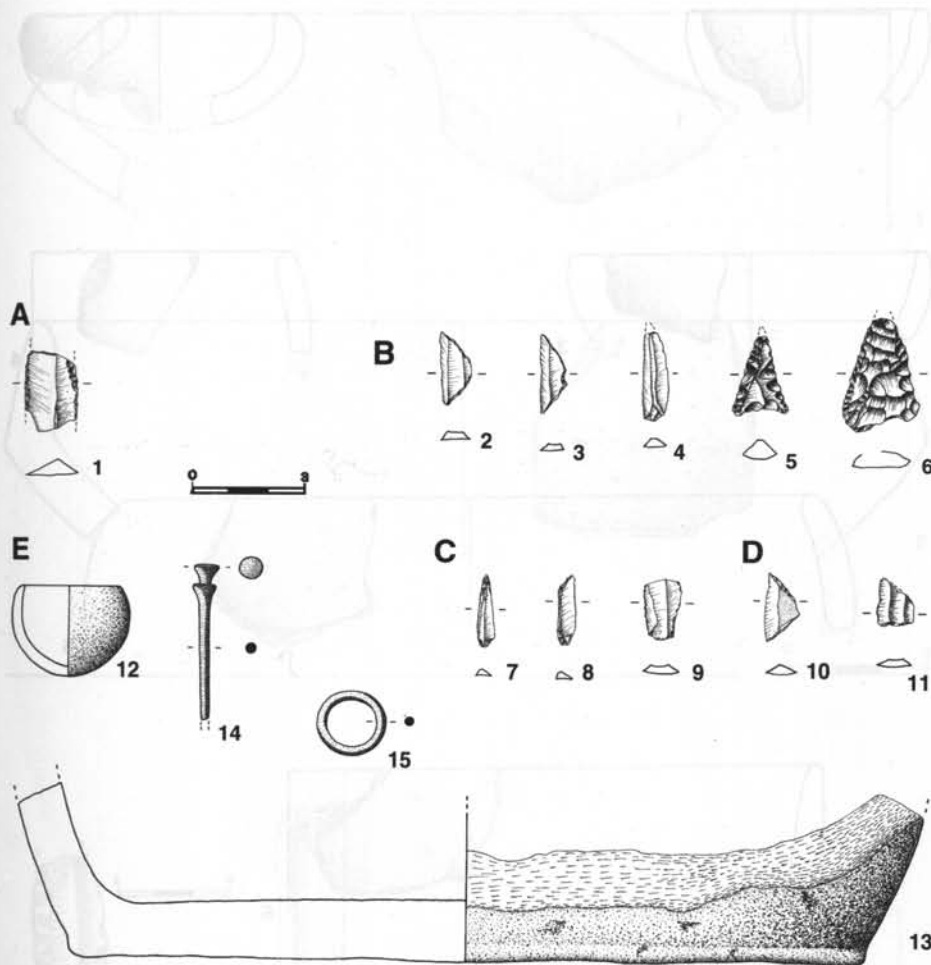


Fig. 15 – **A - Gruta do Covão.** 1 - fragmento de lâmina em sílex. **B - Gruta do Picoto da Rameleira.** 2 e 3 - micrólitos; 4 - lamela; 5 e 6 - pontas de seta, todas em sílex. **C - Covão do Barreiro.** 7 e 8 - lamelas; 9 - lâmina, todas em sílex. **D - Gruta da Penha.** 10 e 11 - micrólitos, em sílex. **E - Gruta do Mendes.** 12 - pequeno vaso hemisférico; 13 - grande fundo cerâmico; 14 e 15 - alfinete e argola, em bronze.

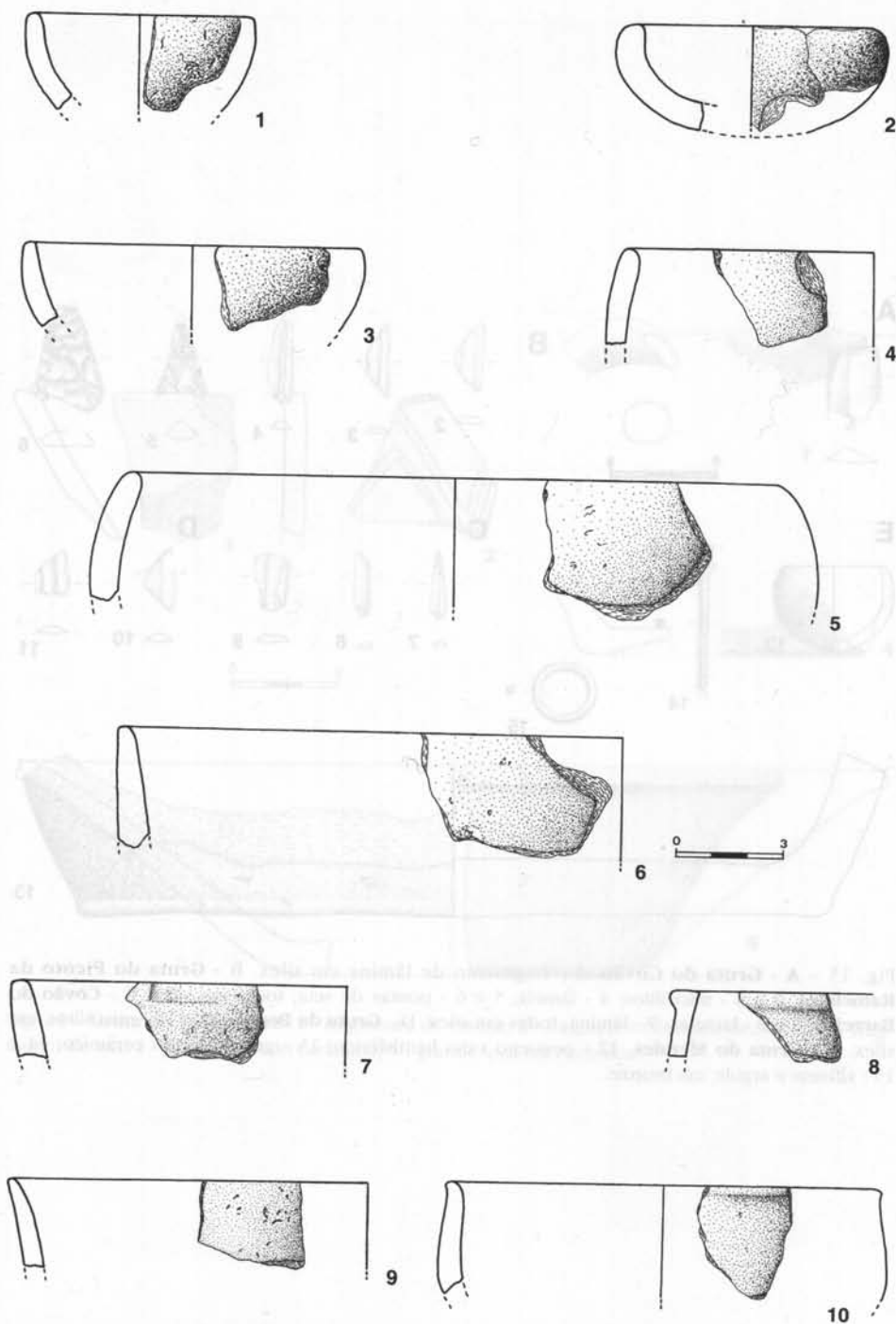


Fig. 16 – **Furnas.** 1 a 3 - vasos hemisféricos; 4 a 10 - vasos hemisféricos altos.

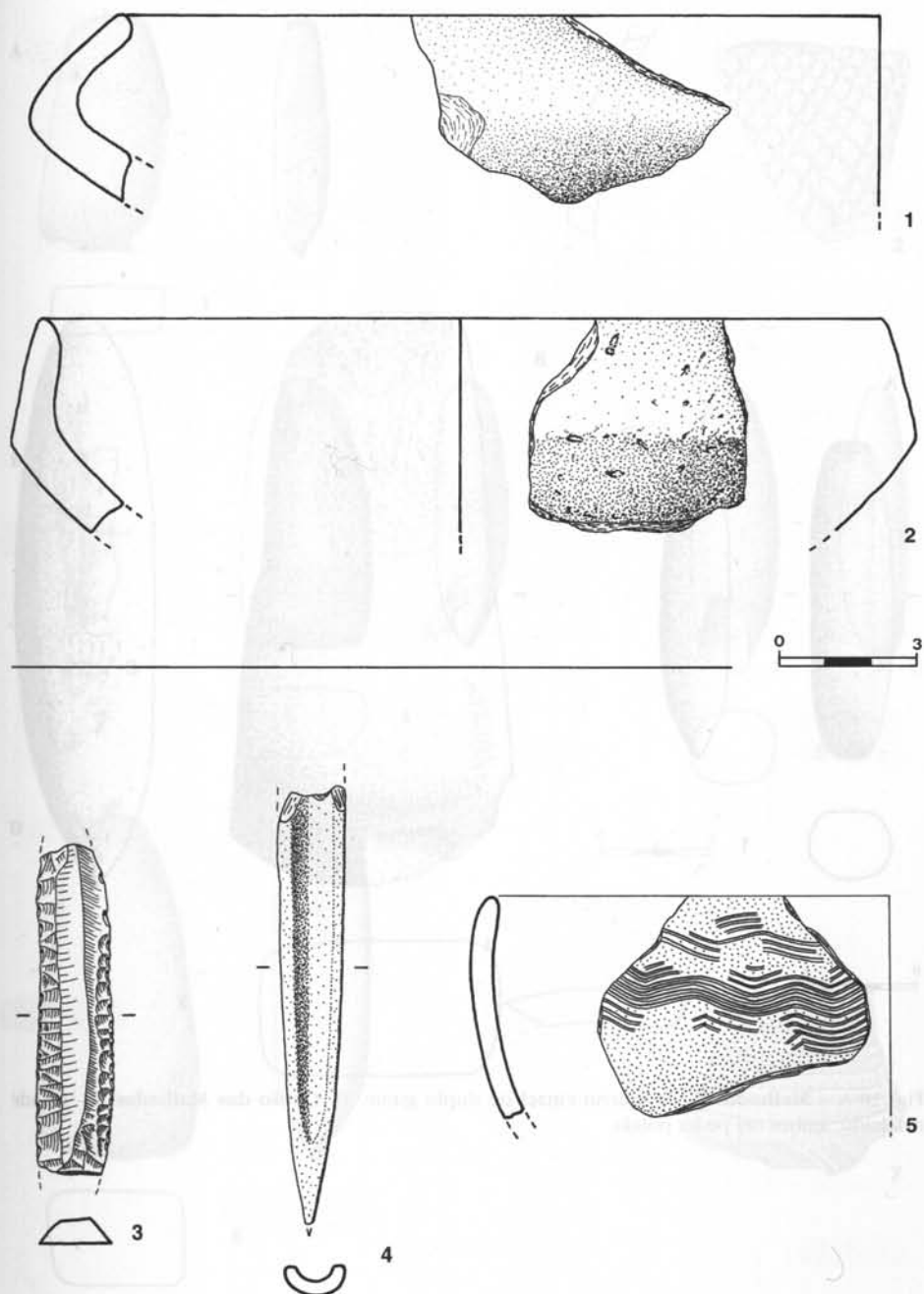


Fig. 17 – **Furnas**. 1 e 2 - vasos carenados. **Furadouro da Alargada**. 3 - lâmina, em sílex; 4 - furador, em osso; 5 - fragmento cerâmico decorado.

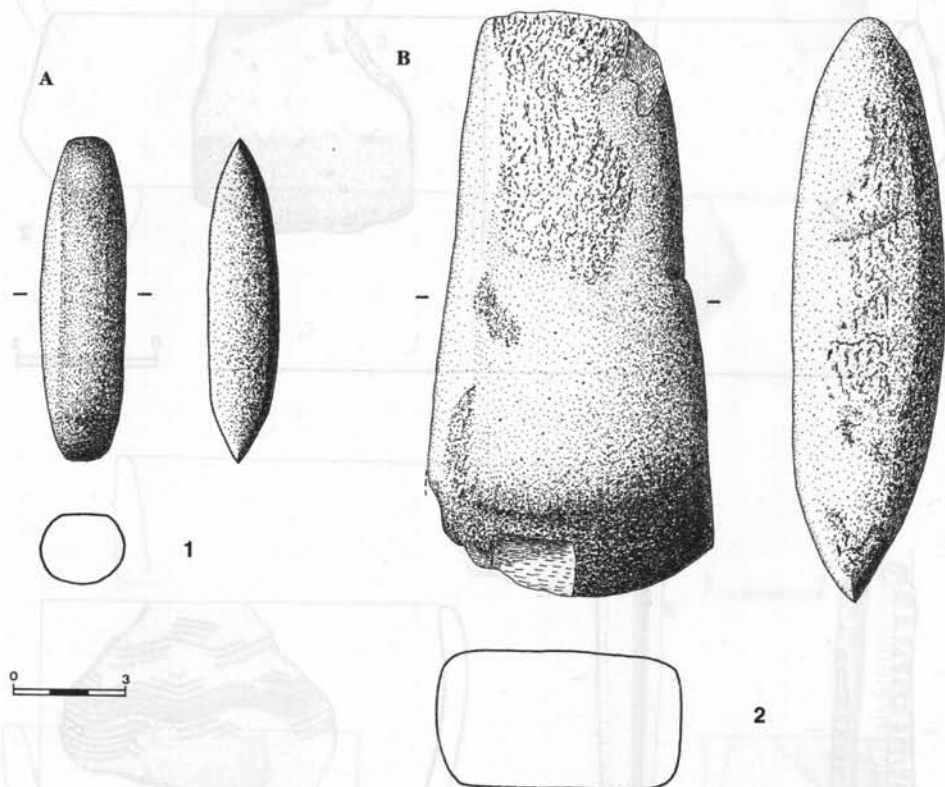


Fig. 18-A – **Malhadas**. 1 - pequeno cinzel de duplo gume. B- **Covão das Malhadas**. 2 - grande machado, ambos em pedra polida.

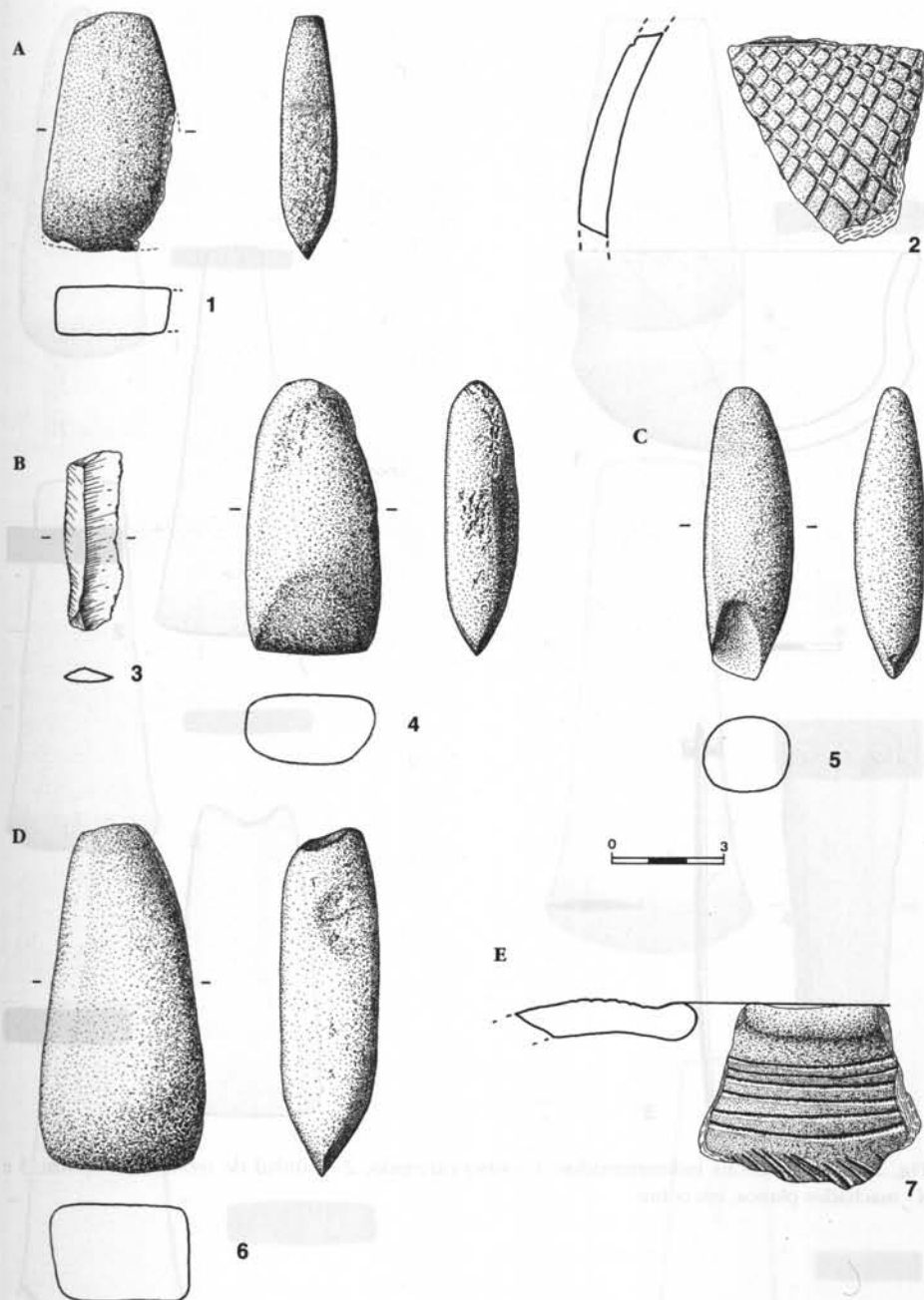


Fig. 19 – A - **Covão das Pias**. 1 - machado em pedra polida; 2 - fragmento cerâmico decorado. B - **Gruta das Chocalheiras**. 3 - lâmina em sílex; 4 - machado em pedra polida. C - **Chocalheira**. 5 - goiva em pedra polida. D - **Covão do Areeiro**. 6 - machado em pedra polida. E - **Gruta do García**. 7 - bordo cerâmico decorado.

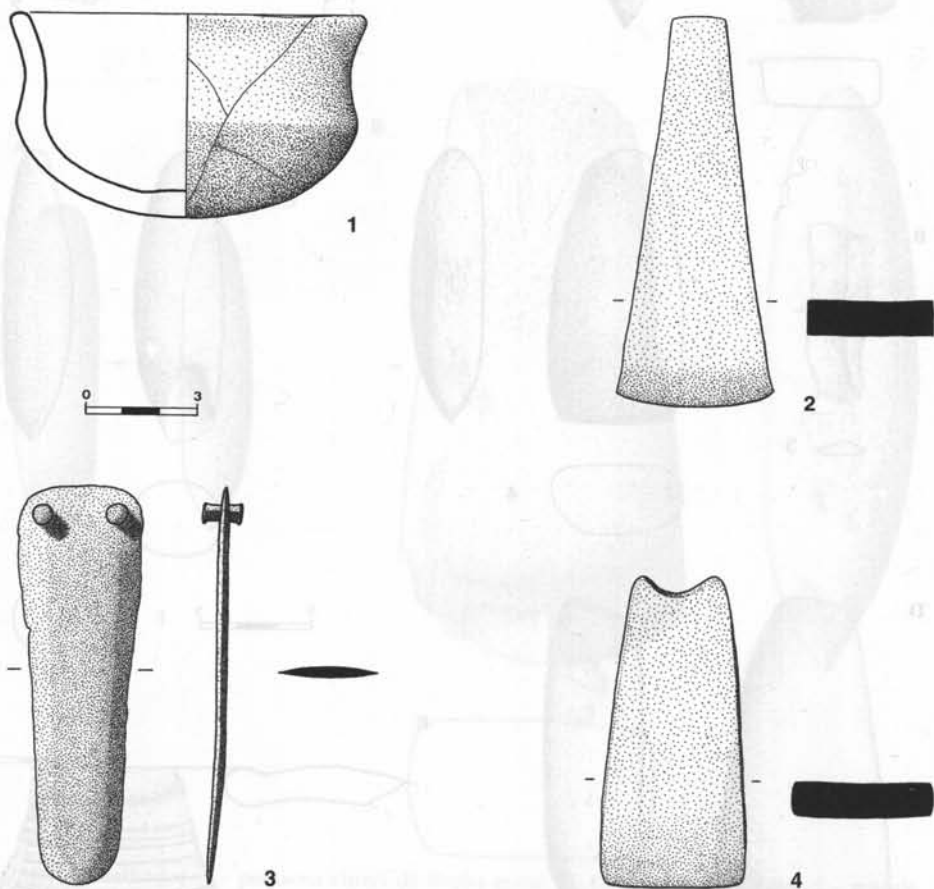


Fig. 20 – **Serra**, locais indeterminados. 1 - vaso carenado; 2 - punhal de rebites, em bronze; 3 e 4 - machados planos, em cobre.

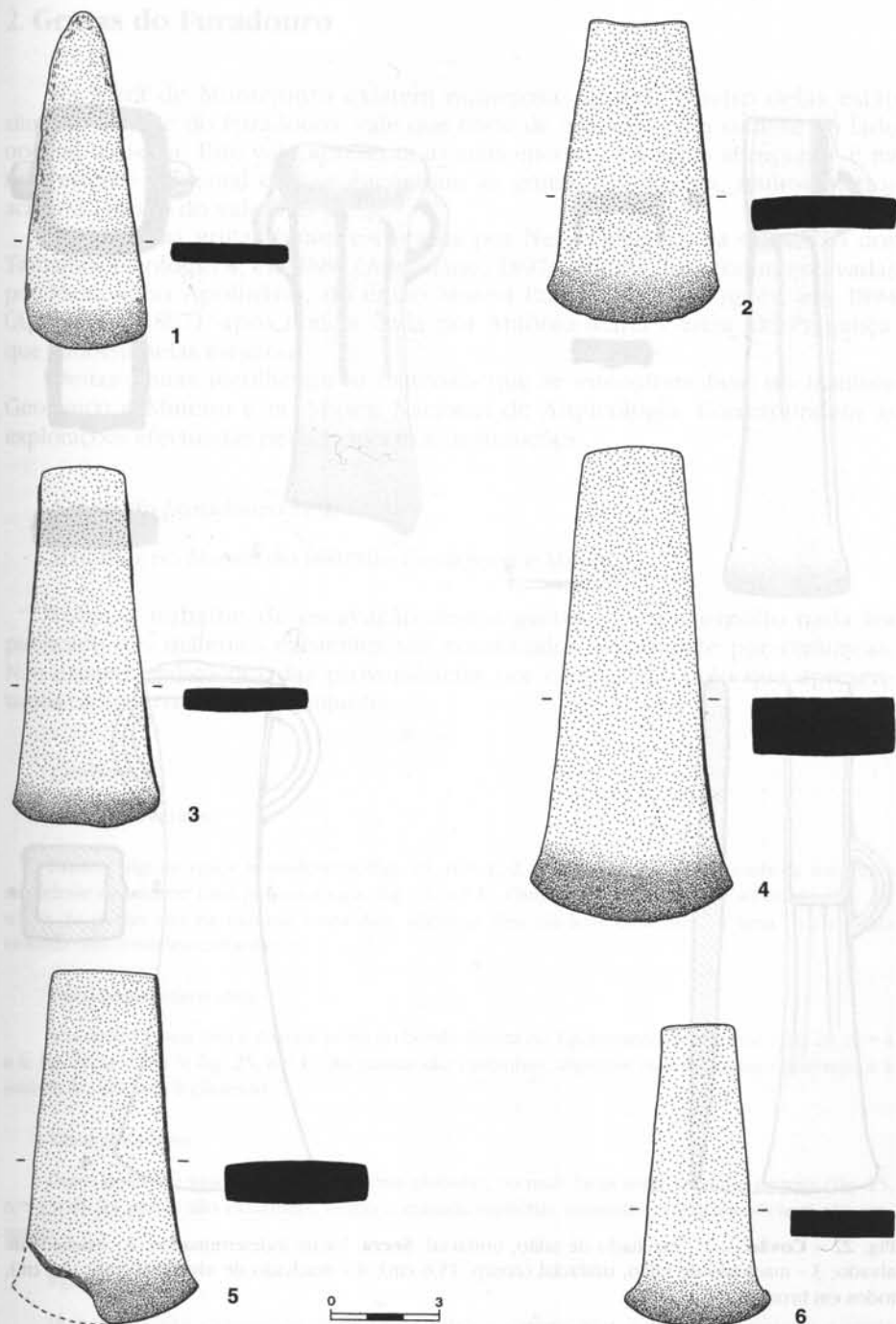


Fig. 21 – **Serra**, locais indeterminados. 1 a 6 - machados planos, em cobre.

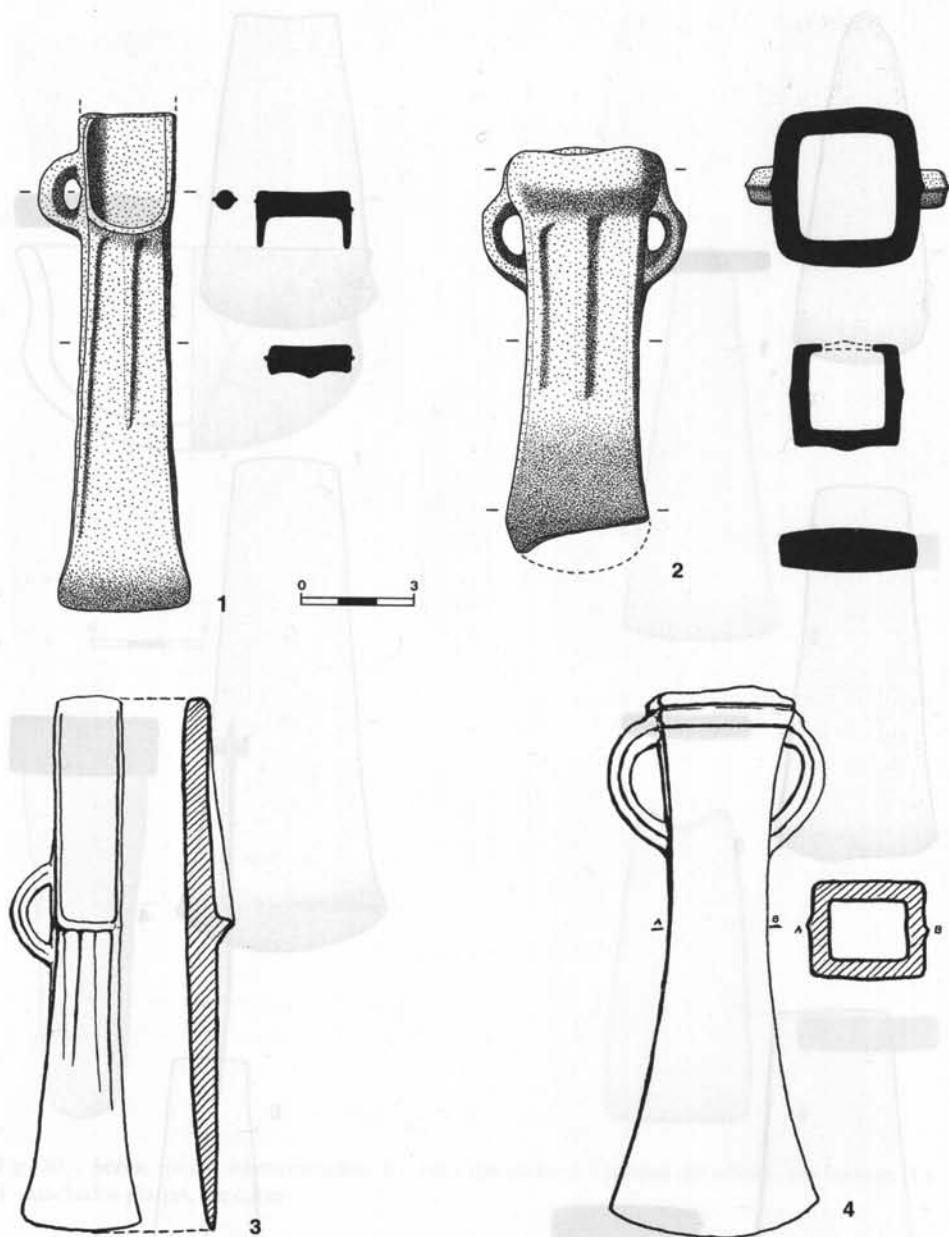


Fig. 22 – **Covão** ... 1 - machado de talão, unifacial. **Serra**, locais indeterminados; 2 - machado de alvo; 3 - machado de talão, unifacial (comp. 15,6 cm), 4 - machado de alvo (comp. 16,9 cm), todos em bronze.

2. Grutas do Furadouro

Na serra de Montejunto existem numerosas grutas. Quatro delas estão situadas no vale do Furadouro, vale que corre de noroeste para sudeste no lado oriental da serra. Este vale apresenta as suas encostas bastante abruptas e é na sua vertente ocidental que se encontram as grutas, na encosta, muitos metros acima do fundo do vale (fig. 1).

Duas destas grutas foram escavadas por Nery Delgado, da Comissão dos Trabalhos Geológicos, em 1880 (Apolinário, 1897). Outras duas foram escavadas por Maximiano Apolinário, do então Museu Etnográfico Português, em 1894 (Apolinário, 1897), após notícia dada por António Maria Garcia, de Pragança, que também nelas escavou.

Destas grutas recolheram-se materiais que se encontram hoje no Instituto Geológico e Mineiro e no Museu Nacional de Arqueologia. Correspondem às explorações efectuadas pelas respectivas instituições.

Grutas do Furadouro I e II

Materiais no Museu do Instituto Geológico e Mineiro

Sobre o trabalho de escavação destas grutas e o seu espólio nada foi publicado. Os materiais existentes são constituídos unicamente por cerâmicas. Não existem indicações das proveniências por cada gruta, pelo que apresentamos os materiais no seu conjunto.

Cerâmica

Vasos hemisféricos

Existem alguns vasos hemisféricos (fig. 23, n.ºs 1, 2, 3 e 5; fig. 24, n.º 1) embora um deles se pudesse considerar uma pequena taça (fig. 23, n.º 1). Outro tem um furo junto ao bordo (fig. 24, n.º 1). As pastas são na maioria castanhas, algumas têm núcleos cinzentos, e uma tem a pasta cinzenta com o núcleo castanho.

Vasos hemisféricos altos

Seis destes vasos têm a parede junto ao bordo direita ou ligeiramente reentrante (fig. 23, n.ºs 4 e 6; fig. 24, n.ºs 2 a 5; fig. 25, n.º 1). As pastas são castanhas, algumas com manchas cinzentas, e a maioria dos núcleos é cinzento.

Vasos globulares

Outro grupo de vasos apresenta a forma globular, ou mais larga ou mais alta e estreita (fig. 25, n.ºs 2 a 6). As pastas são castanhas, tendo a maioria manchas cinzentas, e alguns núcleos são cinzentos.

Vasos carenados

Dois vasos são carenados, tendo um deles a carena alta e o outro a carena a meia altura (fig. 26, n.ºs 1 e 2). Ambas as pastas são de cor cinzenta escura e apresentam-se bem alisadas.

Vasos com colo

Trata-se de um grupo significativo que apresenta um colo acima de uma carena (fig. 26, n.º 3 e 4; fig. 27, n.º 1 e 2; fig. 29, n.º 1). Por vezes, a parede junto ao bordo é direita e, outras vezes, é extravasada. Um deles tem dois furos junto ao bordo, que é ligeiramente espessado (fig. 27, n.º 1). As pastas são castanhas e duas delas têm manchas cinzentas e núcleos cinzentos. A maioria tem superfícies bem alisadas.

Grande vaso com colo

Um grande vaso, com cerca de 44 cm de diâmetro de bojo, tem uma carena alta e um colo que parte dessa carena para um bordo inexistente (fig. 28). A pasta deste vaso é toda cinzenta.

Vaso com asa

Um pequeno vaso de paredes direitas apresenta uma asa de fita (fig. 27, n.º 3). A pasta é castanha e tem o núcleo cinzento. A superfície está bem alisada.

Vasos com o bordo extravasado

Um conjunto de vasos tem os bordos inclinados para fora, embora alguns destes bordos partam de paredes direitas (fig. 29, n.º 2 a 5; fig. 30, n.º 1 e 2). Talvez dois deles pudessem pertencer a vasos com colo (fig. 29, n.º 2 e 3). Só um tem pasta cinzenta e os restantes têm pastas castanhas com manchas cinzentas. Os núcleos são cinzentos.

Fragmento campaniforme

Trata-se de um fragmento de parede de um vaso campaniforme com decoração incisa de faixas horizontais, limitadas por dois traços de cada lado, preenchidas com linhas oblíquas no mesmo sentido em todas as faixas (fig. 30, n.º 3). A pasta é castanha avermelhada.

No entanto, deve notar-se que um outro fragmento com decoração campaniforme, existente no Museu do Instituto Geológico e Mineiro e, supostamente, pertencente a estas grutas, colava com fragmentos de um grande vaso (fig. 42) existente no Museu Nacional de Arqueologia, proveniente da gruta III, escavada por Maximiano Apolinário.

Poderia ter acontecido que Nery Delgado, ao escavar as grutas I e II, tivesse feito recolhas de superfície na gruta III. Daí, pormos a hipótese de este fragmento campaniforme (fig. 30, n.º 3) pertencer à gruta III e não às grutas I e II.

Vaso com o bordo denteado

Este fragmento de bordo apresenta a parte superior decorada com linhas incisas, no sentido perpendicular à parede do vaso (fig. 30, n.º 4). A forma talvez pudesse ser a de um vaso com colo. A pasta é castanha.

Grande vaso em forma de saco

Trata-se de um vaso com cerca de 28 cm de diâmetro, que tem um ligeiro espessamento no bordo e apresenta as paredes muito altas e direitas (fig. 31). A pasta é castanha com manchas cinzentas e o núcleo é cinzento.

Grande vaso carenado

Tem cerca de 34 cm de diâmetro de bojo e apresenta uma carena a meia altura. Para cima da carena vai estreitando para um colo ao qual falta o bordo (fig. 32). A pasta é cinzenta escura e a superfície está bem alisada.

Fragmento com ornatos brunidos

Um fragmento de colo apresenta ornatos brunidos feitos por traços oblíquos formando faixas verticais (fig. 33, n.º 1). A pasta é cinzenta e bem alisada.

Fundos

Um fundo é de um pequeno vaso e tem uma concavidade central (fig. 33, n.º 2). Tem a pasta cinzenta. Outros dois fundos são de potes maiores, sendo um deles plano e o outro ligeiramente côncavo (fig. 33, n.ºs 3 e 4). Têm pastas castanhas, núcleos cinzentos e superfícies rugosas.

Grutas do Furadouro III e IV

Materiais no Museu Nacional de Arqueologia

O relatório da escavação realizada na gruta III foi publicado por José Leite de Vasconcelos nas “Religiões da Lusitânia” (Vasconcelos, 1897) e os resultados das escavações de ambas as grutas foram publicados por Maximiano Apolinário no “Archeologo Português” (Apolinário, 1897).

Gruta III

(denominada, apenas, gruta do Furadouro no inventário do M.N.A.)

Para melhor se compreenderem as condições de achado dos materiais, reproduzimos aqui partes do texto de Maximiano Apolinário, com inclusão do número actual das figuras.

“A gruta está aberta no calcário jurássico e tem a sua entrada virada para nascente (tem cerca de 11 m de comprimento por 2 m de largura máxima). O seu solo era formado por uma camada de terra com muitas pedras, com sinais de remeximento. Tinha um pequeno corredor de entrada, seguido de uma primeira câmara e logo depois por uma segunda câmara” (fig. 34, n.º 1).

“Na primeira câmara foram encontrados fragmentos de cerâmica decorada (figs. 39, n.ºs 2; 40; 41, n.ºs 1 e 2; e 42), dois machados de pedra polida, uma lâmina em sílex (fig. 35, n.º 4), ossos de animais e humanos e, ainda, dois crânios humanos. Estes estavam à entrada da câmara, um no meio do recinto e outro junto da parede da gruta. Havia também outros fragmentos de crânios humanos. Todo este material encontrava-se na zona superficial da camada, até 60 cm de profundidade. Na mesma camada ainda havia mais alguns ossos de animais, lascas em sílex e fragmentos cerâmicos decorados, até cerca de 70 cm de profundidade. Por baixo desta camada era o solo virgem da gruta, formado por areia vermelha e pelo tufo calcário.

Na segunda câmara havia uma camada de terra, com a mesma espessura da camada da primeira câmara, que forneceu ossos de animais, alguns ossos humanos, fragmentos de crânio de uma criança, dentes, fragmentos de cerâmica decorada, lascas em sílex e um machado de pedra polida” (fig. 35, n.º 3).

Materiais

No inventário do M.N.A. muitos fragmentos cerâmicos e lascas em sílex não tinham número. Em muitos casos, um único número de inventário servia para “numerosos fragmentos”, mesmo decorados, dos quais só um era numerado. Por isso, o material sem número foi numerado com o código actual 986 (ano de inventário), 170 (complexo de estação) e o número de peça.

Indústria lítica

Silex

Além de algumas lascas existem poucas mais peças, incluindo raspadores, podendo uma ou outra ser do Paleolítico Superior. Uma lâmina (que não encontramos no espólio existente no M.N.A.) é aqui reproduzida a partir da gravura original (fig. 35, n.º 4).

Pedra polida

Existe um machado de anfibolito secção sub-retangular que apresenta o gume percutado (fig. 35, n.º 1), e duas enxós, uma de secção elíptica, em xisto (fig. 35, n.º 2) e outra de secção rectangular, em fibrolite (fig. 35, n.º 3).

Cerâmica

Taças

Três fragmentos de bordos pertencem a taças (fig. 37, n.ºs 6 a 8). A primeira tem pasta castanha e as outras têm pasta cinzenta.

Vasos hemisféricos

Outro grupo é constituído por vasos hemisféricos (fig. 36, n.ºs 1 a 3; fig. 37, n.ºs 1 a 5). As pastas têm cores castanhas e cinzentas.

Vasos hemisféricos altos

Apresentam maior altura de parede do que os vasos hemisféricos e têm o bordo direito ou ligeiramente reentrante (fig. 36, n.ºs 4 e 5; fig. 37, n.º 9; fig. 38, n.ºs 1 a 4). Alguns têm o bordo levemente espessado (fig. 38, n.ºs 2 e 3). Na pasta predomina a cor cinzenta mas há duas castanhas.

Vasos globulares

Apenas dois vasos entram neste grupo. Um tem o bordo simples e é de pequena dimensão. A pasta é cinzenta com a superfície externa castanha (fig. 38, n.º 5). O outro tem o bordo com espessamento, é um vaso de maiores dimensões e tem um furo junto ao bordo (fig. 43, n.º 1). A pasta é castanha.

Vasos com colo

Um vaso tem o bordo simples e a parede do colo é direita, tendendo a alargar o diâmetro do vaso ao aproximar-se da pança. A pasta tem o núcleo cinzento e as superfícies castanhas avermelhadas. A superfície está bem alisada (fig. 38, n.º 6). O outro vaso com colo mostra apenas uma carena e parte do colo, a que falta o bordo (fig. 43, n.º 7). A pasta é cinzenta com a superfície bem alisada.

Vasos carenados

Dois fragmentos com bordo pertencem a um vaso carenado que tem a pasta com núcleo cinzento, a superfície externa castanha e a interna castanha com manchas cinzentas. O acabamento tem as superfícies bem alisadas e polidas (fig. 43, n.º 5). Outro fragmento de carena é de um vaso do mesmo tipo. A pasta é cinzenta com a superfície bem alisada e polida (fig. 43, n.º 6).

Vaso carenado com asa

Um fragmento de parede com parte da carena apresenta o arranque de uma pequena asa de fita (fig. 44, n.º 2). A pasta é cinzenta e tem a superfície bem alisada e polida.

Vaso com pega no bordo

Parte da parede de um vaso, que deve ser um vaso com colo, apresenta, à altura do bordo, uma pequena pega de forma triangular (fig. 44, n.º 1). A pasta tem núcleo cinzento e superfícies castanhas.

Pega

Trata-se de uma pega com um aspecto curioso e que se encontra partida na base. Tem um “pescoço” e uma “cabeça” saliente de forma cônica (fig. 44, n.º 3). Tem pasta castanha com um núcleo cinzento claro.

Cerâmica campaniforme

Bordo (pontilhado)

Um fragmento de bordo apresenta decoração a pontilhado formando linhas horizontais e, entre estas, outras linhas zigzagueantes (fig. 43, n.º 2). A pasta é cinzenta.

Fragmento (inciso)

Trata-se de um pequeno fragmento de parede de um vaso campaniforme com decoração incisa formando faixas horizontais preenchidas por linhas oblíquas (fig. 43, n.º 3). A pasta é cinzenta e a superfície é bem alisada.

Taça tipo Palmela (pontilhada)

Pequeno fragmento de uma taça tipo Palmela com decoração a pontilhado sobre o bordo, formando uma faixa zigzagueante limitada por linhas oblíquas, e métopas de linhas verticais, logo abaixo do bordo, seguidas por um sulco horizontal (fig. 43, n.º 4). Tem pasta cinzenta.

Vaso tipo Internacional (pontilhado)

Formado por oito fragmentos, havendo um que estava integrado no material do castro de Pragança mas considerou-se que pertencia a este vaso.

Tem uma decoração composta por uma zona junto ao bordo com triângulos preenchidos por linhas oblíquas que definem uma faixa zigzagueante, seguida de faixas horizontais preenchidas por linhas oblíquas e intercaladas com linhas horizontais (fig. 39, n.º 1). A pasta tem engobe de cor castanha avermelhada, mais castanha nalgumas zonas, e núcleo cinzento. A superfície está bem alisada.

Deve-se notar que a decoração que está logo abaixo do bordo, com a faixa zigzagueante limitada por linhas oblíquas, é semelhante à decoração que se encontra sobre o bordo da taça tipo Palmela.

Caçoila (pontilhada)

No total há 24 fragmentos deste vaso, só dois tendo número, e muitos deles colam entre si; um dos fragmentos sem número, que cola com outro com número da gruta do Furadouro, tem escrito (erradamente) Amoreira e estava integrado no material da gruta da Amoreira (Óbidos).

Tem uma decoração composta por duas zonas, uma junto ao bordo com linhas horizontais, uma linha zigzagueante e triângulos preenchidos por linhas oblíquas, e uma zona na pança que repete o padrão da zona superior excepto nos triângulos, que não existem no fundo desta zona (fig. 39, n.º 2). A pasta tem cor cinzenta com manchas castanhas, no exterior, e cinzenta no interior. A superfície é bem alisada, polida e brilhante.

Vaso globular (pontilhado)

Trata-se de um grande vaso globular, ou pote, com cerca de 50 cm de diâmetro de bojo. Apresenta uma faixa decorada junto ao bordo (que não existe por estar fracturado) com-

posta por linhas horizontais limitando uma linha ziguezagueante, seguida por uma zona, limitada por linhas horizontais, formada por losangos alternadamente preenchidos por linhas oblíquas (fig. 40). A pasta tem cor cinzenta, sendo mais acastanhada no exterior. A superfície é bem alisada.

Vaso carenado (inciso)

No total há seis fragmentos deste vaso, colando dois entre si, e só um tem número. Este vaso destaca-se pela sua carena pronunciada. Tem uma decoração constituída por métopas de linhas verticais junto ao bordo, seguindo-se duas zonas axadrezadas limitadas por linhas horizontais (fig. 41, n.º 1). A pasta tem cor castanha com manchas cinzentas, no exterior, e cinzenta no interior. A superfície é bem alisada, polida e brilhante, praticamente brunida no interior.

Vaso campanulado (inciso)

Há sete fragmentos deste vaso, colando alguns entre si. Designou-se vaso campanulado pelo facto de ter forma de campânula e ser mais largo do que os vasos campaniformes típicos. Apresenta uma decoração formada por duas zonas semelhantes, sendo cada zona composta por uma faixa ziguezagueante limitada por linhas verticais (fig. 41, n.º 2). A pasta tem cor cinzenta escura com algumas zonas castanhas e a superfície é bem alisada.

Vaso com colo (inciso)

Com um total de 32 fragmentos decorados e 19 fragmentos lisos, colando alguns entre si; dois fragmentos decorados, sem número, têm escrito Amoreira e estavam misturados no material da gruta da Amoreira (Óbidos)³. Um fragmento deste vaso estava no Museu do Instituto Geológico e Mineiro integrado no material das grutas do Furadouro I e II.

Trata-se de um grande vaso globular mas com um colo alto. Tem cerca de 33 cm de diâmetro de boca e 55 cm de diâmetro de bojo. A decoração é composta por zonas distintas. Junto ao bordo tem métopas de linhas verticais seguidas por uma faixa axadrezada, uma faixa de grupos de linhas verticais, linhas horizontais e uma faixa de linhas verticais. No bojo aparece uma faixa axadrezada seguida de linhas horizontais, grupos de linhas verticais, uma faixa com linhas verticais, mais grupos de linhas verticais, linhas horizontais e outra faixa de linhas verticais. Por fim, na pança, uma faixa ziguezagueante preenchida com linhas oblíquas (fig. 42). A pasta tem cor castanha avermelhada no exterior e no interior e núcleo cinzento. A superfície está bem alisada.

Integração cronológica e cultural

Nas grutas I e II, como se disse acima, o único fragmento campaniforme recolhido (fig. 30, n.º 3) poderia, na realidade, pertencer à gruta III, à semelhança de outro fragmento que, dado como pertencente às grutas I e II, colava com fragmentos do grande pote inciso da gruta III.

Resta-nos o fragmento decorado com ornatos brunidos (fig. 33, n.º 1), o fragmento de bordo com denteado (fig. 30, n.º 4), que pertencem a vasos da

³ Como se disse acima, um fragmento da caçoila pontilhada e dois fragmentos do pote inciso estavam integrados no material da Gruta da Amoreira (Óbidos) e colavam com outros fragmentos (numerados) da Gruta do Furadouro, pelo que era evidente ter havido mistura de materiais no Museu Nacional de Arqueologia.

Tendo sido involuntariamente referida por alguns autores a existência de cerâmica campaniforme na Gruta da Amoreira, após estes fragmentos terem sido dela retirados verifica-se que esta gruta não contém materiais campaniformes.

Idade do Bronze Final, e toda a cerâmica lisa. Desta, o grande vaso carenado (fig. 32) e os fundos (fig. 33, n.^{os} 2 a 4) deverão ser também do Bronze Final.

A restante cerâmica causa alguns problemas de atribuição cronológica. Os vasos hemisféricos, os hemisféricos altos e os globulares poderiam ser calcolíticos mas poderiam também ser da Idade do Bronze Pleno ou Final. Porém, tirando o fragmento campaniforme, não existe mais nenhuma cerâmica decorada calcolítica, o que leva a considerar esta cerâmica lisa como pertencente à Idade do Bronze.

Os vasos carenados (fig. 26, n.^{os} 1 e 2), os vasos com colo (fig. 26, n.^{os} 3 e 4; fig. 27, n.^{os} 1 e 2; fig. 29, n.^o 1), o grande vaso com colo (fig. 28), o vaso com asa (fig. 27, n.^o 3), os vasos com o bordo extravasado (fig. 29, n.^{os} 2 a 5; fig. 30, n.^{os} 1 e 2) e o grande vaso em forma de saco (fig. 31) deverão ser da Idade do Bronze, Pleno ou Final.

A gruta III do Furadouro revela duas ocupações principais, uma da cultura campaniforme, do Calcolítico Final, e outra da Idade do Bronze Final.

Provavelmente, o material lítico (instrumentos de pedra polida e a lâmina em sílex) bem como a maior parte da cerâmica lisa (taças, vasos hemisféricos, vasos hemisféricos altos, vasos globulares e vaso com colo) fazem parte de uma ocupação calcolítica pré-campaniforme, para a qual não existe cerâmica decorada que a comprove. No entanto, esta cerâmica lisa poderia também fazer parte de tumulações campaniformes, acompanhando os vasos decorados.

Da Idade do Bronze Final fazem parte os vasos carenados (fig. 43, n.^{os} 5 e 6), o vaso com colo (fig. 43, n.^o 7), o vaso com pega no bordo e o vaso carenado com asa (fig. 44, n.^{os} 1 e 2). A curiosa pega com “cabeça” (fig. 44, n.^o 3) poderá também ser do Bronze Final, embora não encontrássemos paralelos para ela.

A cerâmica campaniforme apresenta, nesta gruta, aspectos interessantes. O vaso campaniforme tipo Marítimo ou Internacional decorado a pontilhado (fig. 39, n.^o 1) é comum em muitas necrópoles e povoados da Estremadura. Aparece em grutas artificiais como Alapraia e S. Pedro do Estoril (Cascais), Quinta do Anjo (Palmela), Serra das Mutelas (Torres Vedras), em grutas como a Cova da Moura (Torres Vedras) ou em povoados como o Zambujal (Torres Vedras), Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) e Rotura (Setúbal).

A caçoila decorada a pontilhado (fig. 39, n.^o 2) integra-se na forma geral das caçoilas, pois apresenta maior largura do que altura e tem decoração dividida em duas zonas, junto do bordo e na pança, como em outras caçoilas. No entanto, esta não tem o ombro tão pronunciado nem tem o “canal” sobre o ombro claramente definido como outras. As caçoilas aparecem associadas aos vasos campaniformes de tipo Marítimo ou Internacional em muitas das necrópoles e povoados referidos acima.

Mais interessante é o vaso globular ou pote com decoração pontilhada em losangos (fig. 40). Quer a forma quer a decoração deste pote assemelham-se aos vasos de tipo “folha de acácia” do Calcolítico Médio, decorados com sulcos e linhas incisas. Neste caso, o facto da decoração ser feita a pontilhado faz situar este pote na cultura campaniforme, do Calcolítico Final. A sua forma e motivos decorativos podem, talvez, corresponder a uma continuidade formal e temática da época anterior.

O vaso carenado com decoração incisa (fig. 41, n.^o 1) integra-se ainda na cultura campaniforme mas num período mais avançado. A carena pronunciada

antecipa já os vasos da Idade do Bronze. A temática decorativa, com as duas faixas axadrezadas, assemelha-se à de outros vasos incisos encontrados na Cova da Moura (Torres Vedras), Paimogo (Lourinhã), Quinta do Anjo (Palmela) e Pedra Branca (Melides).

O vaso campanulado com decoração incisa (fig. 41, n.º 2) integra-se igualmente na cultura campaniforme. Apesar da forma ser pouco comum, pois este vaso tem a pança pouco saliente e uma grande abertura de boca, a temática decorativa, com zonas de faixas lisas zigzagueantes limitadas por linhas verticais ou oblíquas, pode ser encontrada noutros vasos de formas diferentes, sobretudo nos grandes potes incisos de Ponte da Laje, Montes Claros e Pedra Branca.

O grande vaso globular com colo ou pote, com decoração incisa (fig. 42) é uma forma que é pouco vulgar na cultura campaniforme. Estes potes de grande dimensão aparecem em algumas necrópoles e povoados. Da gruta artificial de S. Pedro do Estoril (Cascais) vem um fragmento de pança de um grande pote com os mesmos motivos decorativos, destacando-se a faixa zigzagueante; do dólmen da Pedra Branca (Melides) vêm dois grandes potes mas com temática decorativa diferente; na gruta da Ponte da Laje (Oeiras) e no povoado de Montes Claros (Lisboa) existem também alguns destes grandes potes (Harrison, 1977).

Este tipo de potes de grande dimensão aparece geralmente em contextos mais tardios da cultura campaniforme. Em Espanha existem alguns destes potes. Um deles, de Piña de Esgueva (Valladolid), com 33,5 cm de diâmetro de boca e apresentando uma decoração menos compósita mas com duas faixas axadrezadas junto ao bordo e na pança, foi considerado da Idade do Bronze (Delibes de Castro, 1980).

Em relação ao material cerâmico campaniforme encontrado nesta gruta verificamos a existência de determinados tipos de vasos que correspondem a dois períodos dentro da época campaniforme. Considerando que a gruta foi usada como necrópole e que os vasos, como oferendas, eram colocados junto dos mortos, poderemos colocar esta hipótese. Uma sepultura, feita na fase inicial da cultura campaniforme, continha os vasos do grupo pontilhado (fig. 45, n.º 1), e outra sepultura, feita na fase final desta cultura, continha os vasos do grupo inciso (fig. 45, n.º 2).

Existe mesmo uma correspondência, um padrão, no tipo de vasos colocados nas duas sepulturas. Assim, o vaso de tipo Internacional corresponde ao vaso carenado, a caçoila pontilhada corresponde ao vaso campanulado inciso e o pote pontilhado corresponde ao pote inciso.

Porém, há que considerar a existência de outros fragmentos campaniformes. A taça tipo Palmela e o bordo pontilhado poderiam juntar-se ao primeiro grupo e o fragmento inciso juntar-se-ia ao segundo grupo. Isto significa que, ou havia mais do que três vasos em cada sepultura ou, então, havia mais do que duas sepulturas, o que parece mais provável visto terem sido encontrados dois crânios humanos e fragmentos de outros.

Gruta IV

(denominada gruta sul do Furadouro no inventário do M.N.A.)

Igualmente para se perceberem as condições em que os materiais se encontravam, reproduz-se parte do texto de Maximiano Apolinário.

“Esta gruta fica a sul da anterior e a pouca distância dela. Tem também a entrada virada a nascente (e cerca de 8 m de comprimento por 1,5 de largura máxima). Apresenta um pequeno corredor de entrada e outras duas câmaras (fig. 34, n.º 2). A camada de terra tinha cerca de 30 cm de espessura e nela foram encontrados ossos humanos, dentes de animais, fragmentos de cerâmica grosseira e lascas em sílex.

Por baixo havia um solo arenoso com cerca de 70 cm de espessura, sendo nele encontrados, na segunda câmara, ossos humanos, lascas e uma ponta de seta, em sílex (fig. 35, n.º 5). Ainda por baixo, estava o tufo calcário com cerca de 30 cm de espessura. Este continha também ossos humanos, petrificados, e forneceu um micrólito trapezoidal, em sílex” (fig. 35, n.º 6).

Materiais

À parte de alguns fragmentos cerâmicos não significativos e de lascas em sílex, destacam-se apenas a ponta de seta e o micrólito, em sílex (fig. 35, n.ºs 5 e 6). Como não encontrámos estas peças no espólio do M.N.A., reproduzem-se as gravuras originais. A ponta de seta (de base fragmentada) tanto poderá ser neolítica como calcolítica. Porém, o micrólito trapezoidal indica uma ocupação desta gruta no Neolítico.

Bibliografia

APOLINÁRIO, M. (1897) - *Grutas do Furadouro*. «O Archeologo Português». Lisboa. S. 1. 3, p. 86-95.

DELIBES, C. G. de (1980) - *Un gran vaso inciso de la Edad del Bronce procedente de Piña de Esgueva (Valladolid)*. «Boletín del Seminario de estudios de Arte y Arqueología». Valladolid. 46, p. 133-137.

GALLAY, G. [et al.] (1973) - *O monumento pré-histórico de Paimogo (Lourinhã)*. Lisboa. p. 35-37, fig. 19, n.º 22, fig. 21.

HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. «Bulletin». Harvard University. 35.

VASCONCELOS, J. L. de (1897) - *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 216-219.

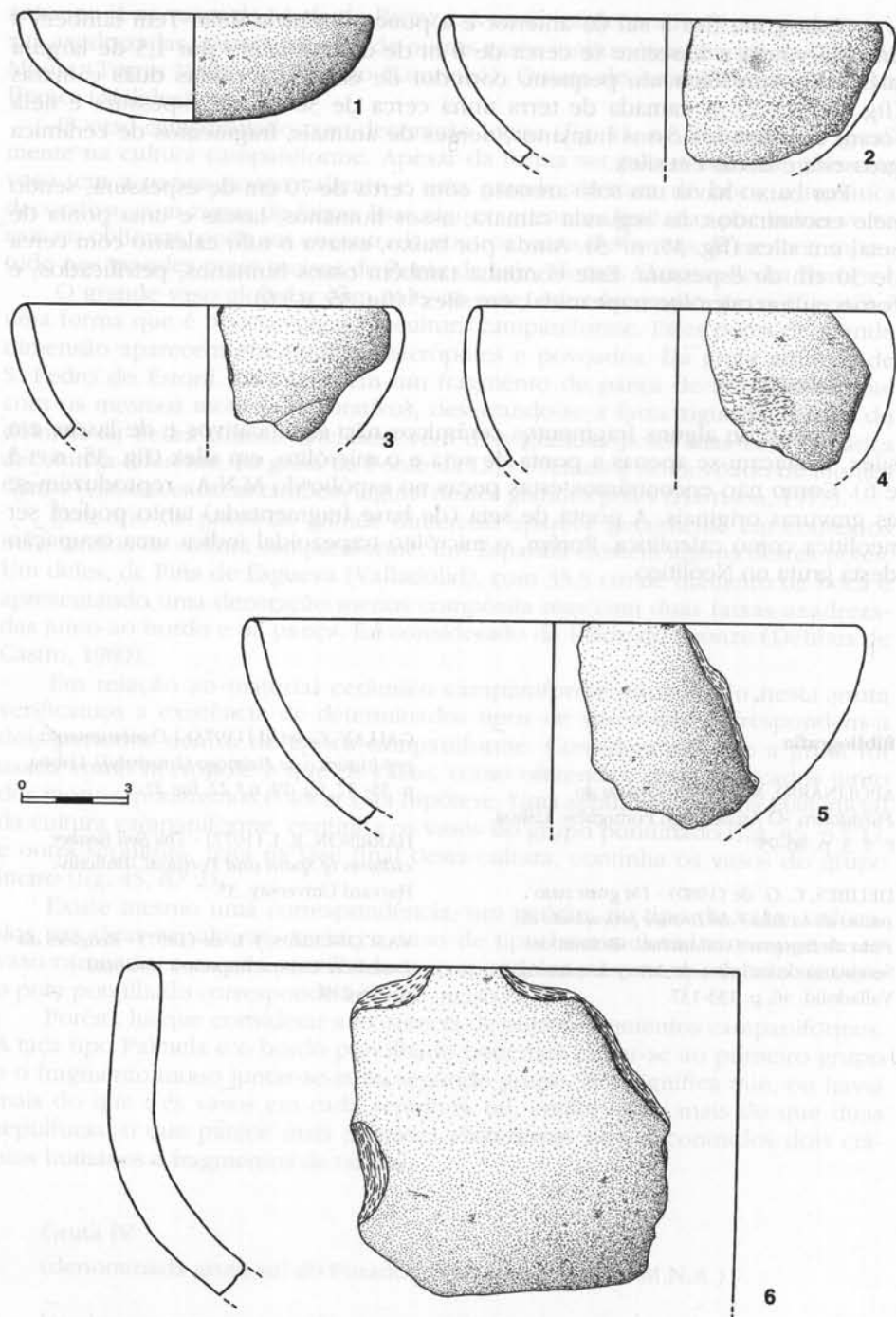


Fig. 23 – Grutas do Furadouro I e II. 1-3; 5 - vasos hemisféricos; 4 e 6 - vasos hemisféricos altos.

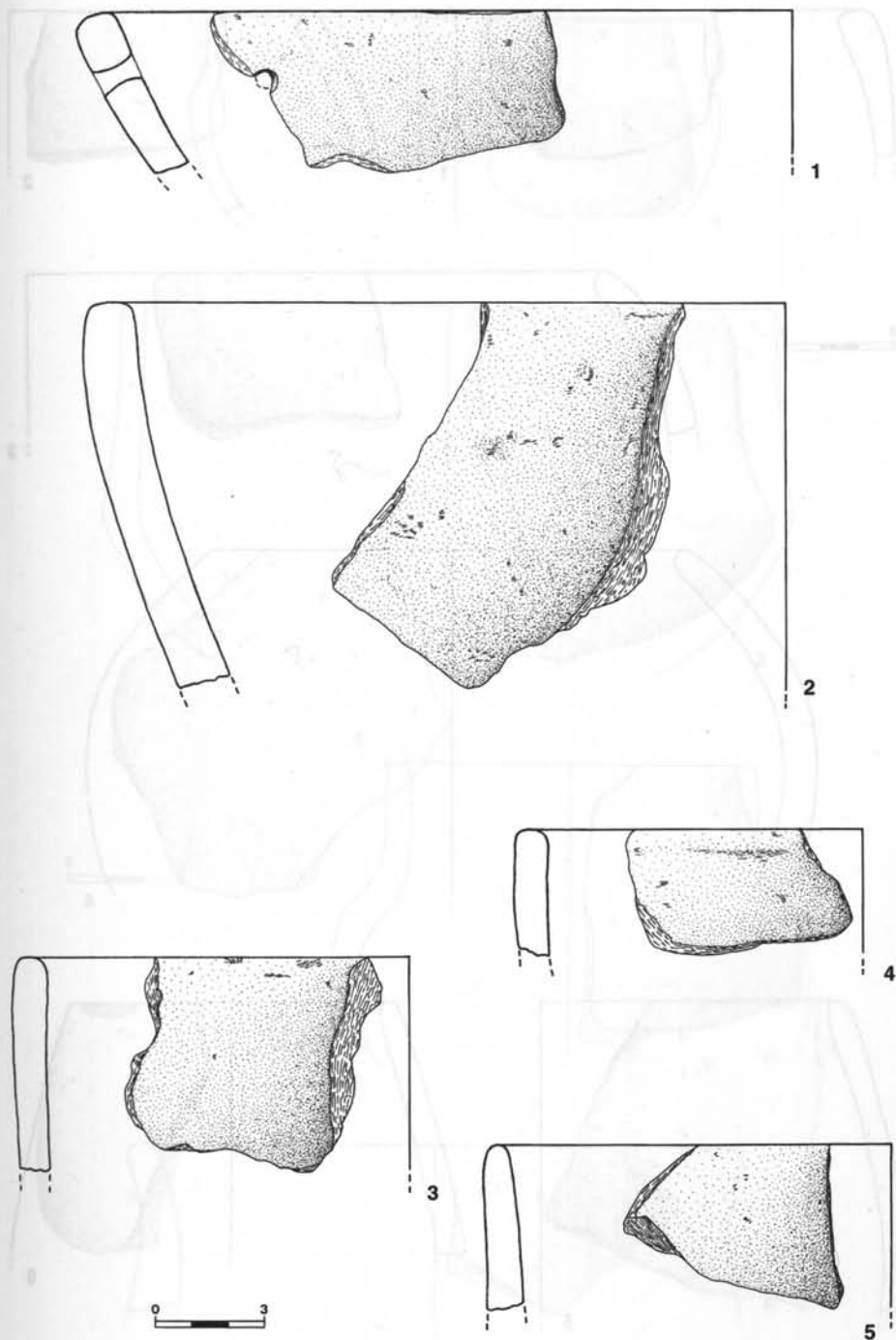


Fig. 24 – Grutas do Furadouro I e II. 1 - vaso hemisférico; 2-5 - vasos hemisféricos altos.

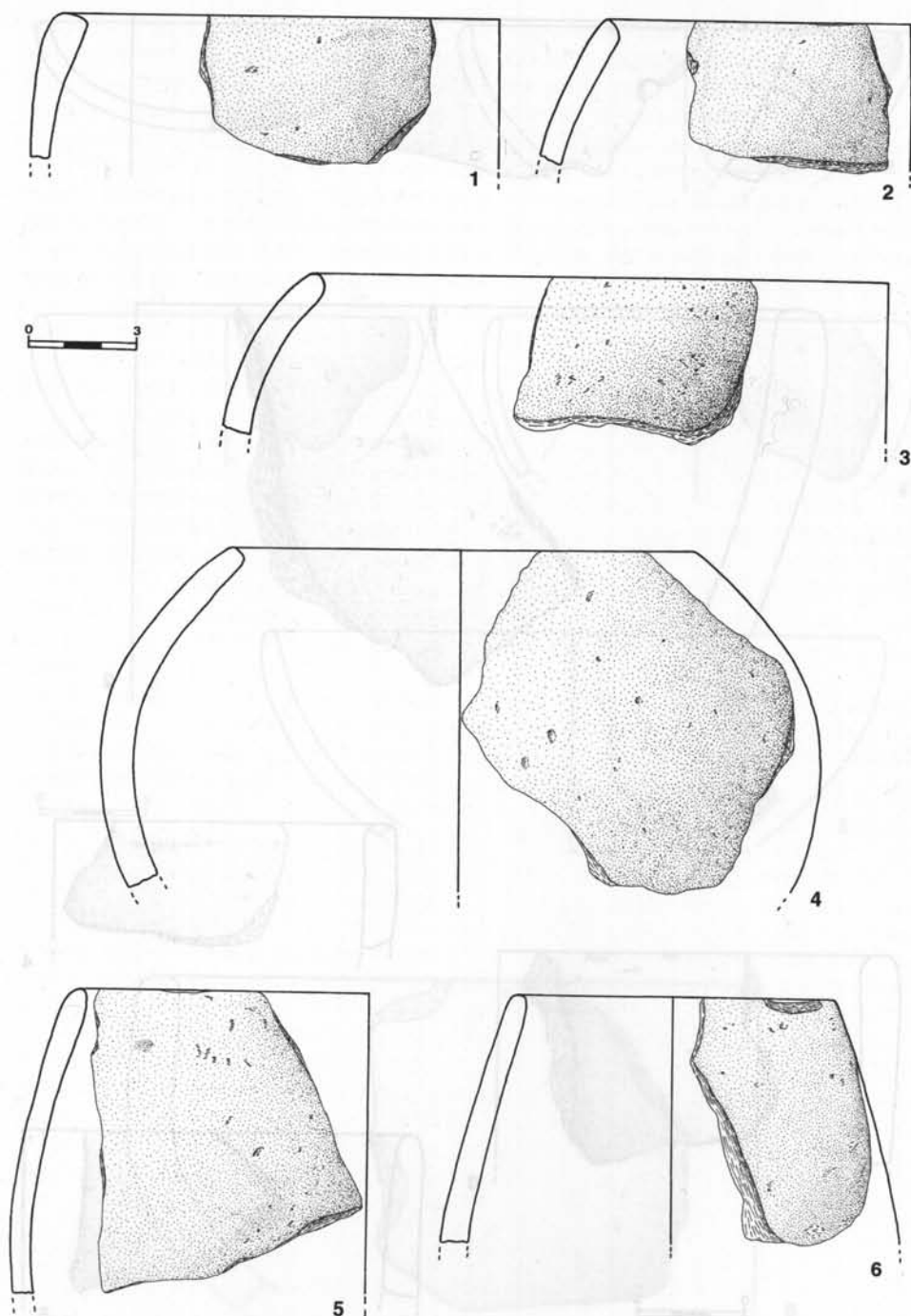


Fig. 25 – Grutas do Furadouro I e II. 1 - vaso hemisférico alto; 2-6 - vasos globulares.

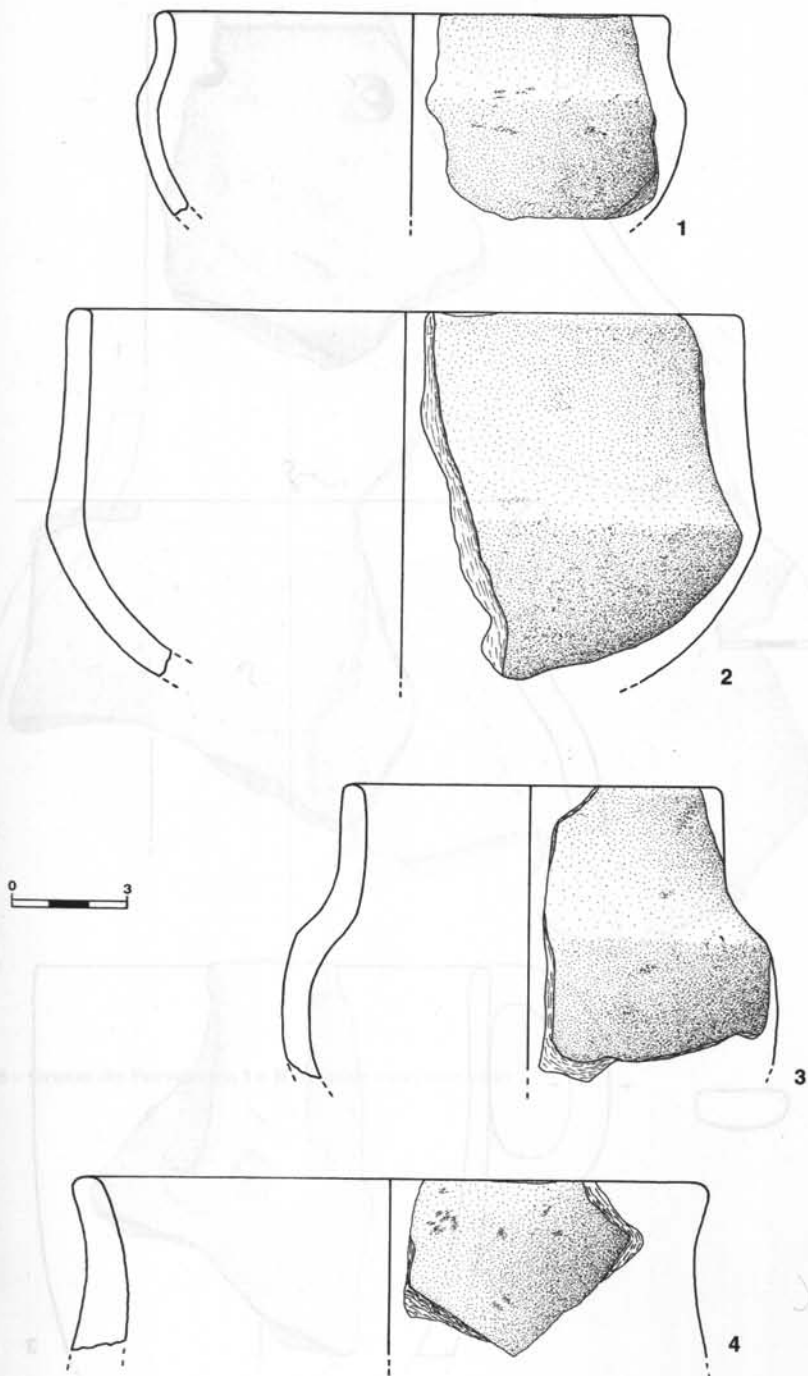


Fig. 26 – Grutas do Furadouro I e II. 1-2 - vasos carenados; 3-4 - vasos com colo.

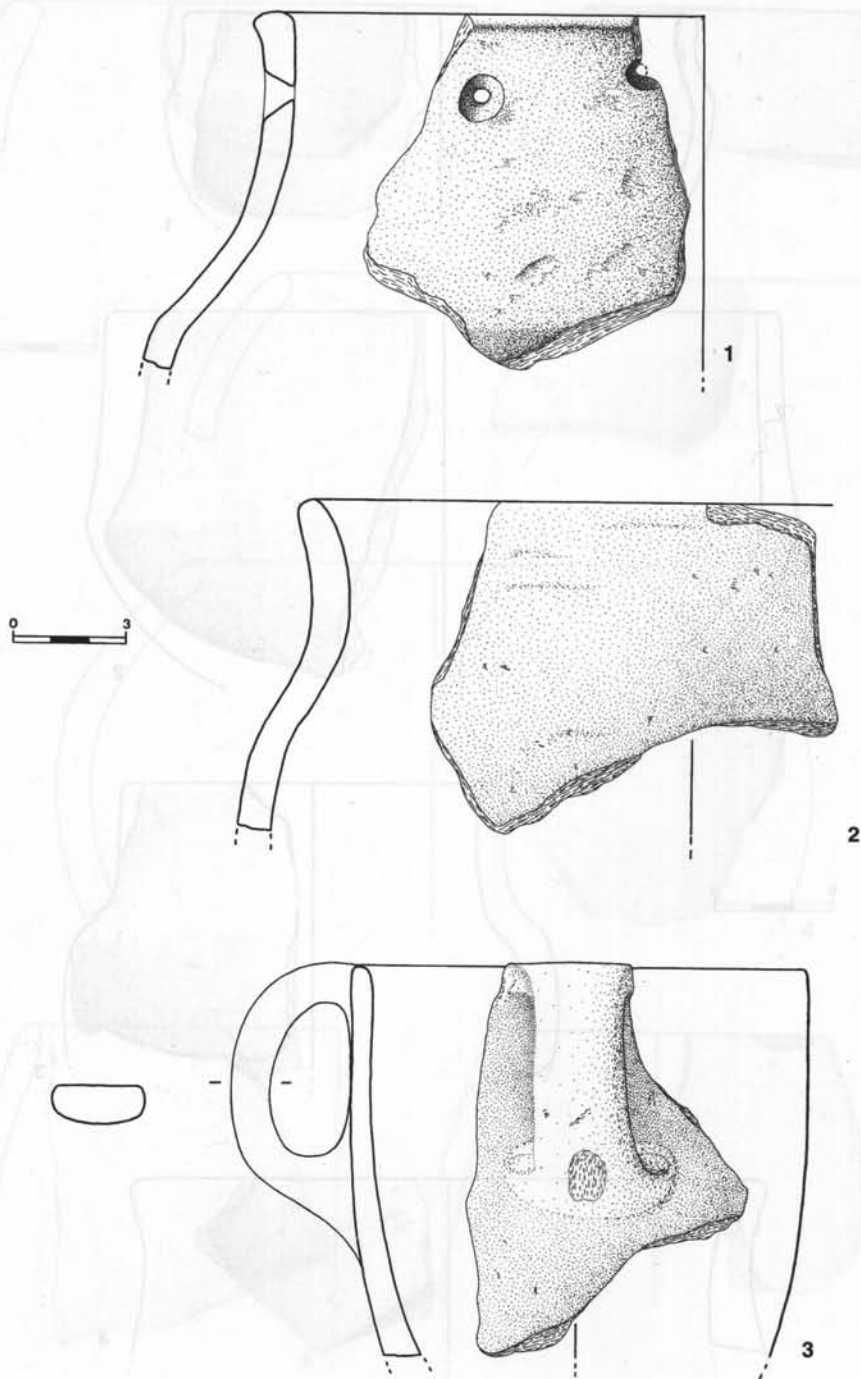


Fig. 27 – Grutas do Furdouro I e II. 1-2 - vasos com colo; 3 - vaso com asa.

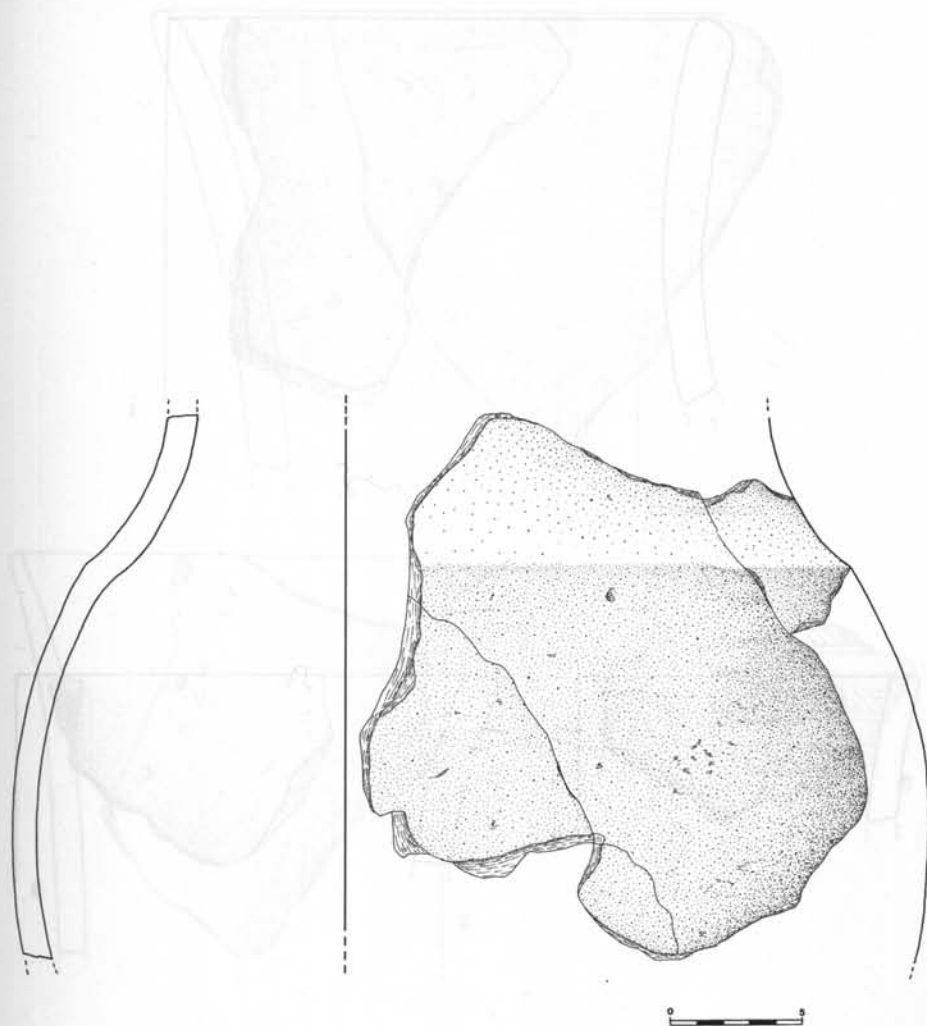


Fig. 28 – Grutas do Furadouro I e II. Grande vaso com colo.

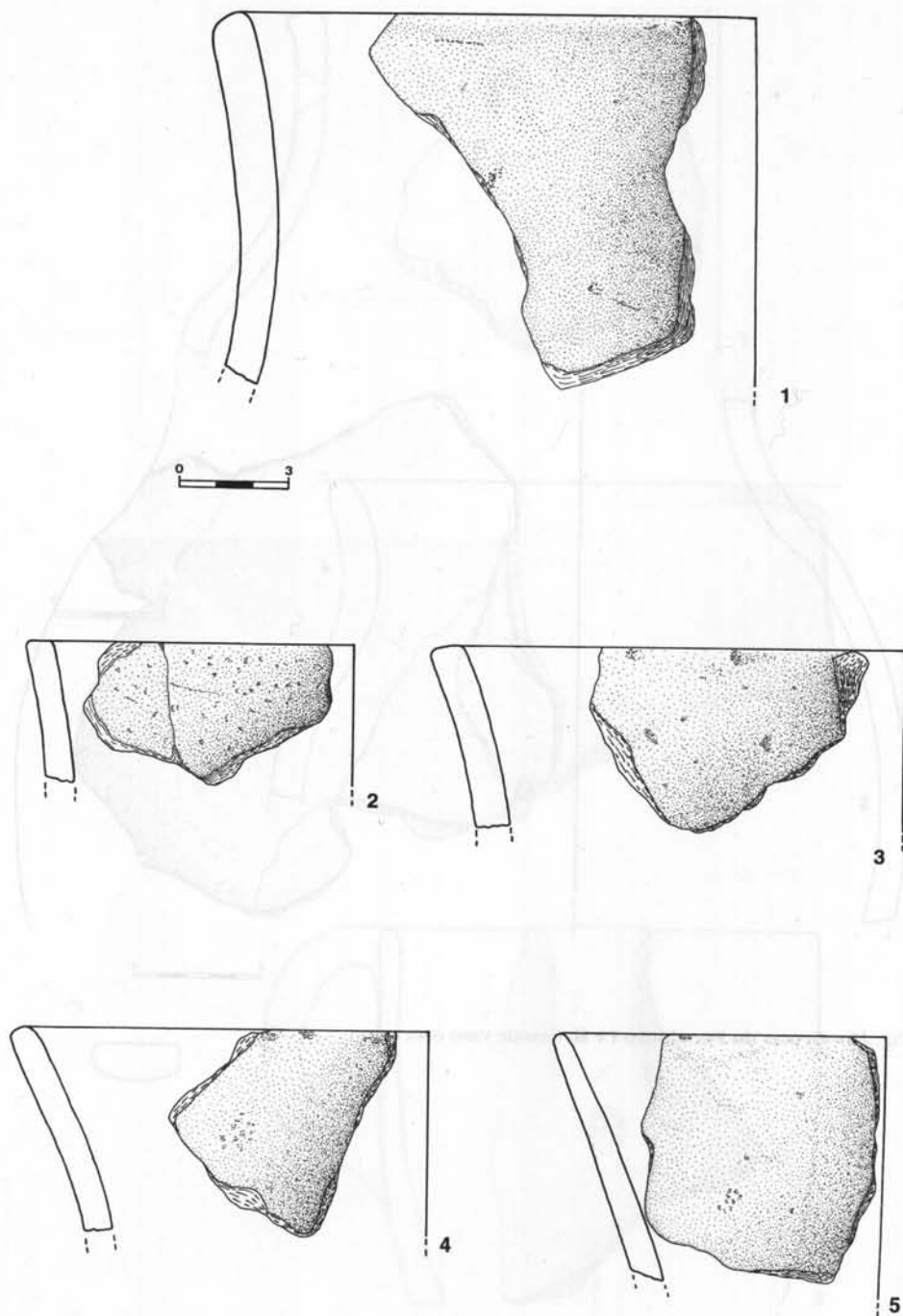


Fig. 29 – Grutas do Furadouro I e II. 1 - vaso com colo; 2-5 - vasos com bordo extravasado.

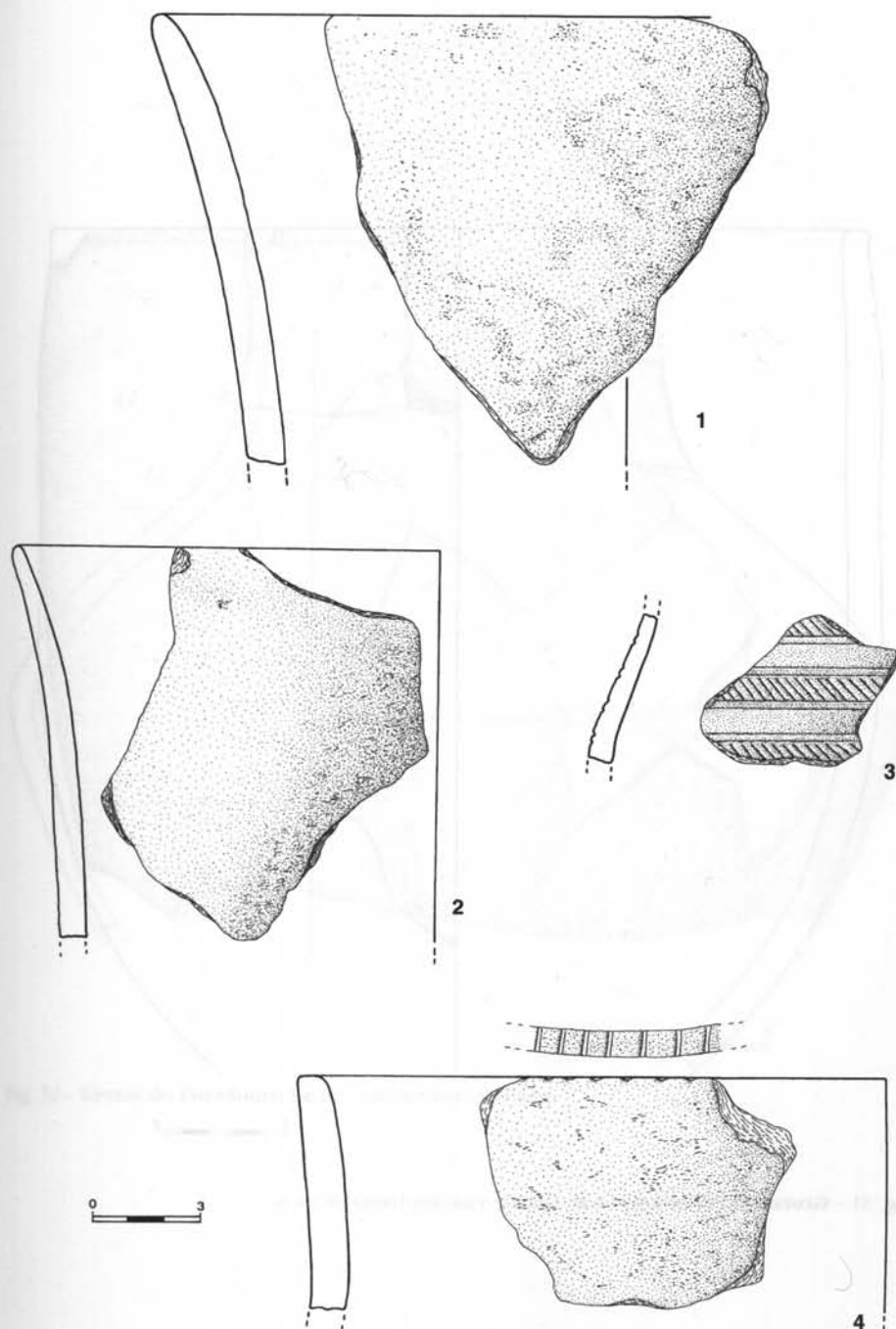


Fig. 30 – **Grutas do Furadouro I e II.** 1-2 - vasos com bordo extravasado; 3 - fragmento de vaso campaniforme; 4 - vaso com o bordo denteado.

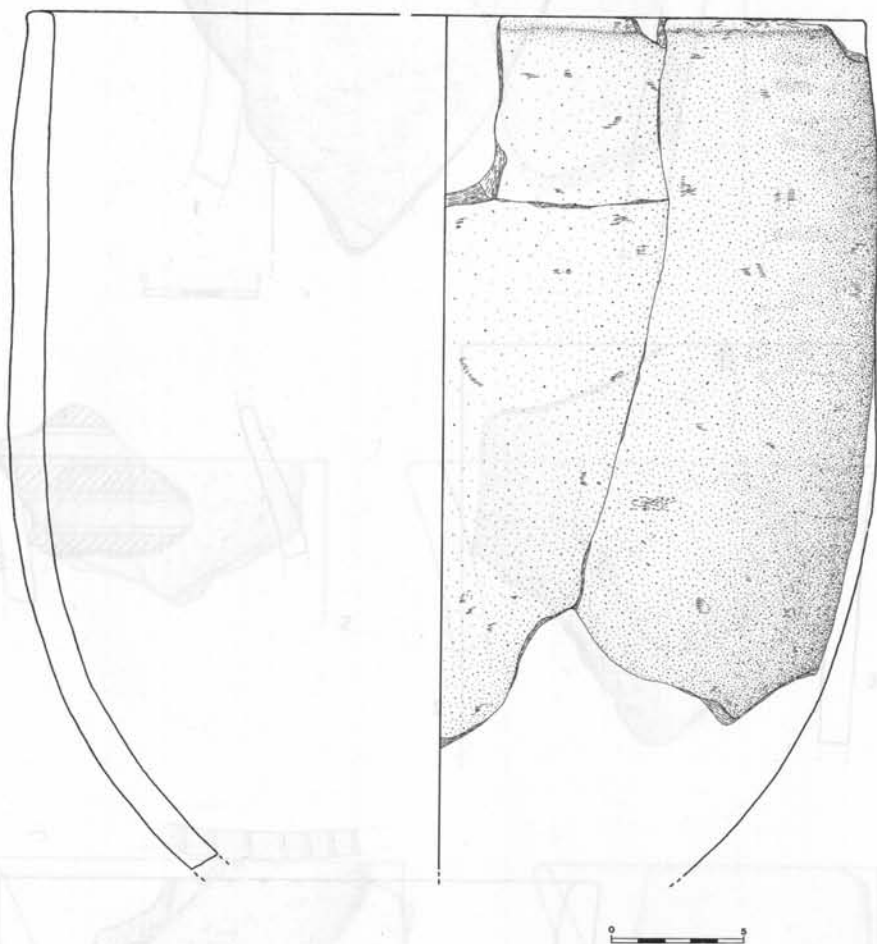


Fig. 31 – Grutas do Furadouro I e II. Grande vaso em forma de saco.

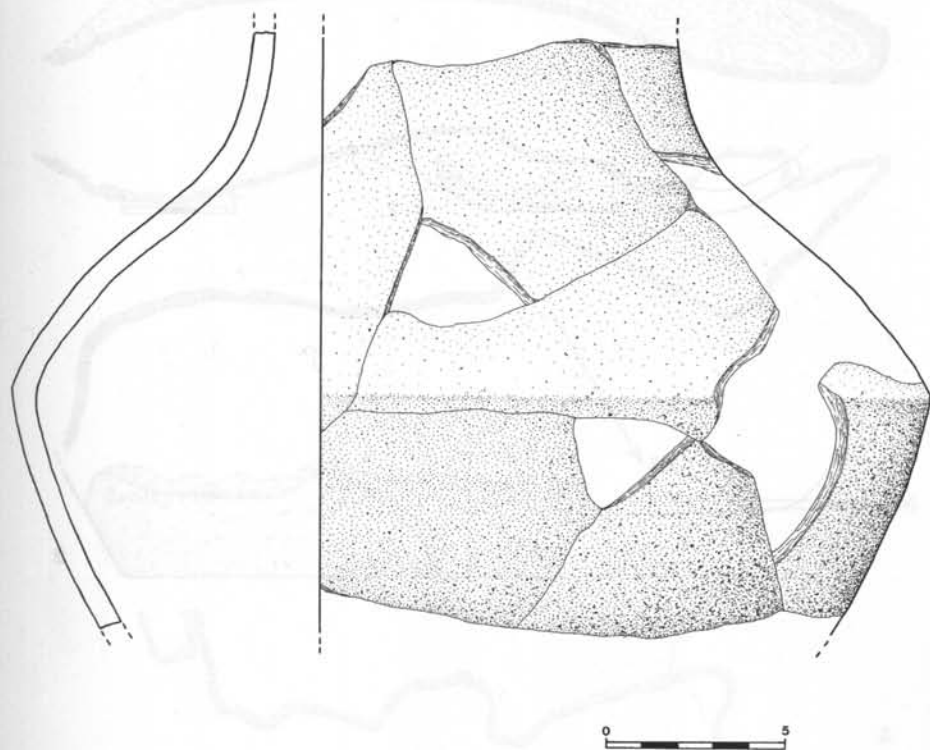


Fig. 32 – Grutas do Furadouro I e II. Grande vaso carenado.

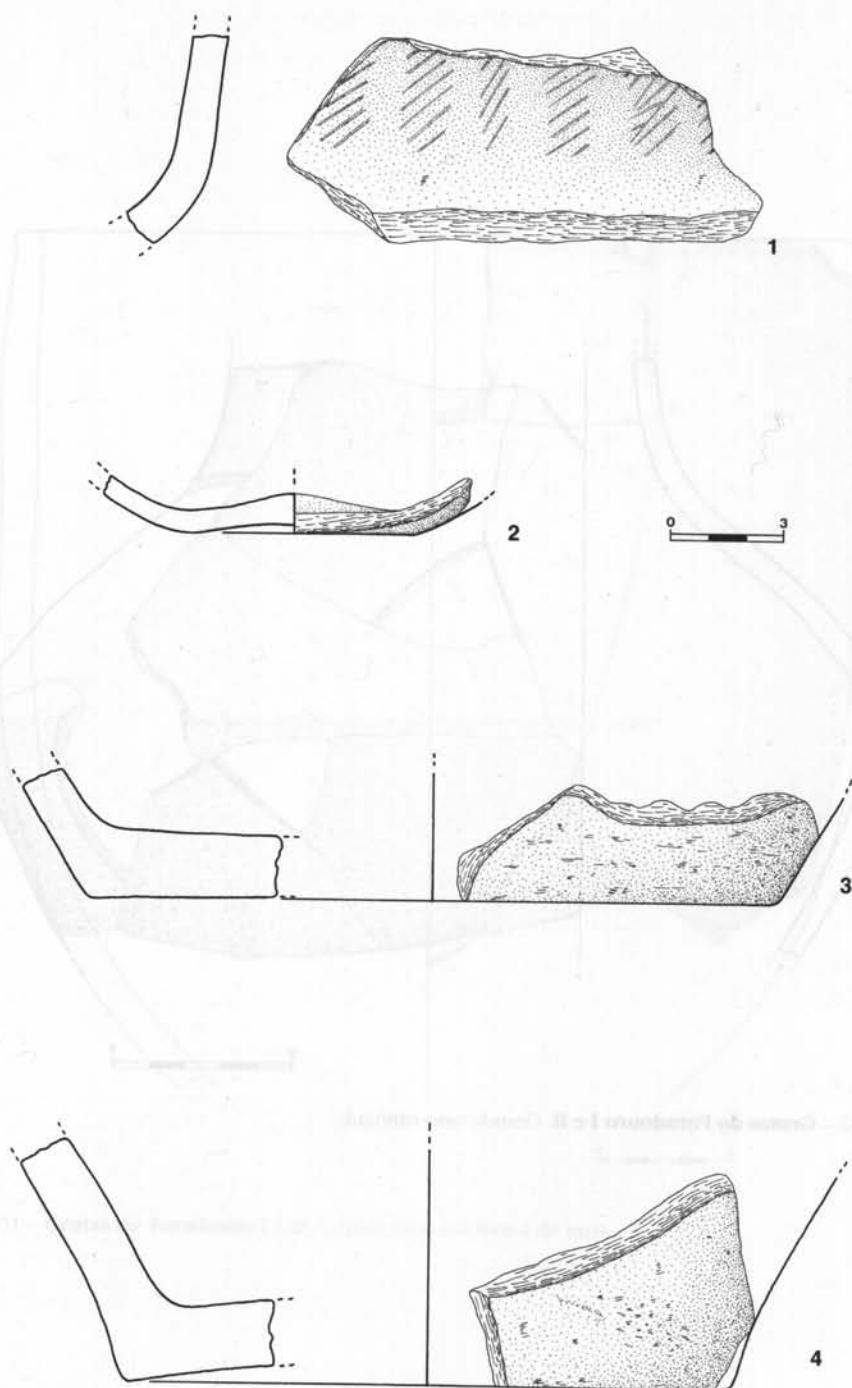


Fig. 33 – Grutas do Furadouro I e II. 1 - fragmento com ornatos brunidos; 2-4 - fundos.

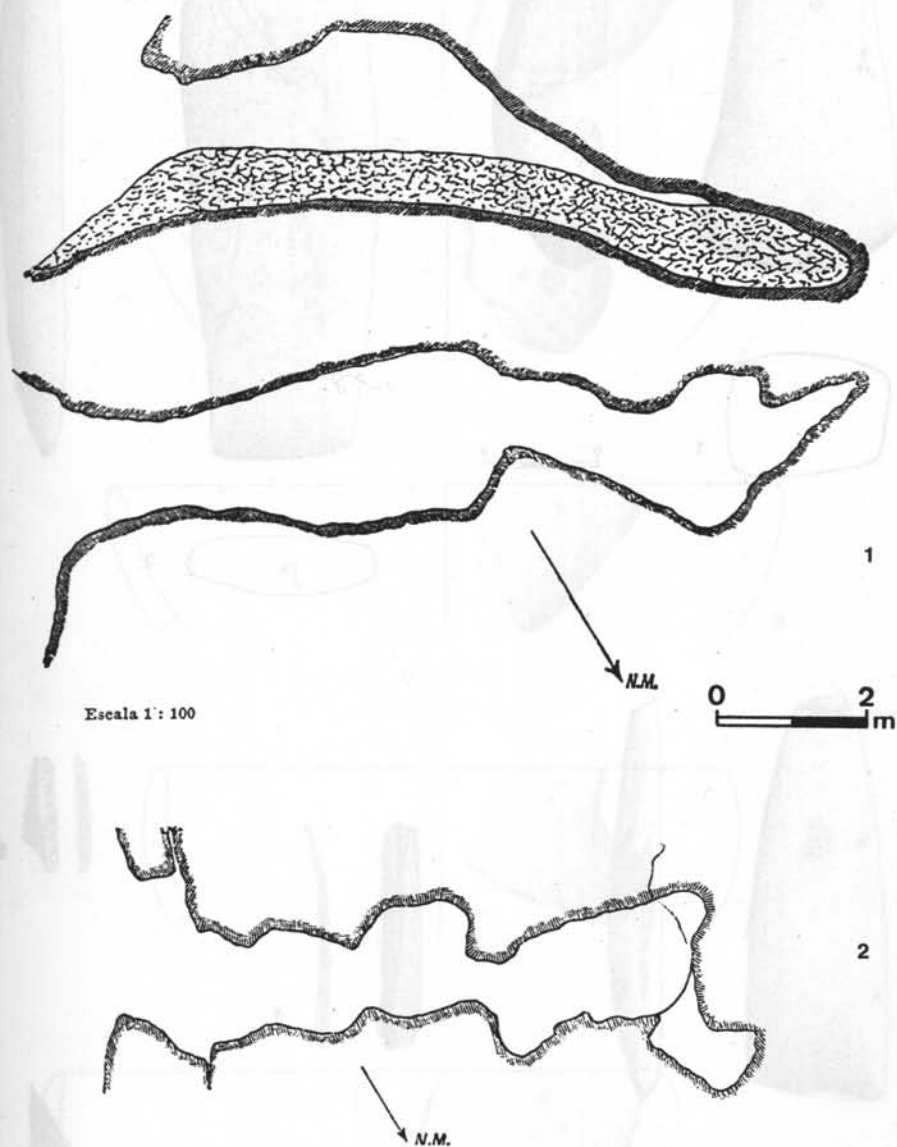


Fig. 34 – Plantas das grutas do Furadouro. 1 - gruta III; 2 - gruta IV (segundo Apolinário, 1897, figs. 1 e 8).

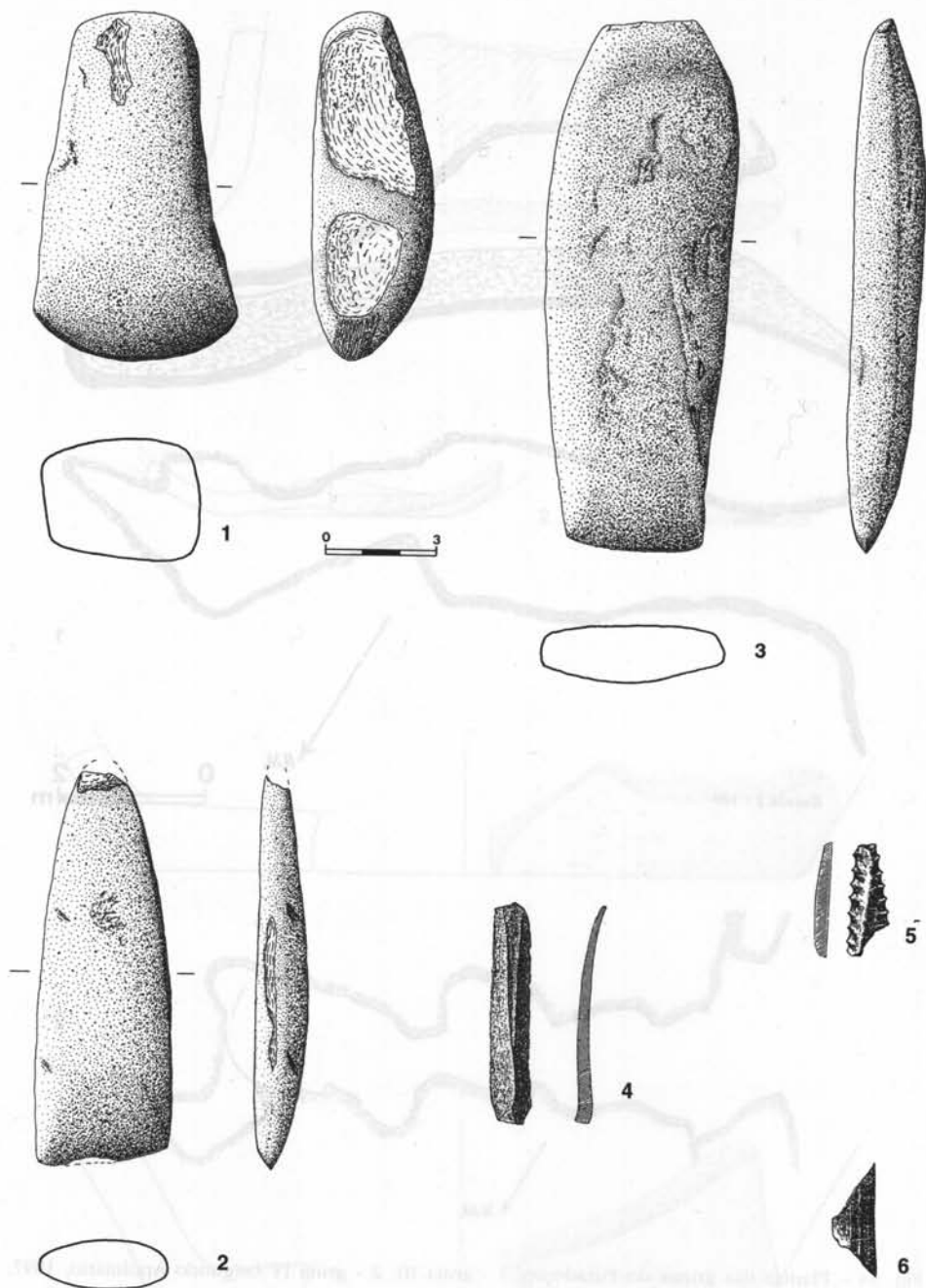


Fig. 35 – **Gruta III do Furadouro.** 1 - machado em pedra polida; 2-3 - enxós em pedra polida; 4 - lâmina em sílex; **Gruta IV do Furadouro.** 5 - ponta de seta em sílex; 6 - micrólito em sílex (as peças em sílex são segundo Apolinário, 1897, figs. 5, 9 e 10).

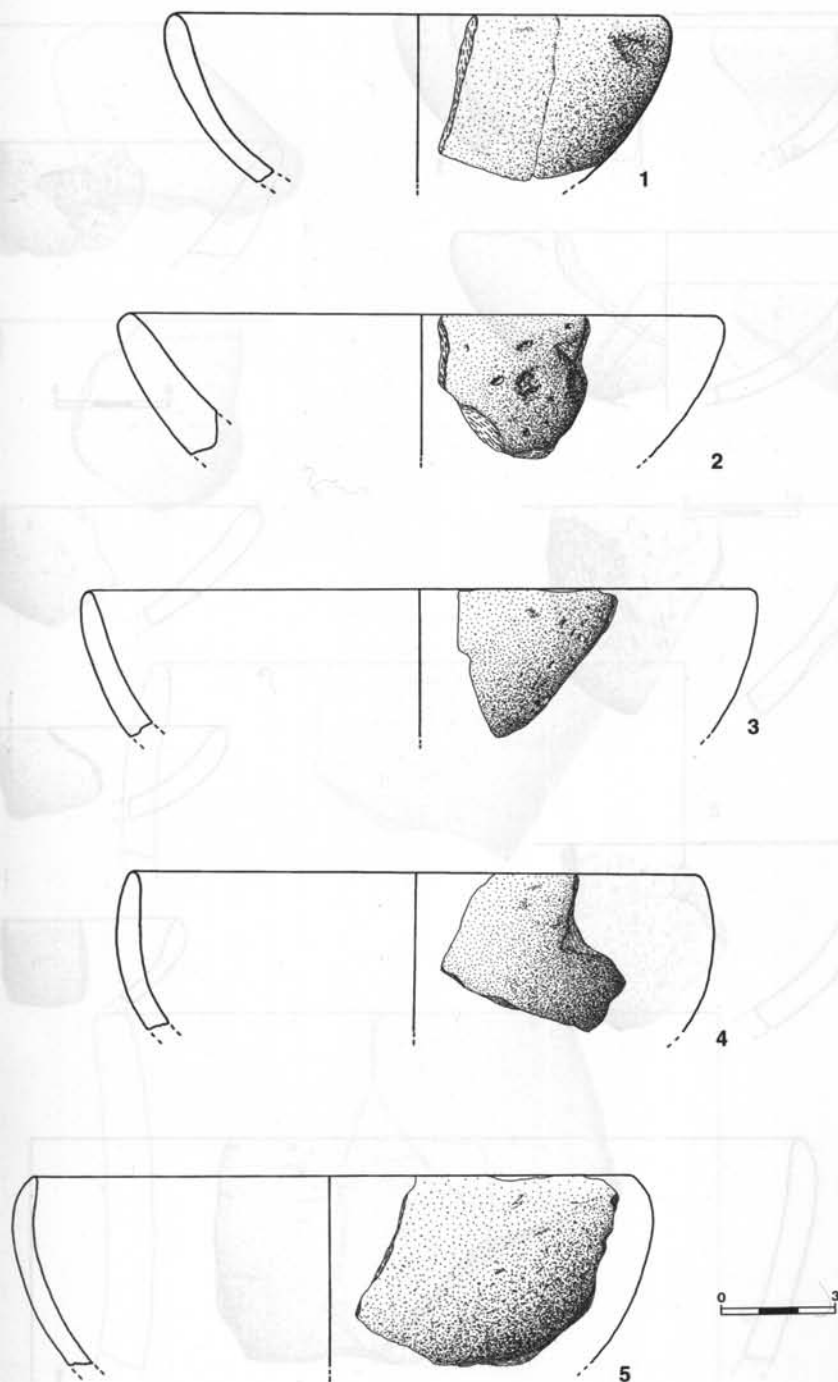


Fig. 36 – **Gruta III do Furadouro.** 1-3 - vasos hemisféricos; 4-5 - vasos hemisféricos altos.

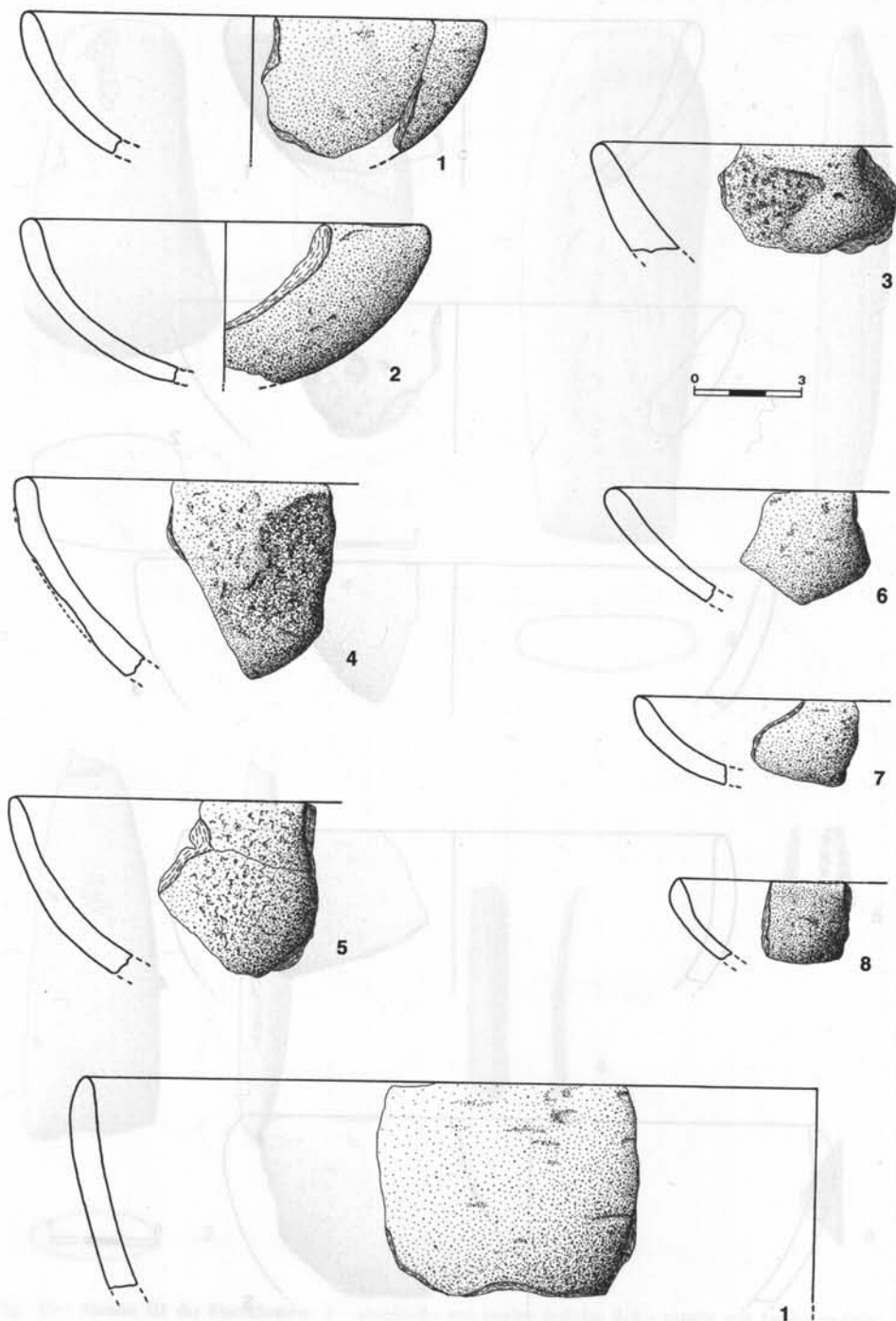


Fig. 37 - **Gruta III do Furadouro.** 1-5 - vasos hemisféricos; 6-8 - taças; 9 - vaso hemisférico alto.

O Arqueólogo Português, Série IV, 8/10, 1990-1992, p. 41-201.

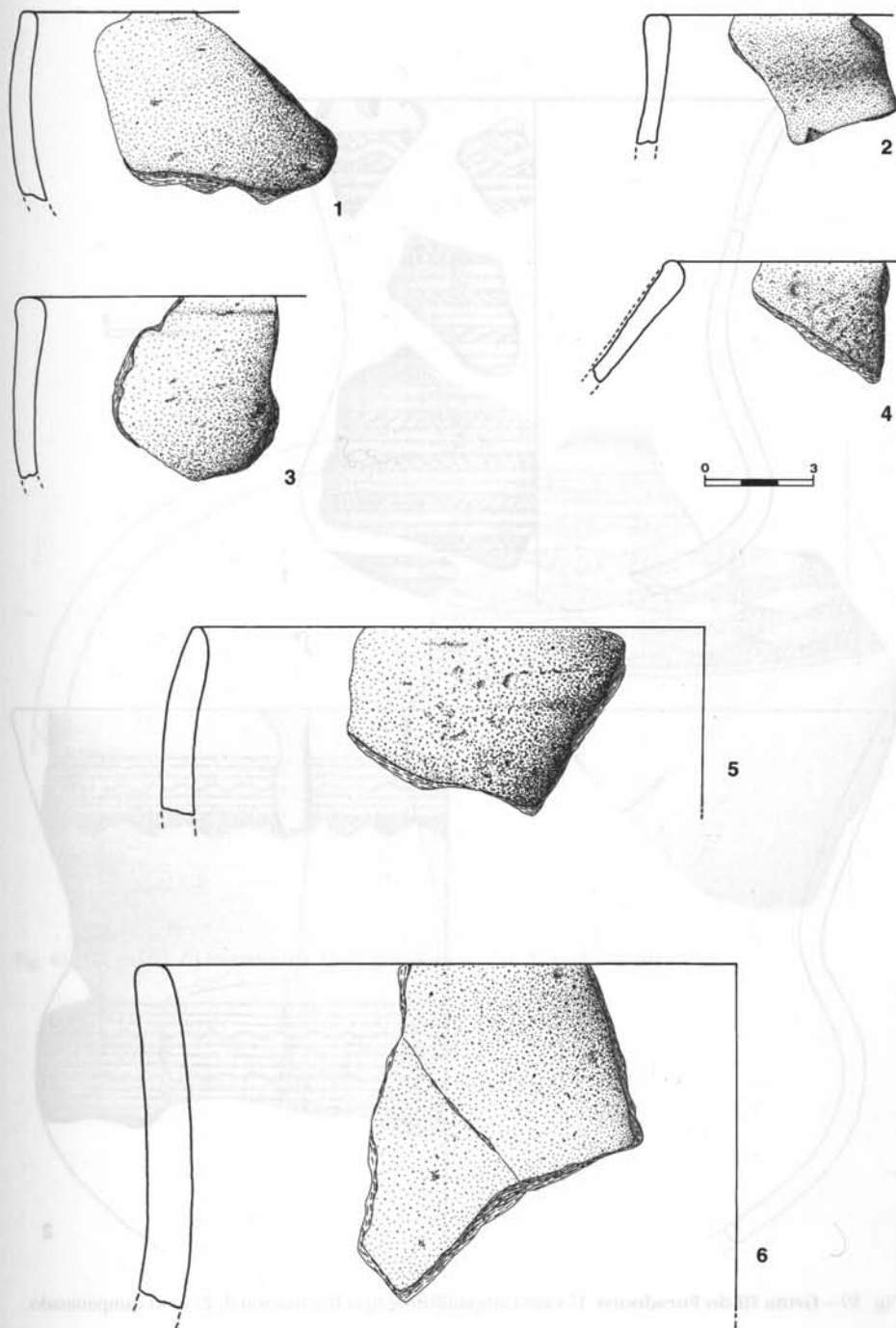


Fig. 38 – Gruta III do Furadouro. 1-4 - vasos hemisféricos altos; 5 - vaso globular; 6 - vaso com colo.

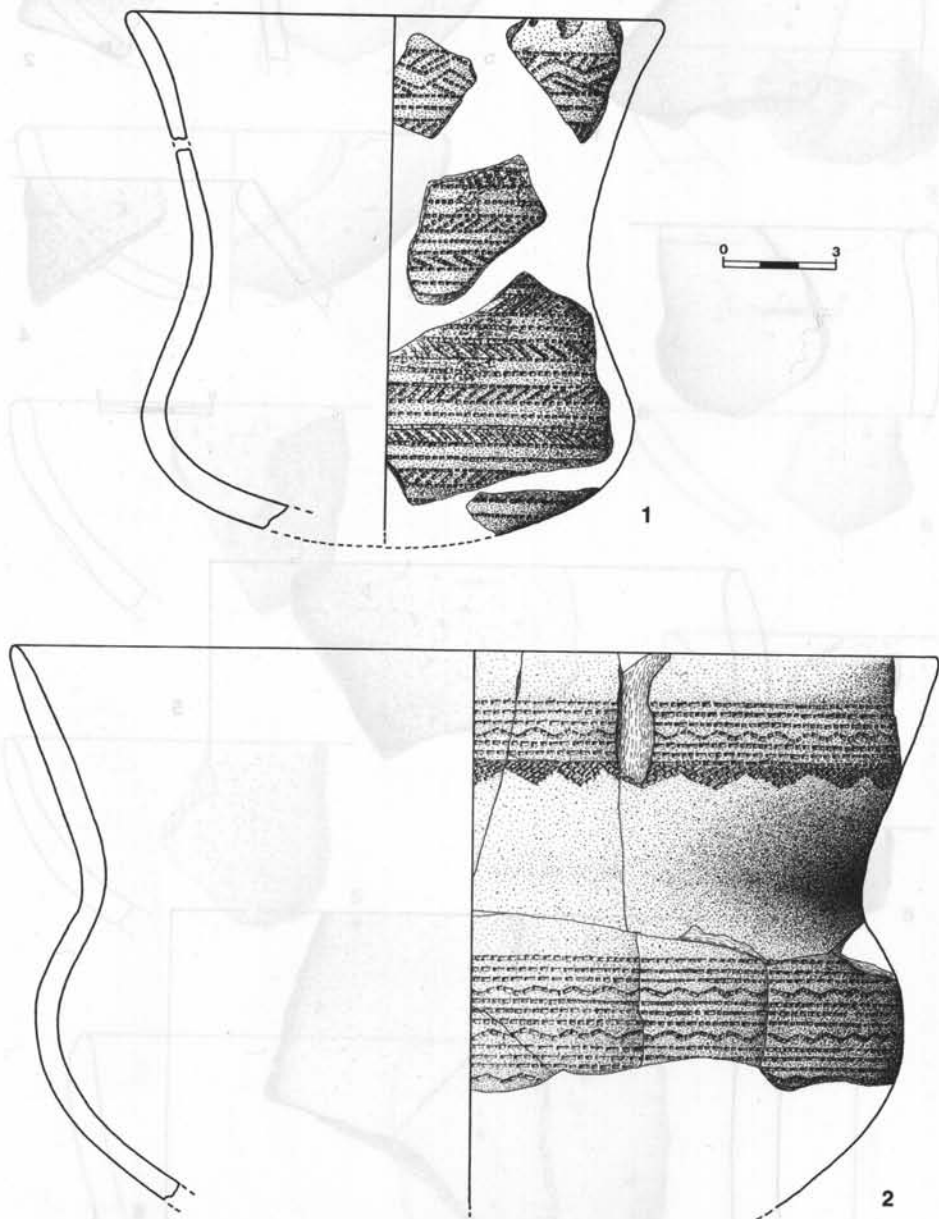


Fig. 39 – **Gruta III do Furadouro**. 1- vaso campaniforme tipo Internacional; 2- vaso campanulado.

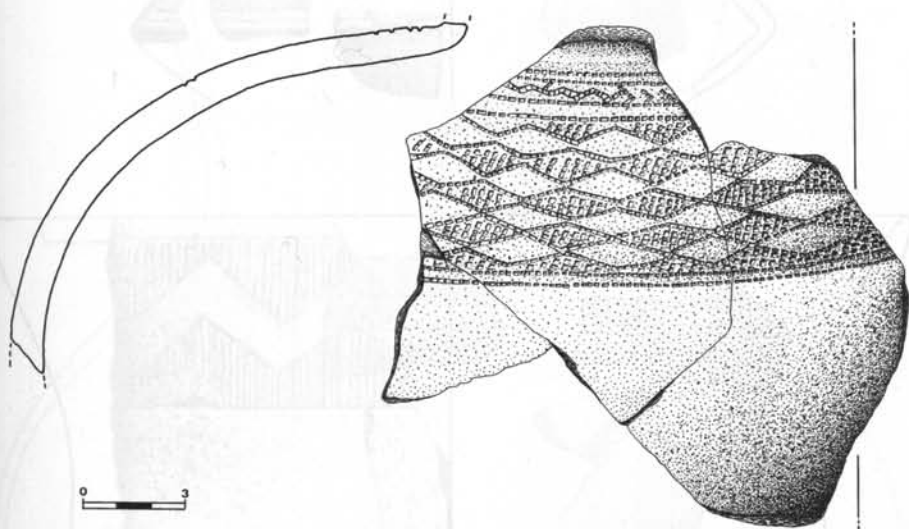


Fig. 40 – **Gruta III do Furadouro.** Vaso globular ou pote de estilo campaniforme.

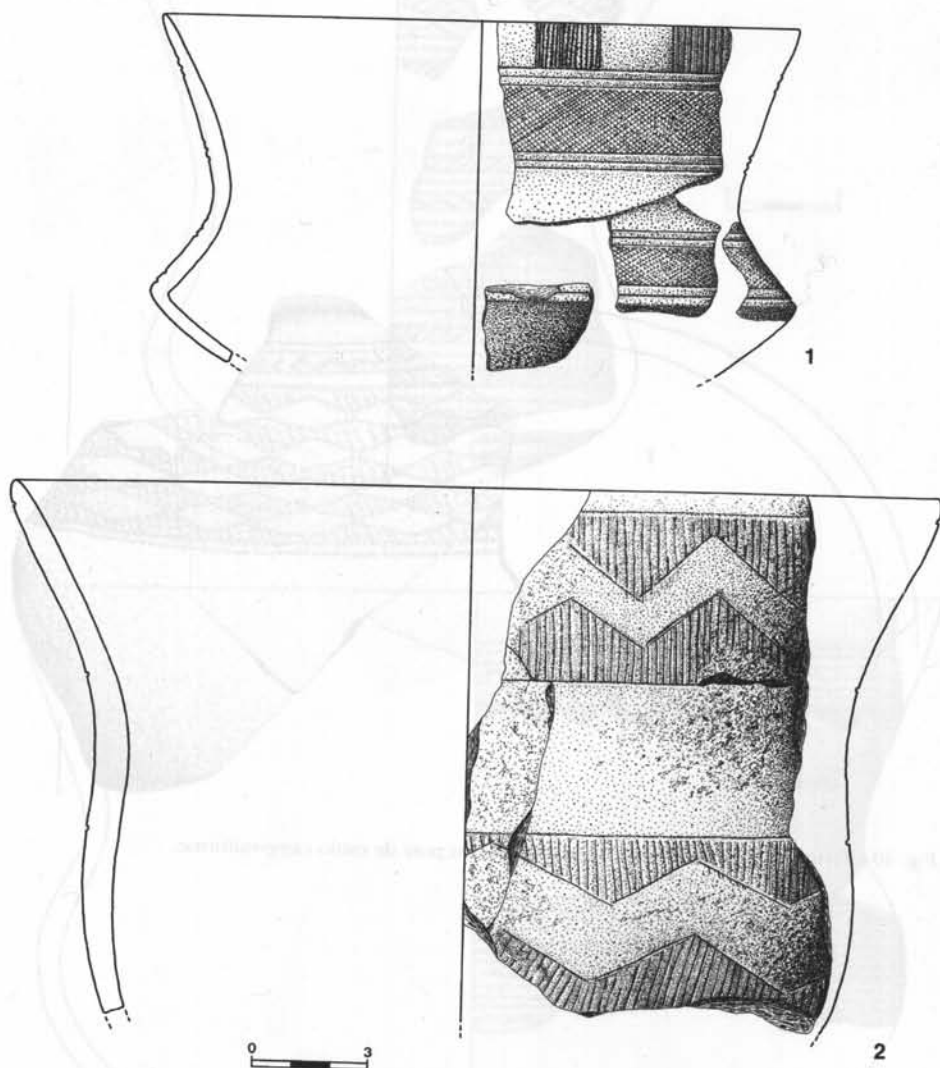


Fig. 41 – Gruta III do Furadouro. 1 - vaso campaniforme carenado; 2 - vaso campanulado.

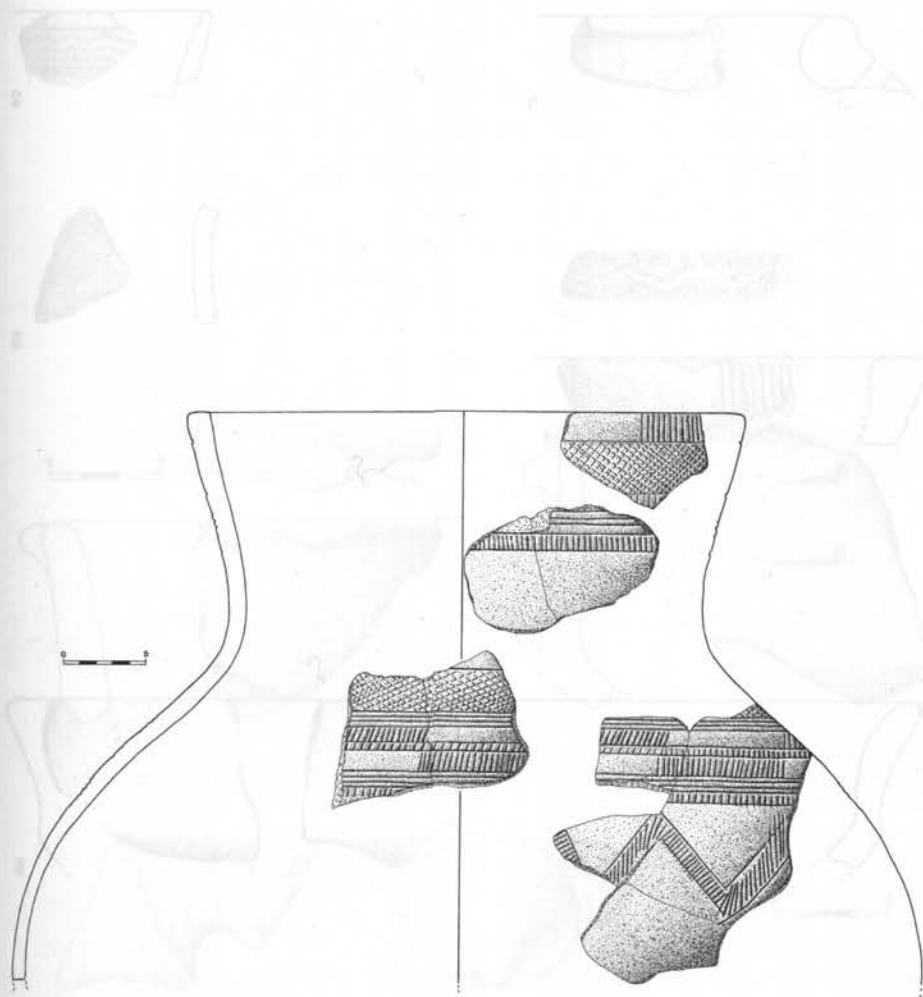


Fig. 42 – Gruta III do Furadouro. Vaso globular ou pote de estilo campaniforme.

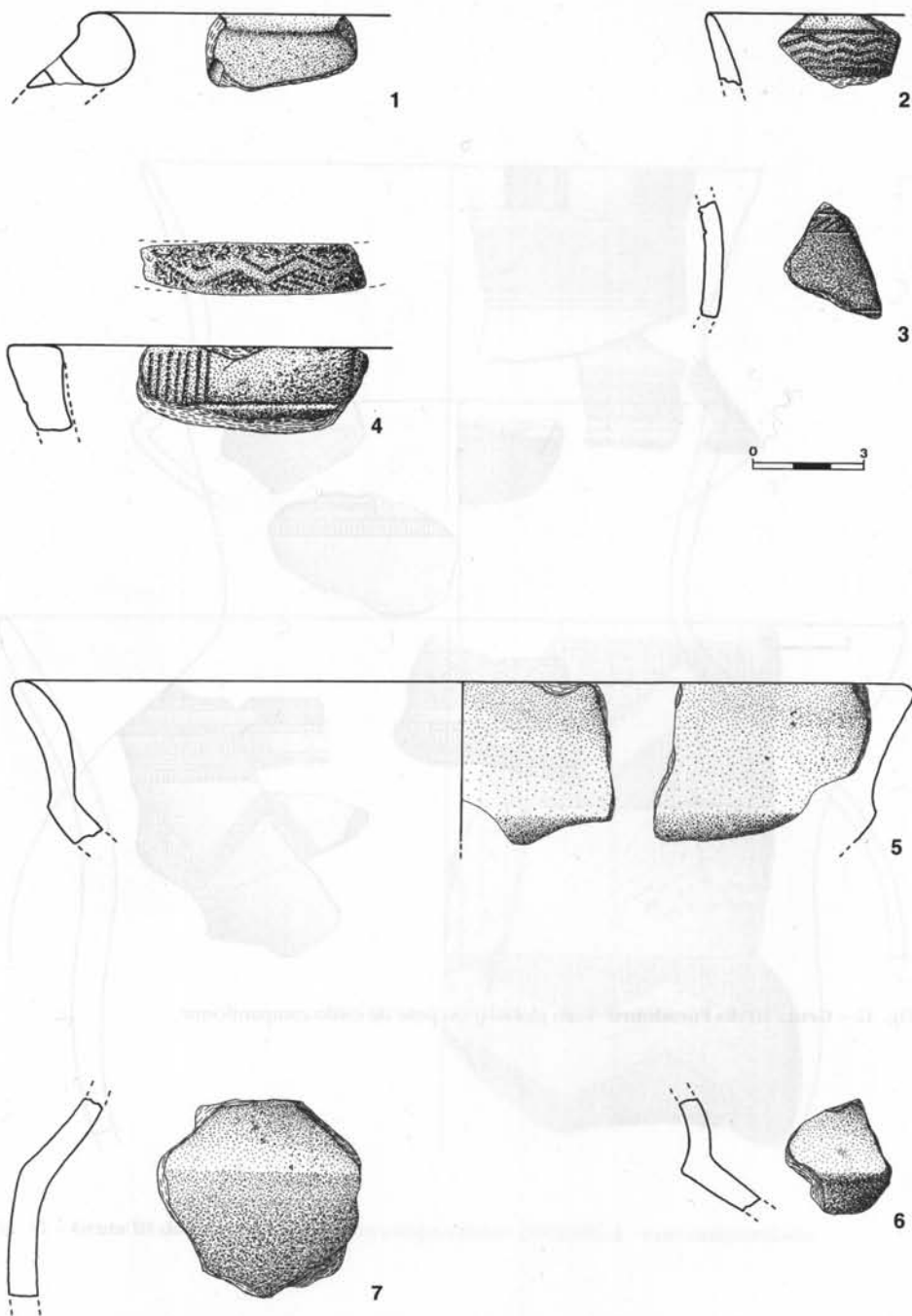


Fig. 43 – **Gruta III do Furadouro**. 1 - vaso globular; 2 - bordo de vaso campaniforme; 3 - fragmento de vaso campaniforme; 4 - bordo de taça tipo Palmela; 5-6 - vasos carenados; 7 - vaso com colo.

3 Gruta das Fontainhas

Foram recolhidas por este autor, em 1990, quatro peças cerâmicas, que se encontram aqui representadas. As peças são fragmentos de vasos, de forma arredondada, com o bordo decorado com uma linha de pontos. Um dos fragmentos apresenta uma pega, e outro um carenado. As peças são de cor castanha, com uma superfície lisa e brilhante.

Nas grutas da Serra de Montejunto, a cerâmica é muito comum, e a maioria das peças são fragmentos de vasos. As peças são de cor castanha, com uma superfície lisa e brilhante.

Do material recolhido, a peça 1 é um fragmento de vaso com uma pega no bordo. A peça 2 é um fragmento de vaso carenado com uma asa. A peça 3 é uma pega.

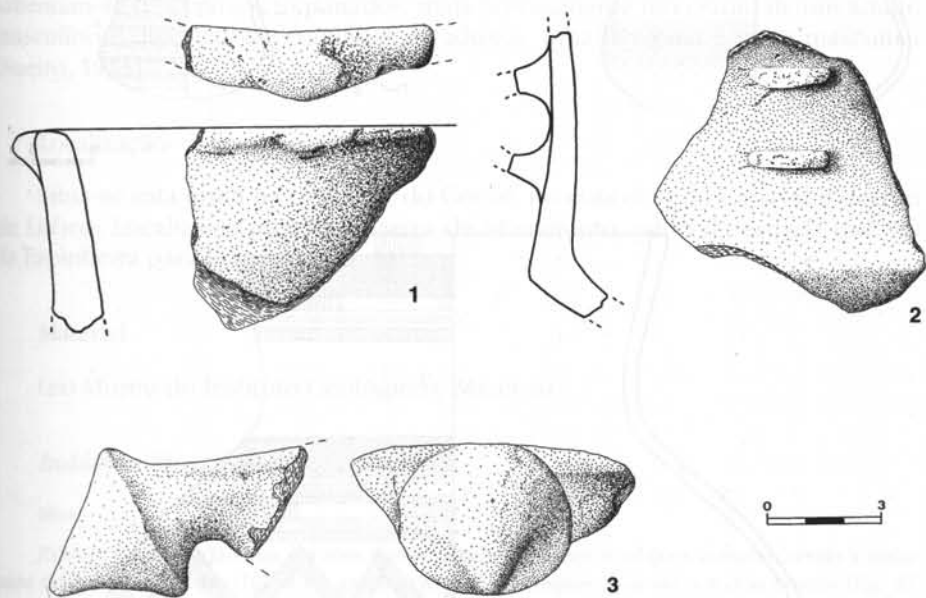


Fig. 44 – Gruta III do Furadouro. 1- vaso com pega no bordo; 2- vaso carenado com asa; 3- pega.

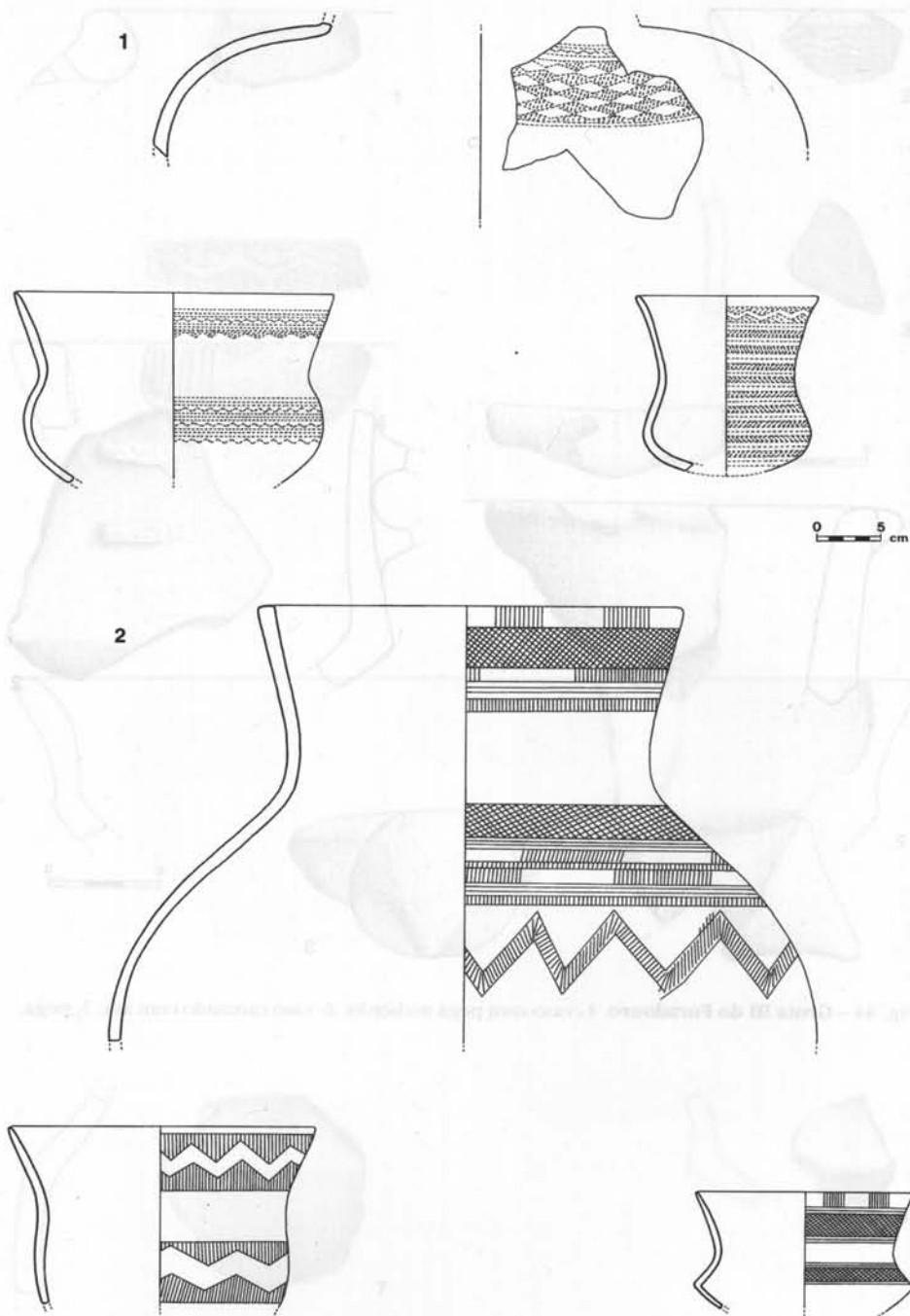


Fig. 45 – **Gruta III do Furadouro**. Esquema de conjunto de dois grupos de vasos campaniformes. 1 - grupo de vasos com decoração pontilhada; 2 - grupo de vasos com decoração incisa.

3. Gruta das Fontainhas

Foi escavada por Nery Delgado nos finais do século passado (por volta de 1880), embora haja recolhas de data posterior. Integra-se no tipo de grutas com o tecto desabado. Tem uma entrada larga e baixa, seguindo-se um corredor que dá acesso a uma sala estreita e alongada onde se encontraram materiais pré-históricos, esqueletos e crânios humanos. Uma outra sala maior tem uma abertura em toda a parte superior devida ao desabamento do tecto (Zbyszewski, 1963).

Nela foi também recolhida uma abundante fauna de animais de época quaternária como hienas, ursos, cavalos, lince, panteras, lobos, javalis, cabras, veados e aves (Harlé, 1911).

Do material antropológico de época pré-histórica encontrado na gruta salientam-se três crânios trepanados, mais precisamente um crânio de um adulto masculino e duas calotes cranianas de adultos, uma feminina e outra masculina (Sueiro, 1933).

Localização

Situa-se esta gruta na freguesia do Cercal, no concelho do Cadaval e distrito de Lisboa. Localiza-se no alto da serra de Montejunto, perto da estrada que vai da Espinheira para Pragança (fig. 1).

Material

(no Museu do Instituto Geológico e Mineiro)

Indústria lítica e óssea

Sílex

Existem dezanove lâminas em sílex apresentando tamanhos e secções variadas, sendo a maior parte delas não retocadas (fig. 46) e apenas cinco têm retoques num ou nos dois bordos (fig. 47, n.º 1 a 5) e uma outra tem ligeiros retoques nos dois bordos de uma das extremidades (fig. 46, n.º 2). O sílex é de tons brancos, castanhos e cinzentos.

Pedra polida

Foram encontrados doze machados (figs. 48, 49, 50 e fig. 51, n.º 1) e sete enxós (fig. 51, n.º 2 a 4; fig. 52). Os machados têm secções circulares, elípticas, quadrangulares e rectangulares. As enxós têm secções elípticas e rectangulares. Os machados são feitos em xisto anfibólico e as enxós são em xisto brando, excepto a enxó n.º 4 da fig. 52 que é em xisto anfibólico.

Osso

Foi recolhido um furador em osso (fig. 47, n.º 6).

Disco

Trata-se de um disco ou peça discoidal de forma circular, em calcário, cuja função se desconhece no entanto, pelo facto de apresentar as zonas centrais de ambas as faces com uma ligeira depressão. Poderia ter servido de almofariz com função ritual (fig. 47, n.º 7).

Cerâmica decorada

Impressa

Um vaso globular apresenta decoração impressa com motivos denominados de “falsa folha de acácia”. Esta decoração forma uma zona de espinhados de sentido horizontal junto ao bordo e uma zona de espinhados de sentido vertical que continua da zona do bordo (fig. 53, n.º 1). A pasta é castanha avermelhada, com o núcleo cinzento, e tem a superfície bem alisada.

Incisa

Outro vaso de forma globular tem decoração incisa formando faixas horizontais de axadrezados limitados por linhas igualmente horizontais (fig. 53, n.º 2). A pasta é cinzenta com manchas castanhas e tem a superfície bem alisada.

Campaniforme

Um fragmento de parede de vaso apresenta uma decoração incisa que forma triângulos preenchidos por linhas oblíquas (fig. 53, n.º 3). Tem a pasta castanha avermelhada com o núcleo cinzento.

Pontilhada

Um fragmento de parede de vaso tem uma decoração feita a pente de matriz quadrada formando linhas pontilhadas verticais, que a certa altura encurvam, e pequenas linhas curvas num grupo distinto das anteriores (fig. 54, n.º 5). A pasta é toda cinzenta.

Sulcada

Um vaso de forma hemisférica alta e de bordo espessado apresenta uma decoração feita por sulcos leves composta por linhas verticais junto ao bordo e linhas horizontais na zona da pança, quando aquelas terminam (fig. 55, n.º 1). A pasta é castanha e tem o núcleo cinzento.

Denteada

Um vaso com colo alto e bordo extravasado tem, sobre o bordo, uma decoração denteada feita com sulcos incisivos (fig. 56, n.º 1). A pasta é castanha e tem a superfície rugosa.

Cerâmica lisa

Vaso hemisférico

Um fragmento de um vaso hemisférico (fig. 53, n.º 4). Tem a pasta cinzenta escura.

Vasos hemisféricos altos

Um vaso apresenta uma parede alta e direita com o bordo reentrante (fig. 54, n.º 1). O outro tem uma parede alta mas reentrante com o bordo direito. Apresenta um furo na pança (fig. 55, n.º 2). O primeiro tem a pasta cinzenta e o segundo tem a pasta castanha com manchas cinzentas.

Vasos globulares

Dois vasos têm a forma globular. Um tem tendência para estreitar na pança e o outro, de tamanho maior, tende para alargar muito na pança (fig. 54, n.ºs 2 e 3). O primeiro tem a pasta cinzenta e o segundo tem a pasta castanha.

Vaso com colo

Apresenta um furo no colo e o bordo com espessamento (fig. 54, n.º 4). A pasta é castanha.

Vaso com pega

Trata-se de um fragmento de parede de um vaso que apresenta uma inflexão para o fundo, ao jeito de carena, mas de curvatura suave. A pega, horizontal e alongada, situa-se nesta curvatura (fig. 56, n.º 2). A pasta é cinzenta.

Vasos com asas

De um vaso só existe uma parede curva com uma pequena asa de fita (fig. 57, n.º 1). Do outro existe uma parte do fundo, aplanado, com parede que sobe, na pança, em curvatura suave, para depois reflectir para o colo. Nesta zona do colo situa-se uma asa de fita com uma depressão central no lado exterior (fig. 57, n.º 2). O primeiro tem a pasta castanha com núcleo cinzento e o segundo tem a pasta cinzenta escura.

Integração cultural e cronológica

A Gruta das Fontainhas revela vários níveis de ocupação. O primeiro é do Neolítico Antigo e está representado pelo vaso de cerâmica impressa (fig. 53, n.º 1) e por alguns instrumentos de pedra polida.

Vasos deste tipo apareceram em estações neolíticas, como na Lapa do Fumo (Serrão, Marques, 1971) e os machados de secção circular e elíptica e as enxós costumam aparecer associados em estações desta época.

Outra ocupação é do Calcolítico Médio e está representada pelo vaso com faixas axadrezadas (fig. 53, n.º 2). Este tipo de vasos e de decoração são comuns em povoados calcolíticos, como no vizinho castro de Pragança.

Do Calcolítico Final, da cultura campaniforme, é o fragmento de vaso com decoração incisa (fig. 53, n.º 3). O fragmento com decoração pontilhada (fig. 54, n.º 5) é difícil de integrar por falta de paralelos.

Alguns vasos deverão pertencer à Idade do Bronze, como o vaso com colo (fig. 54, n.º 4) e o vaso com decoração em sulcos leves (fig. 55, n.º 1).

Da Idade do Bronze Final são os vasos com decoração denteada no bordo (fig. 56, n.º 1), com pega na carena (fig. 56, n.º 2) e os vasos com asas (fig. 57).

Outro material, sem dados estratigráficos mais precisos, é difícil de integrar. As lâminas em sílex e o furador em osso tanto poderão ser neolíticos como calcolíticos. O mesmo se dirá de alguns machados e enxós.

Quanto à cerâmica lisa, alguma poderá ser calcolítica mas outra (como o grande vaso da fig. 55, n.º 2) poderá ser da Idade do Bronze.

Bibliografia

- HARLÉ, E. (1911) - *Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa. 8, p. 42-48.
- SERRÃO, E. da C.; MARQUES, G. (1971) - *Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra)*. In «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia». Coimbra. Junta Nacional de Educação, p. 121-142.
- SUEIRO, M. B. B. (1933) - *La trépanation crânienne chez l'homme néolithique des stations portugaises*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa. 19, p. 45-47, est. 4-9.
- ZBYSZEWSKI, G. (1963) - *A importância das grutas em pré-história*. «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa». Lisboa. S. 81ª, 1-6, p. 45-46.

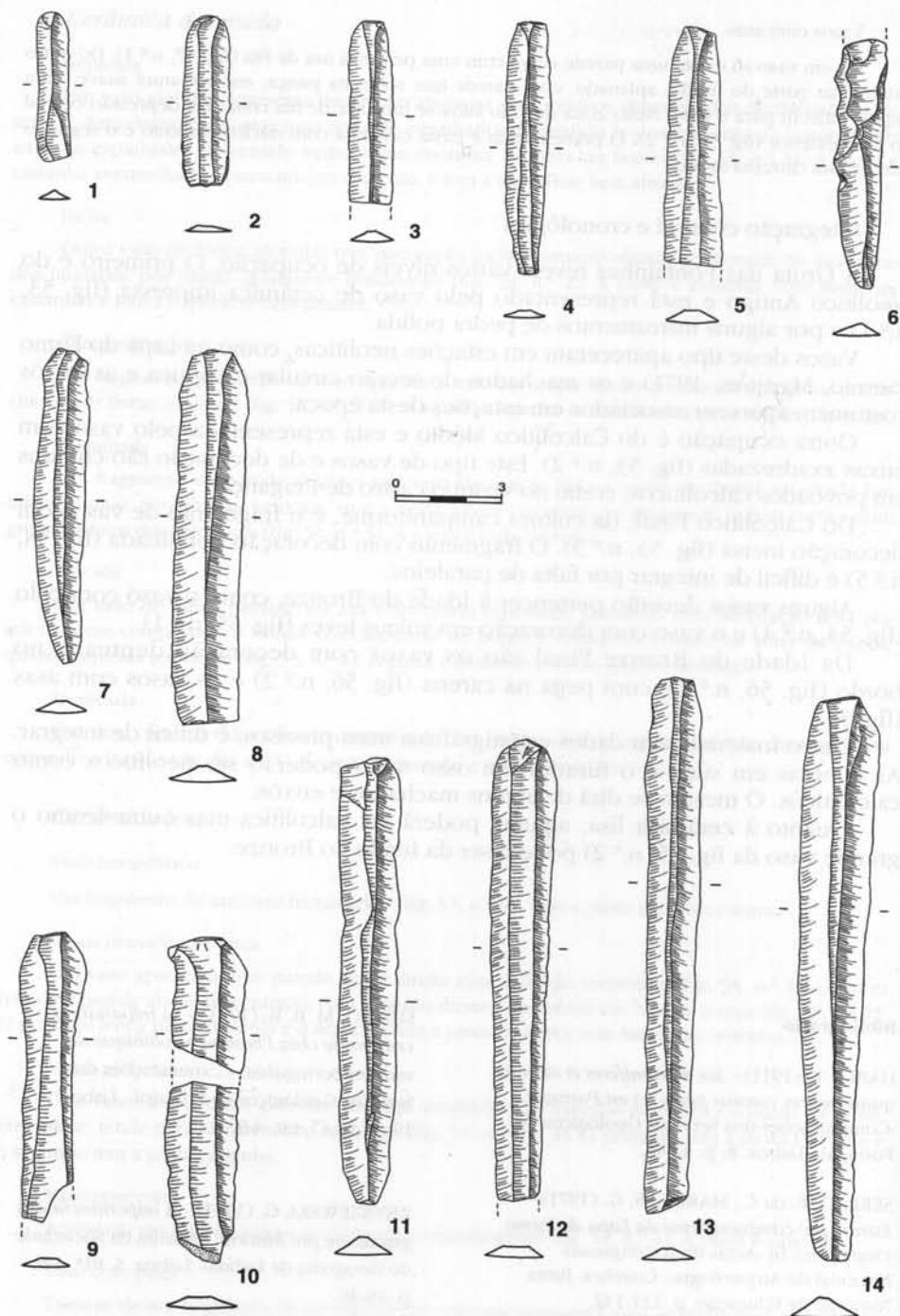


Fig. 46 – Gruta das Fontainhas. Lâminas em sílex.

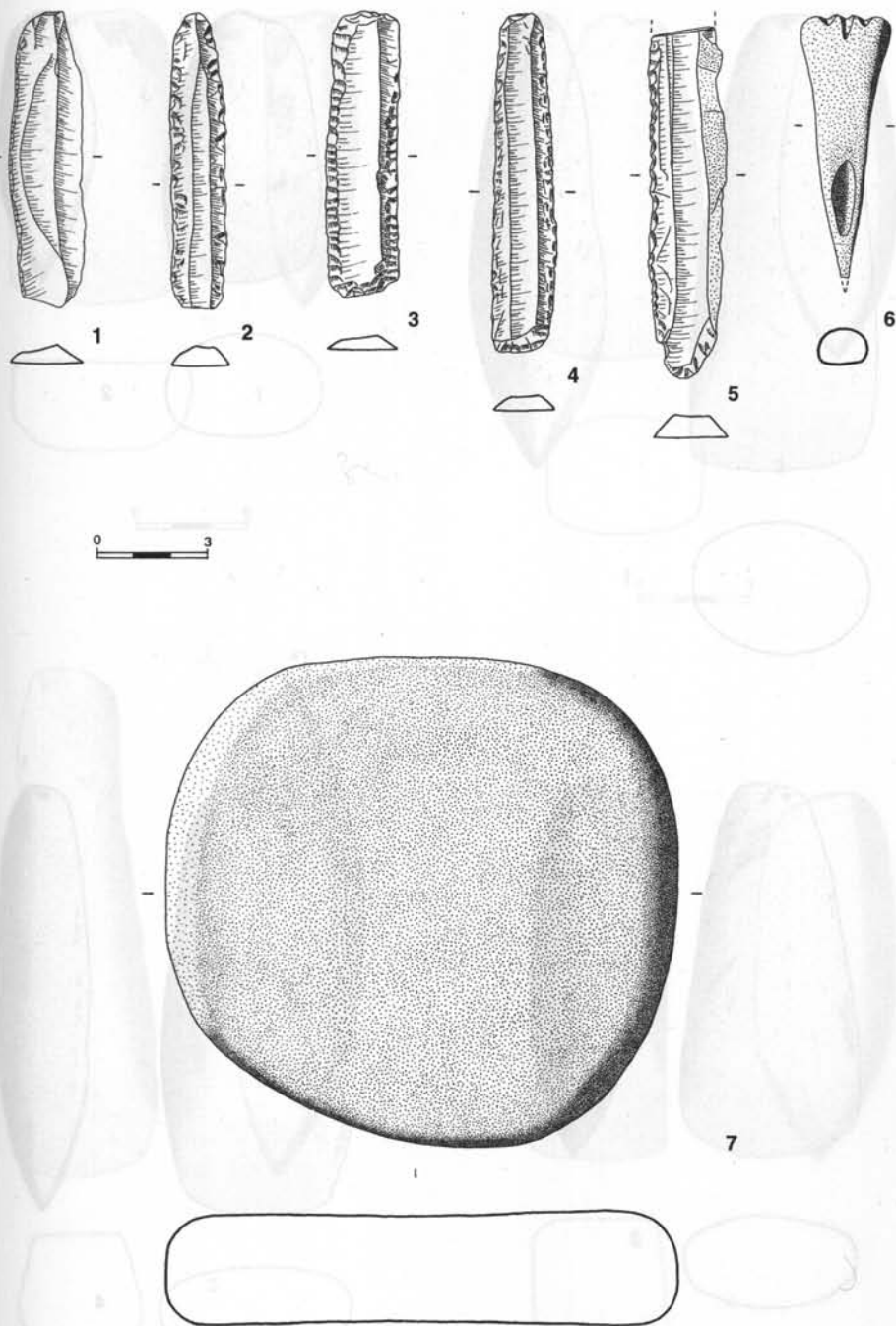


Fig. 47 – **Gruta das Fontainhas**. 1-5 - lâminas retocadas, em sílex; 6 - furador, em osso; 7 - placa discoidal, em calcário.

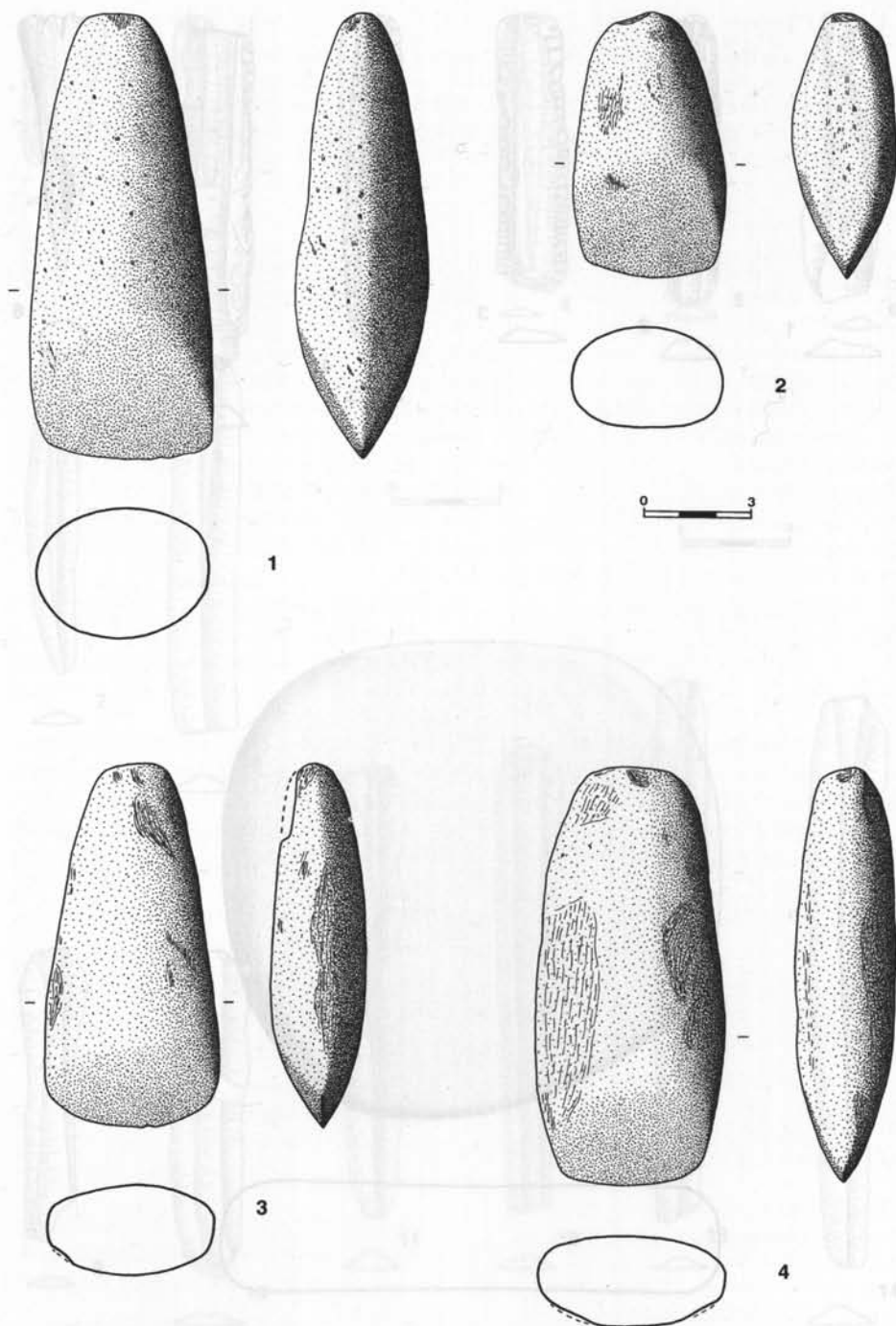


Fig. 48 – **Gruta das Fontainhas**. Machados de pedra polida.

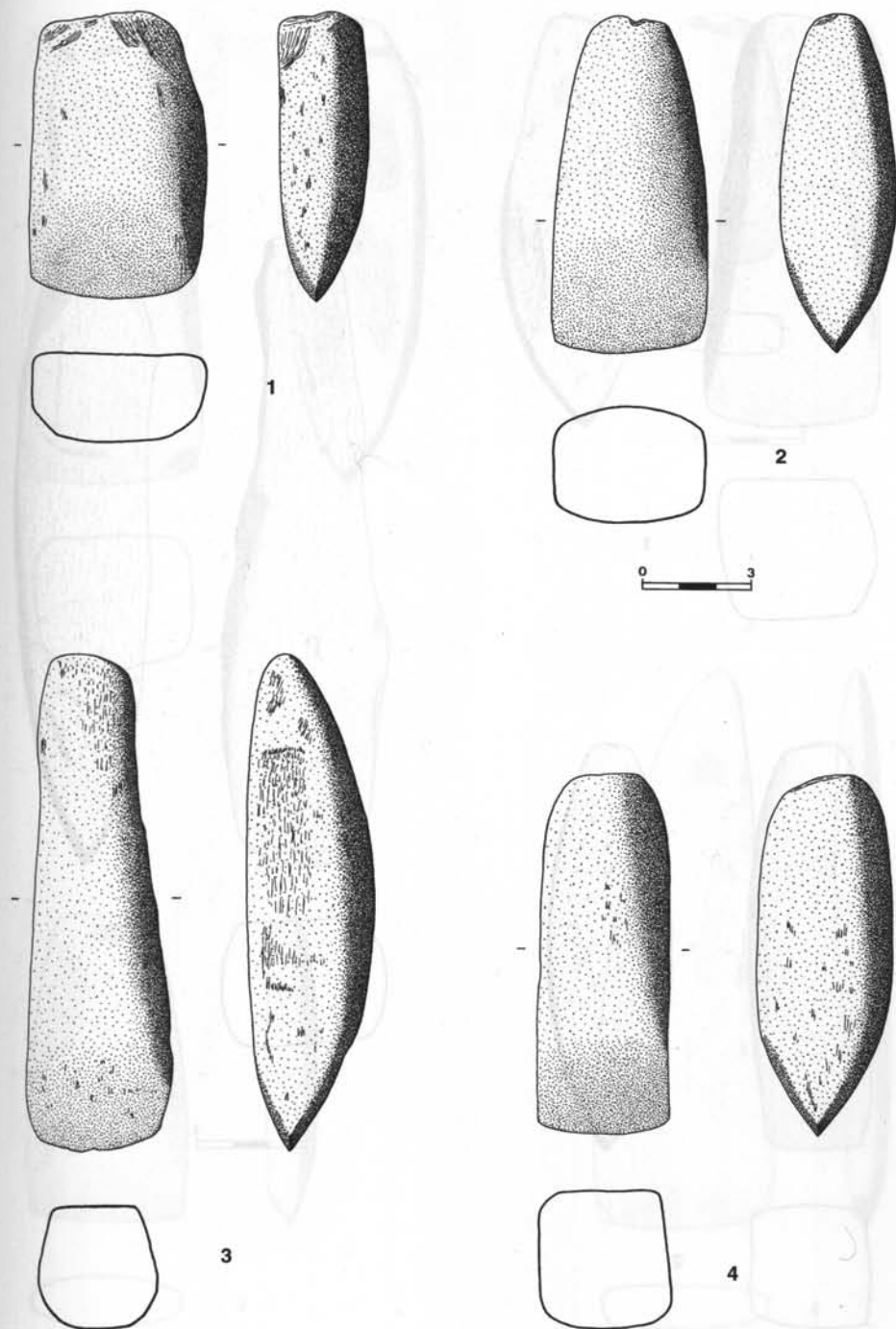


Fig. 49 – **Gruta das Fontainhas.** Machados de pedra polida.

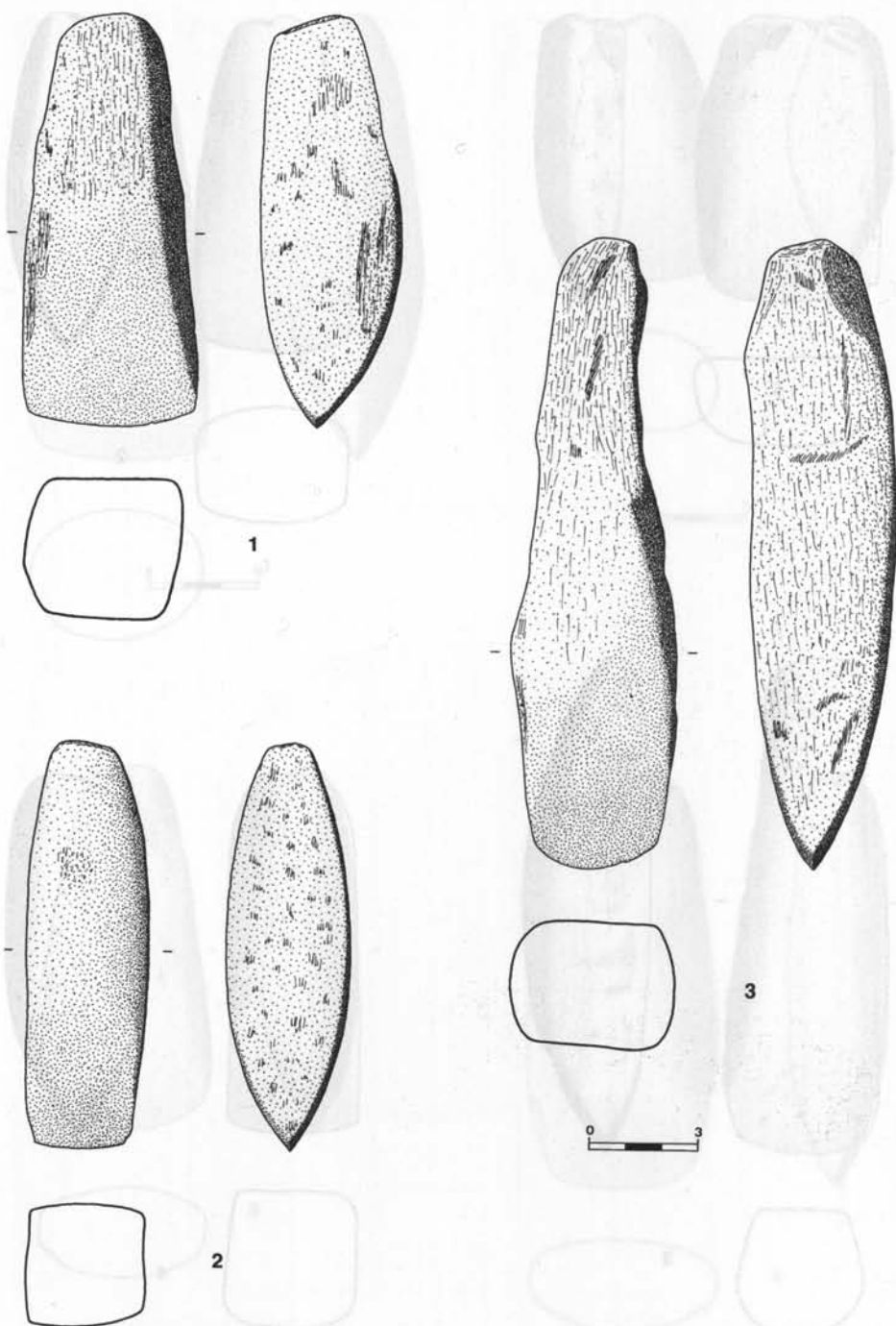


Fig. 50 – **Gruta das Fontainhas**. Machados de pedra polida.

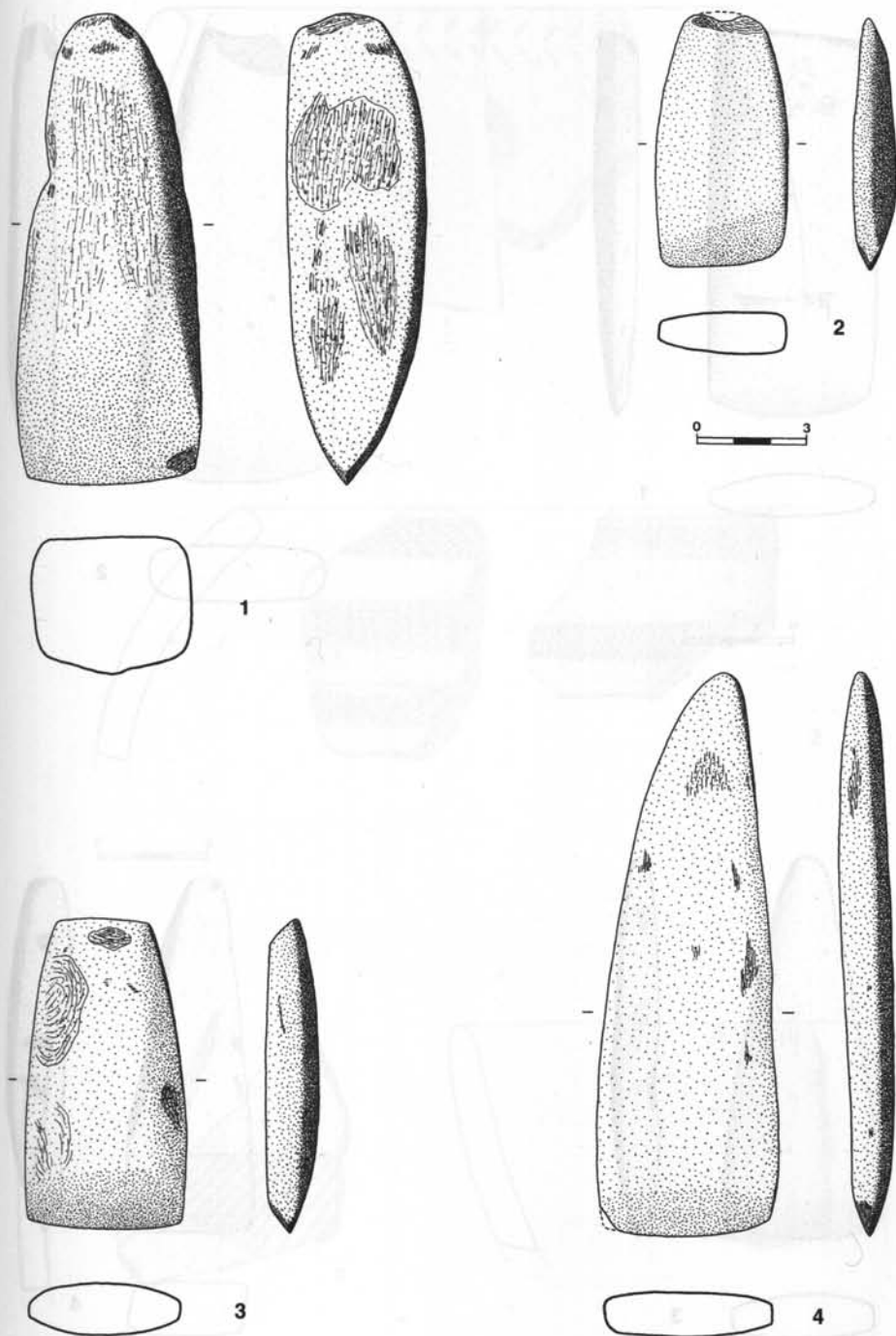


Fig. 51 - Gruta das Fontainhas. 1 - machado; 2-4 - enxós, em pedra polida.

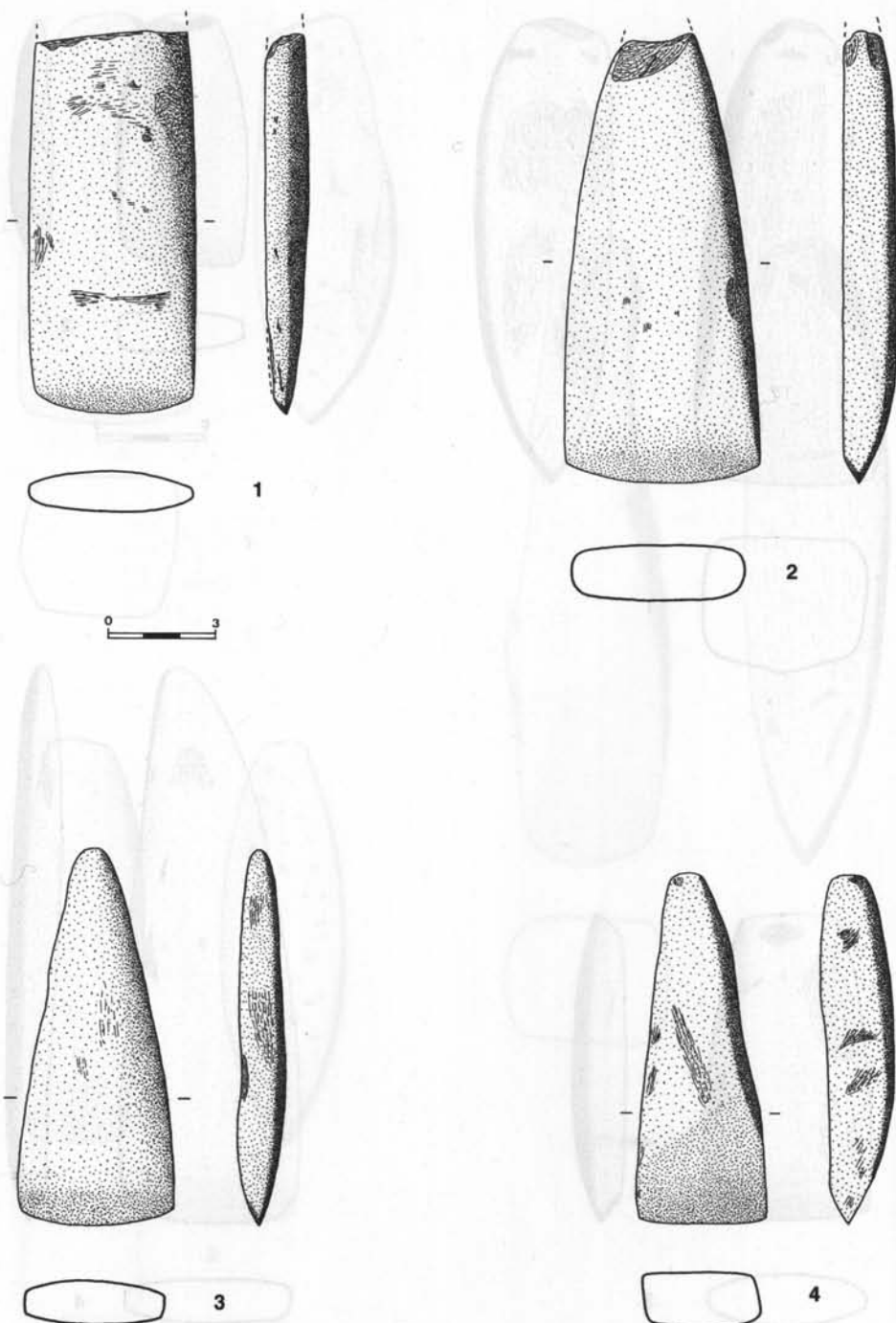


Fig. 52 – **Gruta das Fontainhas**. Enxós em pedra polida.

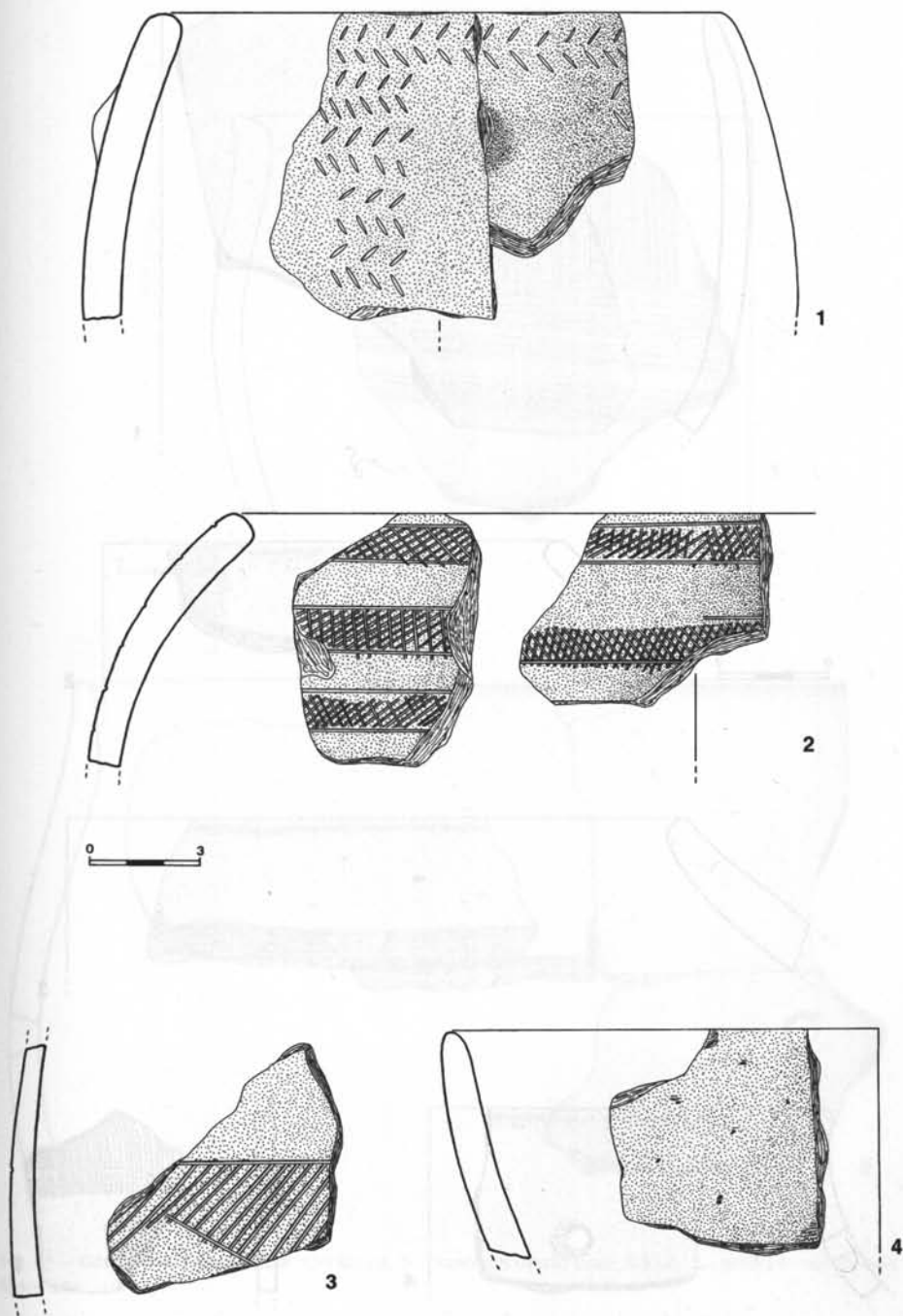


Fig. 53 - **Gruta das Fontainhas**. Cerâmica. 1 - vaso com decoração impressa; 2 - vaso com decoração incisa; 3 - fragmento campaniforme com decoração incisa; 4 - vaso hemisférico.

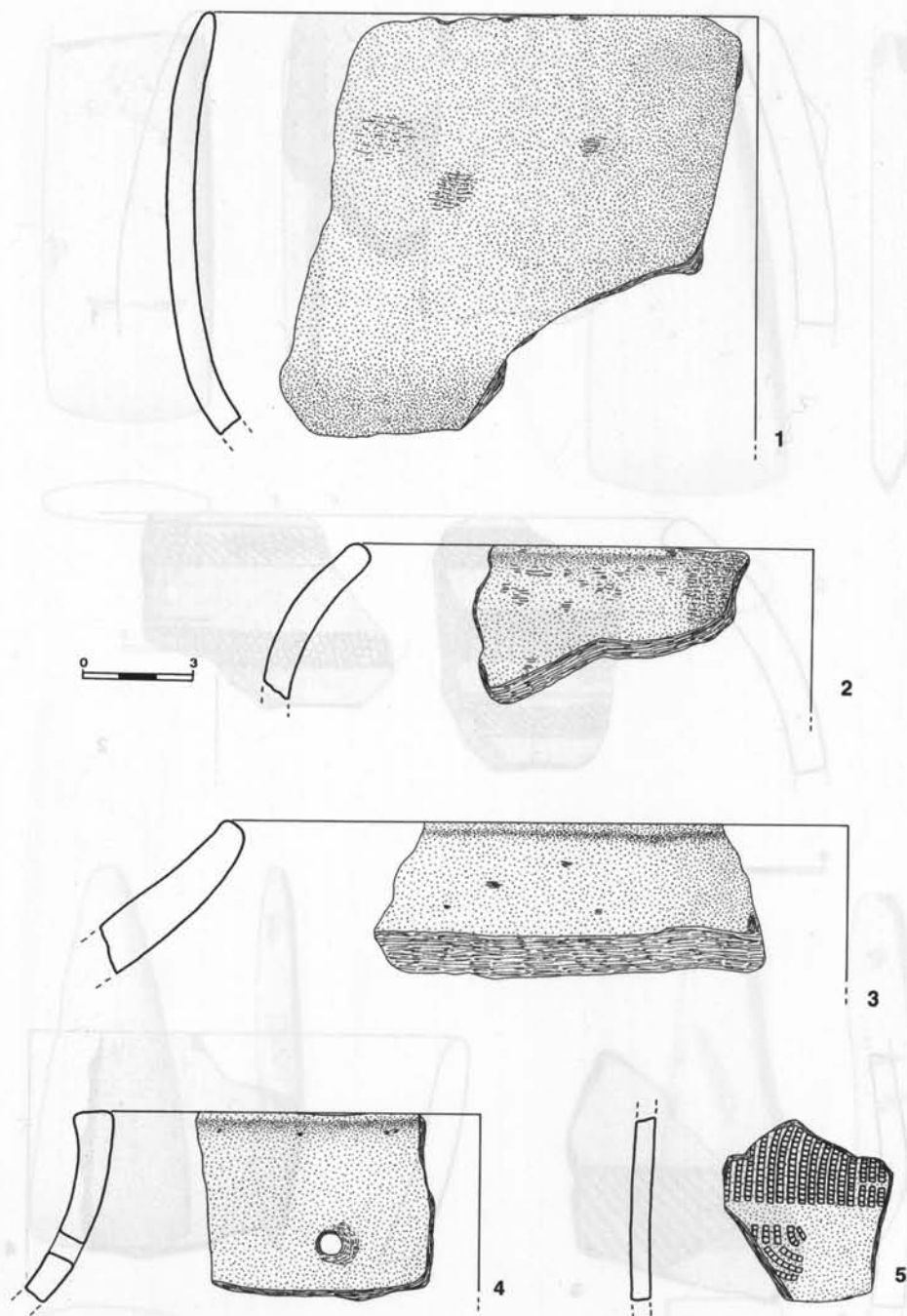


Fig. 54 – **Gruta das Fontainhas**. Cerâmica. 1 - vaso hemisférico alto; 2 e 3 - vasos globulares; 4 - vaso com colo; 5 - fragmento decorado.

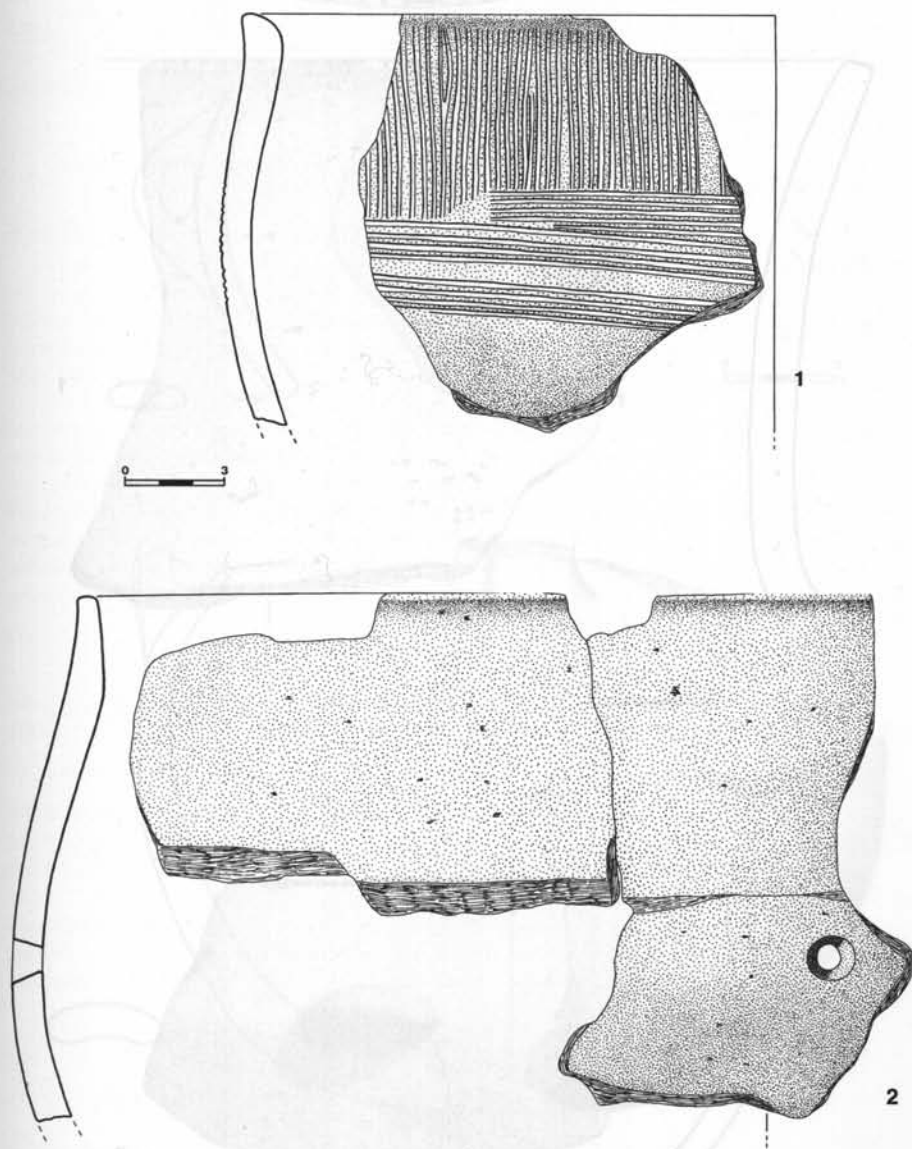


Fig. 55 – Gruta das Fontainhas. Cerâmica. 1 - vaso decorado com sulcos; 2 - grande vaso hemisférico alto.

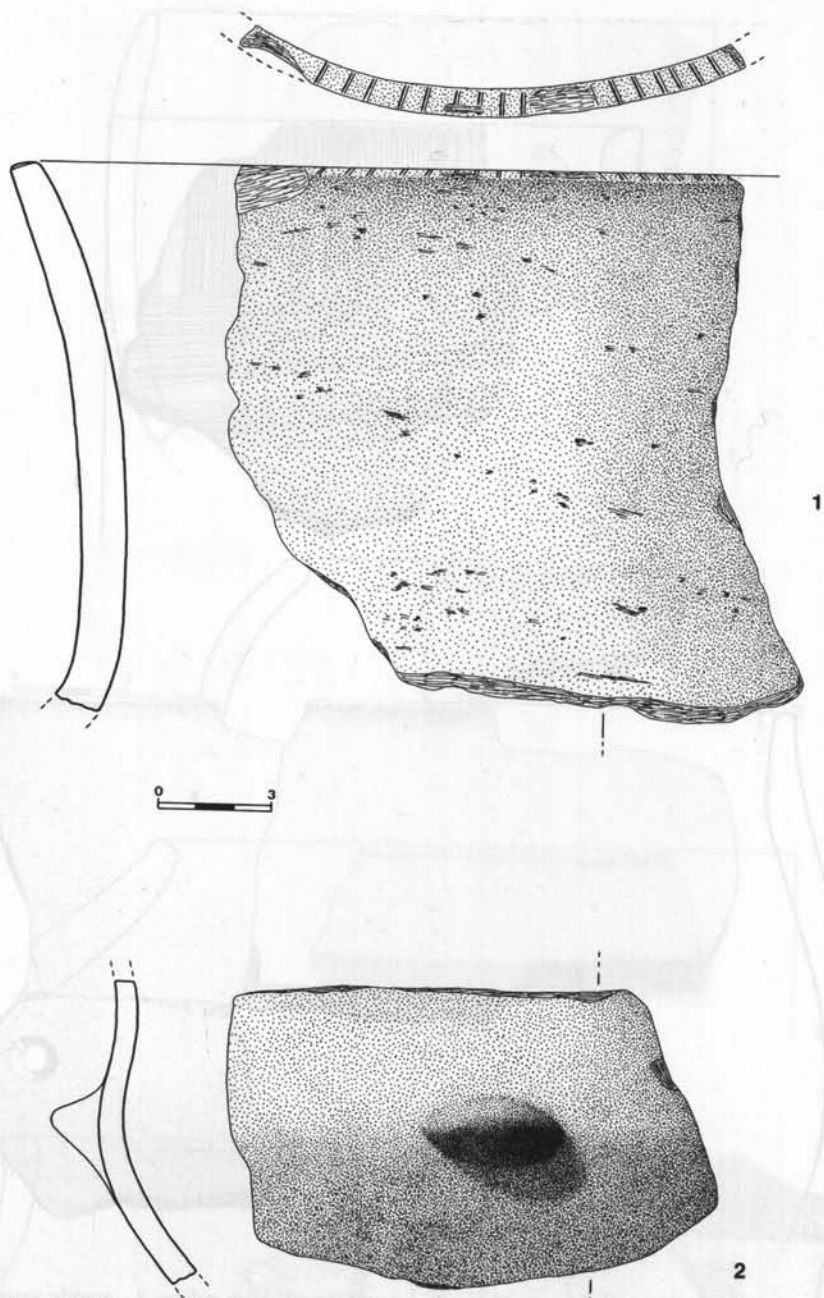


Fig. 56 – **Gruta das Fontainhas**. Cerâmica. 1 - vaso de colo com o bordo denteado; 2 - vaso com pega alongada.

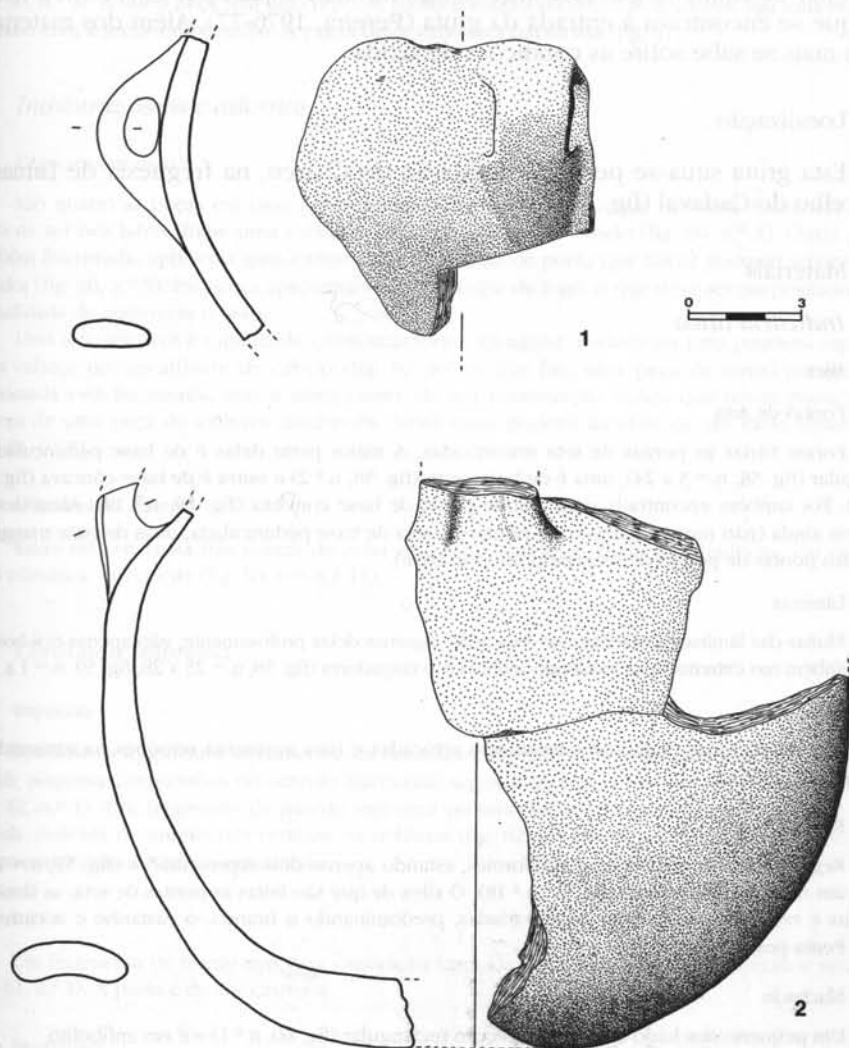


Fig. 57 - Gruta das Fontainhas. Cerâmica. Vasos com asas.

4. Gruta da Fórnea

Foi uma das grutas escavadas por Leonel Trindade, na década de 30, e os materiais então recolhidos foram adquiridos, em 1941, pelo actual Museu Nacional de Arqueologia. Este arqueólogo informou que apenas recolheu material que se encontrava à entrada da gruta (Pereira, 1976-77). Além dos materiais, nada mais se sabe sobre as condições de jazida.

Localização

Esta gruta situa-se perto da povoação do Charco, na freguesia de Lamas e concelho do Cadaval (fig. 1).

Materiais

Indústria lítica

Sílex

Pontas de seta

Foram várias as pontas de seta encontradas. A maior parte delas é de base pedunculada e triangular (fig. 58, n.º 3 a 24), uma é de base recta (fig. 58, n.º 2) e outra é de base côncava (fig. 58, n.º 1). Foi também encontrada uma grande ponta de base convexa (fig. 59, n.º 19). Além destas, existem ainda (não representadas) oito pontas de seta de base pedunculada, duas de base triangular e quatro pontas de pontas de seta (partidas, sem base).

Lâminas

Muitas das lâminas apresentam-se retocadas, algumas delas profusamente, não apenas nos bordos mas também nas extremidades, podendo servir como raspadores (fig. 58, n.º 25 a 28; fig. 59, n.º 1 a 15).

Lamelas

Existem algumas pequenas lamelas não retocadas e uma apresenta retoques na extremidade (fig. 59, n.º 20 a 22).

Raspadores

Registam-se três raspadores unguiformes, estando apenas dois representados (fig. 59, n.º 16 e 17) e um raspador sobre lasca (fig. 59, n.º 18). O sílex de que são feitas as pontas de seta, as lâminas, lamelas e raspadores apresenta cores variadas, predominando o branco, o castanho e o cinzento.

Pedra polida

Machado

Um pequeno machado apresenta a secção rectangular (fig. 60, n.º 1) e é em anfibolito.

Enxó

Uma enxó tem a secção elíptica (fig. 60, n.º 2) e é em xisto, rocha branda. Existe também um fragmento de talão de um instrumento de pedra polida de forma indefinida, em anfibolito.

Percutores e mó

Foram encontrados dois percutores discoidais, em quartzito, e metade de um movente de mó, em granito (não representados).

Objectos de culto

Ídolos em pedra

Duas peças em arenito poderiam ser colocadas na categoria dos ídolos. Uma peça é quase cilíndrica e apresenta a base plana e a extremidade oposta arredondada. A secção é subcircular (fig. 60, n.º 3). A outra peça tem um corpo de forma e secção rectangular, à qual se liga uma espécie de cabo com a secção subcircular. A ponta deste cabo está fracturada (fig. 61).

Indústria óssea e adornos

Objectos em osso

São quatro as peças em osso apresentadas. Uma devia ser circular mas está fracturada. Pelo facto de ser oca talvez fosse uma cabeça postiça de alfinete de cabelo (fig. 60, n.º 4). Outra peça, também fracturada, apresenta uma extremidade em forma de ponta que talvez pudesse servir como furador (fig. 60, n.º 5). Esta peça apresenta-se com vestígio de fogo, o que deve ser propositado com a finalidade de endurecer o osso.

Uma terceira peça é espalhada e tem uma forma triangular. Poderia ser uma pequena espátula ou a cabeça de um alfinete de cabelo (fig. 60, n.º 6). Por fim, uma peça de forma triangular e espalhada está fracturada, mas o alargamento da sua continuação indica que talvez possa ser a cabeça de uma peça de maiores dimensões. Neste caso, poderia tratar-se de um ídolo almeriense (fig. 60, n.º 7).

Objectos de adorno

Estão referenciadas três contas de colar discoidais, em xisto, duas subcilíndricas, em osso, e uma cilíndrica, em calcite (fig. 60, n.ºs 8 a 13).

Cerâmica impressa

Impressa

São dois os fragmentos cerâmicos com decoração impressa. Um fragmento de bordo tem uma fila de pequenas impressões no sentido horizontal seguida de outras filas de impressões oblíquas (fig. 62, n.º 1). Um fragmento de parede tem uma protuberância saliente, que deve ser uma pega partida, rodeada de impressões verticais ou oblíquas (fig. 62, n.º 2). As pastas têm superfícies castanho avermelhadas e núcleos cinzentos.

Incisa

Um fragmento de bordo tem uma decoração formada por linhas incisais horizontais e verticais (fig. 62, n.º 3). A pasta é de cor cinzenta.

Pontilhada

Um fragmento de um pequeno vaso de forma esférica apresenta-se decorado a pente com linhas horizontais feitas a pontilhado. A matriz do pente tem dentes rectangulares (fig. 62, n.º 4). A pasta tem superfícies castanhas e núcleo cinzento.

Pega e cerâmica mamilonada

Uma pega de um vaso tem uma perfuração que a atravessa no sentido horizontal (fig. 62, n.º 5). A pasta tem superfícies castanhas e núcleo cinzento. Três bordos de vasos não decorados

apresentam mamilos de forma semiesférica logo abaixo do bordo (fig. 62, n.º 6 a 8). As pastas têm superfícies castanhas. O número sete tem ainda o núcleo e a superfície interna de cor cinzenta escura.

Fundo

Trata-se de um fragmento de fundo de vaso que, pela sua orientação, corresponde a um vaso de fundo plano (fig. 62, n.º 9). A pasta é castanha, sendo a superfície interior cinzenta.

Taças e vasos hemisféricos

Existem algumas pequenas taças (fig. 63, n.º 1 a 5; fig. 64, n.º 5) e vasos hemisféricos (fig. 63, n.º 6 a 11 e 13). As pastas têm cor castanha e castanha avermelhada, tendo alguns os núcleos cinzentos.

Vasos hemisféricos altos

Outro grupo de vasos tem a forma geral hemisférica mas apresentam maior altura. A zona da parede junto ao bordo pode ser direita ou reentrante. Por vezes o bordo tem um ligeiro espessamento (fig. 63, n.º 12, 14 a 16; fig. 64, n.º 1 a 4). As pastas têm, em geral, cor castanha e castanha avermelhada e alguns vasos têm os núcleos e superfícies internas cinzentas.

Vaso de bordo reentrante

Um vaso de forma geral hemisférica apresenta o bordo muito reentrante. Poderia também ser incluído nos vasos hemisféricos altos mas a reentrância do bordo quase aproxima esta forma das taças carenadas (fig. 65, n.º 1). A pasta tem cor cinzenta e a superfície interna tem, ainda, manchas castanhas.

Vasos de bordo extravasado

Outro grupo de vasos tem os bordos inclinados ou muito inclinados para fora, extravasando o próprio vaso (fig. 65, n.º 2 a 6). As pastas têm superfícies que vão do castanho avermelhado ao castanho com manchas cinzentas. Alguns núcleos e superfícies internas são cinzentas.

Vasos globulares

São vasos geralmente altos a largos com o bordo inclinado para dentro. Alguns vasos apresentam espessamento no bordo (fig. 65, n.º 7 e 8; fig. 66, n.º 1 a 13). Um deles tem um furo logo abaixo do bordo (fig. 66, n.º 1). No entanto, devido ao pequeno tamanho de alguns fragmentos de bordo, é possível que uns poucos pertençam ou a vasos hemisféricos altos ou, até, a taças carenadas. As pastas, em geral, têm cor castanha e castanha avermelhada. Alguns vasos, porém, são todos cinzentos, assim como alguns núcleos.

Taças carenadas

Estas distinguem-se pela carena alta, perto do bordo. Por vezes alguns bordos têm um ligeiro espessamento. A maior parte das taças são de pequena dimensão (fig. 67) mas duas delas apresentam maior tamanho (fig. 68). Uma das carenas está decorada com pequenas incisões verticais (fig. 67, n.º 13).

Tal como os restantes vasos, as taças carenadas têm, em geral, pastas de cor castanha e castanha avermelhada, sendo duas cinzentas, e em quase todas os núcleos são cinzentos. Destacamos as duas grandes taças da figura 68. A n.º 1 tem o núcleo cinzento e as superfícies castanhas, tendo manchas cinzentas na superfície externa. A n.º 2 é toda castanha. As superfícies estão bem alisadas.

Em relação à taça carenada da figura 68, n.º 1, cabe esclarecer que três fragmentos numerados que se encontravam junto com o material do castro de Pragança foram considerados como pertencentes a esta taça e à gruta da Fôrnea. Um deles colava com outro fragmento desta gruta.

Vasos de bordo denteado

São vasos que têm como principal característica o denteado feito no lado externo do lábio do bordo. O denteado pode apresentar diversas formas, mais fino ou mais largo, mais vertical ou mais inclinado. Os vasos são geralmente de formas abertas, com as paredes inclinadas para fora (figs. 69 e 70). Em dois casos o denteado não está no bordo mas num cordão em relevo que se encontra abaixo do bordo (fig. 70, n.º 7 e 8). As pastas são também de cor castanha e castanha avermelhada sendo uma ou outra cinzenta. Alguns núcleos são cinzentos.

Acerca do vaso da figura 70, n.º 3, importa dizer que um fragmento numerado da gruta do Furdouro da Rocha Forte colava com fragmentos deste vaso da gruta da Fôrnea.

Estas misturas poderão dever-se ao facto de Leonel Trindade ter recolhido material nestas grutas e no castro de Pragança, na mesma época. Ou foram ocasionadas, posteriormente, no Museu Nacional de Arqueologia, que adquiriu todo este material em 1941.

Pote

Um fragmento de pote de grandes dimensões e que apresenta o bordo revirado (fig. 71, n.º 1). A pasta é castanha, tem grandes elementos não plásticos e a superfície apresenta aspecto grosseiro.

Vasos com decoração axadrezada

Um fragmento de um vaso tem uma decoração constituída por um sulco horizontal e incisões oblíquas formando axadrezado (fig. 71, n.º 2). A pasta tem superfícies de cor castanha e o núcleo cinzento. Está bem alisada. Outro fragmento tem dois cordões em relevo horizontais e, entre eles, uma decoração axadrezada feita com traços oblíquos muito leves, brunidos (fig. 71, n.º 3). A pasta tem cor cinzenta e está bem alisada.

Análise das pastas

Excluindo a cerâmica decorada, que apresenta variações significativas quanto às pastas, e o pote da figura 71, todos os restantes vasos de cerâmica lisa, as taças carenadas e os vasos com bordo denteado apresentam uma grande uniformidade de fabrico que pode ser verificada nas cores, na cozedura, na composição da pasta e nos acabamentos. Esta uniformidade comprova a mesma época de fabrico para estes vasos lisos, taças carenadas e vasos com bordo denteado.

Integração cultural e cronológica

Relativamente ao material em sílex, constatamos que existe uma predominância de pontas de seta de base pedunculada e triangular. Uma é de base recta e outra é de base ligeiramente côncava.

Sendo as pontas de seta de base pedunculada e de base triangular consideradas mais antigas em relação às de base côncava, temos aqui material cronologicamente atribuível ao Neolítico Final e directamente relacionado com os vasos de bordo denteado, que são da mesma época. No entanto, a ponta de seta de base ligeiramente côncava poderá igualmente ser do Neolítico Final, pois deve tratar-se de uma peça mais evolucionada integrada num contexto tradicionalmente antigo. Existem exemplos desta associação de material mais antigo com material mais evoluído, como no *tumulus* do monumento da Praia das Maças (Gonçalves, 1982-83) ou no povoado de Vale de Lobos (Spindler, 1978).

As lamelas e as lâminas em sílex também se poderiam integrar no Neolítico Final. Os raspadores unguiformes apareceram, noutras estações, associados quer a material do Neolítico Antigo evolucionado (Fonte de Sesimbra) (Soares, Silva,

Barros, 1979) quer a material do Neolítico Final (Penha Verde, Sintra) (Roche, Ferreira, 1975). No caso da Gruta da Fórnea, estes raspadores devem ser do Neolítico Final.

O machado e a enxó deverão também incluir-se nesta época, embora o machado, com a secção rectangular que tem, pareça mais evoluído. Em estações do Neolítico Final existe habitualmente esta associação de enxós com a secção elíptica a machados de secção elíptica ou quadrangular, como na gruta do Furadouro da Rocha Forte, perto da gruta da Fórnea.

Nos objectos em osso, destaca-se a peça que se assemelha à cabeça de um ídolo almeriense (fig. 60, n.º 7). Se o fosse realmente, também estaria integrada neste contexto do Neolítico Final. Noutras estações com vasos de bordo denteado aparecem igualmente ídolos almerienses, como na Lapa do Bugio (Cardoso, 1990).

Quanto à cabeça postiça de alfinete de cabelo (fig. 60, n.º 4), trata-se de uma peça que também ocorre em estações do Neolítico Final embora, geralmente, este tipo de peças seja decorado com sulcos horizontais.

Os objectos de tipo idólfome, em grés e em calcário, aparecem igualmente em contextos do Neolítico Final. A peça de base plana e topo arredondado (fig. 60, n.º 3) assemelha-se a um ídolo bétilo, embora esta forma não seja muito vulgar. Proveniente do monumento da Praia das Maças (mas sem localização precisa) veio um ídolo bétilo também de base plana mas apresentando o topo mais aguçado (Leisner, Zbyszewski, Ferreira, 1969).

A peça com cabo (fig. 61) tem paralelo com uma peça da gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), mas esta é em calcário e está decorada com sulcos horizontais na extremidade do seu corpo (Spindler, 1981). Existem noutras estações peças idólfomes, sem cabo, mas com formato triangular ou seja, estreitando para uma das extremidades. Porém, quase todas as secções destes ídolos é semicircular ou subcircular, com aplanamento longitudinal. Só uma peça deste tipo (do Cabeço da Arruda 1) tem a parte mais larga de secção rectangular e a parte mais estreita de secção circular.

Estas peças, sem cabo, e a peça com cabo da Gruta da Fórnea devem poder incluir-se no mesmo tipo de ídolos. Todos eles se poderiam considerar ídolos bétilos, segundo a denominação espanhola (Almagro Gorbea, 1968). Aparecem, por exemplo, nos dólmenes de Monte Abraão e Casainhos, nas grutas artificiais de Alapraia 4, Quinta do Anjo, Cabeço da Arruda 1 (Leisner, 1965) e no monumento da Samarra. Nos casos da Cova da Moura e Cabeço da Arruda 1, apareceu cerâmica de bordos denteados. Nos casos de Monte Abraão, Casainhos e Samarra, apareceram também ídolos almerienses. Estas associações de ídolos bétilos de formato triangular com ídolos almerienses e vasos de bordo denteado indica a sua contemporaneidade e enquadramento no Neolítico Final.

No entanto, deve observar-se que, se uns ídolos não apresentam decoração, outros são decorados e até com exuberância. E ainda que, se uns ídolos aparecem em contextos do Neolítico Final, outros aparecem em contextos mais evoluídos, já do Calcolítico Inicial, o que pressupõe uma perduração no tempo deste tipo de peças de carácter mágico-religioso.

Quanto à cerâmica, certamente que a maioria dos vasos não decorados (vasos com mamilos, taças, vasos hemisféricos, hemisféricos altos, os de bordo extravasado, globulares e taças carenadas) se incluem no Neolítico Final. Mesmo o vaso de fundo plano se poderá integrar nesta época pois, embora não seja

uma forma vulgar, há casos da sua ocorrência, como na vizinha gruta do Furadouro da Rocha Forte.

Os dois fragmentos de cerâmica impressa (fig. 62, n.ºs 1 e 2) poderiam representar uma componente mais antiga da ocupação desta gruta. Os vasos com o bordo denteado são do Neolítico Final. Os casos de associação da cerâmica impressa com os vasos de bordo denteado, como na camada B do monumento 1 de Olelas (Sintra), podem resultar de misturas (Serrão, Vicente, 1958).

Mais difícil de atribuição cronológica é o fragmento do pequeno vaso decorado com linhas pontilhadas (fig. 62, n.º 4). O uso desta técnica de pontilhado feito com pente poderia indicar o período campaniforme, do Calcolítico Final. No entanto, quer a forma do vaso quer o padrão decorativo não são comuns a esta época. Contudo, ao campaniforme, de estilo inciso, pertence o fragmento de bordo decorado com linhas incisais (fig. 62, n.º 3).

Do Calcolítico Médio é o fragmento decorado com sulcos formando axadrezado (fig. 71, n.º 2) e da Idade do Ferro é o fragmento decorado com traços brunidos formando também axadrezado (fig. 71, n.º 3). O bordo de pote (fig. 71, n.º 1) deve ser igualmente da Idade do Ferro.

Porém, não deixamos de achar estranho que, entre todo o material do Neolítico Final que foi recolhido nesta gruta e que é dominante, existam apenas um fragmento do Calcolítico Médio (que, aliás, não é vulgar aparecer em grutas), um fragmento de campaniforme inciso, do Calcolítico Final, e um fragmento decorado da Idade do Ferro (mais um fragmento de pote). Ou seja, um fragmento de cada época, mais parece ser produto de misturas com material do castro de Pragança, que Leonel Trindade também escavou na mesma altura. Se assim fosse, a ocupação desta gruta pertenceria unicamente ao Neolítico Final, entre cerca de 3000 e 2500 a.C.

Bibliografia

ALMAGRO, G. M. J. (1968) - *Los "Ídolos Betilos" del Bronce I Hispano: sus tipos y cronología*. «Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid». Madrid. 25.

CARDOSO, J. L. (1990) - *A Lapa do Bugio (Sesimbra)*. «Sesimbra Cultural». Sesimbra. n.º 0, p. 15-34.

GONÇALVES, J. L. M. (1982-83) - *Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra)*, *Notícia preliminar*. «Sintra». Sintra. 1-2:1, p. 29-57.

LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*. Berlin:

Walter de Gruyter. (Madrider Forschungen; 1-3).

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. est. G, n.º 83. (Memória; n.º 16).

PEREIRA, J. P. (1976-77) - *A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto)*. «Setúbal Arqueológica». Setúbal. 2-3, p. 86.

ROCHE, J.; FERREIRA, O. da V. (1975) - *La station de Penha Verde (Sintra)*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». Lisboa. 59, p. 253-263.

SOARES, J.; SILVA, C. T. da; BARROS, L. (1979) - *Identificação de uma jazida neolítica*

em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra).

•Setúbal Arqueológica. Setúbal. 5,
p. 47-64.

SPINDLER, K. (1978) - *Eine Siedlung des
Paredo-typus von Vale de Lobos in Portugal.*

•Madrider Mitteilungen. Heidelberg. 19,
p. 11-22.

SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura.*

•Madrider Beiträge. Mainz am Rhein, 7,
fig. 10, n.º 99.

SERRÃO, E. da C.; VICENTE, E. P. (1958) -

*O castro eneolítico de Olelas, Primeiras
escavações.* •Comunicações dos Serviços
Geológicos de Portugal. Lisboa, 39, p. 87-125.

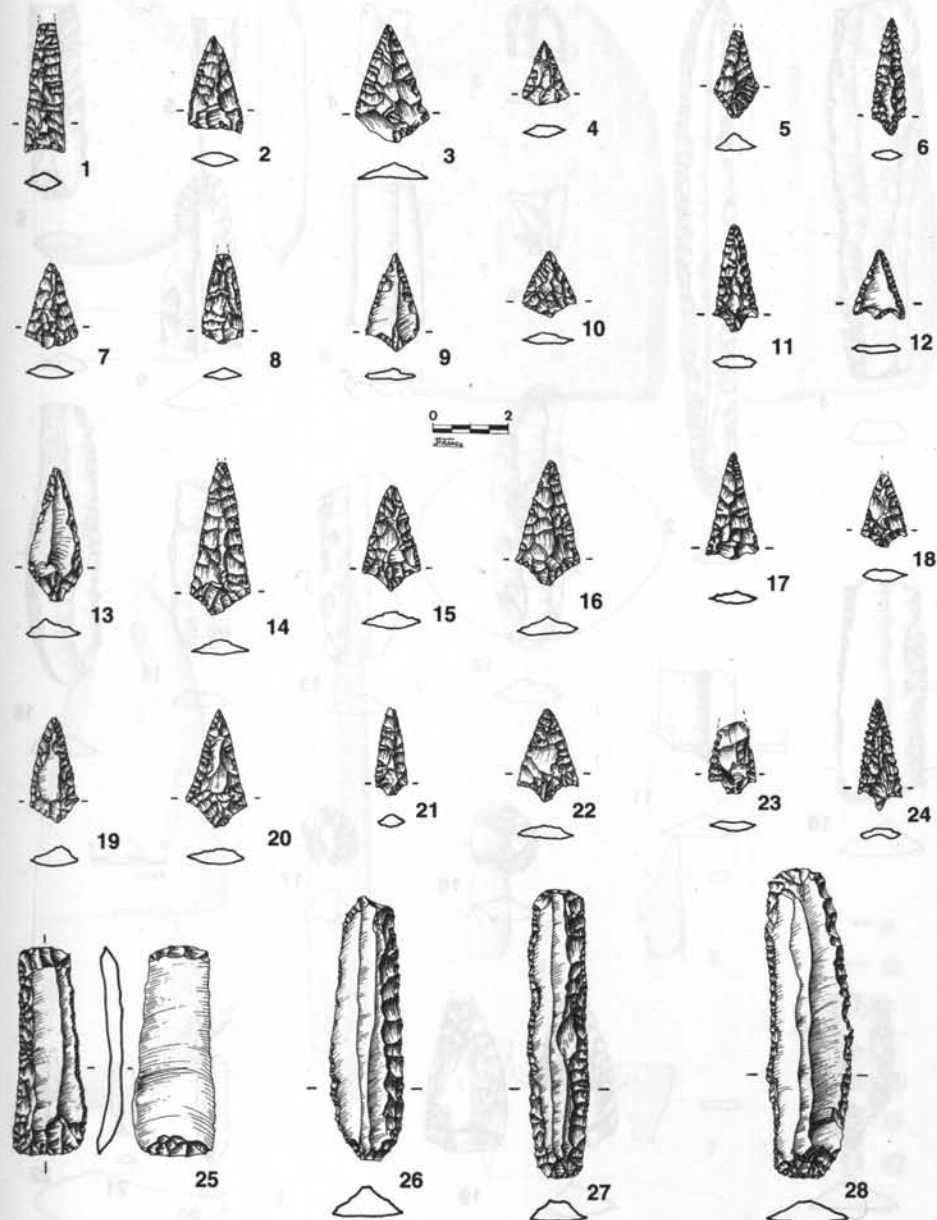


Fig. 58 – Gruta da Fórnea. 1-24 - Pontas de seta; 25-28 - lâminas, em sílex.

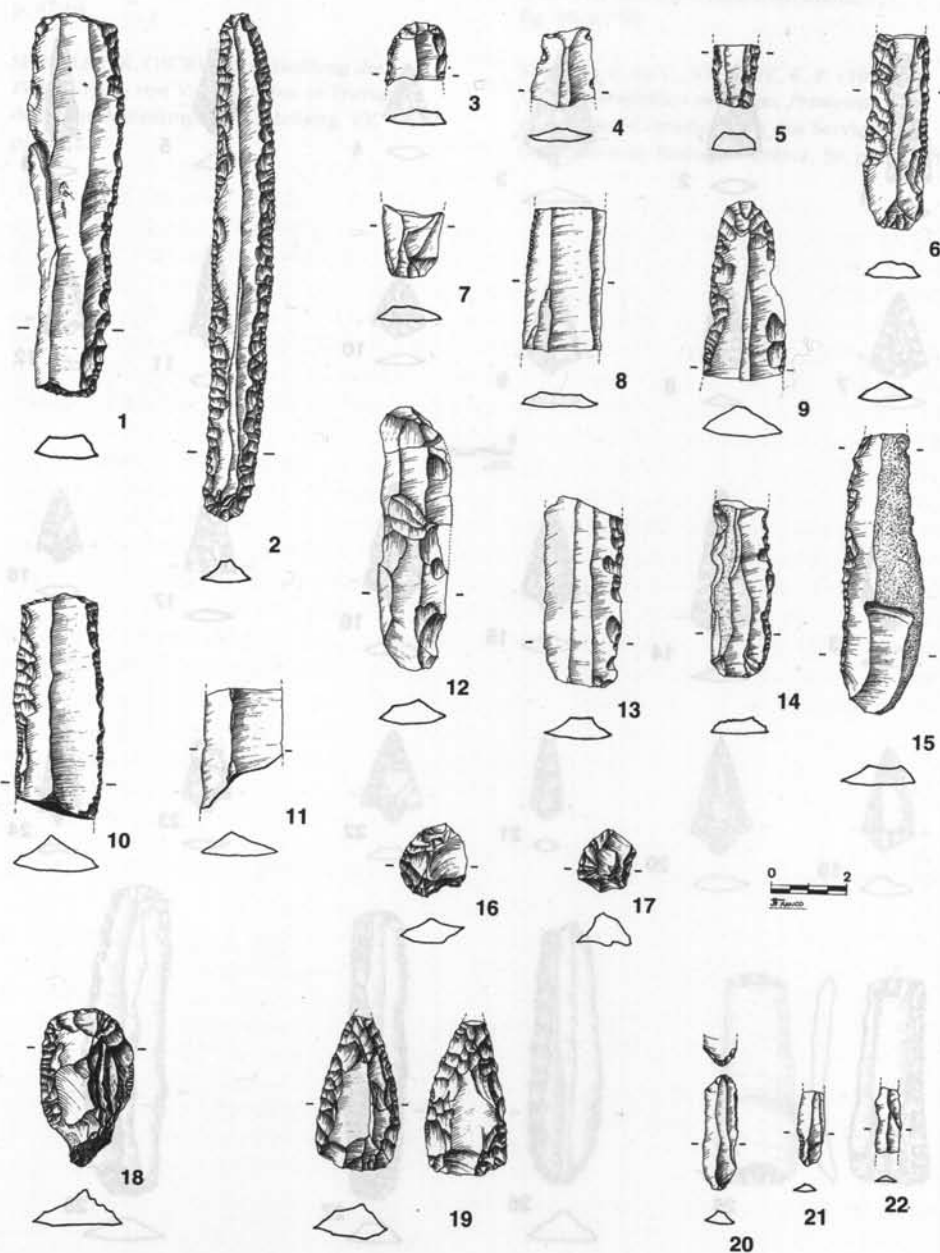


Fig. 59 – Gruta da Fôrnea. 1-15 - lâminas; 16-17 - raspadores unguiformes; 18 - raspador; 19-20 - pontas, 21-23 - lamelas, em sílex.

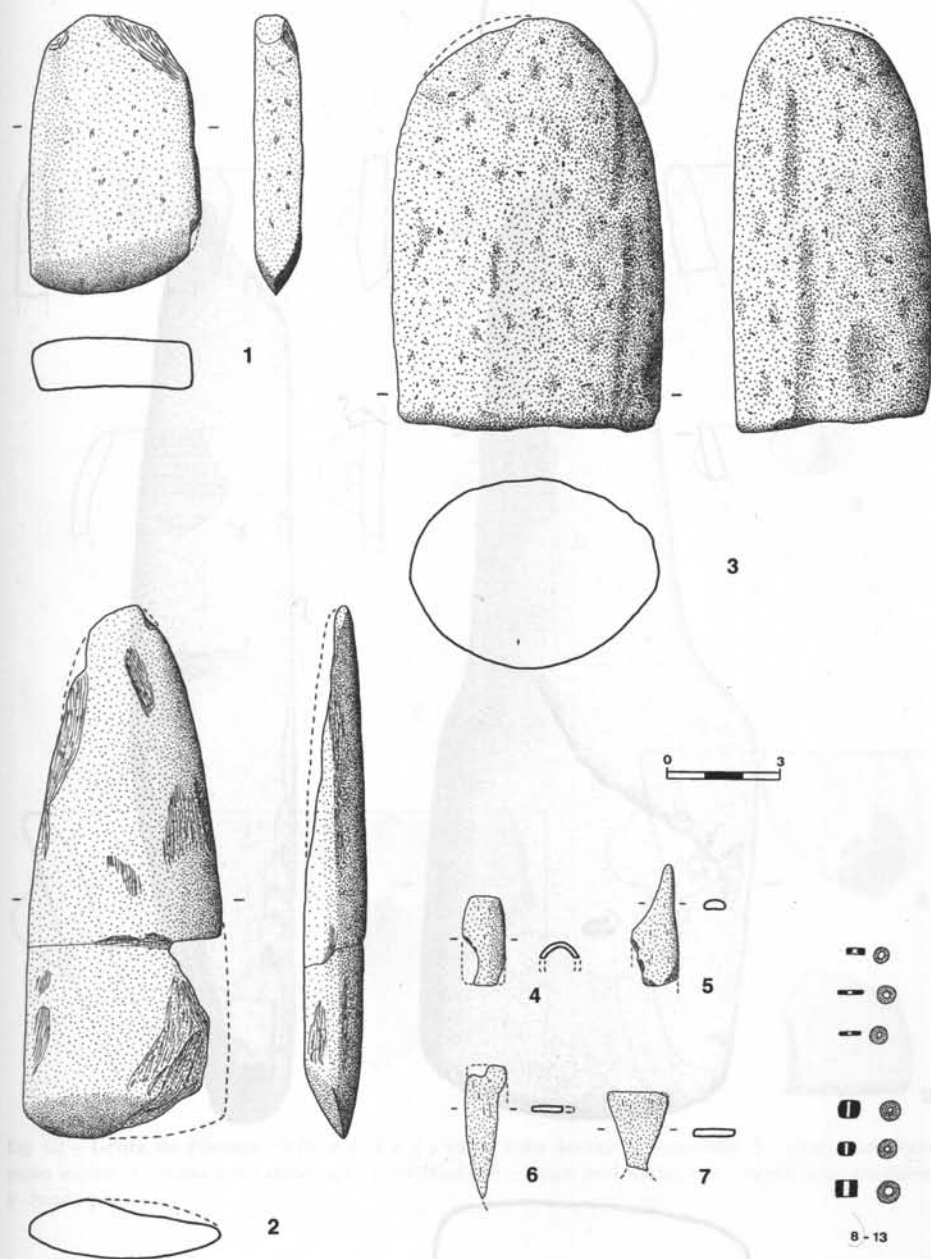


Fig. 60 – **Gruta da Fórnea**. 1 - machado; 2 - enxó, em pedra polida; 3 - objecto idoliforme, em grés; 4-7 - objectos em osso; 8-13 - contas de colar.



Fig. 61 – Gruta da Fórnea. Objecto idoliforme, em grés.

O Arqueólogo Português, Série IV, 8/10, 1990-1992, p. 41-201.

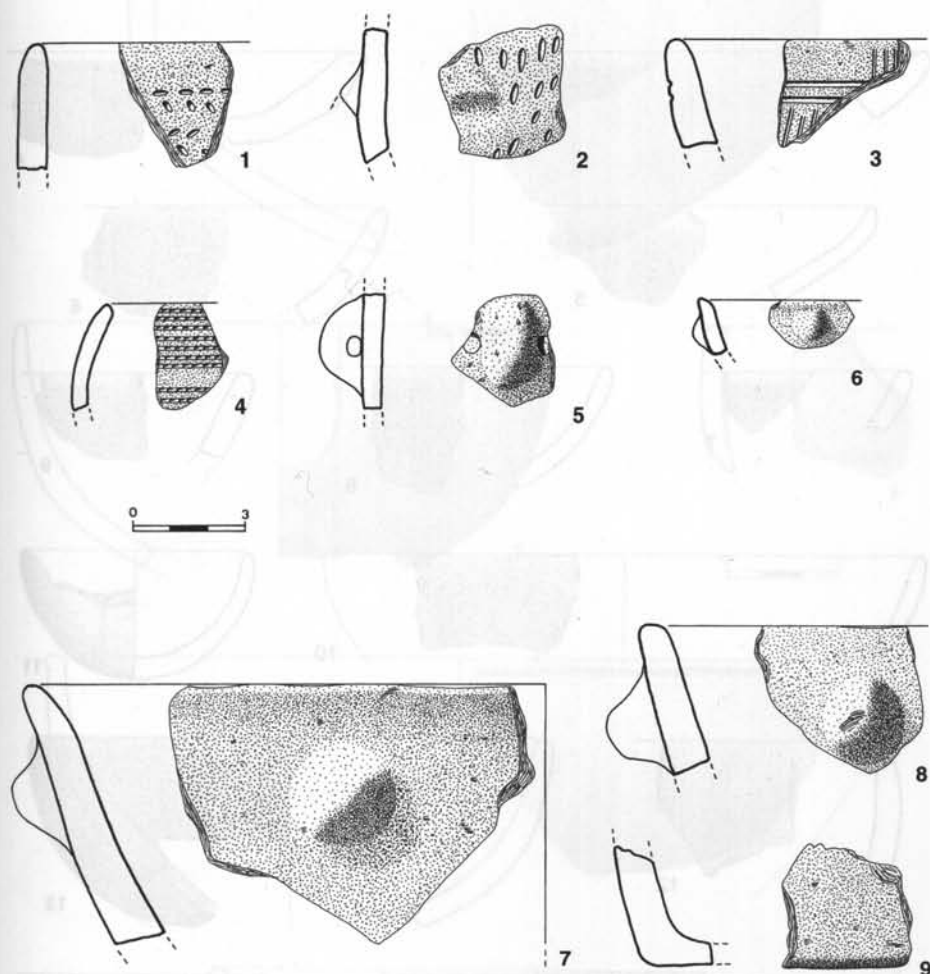


Fig. 62 – **Gruta da Fórnea**. Cerâmica. 1 e 2 - vasos com decoração impressa; 3 - vaso com decoração incisa; 4 - vaso com decoração pontilhada; 5 - pega perfurada; 6-8 - vasos com mamilos; 9 - fundo plano.

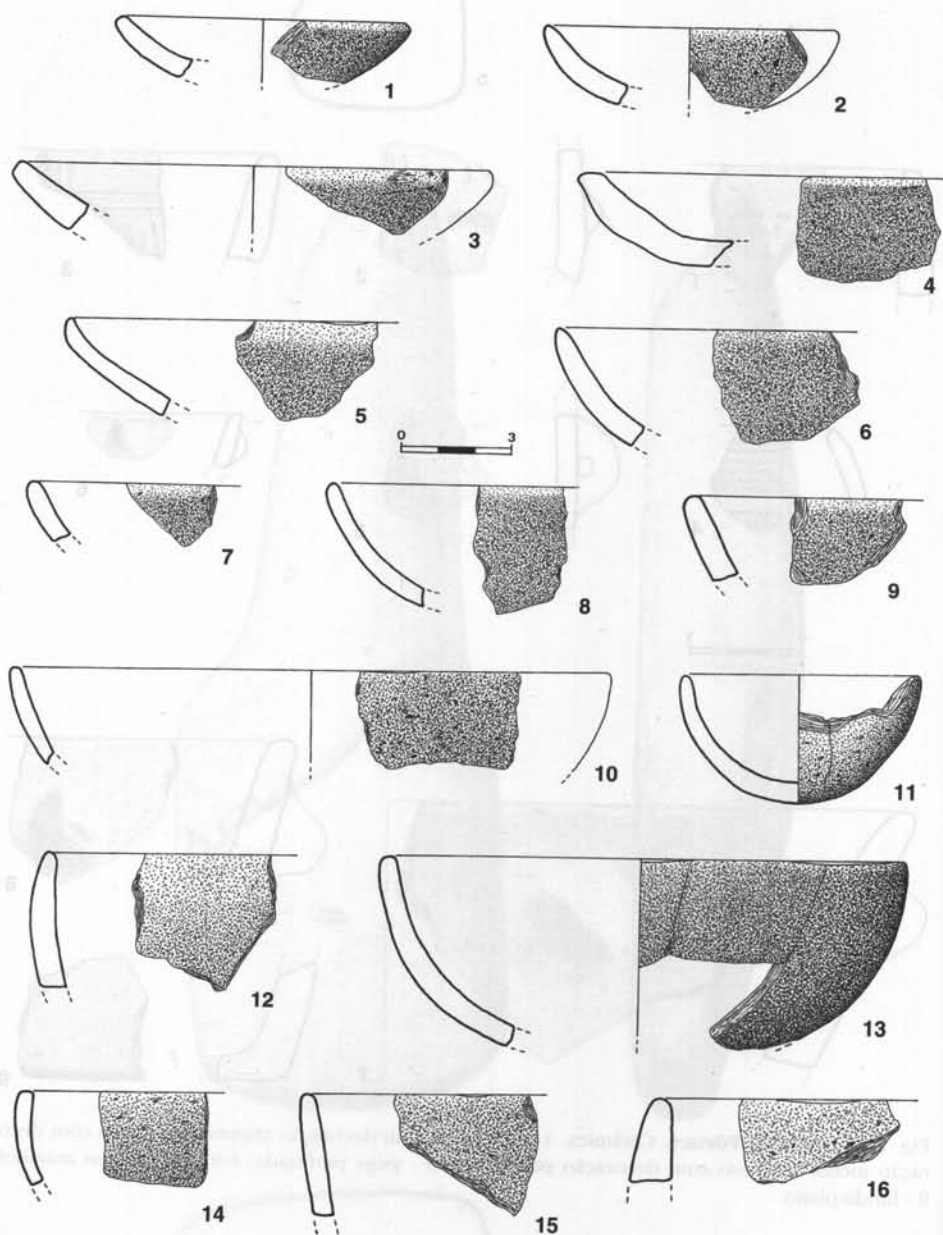


Fig. 63 – Gruta da Fórnea. Cerâmica. 1-5 - taças; 6-13 - vasos hemisféricos; 14-16 - vasos hemisféricos altos.

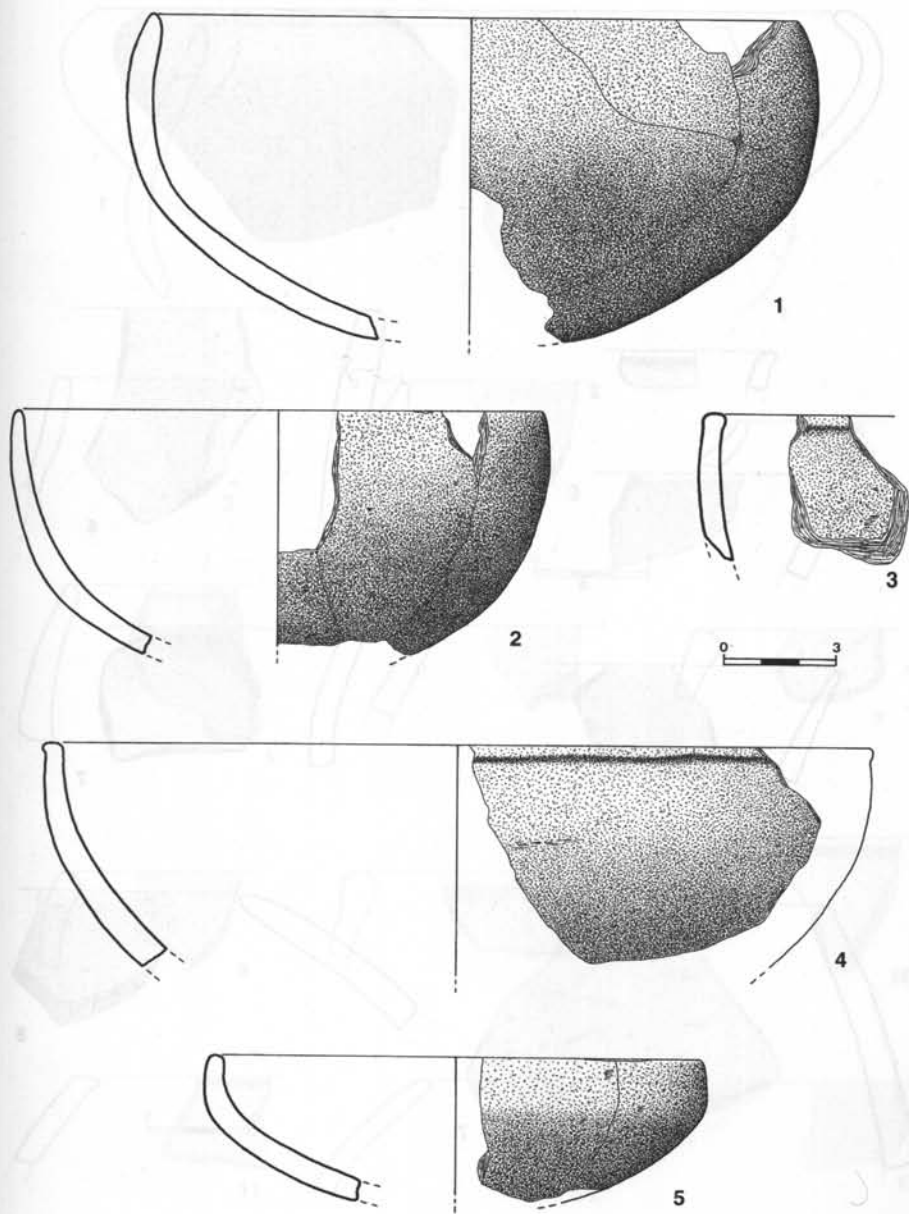


Fig. 64 – Gruta da Fórnea. Cerâmica. 1-4 - vasos hemisféricos altos; 5 - taça.

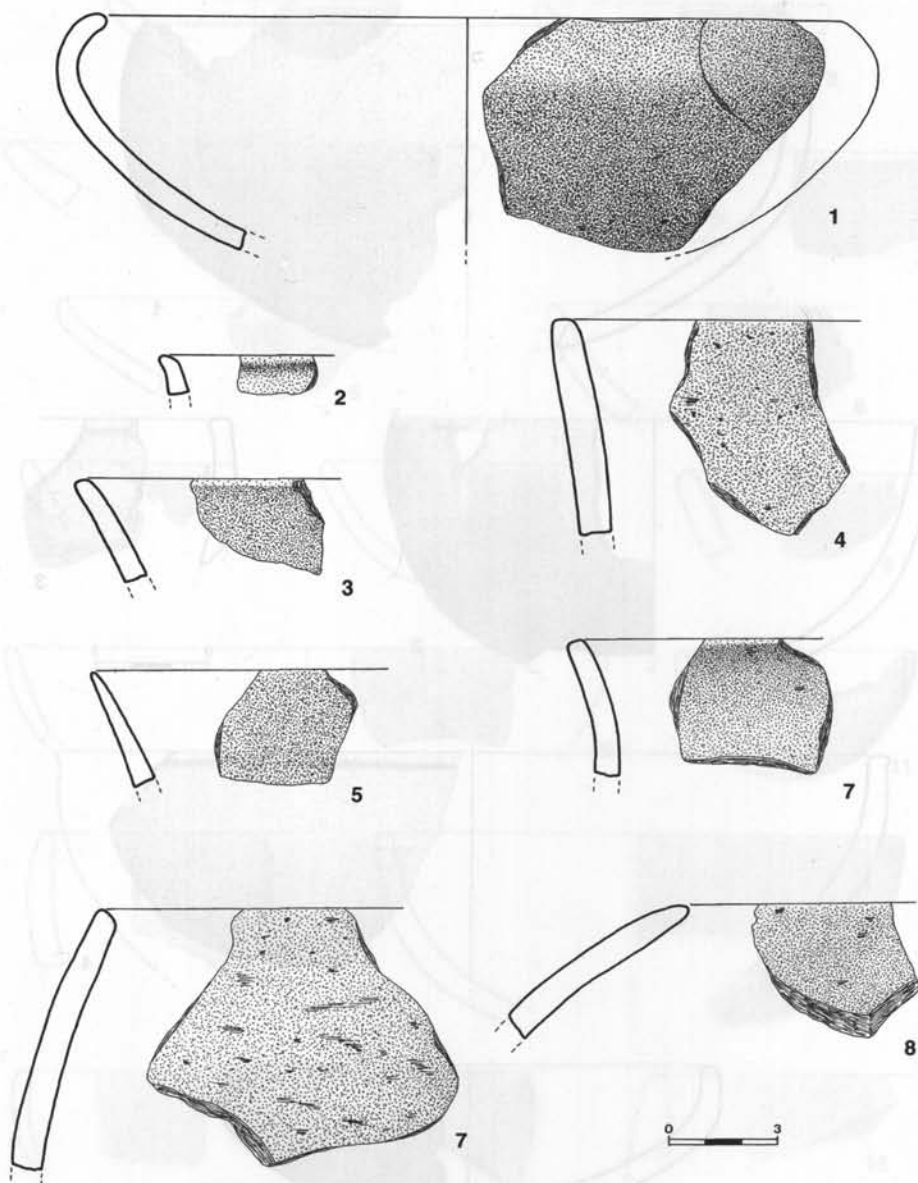


Fig. 65 – **Gruta da Fórnea**. Cerâmica. 1 - vaso com o bordo reentrante; 2-6 - vasos com o bordo extravasado; 7-8 - vasos globulares.

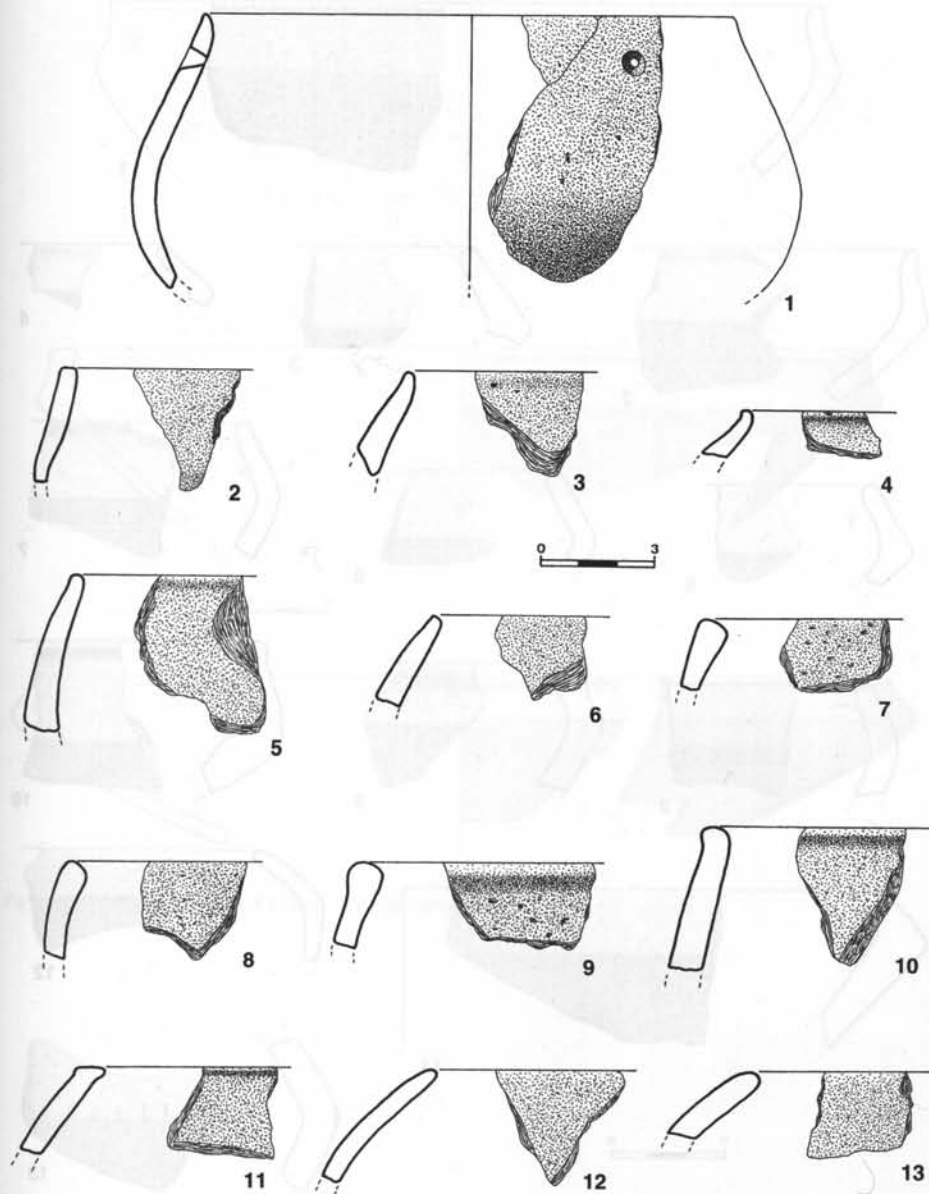


Fig. 66 – Gruta da Fórnea. Cerâmica. Vasos globulares.

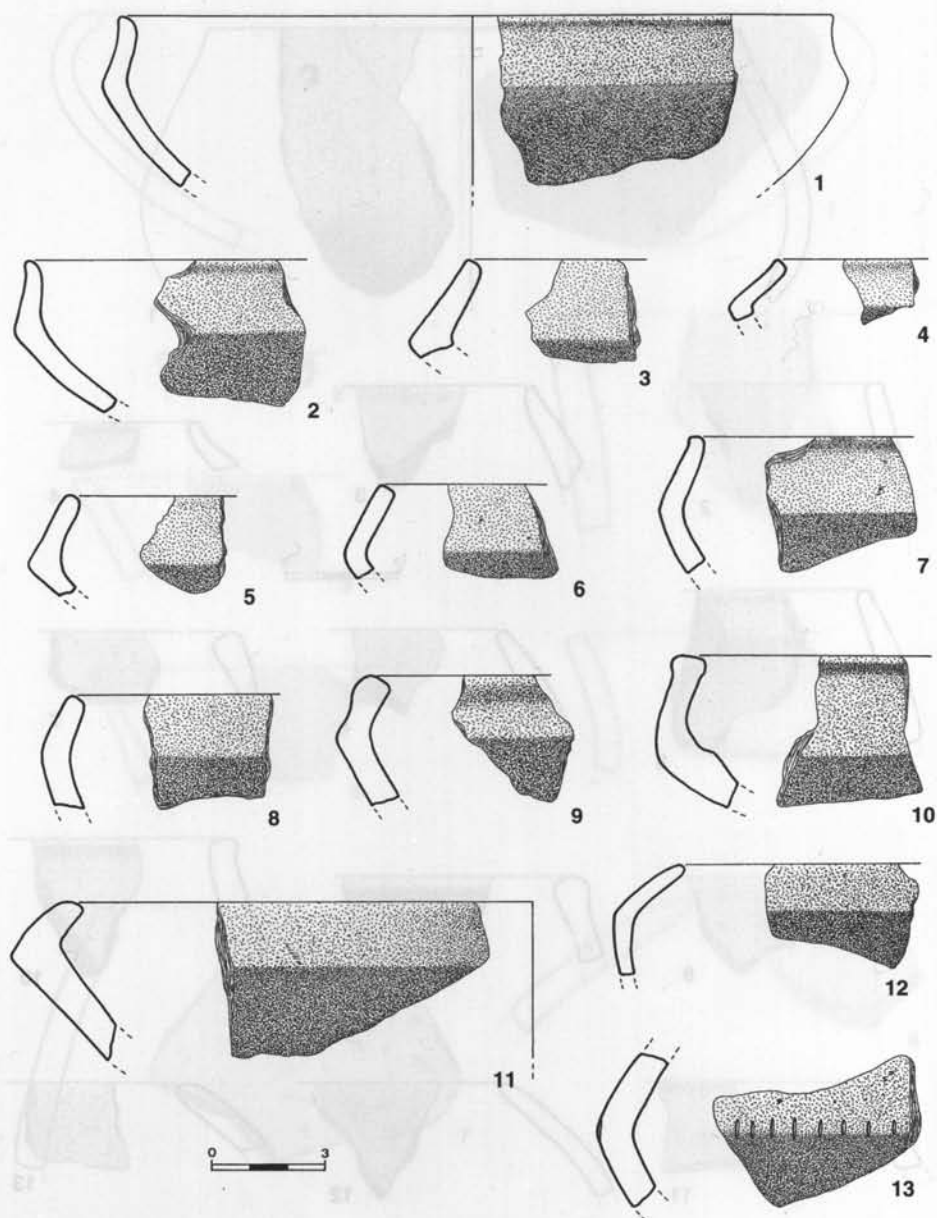


Fig. 67 – Gruta da Fórnea. Cerâmica. Taças carenadas.

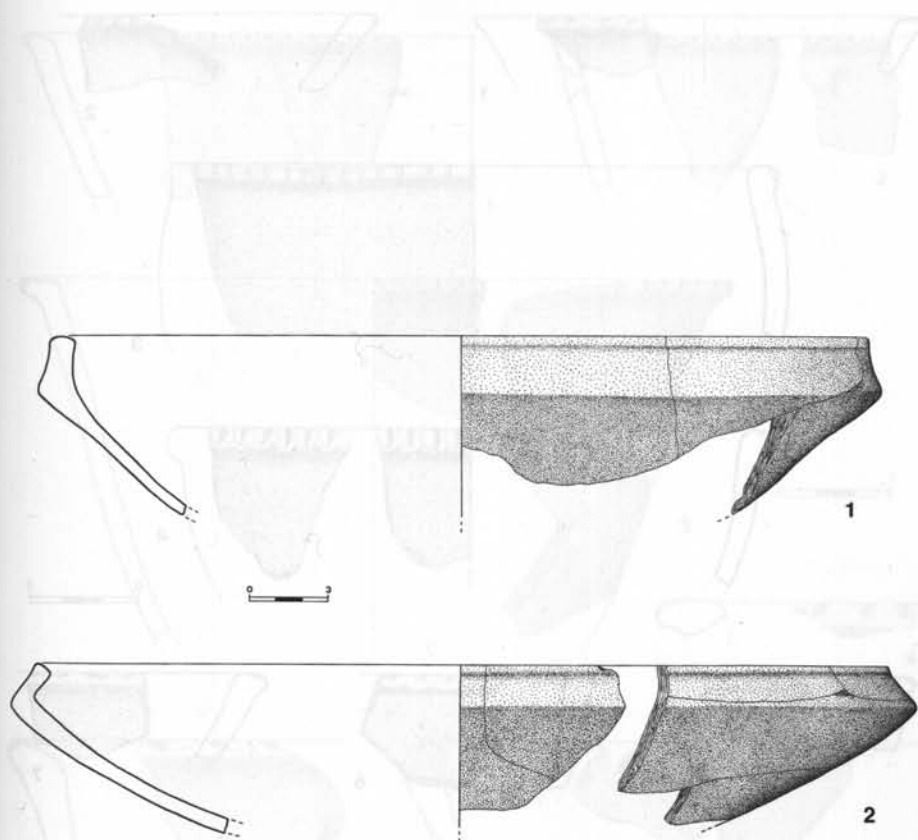


Fig. 68 – Gruta da Fórnea. Cerâmica. Taças carenadas.

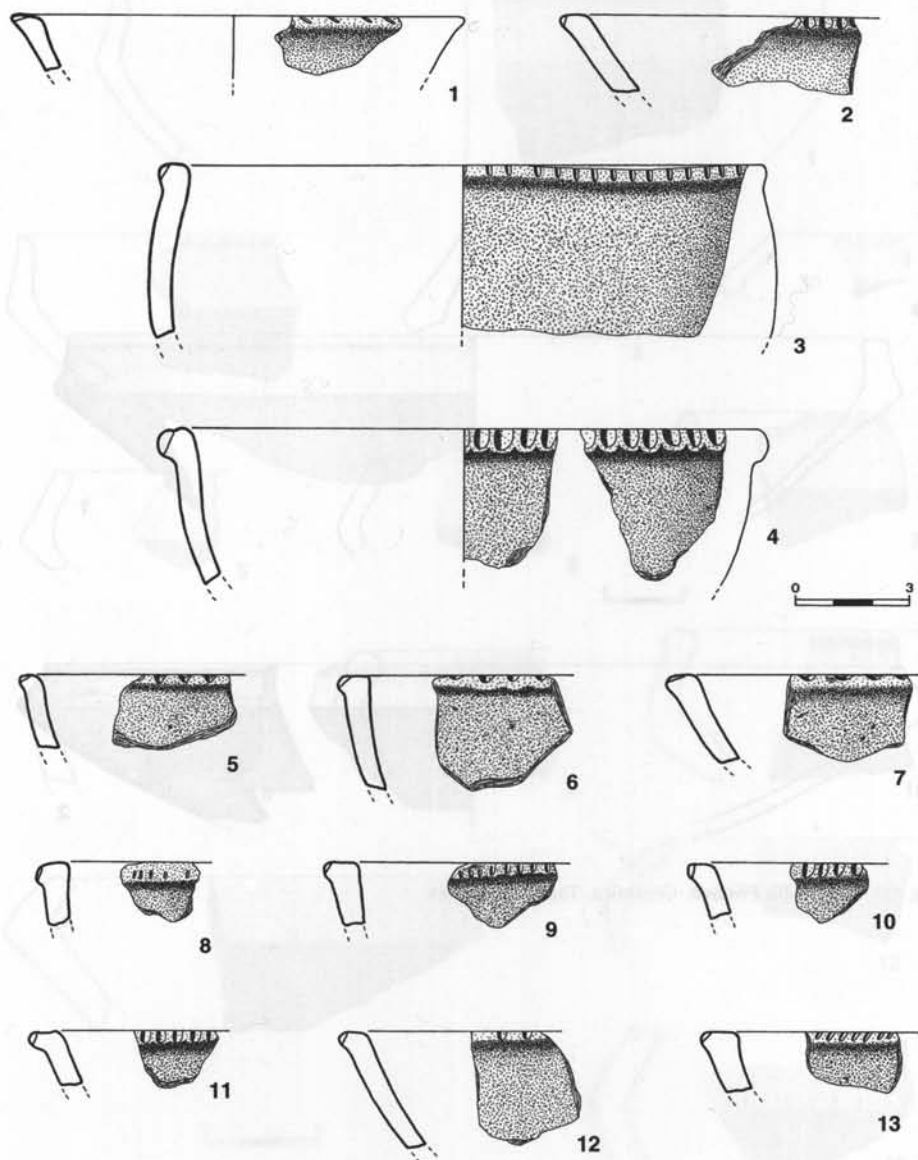


Fig. 69 – **Gruta da Fórnea**. Cerâmica. Vasos com o bordo denteado.

3. Gruta do Fui adouro da Roca da Força

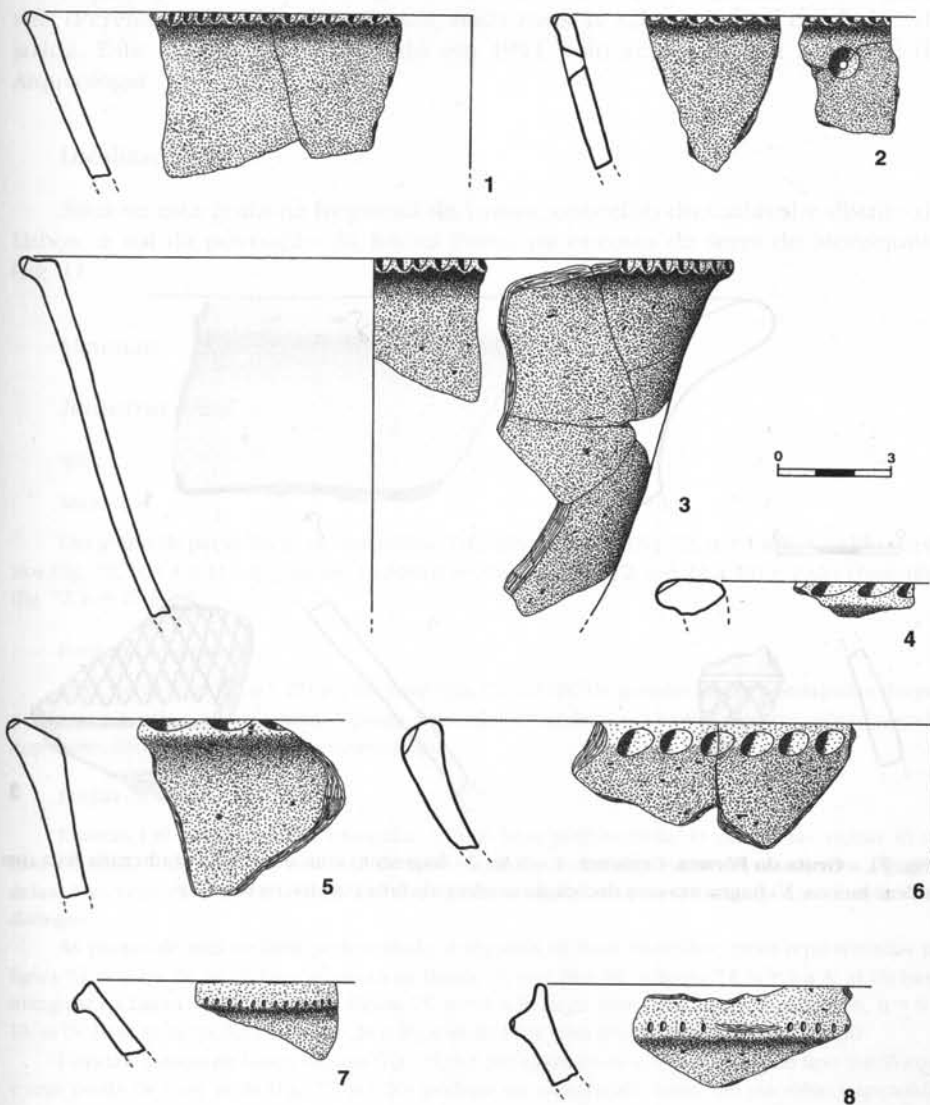


Fig. 70 – **Gruta da Fórnea**. Cerâmica. 1-6 - Vasos com o bordo denteado; 7-8 - vasos com cordão em relevo denteado.

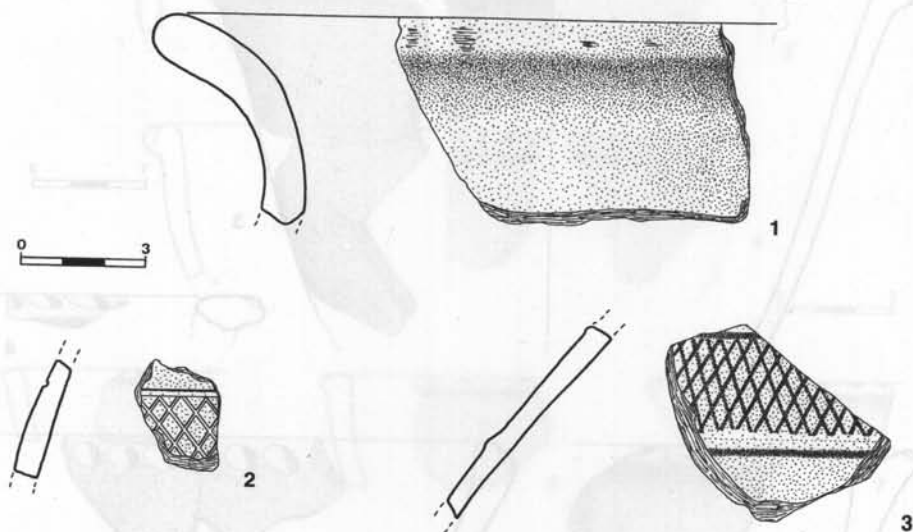


Fig. 71 – **Gruta da Fórnea**. Cerâmica. 1 - pote; 2 - fragmento com decoração axadrezada feita com sulcos incisos; 3 - fragmento com decoração axadrezada feita com traços brunidos.

5. Gruta do Furadouro da Rocha Forte

Foi descoberta por Leonel Trindade, na década de 30. Nas terras que tinham escorregado para o exterior da gruta recolheu este arqueólogo numerosos materiais (Pereira, 1976-77). Além destes, nada mais se sabe sobre as condições de jazida. Este material foi adquirido em 1941 pelo actual Museu Nacional de Arqueologia.

Localização

Situa-se esta gruta na freguesia de Lamas, concelho do Cadaval e distrito de Lisboa, a sul da povoação da Rocha Forte, na encosta da serra de Montejunto (fig. 1).

Materiais

Indústria lítica

Sílex

Micrólitos

Um grupo de peças líticas são micrólitos. Três são triângulos (fig. 72, n.º 1 a 3), oito são trapézios (fig. 72, n.º 4 a 11), quinze são trapézios rectângulos (fig. 72, n.º 12 a 26) e 2 são crescentes (fig. 72, n.º 27 e 28).

Punhais ou alabardas

Uma ponta (fig. 72, n.º 27) e uma base (fig. 72, n.º 28) de grandes peças pontiagudas devem pertencer a punhais ou alabardas. A ponta é em sílex amarelado e a base é em sílex esbranquiçado e, por isso, não pertencem a uma mesma peça.

Pontas de seta

Existem 139 pontas de base triangular, 115 de base pedunculada, 43 com aletas, outras 43 de base côncava, 5 de base convexa e 2 de base recta. De todas estas só se representaram algumas delas. Por vezes a fronteira entre as bases pedunculadas e as bases triangulares é difícil de distinguir.

As pontas de seta de base pedunculada, e algumas de base triangular, estão representadas na figura 73, n.º 1 a 28; as de base convexa na figura 73, n.º 29 e 30, e figura 74, n.º 1 a 3; as de base triangular na figura 74, n.º 4 a 30, e figura 75, n.º 1 a 8; as de base com aletas na figura 75, n.º 9 a 19; as de base recta na figura 75, n.º 20 e 21; e as de base côncava na figura 75, n.º 22 a 30.

Uma das pontas de base côncava (fig. 75, n.º 30) aparenta-se com as pontas de tipo mitriforme e uma ponta de base recta (fig. 75, n.º 20) poderia ser classificada como um micrólito trapezoidal mas, seguramente, foi talhada para ser ponta de seta.

Lâminas, raspadores e furadores

Foram recolhidas muitas lâminas em sílex e fragmentos de outras. Algumas são de pequena dimensão. Uma destas lâminas tem a extremidade afeiçãoada como furador (fig. 76, n.º 9). Há lâminas não retocadas mas muitas apresentam retoques num ou nos dois bordos e outras, também, nas extremidades (figs. 76, 77, 78 e fig. 79, n.º 1 a 15).

Algumas lâminas têm uma extremidade retocada de modo a servir como raspadores (fig. 79, n.º 16 a 18). Uma lâmina apresenta entalhes laterais numa das extremidades que deveriam servir para encabamento (fig. 79, n.º 15). Outra lâmina, além de ter um bordo retocado, tem uma extremidade pontiaguda e retocada para servir como furador (fig. 79, n.º 19). Uma pequena peça feita sobre lâmina foi afeioada e retocada para servir unicamente como furador (fig. 79, n.º 20).

Existem ainda mais umas dezenas de fragmentos de lâminas (não representados). O sílex utilizado no fabrico dos micrólitos, pontas de seta e lâminas é, predominantemente, de cor branca, cinzenta e castanha avermelhada.

Pedra polida

Machados, enxós, cinzéis e goivas

Um grupo de instrumentos de pedra polida é constituído por machados de secções elípticas, quadrangulares e rectangulares (figs. 80 a 82 e fig. 83, n.ºs 1 a 3). A matéria de que são feitos é o anfibolito excepto um que é de granito (fig. 80, n.º 1).

Outro grupo é constituído por enxós de secções elípticas e rectangulares (fig. 83, n.º 4; figs. 84 a 88). Saliente-se o grande tamanho de duas destas enxós (fig. 87, n.º 2, e fig. 88). São em xisto.

Duas outras peças são cinzéis (fig. 89, n.ºs 1 e 2). O mais pequeno é de anfibolito e o maior é de granito. Outra peça é um alisador ou polidor, em xisto (fig. 89, n.º 3) e outra é uma goiva (fig. 89, n.º 4), em anfibolito.

Indústria óssea e adornos

Objectos em osso

Alguns destes objectos em osso são furadores (fig. 91, n.ºs 1 a 5). Pontas fragmentadas de peças maiores poderiam pertencer a alfinetes de cabelo (fig. 91, n.ºs 6 a 9).

Existem alguns destes alfinetes ainda com haste ou apenas com a cabeça. Esta pode tomar diversas formas, arredondada, triangular, alongada ou espalmada (fig. 91, n.ºs 10 a 20). Um fragmento com um furo poderia fazer parte de um pendente (fig. 91, n.º 21).

Ainda nos alfinetes de cabelo, destacam-se as cabeças ocas e postiças decoradas com caneluras e incisões horizontais (fig. 92, n.ºs 1 a 10). Uma delas tem uma decoração com linhas oblíquas que se entrecruzam (fig. 92, n.º 5). Uma outra cabeça de alfinete, oca, é talhada em quatro corpos quase esféricos e conserva ainda parte da haste (fig. 92, n.º 11). E uma outra é lisa e tem a forma cónica (fig. 92, n.º 12).

Existem mais fragmentos de peças em osso, hastes e pontas de furadores e alfinetes. Algumas peças em osso foram queimadas, talvez como forma de embelezamento da própria peça, é o caso dos alfinetes n.ºs 9 e 13 a 16 da fig. 91 e das cabeças de alfinete caneladas n.ºs 6 e 10 da fig. 92.

Objectos de adorno

Uma grande conta de colar é em osso e apresenta uma forma barrilóide (fig. 92, n.º 13). O osso de que é feita está queimado.

De entre as restantes contas de colar existem as discoidais (fig. 92, n.ºs 14, 16 a 38). Destas contas foram recolhidas centenas. Uma ou outra tem uma forma discoidal irregular (fig. 92, n.º 15). Existem também as contas subcilíndricas (fig. 92, n.º 39), cilíndricas (fig. 93, n.ºs 6 e 7), elípticas (fig. 92, n.ºs 40 a 55), esféricas (fig. 93, n.º 5) e bitroncocónicas (fig. 93, n.ºs 1 a 4). Duas das contas elípticas de maior tamanho apresentam decoração com traços horizontais e com espinhados (fig. 92, n.ºs 54 e 55). Uma delas (fig. 92, n.º 54) está gasta num dos lados pelo uso do fio de suspensão.

Foram ainda encontradas contas feitas de pequenas conchas de *Trivia* sp., perfuradas (fig. 93, n.ºs 8 a 11). Outros objectos de adorno são pendentes com um furo e, também, com dois furos (fig. 93, n.ºs 12 a 16).

A maioria das contas discoidais é feita de xisto e uma ou outra de osso e calcário. Uma conta (fig. 93, n.º 2) é feita de cerâmica. Algumas são de azeviche (fig. 92, n.º 53; fig. 93, n.º 4) e, também, um dos pendentes (fig. 93, n.º 12). Outra conta é de calcite (fig. 93, n.º 5). Muitas das contas são

feitas em rochas cinzentas, claras e escuras, e algumas negras e castanhas. Outras contas e pendentes são feitos em rochas verdes (fig. 92, n.º 20, 41 a 44, 49 e 52; fig. 93, n.º 14 e 16).

Objectos de culto

Ídolo bétilo

Trata-se de uma peça em arenito de forma troncocónica, com a secção sub-rectangular e com as extremidades aplanadas (fig. 90). Julgamos poder colocar esta peça no grupo dos ídolos bétilos.

Ídolos-placa

Um ídolo-placa, em grés, formado por dois fragmentos, não apresenta qualquer decoração nem furo e tem uma espessura maior do que os restantes ídolos-placa (fig. 93, n.º 17 e 18). Um outro ídolo-placa, em micaxisto, também não apresenta decoração mas apenas duas covinhas, perfuradas, ao jeito de olhos (fig. 93, n.º 20).

Os restantes ídolos-placa, em xisto negro, integram-se no grupo dos ídolos-placa característicos da cultura megalítica. Um deles não tem decoração e tem apenas dois furos na extremidade menor (fig. 94, n.º 1). Os outros apresentam um ou dois furos na extremidade menor e têm as habituais decorações em triângulos e linhas zigzagueantes alternadamente lisas e preenchidas. Em todos eles a zona da cabeça está bem destacada com motivos decorativos diferentes do resto do corpo (fig. 93, n.º 19; fig. 94, n.º 2; figs. 95 a 98).

O ídolo-placa da figura 95 apresenta uma cor avermelhada, ou por alteração causada pelo fogo ou por outra causa natural. Além dos representados, existem mais dois fragmentos da cabeça e da base de uma placa, parte do corpo e base de outra e muitas pequenas lascas de placas.

Cerâmica decorada

Quatro fragmentos constituem um pequeno lote de cerâmica decorada (não se incluem aqui os vasos com bordo denteado e os vasos decorados que se apresentam no final). Um destes fragmentos tem pequenas incisões no bordo, como um denteado, e filas verticais de impressões punctiformes pouco profundas. A pasta tem o núcleo e a superfície externa de cor cinzenta e a superfície interna de cor castanha avermelhada (fig. 99, n.º 1). Outro fragmento tem também incisões no bordo, um sulco horizontal abaixo do bordo e filas horizontais de impressões punctiformes. A pasta tem núcleo cinzento e superfícies castanhas avermelhadas (fig. 99, n.º 2).

O terceiro fragmento tem uma decoração incisa de linhas horizontais que formam faixas preenchidas por linhas oblíquas e, sobre estas, triângulos preenchidos também por linhas oblíquas. A pasta é castanha (fig. 99, n.º 3). Por fim, um fragmento com um furo e decoração com pequenos e profundos sulcos verticais. A pasta tem o núcleo cinzento e as superfícies castanhas avermelhadas (fig. 99, n.º 4).

Copo

Trata-se de um pequeno vaso em forma de copo, com as paredes quase direitas e o fundo plano. A pasta tem cor castanha avermelhada (fig. 99, n.º 10).

Taças

São formas baixas e abertas, com o bordo simples, e uma delas apresenta uma ligeira carena. As pastas são castanhas e castanhas avermelhadas, tendo algumas o núcleo cinzento (fig. 99, n.º 5 a 9).

Vasos hemisféricos

Apresentam quase todos o bordo simples e poucos têm o bordo com espessamento. Há-os de pequeno tamanho mas a maioria tem um tamanho médio. As pastas são castanhas e castanhas avermelhadas e muitas têm o núcleo cinzento. As superfícies são bem alisadas (fig. 99, n.º 11 e 12; fig. 100; fig. 101, n.º 1-3 e 6).

Vasos hemisféricos altos

São vasos que têm as paredes junto ao bordo com maior altura do que os vasos hemisféricos. Estas paredes podem ser extravasadas, direitas, ligeiramente reentrantes ou mesmo, num caso ou outro, muito reentrantes. Os tamanhos variam, podendo haver vasos pequenos, médios e de maior tamanho. Os bordos são geralmente simples mas há bordos com ligeiro espessamento.

As pastas são igualmente castanhas de diversos tons e castanhas avermelhadas, tendo muitas o núcleo cinzento, e poucas são totalmente cinzentas. As superfícies são geralmente bem alisadas (fig. 101, n.º 5 e 7-9; figs. 102, 103, 104, 105, 106 e 107, n.º 1-6).

Vasos com o bordo extravasado

Três fragmentos pertencem a vasos com o bordo extravasado, ou bordo virado para fora do vaso. Dois deles apresentam o bordo espessado. As pastas são castanhas (fig. 107, n.º 7-9).

Vasos com o fundo plano

Um destes vasos é de forma troncocônica e tem um bordo simples. O fundo é ligeiramente convexo, quase plano. A pasta é toda de cor castanha (fig. 108, n.º 1). Note-se a semelhança desta forma com a do vaso decorado da figura 121.

Um fragmento de fundo plano tem o arranque da parede direito fazendo supor que o vaso tenha a forma de copo, como o da figura 50. A pasta é castanha e tem o núcleo cinzento (fig. 108, n.º 2).

Outro fragmento de fundo plano apresenta também a parede direita mas tem um curioso prolongamento do fundo para o exterior. A pasta é toda de cor castanha avermelhada (fig. 108, n.º 3).

Vasos com mamilo

Um vaso de grande dimensão tem a parede quase direita e um bordo simples. Pouco abaixo do bordo existe um mamilo semiesférico. A pasta é de cor castanha e tem o núcleo cinzento (fig. 108, n.º 4). Outro vaso é globular e apresenta dois mamilos na parede. A pasta é castanha e tem o núcleo cinzento (fig. 110, n.º 4).

Vasos globulares

São vasos altos que têm a boca com menor diâmetro do que pança e as paredes inclinadas para dentro. Alguns bordos são simples e outros são espessados. Um deles apresenta o bordo revirado para fora. As pastas são na maioria castanhas e uma é castanha avermelhada. Metade têm o núcleo cinzento (figs. 108, n.º 5 a 9; e 109).

Vasos com pegas

Três vasos globulares apresentam pegas. Duas delas são alongadas, uma é horizontal e a outra é inclinada, e ambas têm dois furos verticais (fig. 110, n.º 1 e 2). A primeira tem a pasta castanha avermelhada e a segunda tem a pasta castanha com o núcleo cinzento. Um terceiro vaso tem uma pega alongada vertical com um furo também vertical. A pasta é castanha com manchas cinzentas e tem o núcleo cinzento (fig. 110, n.º 3).

Taças carenadas

Apresentam uma carena alta, pouco abaixo da linha de bordo, por vezes muito pronunciada e outras vezes mais suave, com uma parede intravassada, acima da carena, e um bordo geralmente simples e algumas vezes espessado (figs. 111, 112, 113, 114, 115 e 116, n.º 1). Um exemplar tem um pequeno mamilo na carena (fig. 112, n.º 4), outro tem um furo abaixo da carena (fig. 115, n.º 5), um outro tem a carena puxada para fora (fig. 115, n.º 4) e apenas uma taça tem a carena decorada com incisões verticais, à semelhança de alguns bordos denteados (fig. 116, n.º 1).

A maioria das pastas tem cor castanha e castanha avermelhada, tendo muitas o núcleo cinzento. Só poucas são totalmente cinzentas. As superfícies são bem ou muito bem alisadas.

Vasos com o bordo denteado

São vasos que apresentam no bordo incisões ou impressões regularmente espaçadas, geralmente do lado exterior do bordo e, por vezes, na parte superior. As formas são abertas, na maior parte dos casos, noutros casos a parede, junto ao bordo, é direita e, em raros casos, um pouco reentrante. O denteado pode ser fino, pequeno ou largo e o bordo pode ser simples ou espessado, sendo nalguns casos extrovertido (figs. 116, n.ºs 2 a 9; 117 e 118).

As pastas, como nas taças carenadas, são quase todas de cor castanha e castanha avermelhada e muitas têm o núcleo cinzento. Só poucas são apenas cinzentas. As superfícies são bem alisadas.

Vaso com colo

Trata-se de um vaso de grande tamanho, com cerca de 28 cm de diâmetro de boca, que apresenta um colo intravariado com bordo simples. A pasta tem o núcleo cinzento com as superfícies castanhas avermelhadas. O acabamento mostra a superfície bem alisada e polida (fig. 119, n.º 1).

Taça carenada decorada

Apresenta uma decoração golpeada com incisões de carácter irregular agrupadas em zonas espaçadas situadas acima da carena. Abaixo do bordo, que tem um ligeiro espessamento, existe um furo e na carena há uma pega alongada. Tem igualmente grande tamanho, com cerca de 30 cm de diâmetro de boca. A pasta tem o núcleo e a superfície interna cinzenta e a superfície externa castanha. O acabamento mostra a superfície bem alisada (fig. 119, n.º 2).

Copo decorado

Trata-se de um vaso com paredes direitas e fundo ligeiramente convexo, quase plano. Tem cerca de 10 cm de diâmetro. Apresenta duas pegas perfuradas alongadas e horizontais, em posição oposta, e duas fileiras verticais de pequenos mamilos alongados, também em posição oposta. Como decoração tem, de um lado, quatro filas horizontais de sulcos ziguezagueantes e, do outro, quatro e cinco filas dos mesmos sulcos. Tem a pasta de cor castanha avermelhada com a superfície bem alisada (fig. 120).

Vaso com decoração simbólica

Este vaso de forma troncocónica, com o fundo ligeiramente convexo e cerca de 16,5 cm de diâmetro de boca, e que tem ainda um furo na parede, apresenta uma interessante decoração simbólica.

Esta compõe-se de faixas verticais em posição oposta, círculos concêntricos ladeando uma destas faixas verticais, uma faixa horizontal junto do bordo, faixas ziguezagueantes preenchidas, alternadas com outras lisas, que partem da base e dos lados dos círculos concêntricos e contornam o vaso até encontrarem a outra faixa vertical. Junto do fundo, e aproveitando o contorno dos ziguezagues, existem triângulos preenchidos. Por fim, no lado oposto aos círculos concêntricos, em vez de um destes triângulos, encontra-se um círculo solar rayado feito com finas incisões.

A decoração de sulcos e impressões elípticas é feita a punção rombo. Há vestígios de massa branca nas impressões e nos sulcos. Este vaso apresenta as superfícies bem alisadas com engobe de cor castanha avermelhada. O núcleo tem cores que vão do castanho avermelhado ao cinzento claro e ao cinzento escuro, conforme as zonas do vaso (fig. 121). Um fragmento deste vaso (a parte com o símbolo solar) já tinha sido publicada em 1940 (Paço, 1940, fig. 5).

Bronze

Nesta gruta foi também recolhida parte de uma pequena e fina argola em bronze de secção circular (não representada).

Integração cultural e cronológica

O material recolhido nesta gruta revela dois níveis de ocupação principais, o primeiro do Neolítico Médio e o segundo do Neolítico Final.

Ao primeiro nível pertencerão os micrólitos e a maioria das pontas de seta, as de base pedunculada e de base triangular. Alguns machados e enxós em pedra polida, sendo difícil saber quais. Algumas peças em osso e contas de colar. Ídolos-placa em xisto preto e com decorações geométricas. Cerâmica lisa, sem possibilidade de a distinguir. Na cerâmica decorada, apenas o fragmento inciso (fig. 99, n.º 3) poderia fazer parte deste primeiro nível.

Ao segundo nível de ocupação deverão pertencer algumas pontas de seta de base pedunculada e triangular e as de base côncava. Há casos de associação destes diferentes tipos de pontas de seta no Neolítico Final, como no *tumulus* da *tholos* da Praia das Maças (Sintra), onde existem vasos com o bordo denteado (Gonçalves, 1982-83).

Machados e enxós em pedra polida. Algumas peças em osso e as cabeças de alfinete caneladas. Algumas contas de colar. O ídolo-bétilo (fig. 90), o ídolo-placa com duas covinhas (fig. 93, n.º 20) e as placas lisas.

E ainda, parte da cerâmica lisa, os fundos planos, os três fragmentos cerâmicos decorados (fig. 99, n.ºs 1, 2 e 4), as taças carenadas e os vasos com bordo denteado. E também os vasos com decoração simbólica (figs. 120 e 121).

A existência de vasos cerâmicos com fundos planos, no Neolítico Final, não é incomum. A gruta da Feteira (Lourinhã) forneceu um fundo plano numa camada com vaso de bordo denteado e taças carenadas (Zilhão, 1984).

As taças carenadas e os vasos com bordo denteado estão associadas noutras estações arqueológicas, como no *tumulus* da *tholos* da Praia das Maças (Gonçalves, 1982-83) ou no povoado de Leceia (Oeiras) (Cardoso, 1989).

O ídolo-placa com duas covinhas resulta da tradição anterior dos ídolos-placas de xisto preto e com decorações geométricas. No *tumulus* da *tholos* da Praia das Maças apareceu uma destas placas com duas covinhas associada às taças carenadas e aos vasos com bordo denteado (Gonçalves, 1982-83). O mesmo se deve passar na Gruta do Furadouro da Rocha Forte.

O ídolo-bétilo existe em várias necrópoles estremenhas desta época. Na gruta artificial do Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras) apareceram ídolos-bétilos e, ainda, ídolos-placa com decoração geométrica, um ídolo-placa com duas covinhas e um fragmento de vaso com bordo denteado (Leisner, 1965). Julgamos haver dois níveis de ocupação no Cabeço da Arruda 1, pelo que associamos os ídolos-bétilos à placa com duas covinhas e ao bordo denteado, no Neolítico Final. Deve suceder o mesmo na Gruta do Furadouro da Rocha Forte.

Os ídolos-bétilos parecem significar a introdução no território peninsular de uma nova divindade ou de um novo culto diferente do anterior, representado pelos ídolos-placas com decoração geométrica. Este novo culto ainda aproveita o suporte do tipo placa mas elimina as decorações geométricas e acrescenta-lhe duas covinhas, como simbologia dos olhos da divindade. Os ídolos-bétilos serão uma nova forma de representar esta divindade, ainda no Neolítico Final, passando a ídolos cilíndricos no Calcolítico. Note-se que alguns ídolos-bétilos também têm uma covinha.

Os vasos com decoração simbólica devem poder integrar-se no Neolítico Final, pela completa ausência de outra cerâmica claramente calcolítica (faltam os

vasos hemisféricos com caneluras horizontais e os copos canelados, que existem no vizinho castro de Pragança e, não longe, no povoado do Outeiro de S. Mamede, no Bombarral). Um vaso (fig. 120) apresenta uma forma cilíndrica que não é incomum à cultura megalítica. Porém, a sua decoração de ziguezagues parece revelar a introdução de um novo conceito simbólico.

O vaso com decoração oculada, ziguezagues e motivo solar (fig. 121) é a peça mais interessante desta colecção. Os oculados são associados a uma simbólica de carácter mágico-religioso relacionados com uma divindade. Os ziguezagues são interpretados como tatuagem facial associada ao símbolo oculado. O motivo solar interpenetra-se com o símbolo oculado o qual, por vezes, é representado como soliforme.

A questão está na sua cronologia. A maior parte da cerâmica simbólica com estas figurações é considerada calcolítica. Ela existe no sul peninsular, em Los Millares, Almeria e Granada (Socas, Massieu, 1982) e também no ocidente peninsular. Em Portugal encontra-se na Anta do Olival da Pega (Leisner, Leisner, 1951), na *tholos* do Monte do Outeiro (Schubart, 1965), no castro de Vila Nova de S. Pedro (Leisner, 1961) ou no povoado do Cerro dos Castelos de S. Brás (Parreira, 1983).

No entanto, nem todos os símbolos solares deverão ser calcolíticos. Um fragmento cerâmico com símbolo solar, de Vialonga/Muge, parece ser neolítico (Gomes, Batista, 1991).

As faixas ziguezagueantes com impressões puncionadas, por vezes associadas a triângulos, existem noutros povoados do Neolítico Final como na Parede (Paço, 1964) ou na Serra das Éguas (Amadora). Em ambos os casos parece haver uma associação com os vasos de bordo denteado. No castro de Leceia a datação para estes vasos com bordo denteado, Neolítico Final, é de cerca de 4500 anos BP ou seja, meados do III milénio a.C. (Cardoso, 1989).

Como se disse atrás para os ídolos-bétilos, este vaso com decoração simbólica poderá significar a introdução no território do ocidente peninsular de um novo conceito de carácter religioso que inclui uma maneira própria de representar a divindade, através dos símbolos oculados, das tatuagens faciais e dos sóis. A introdução deste novo conceito parece ter acontecido ainda no Neolítico Final, estabelecendo-se em definitivo durante o Calcolítico.

A Gruta do Furadouro da Rocha Forte parece ter ainda uma ocupação da Idade do Bronze. A presença de uma argola de bronze e de dois vasos (fig. 119, n.ºs 1 e 2) que fogem dos padrões habituais da cerâmica neolítica, um por ser um vaso com colo e outro pela carena alta, pega alongada e decoração de incisões golpeadas, permitirão admitir uma tumulação da Idade do Bronze. Eventualmente, mais alguma cerâmica poderia fazer parte deste conjunto, talvez os dois vasos globulares com pegas alongadas e furadas (fig. 110, n.ºs 1 e 2) e uma ou outra taça carenada mas sem se poder precisar com exactidão quais.

Adenda

Além deste material existente no Museu Nacional de Arqueologia, encontra-se no Museu Municipal de Alenquer o seguinte material: uma lâmina e dois fragmentos de lâminas, em sílex, um micrólito e uma ponta de seta de base triangular, em sílex, contas de colar, dois fragmentos de ídolo-placa, em xisto, e um fragmento cerâmico de vaso de bordo denteado.

Bibliografia

- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceta, resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-83) - *Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra), Notícia preliminar*. «Sintria». Sintra. 1-2:1, p. 29-57.
- GOMES, J. J. F.; BATISTA, J. (1991) - *Sítios arqueológicos representados no Museu Municipal de Hipólito Cabaço (Alenquer). 1. Sítios fora de Alenquer*. In «Actas das IV Jornadas Arqueológicas». Lisboa: Associação dos Arqueólogos. p. 367-379.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V. (1961) - *Vasos eneolíticos decorados no interior*. «Revista de Guimarães». Guimarães. 71:3-4, p. 409-428.
- LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin. (Madri der Forschungen; 1-3).
- PAÇO, A. do (1940) - *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*. In «Congresso do Mundo Português». Lisboa, v. 1, p. 233-251.
- PAÇO, A. do (1964) - *Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.
- PARREIRA, R. (1983) - *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa)*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. S. 4, 1, p. 149-168.
- PEREIRA, J. P. (1976-77) - *A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto)*. «Setúbal Arqueológica». Setúbal. 2-3, p. 89-90.
- SCHUBART, H. (1965) - *As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel*. «Revista de Guimarães». Guimarães. 75:1-4, p. 195-204.
- SOCAS, D. M.; MASSIEU, M. D. C. (1982) - *La "cerámica simbólica" y su problemática (aproximación a través de los materiales de la colección L. Siret)*. «Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada». Granada. 7, p. 267-305.
- ZILHÃO, J. (1984) - *A gruta da Feteira (Lourinhã)*. «Trabalhos de Arqueologia». Lisboa. 1.

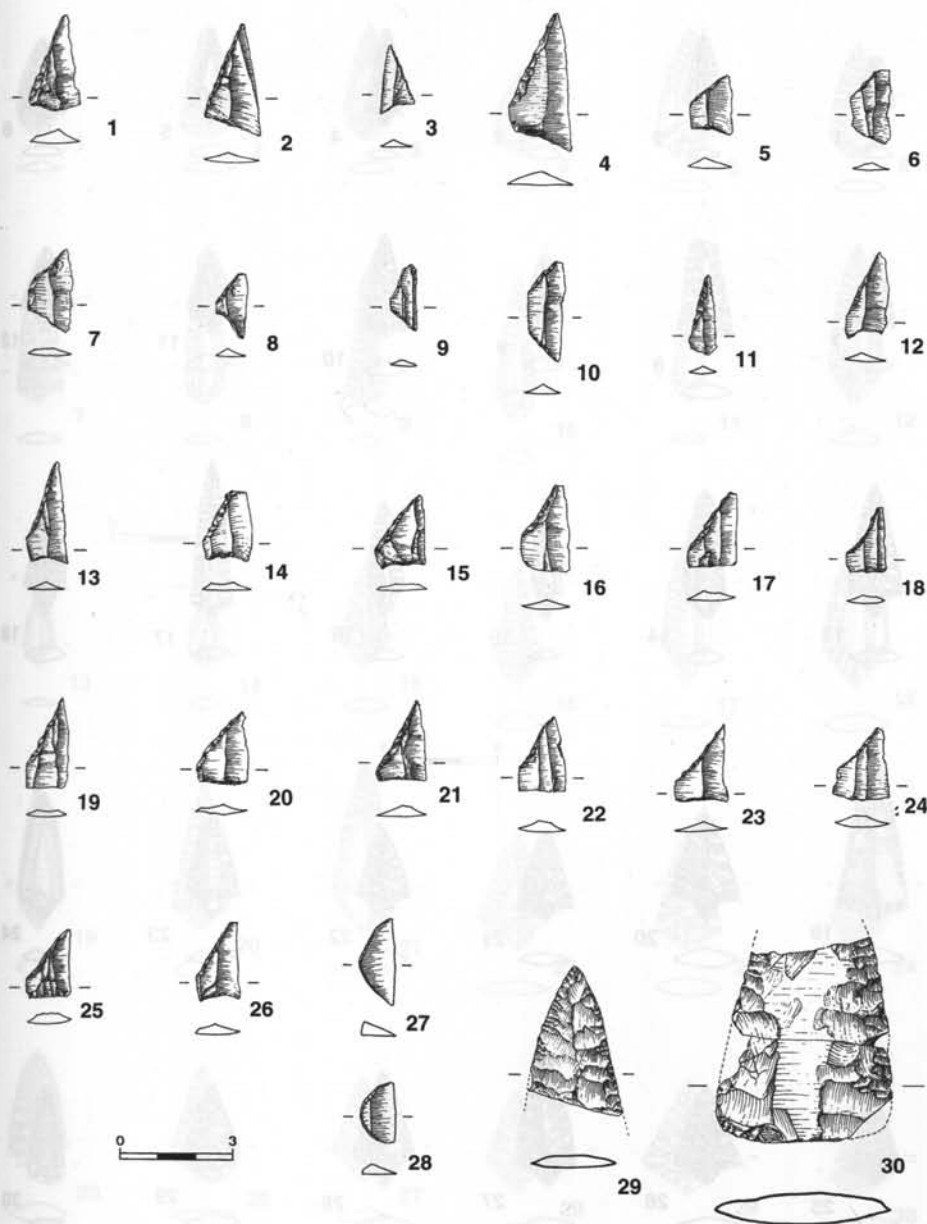


Fig. 72 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. 1-28 - micrólitos; 29-30 - ponta e base de punhal ou alabarda, em sílex.

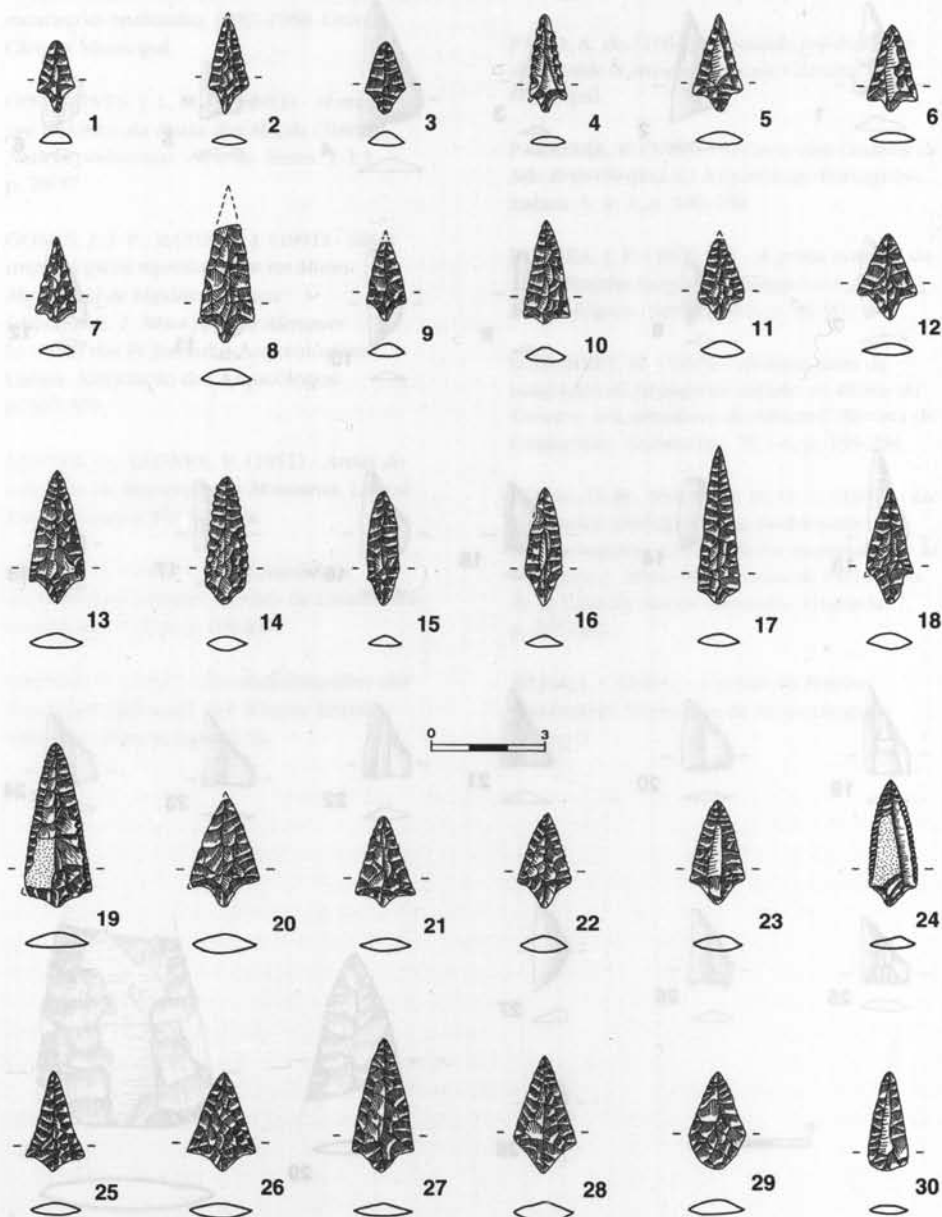


Fig. 73 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pontas de seta, em sílex.

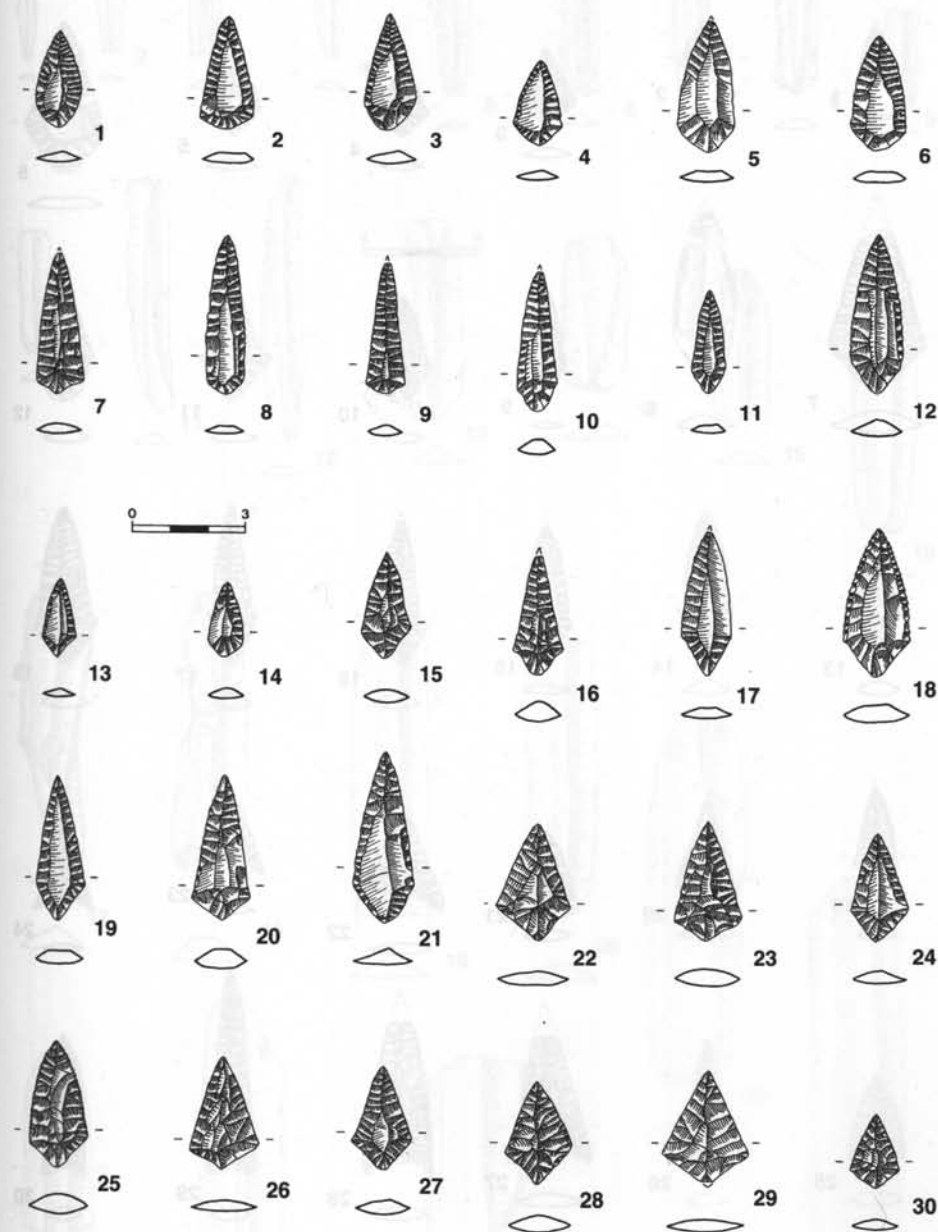


Fig. 74 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pontas de seta, em sílex.

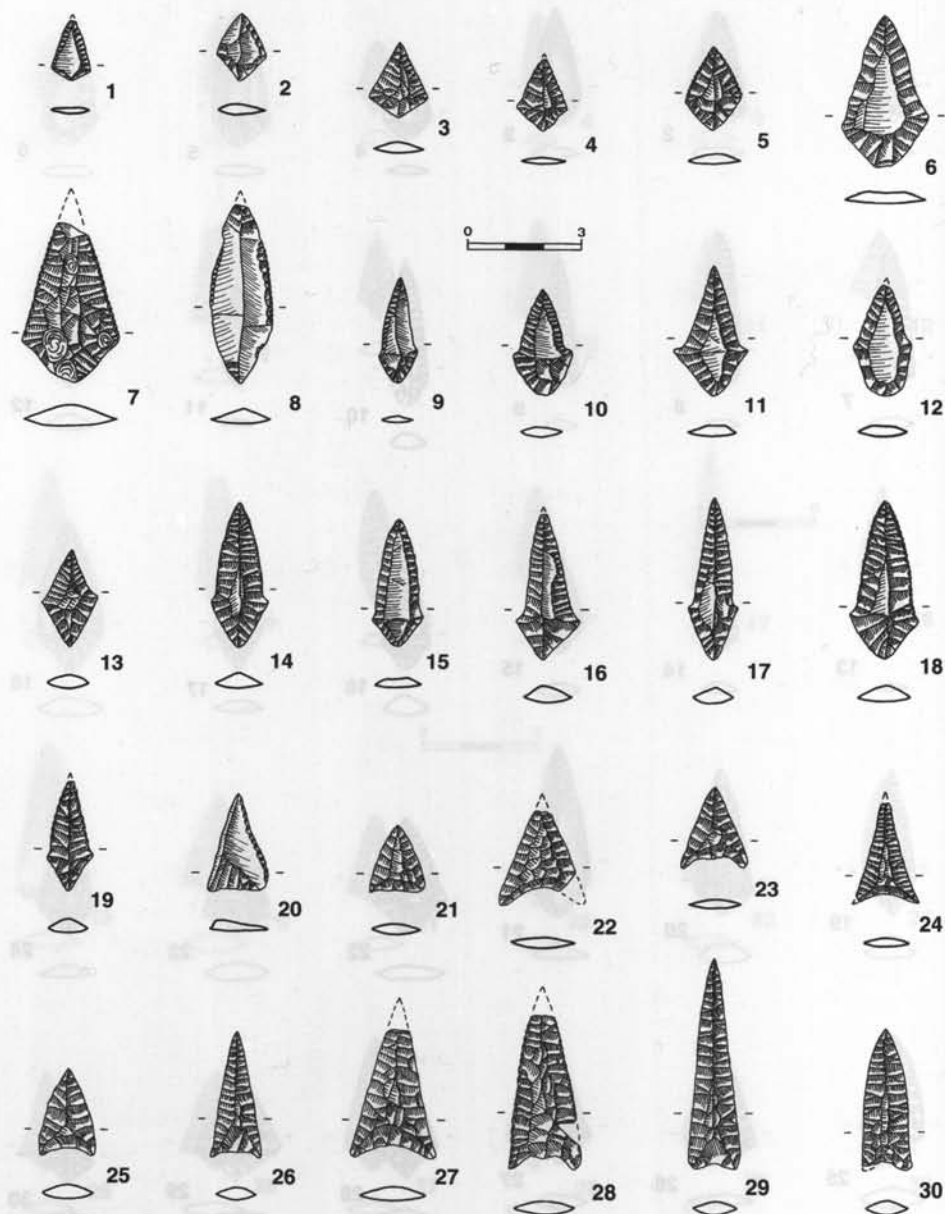


Fig. 75 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pontas de seta, em sílex.

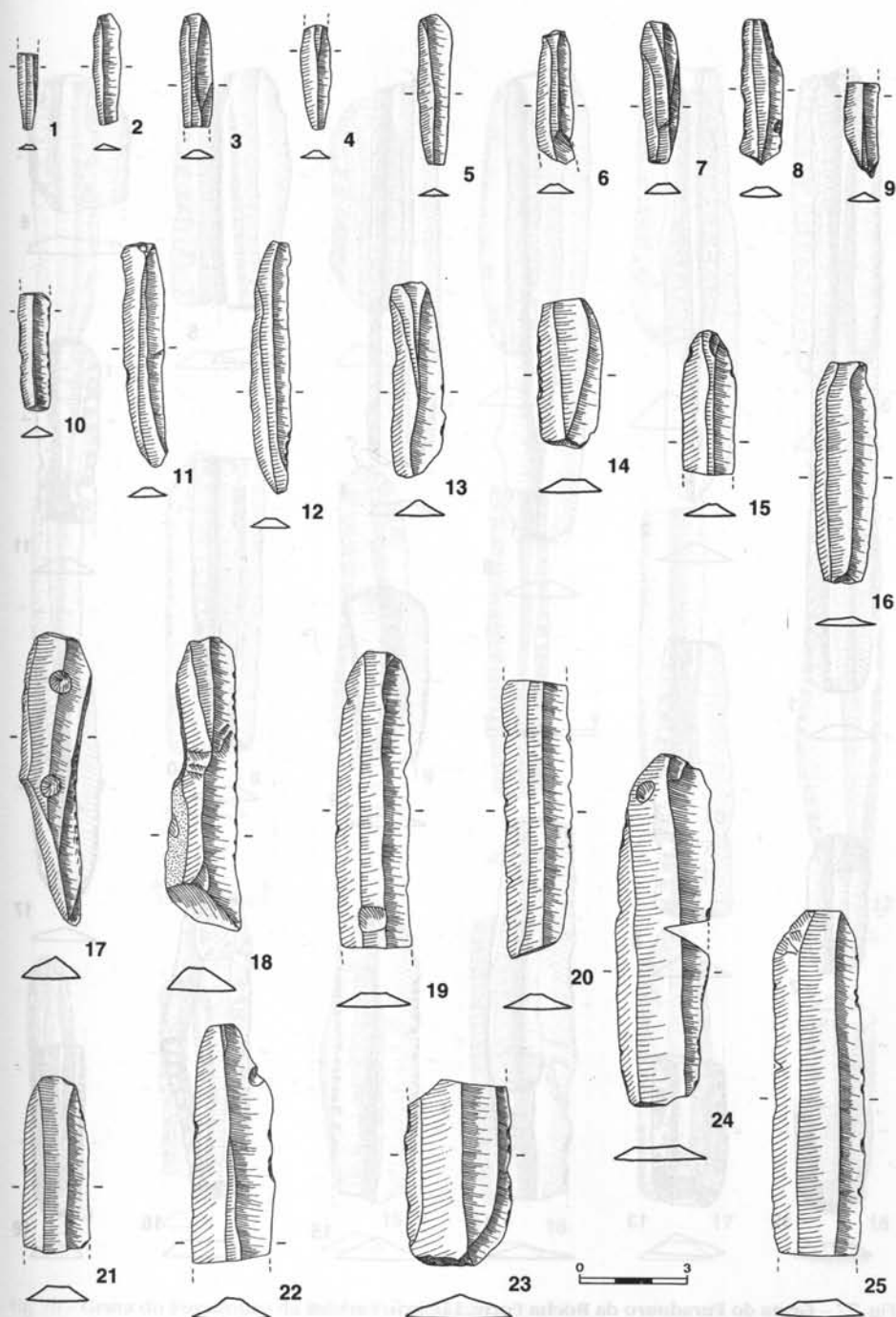


Fig. 76 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Lâminas, em sílex.

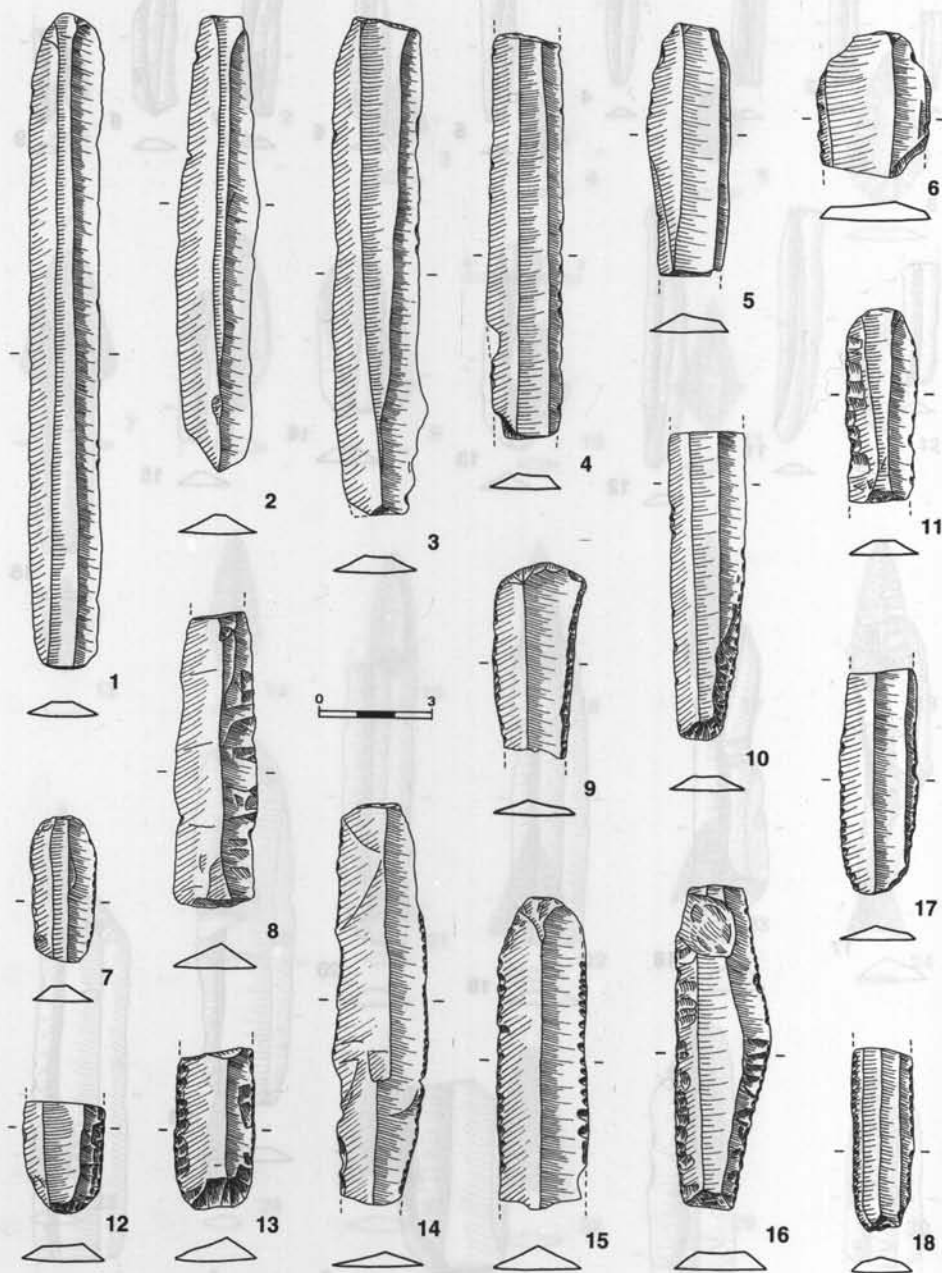


Fig. 77 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Lâminas, em sílex.

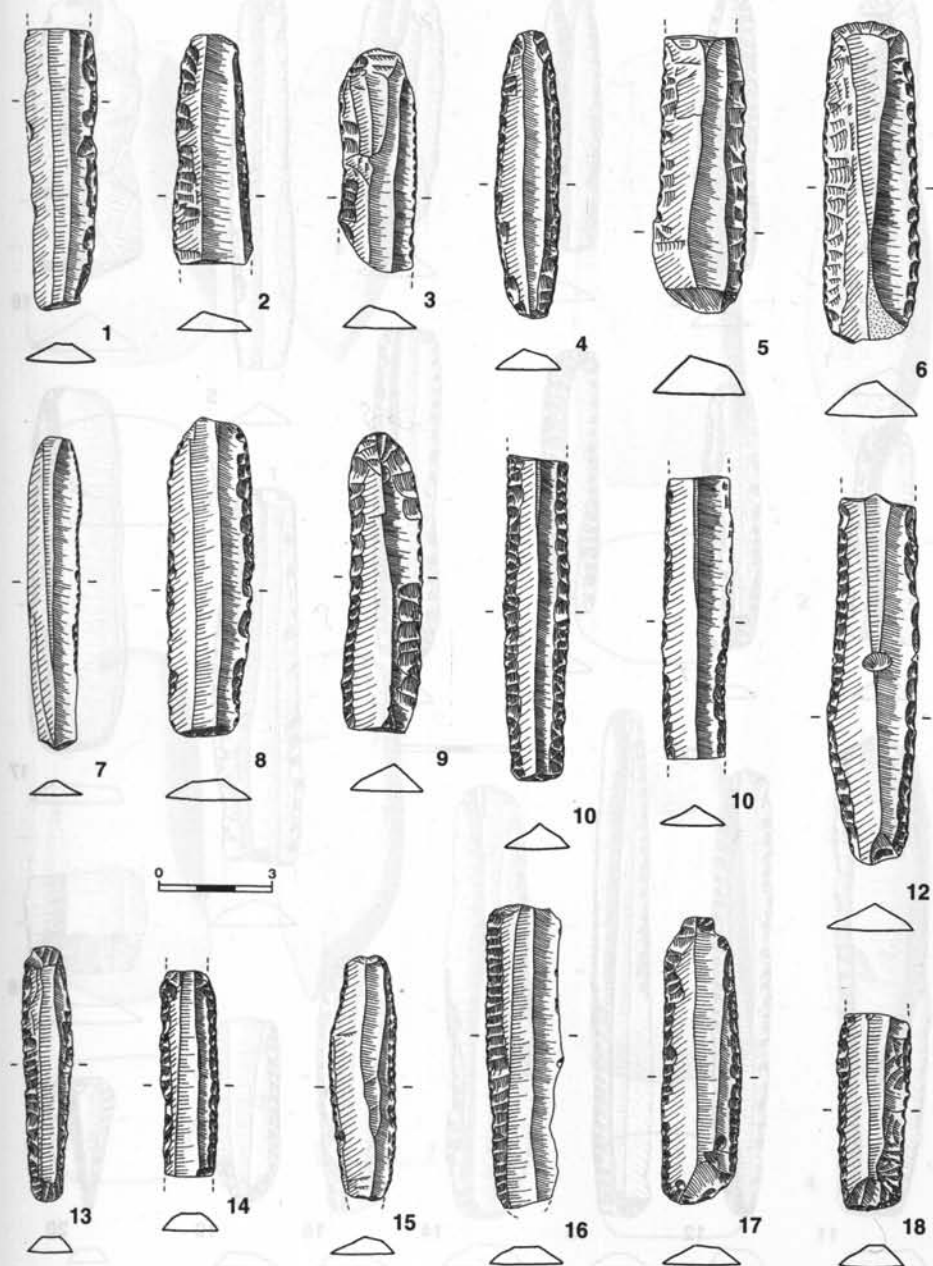


Fig. 78 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Lâminas, em sílex.

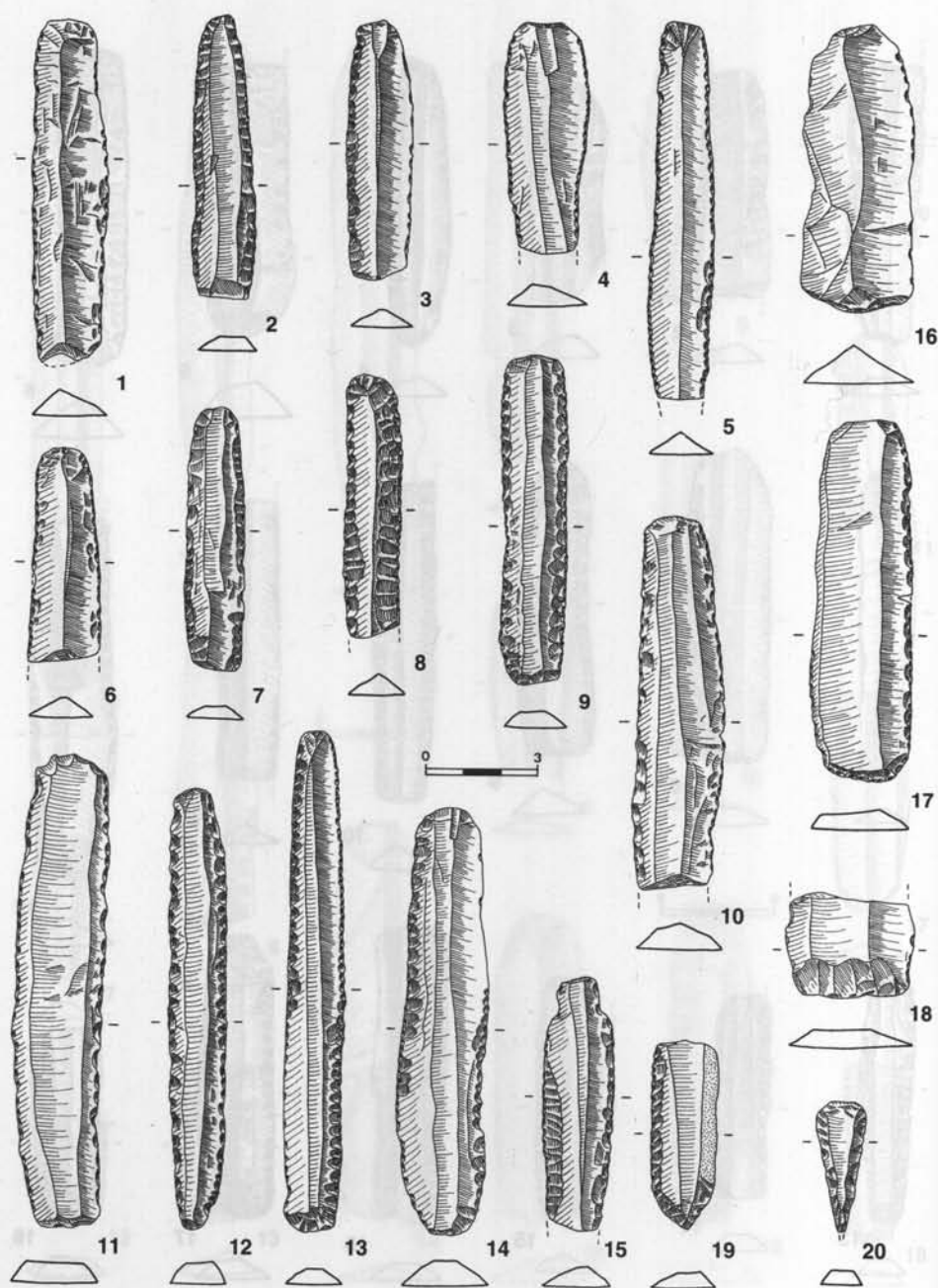


Fig. 79 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. 1-18 - lâminas; 19 - lâmina/furador; 20 - furador, em sílex.

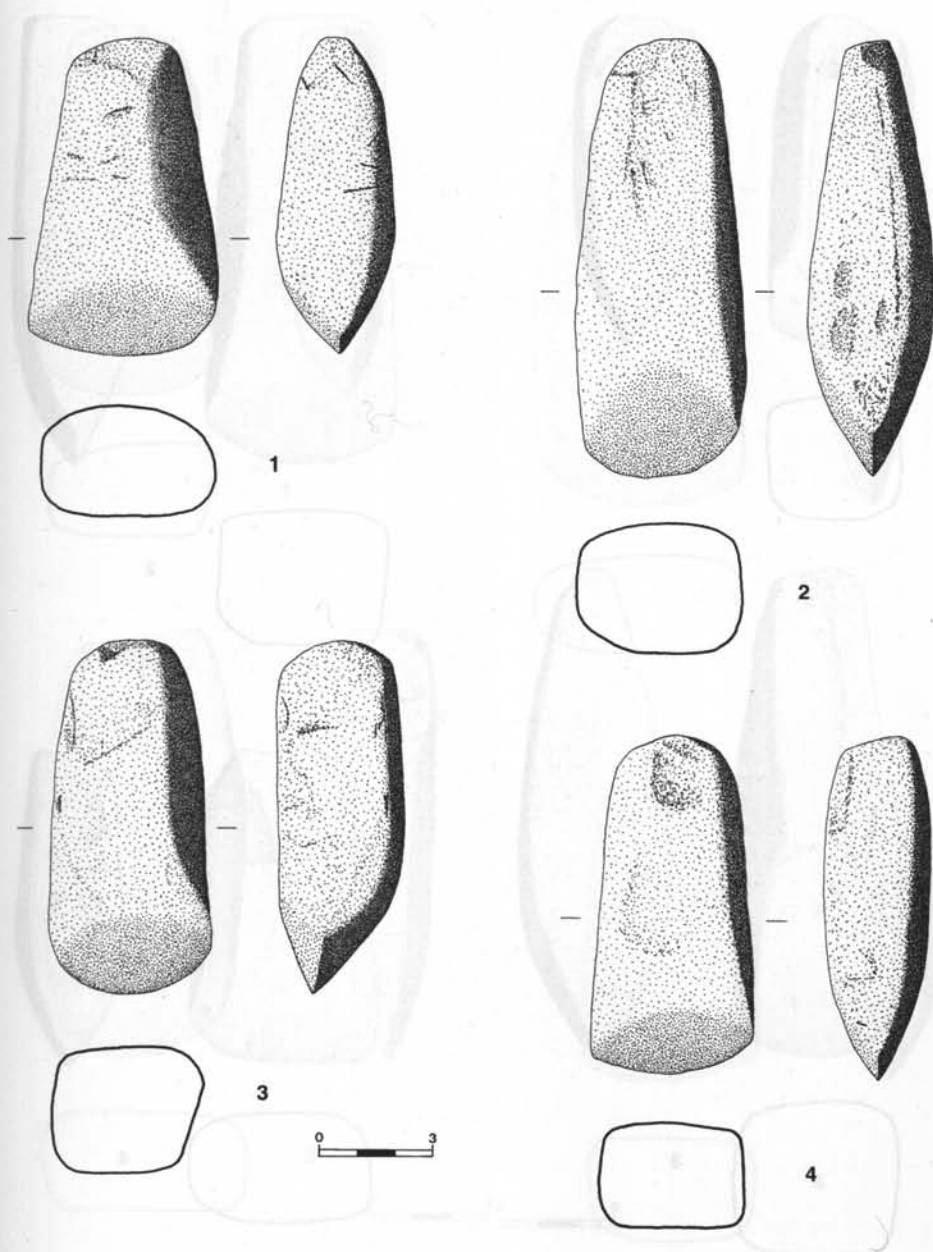


Fig. 80 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Machados.

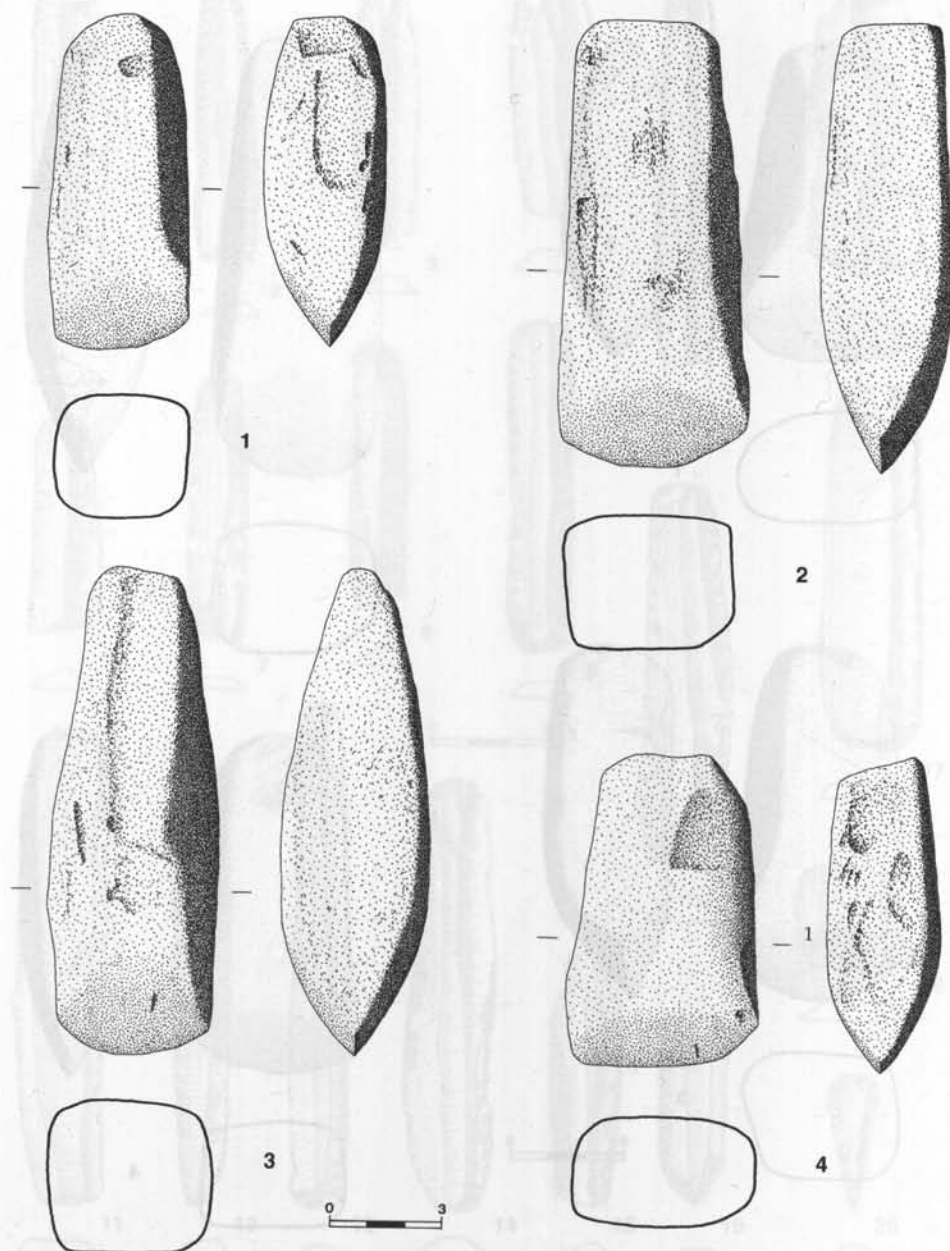


Fig. 81 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Machados.

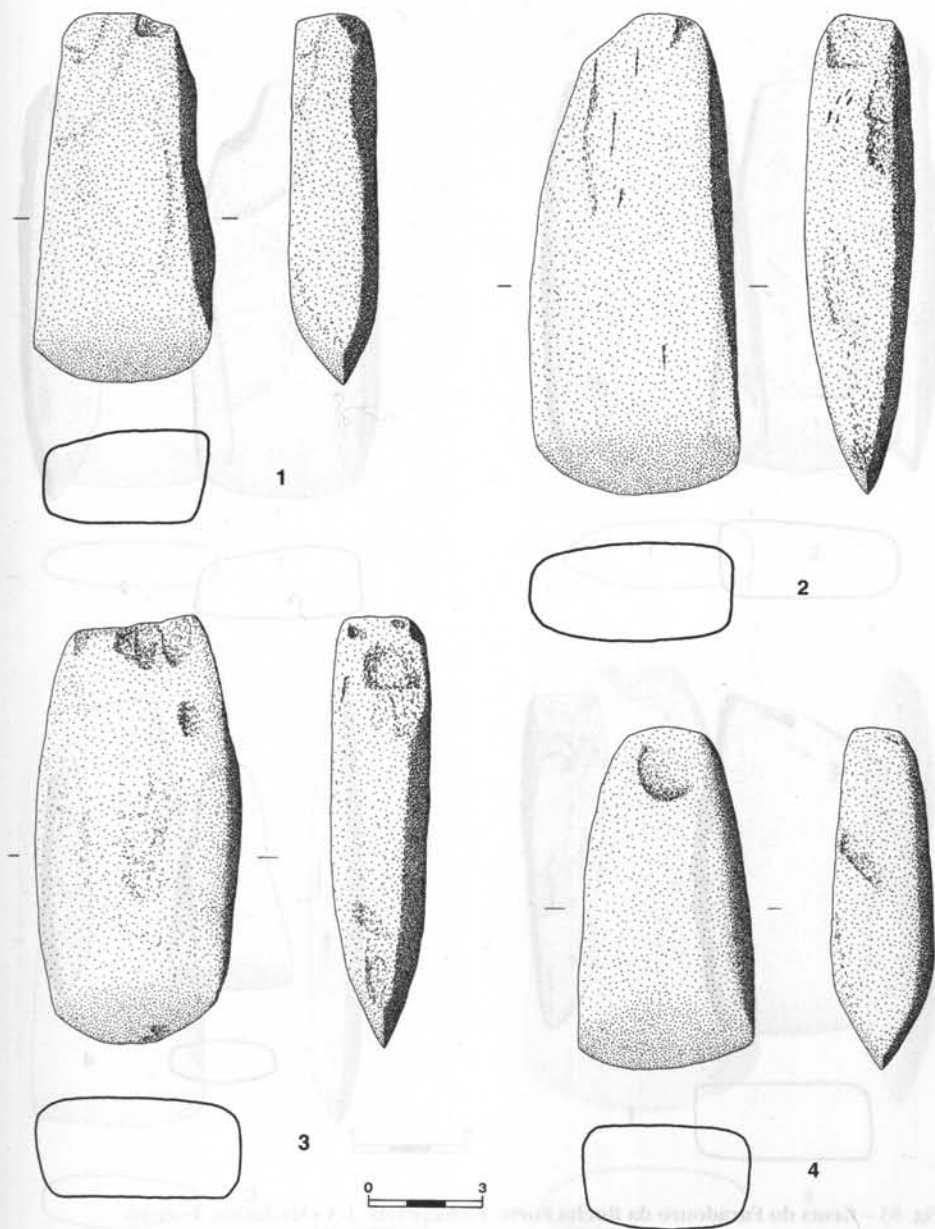


Fig. 82 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Machados.

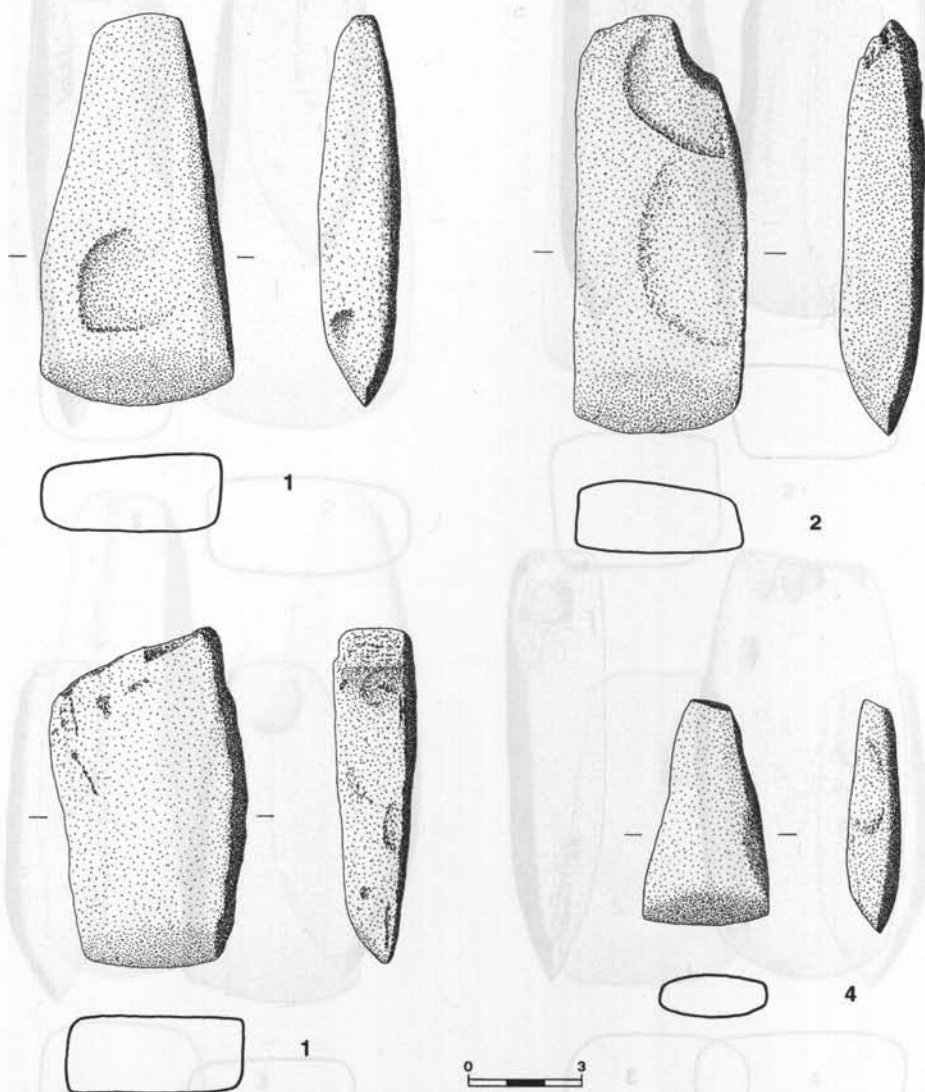


Fig. 83 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. 1-3 - Machados; 4 - enxó.

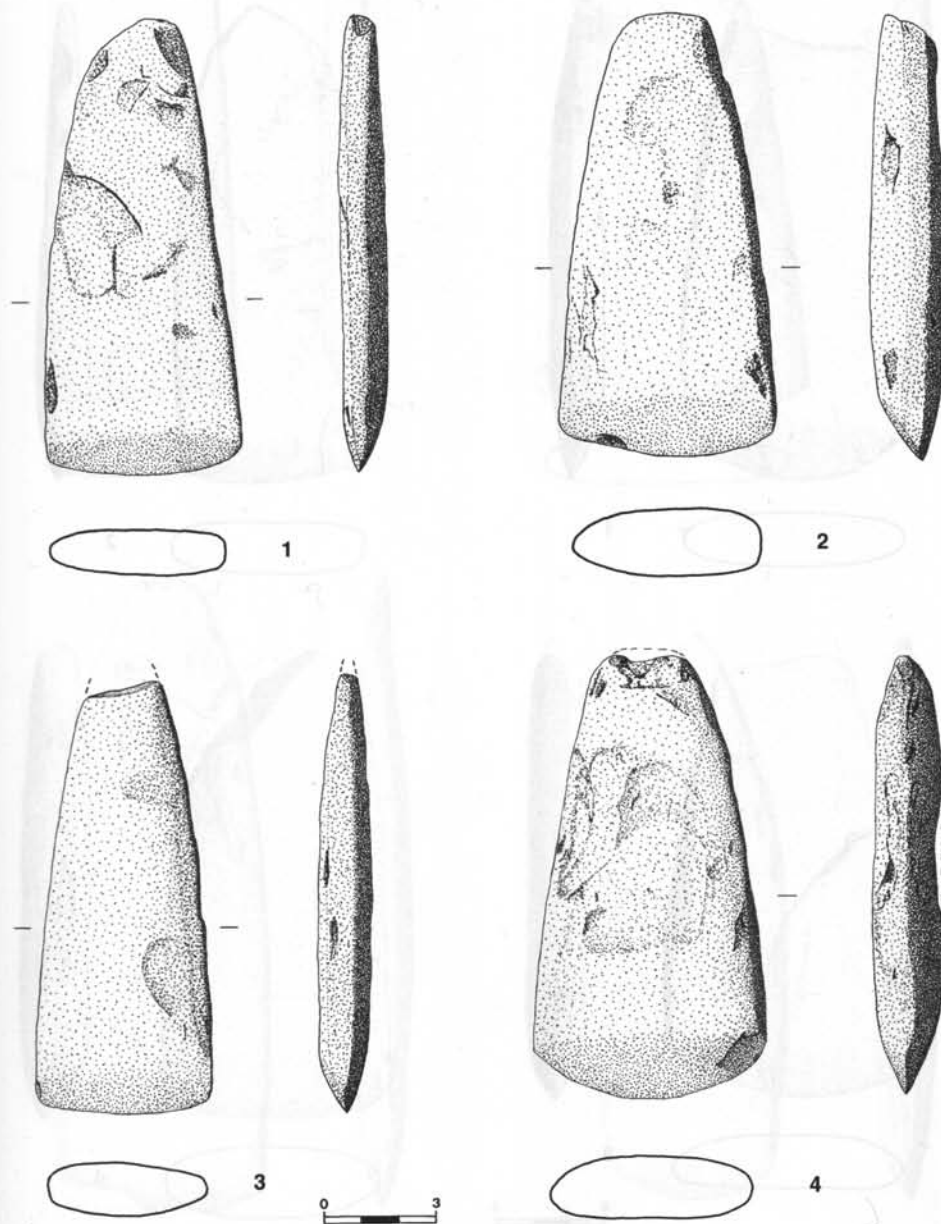


Fig. 84 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Enxós.

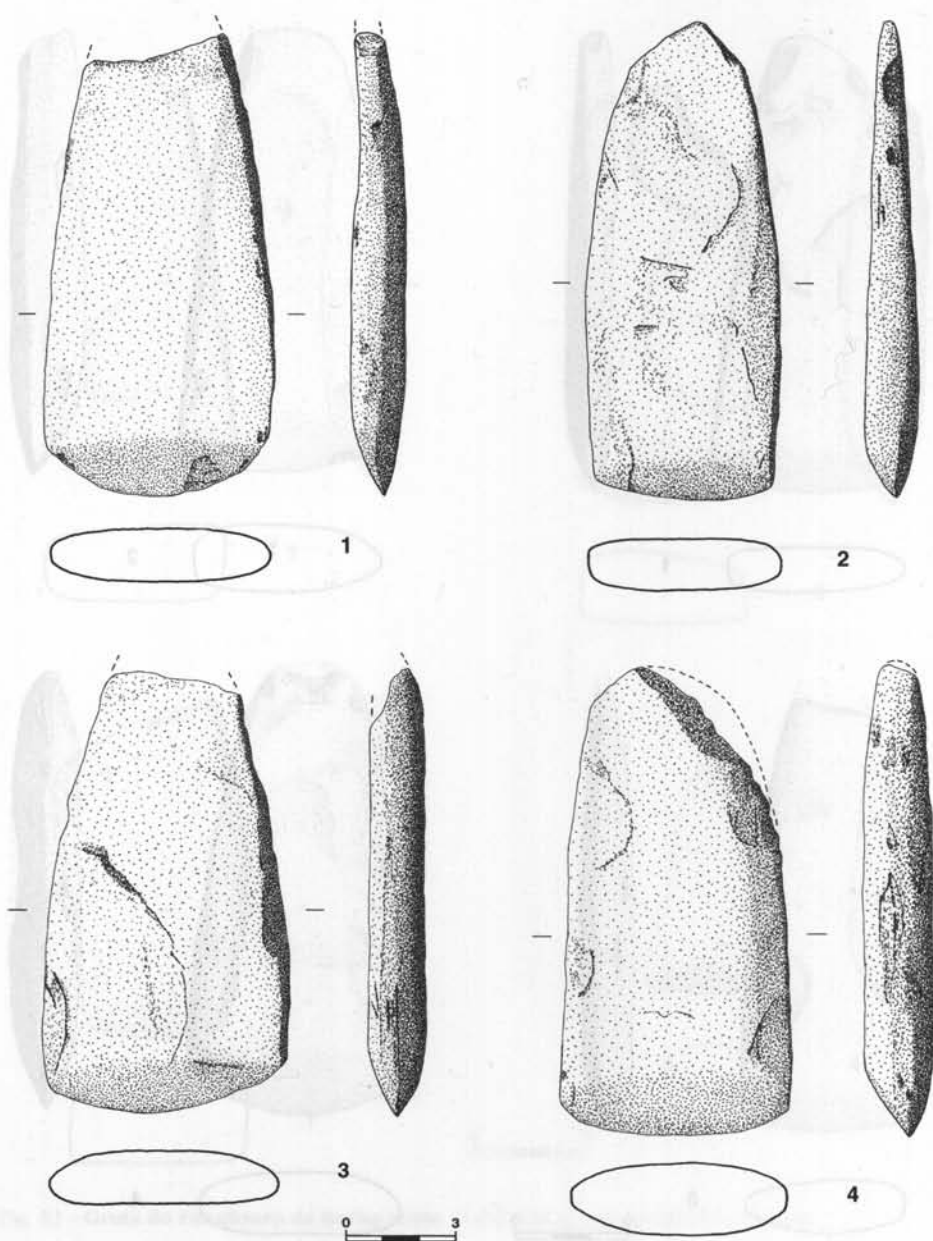


Fig. 85 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Enxós.

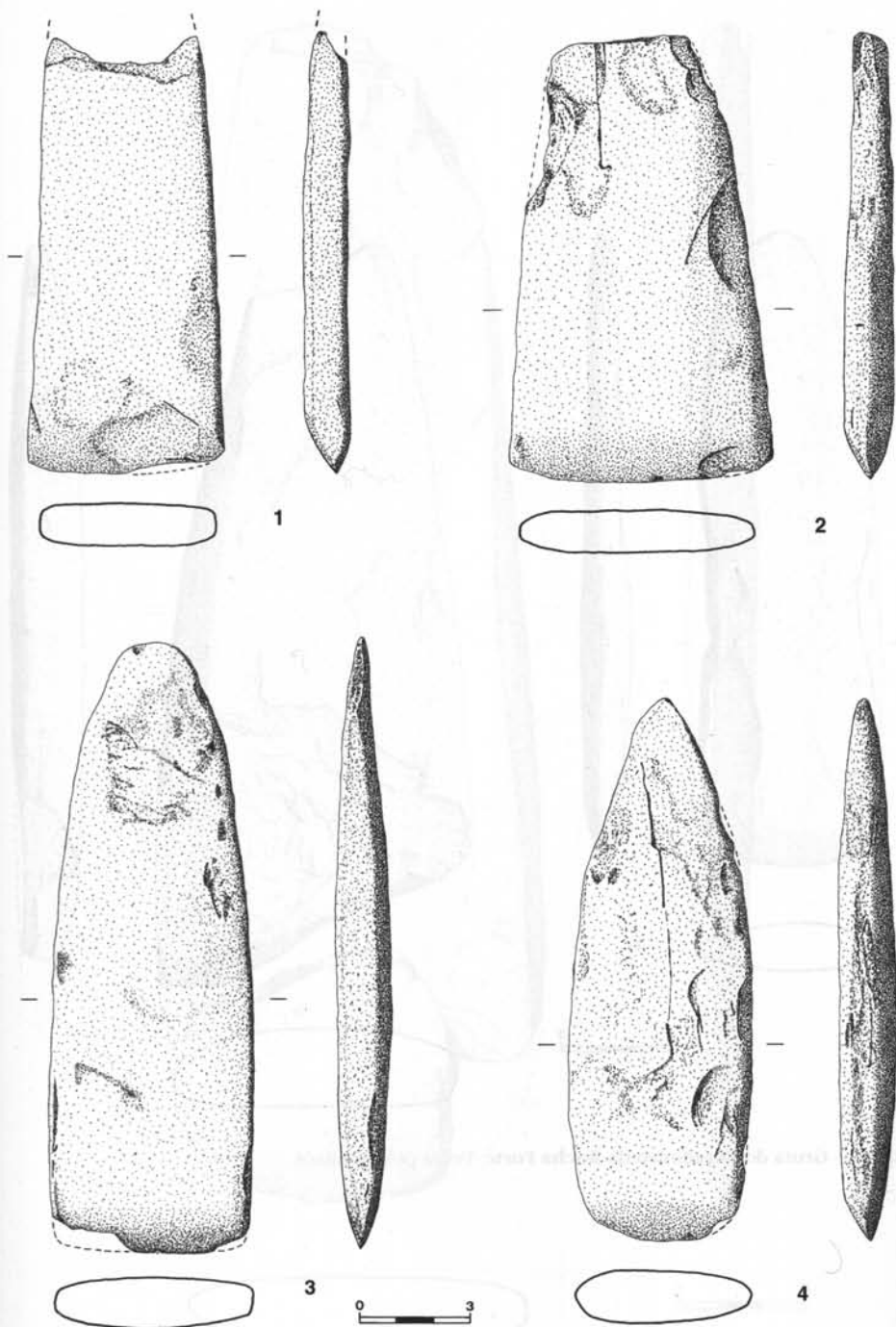


Fig. 86 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Enxós.

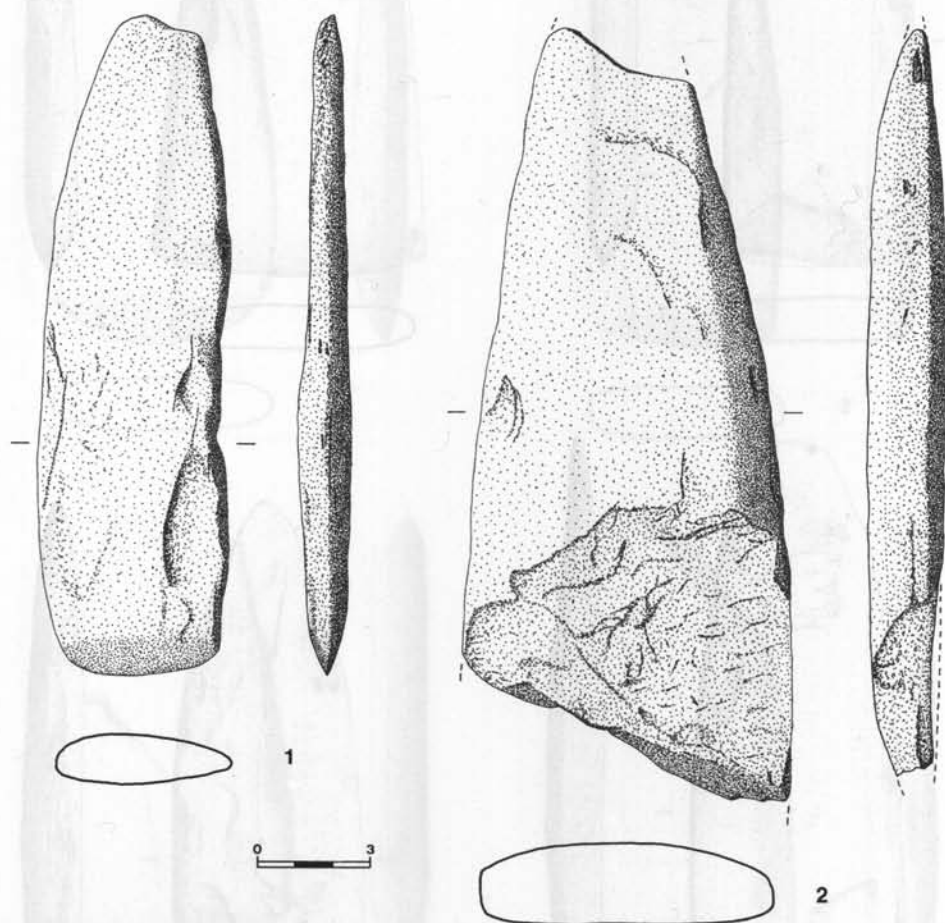


Fig. 87 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte.** Pedra polida. Enxós.



Fig. 88 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Pedra polida. Grande enxó.

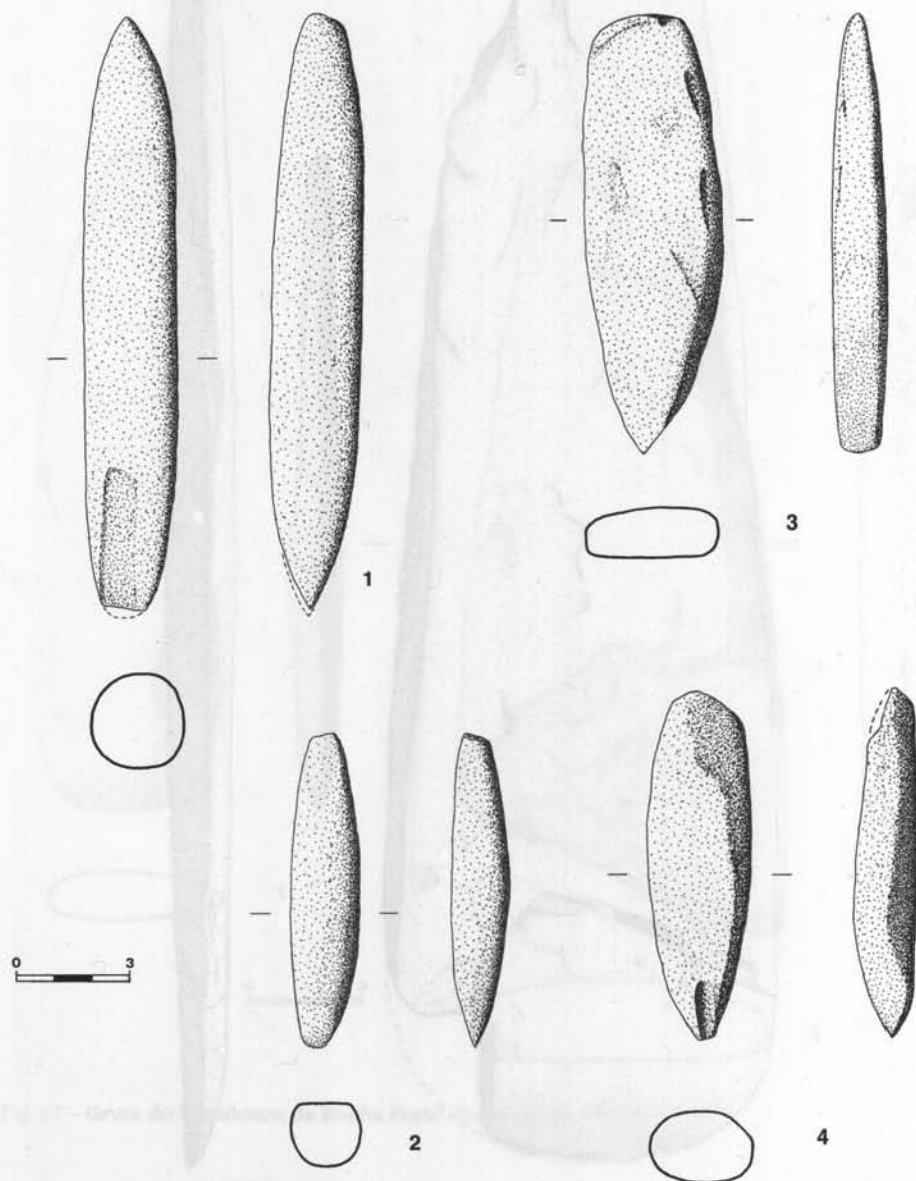


Fig. 89 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte**. Pedra polida. 1-2 - cinzéis; 3 - Alisador/polidor; 4 - goiva.

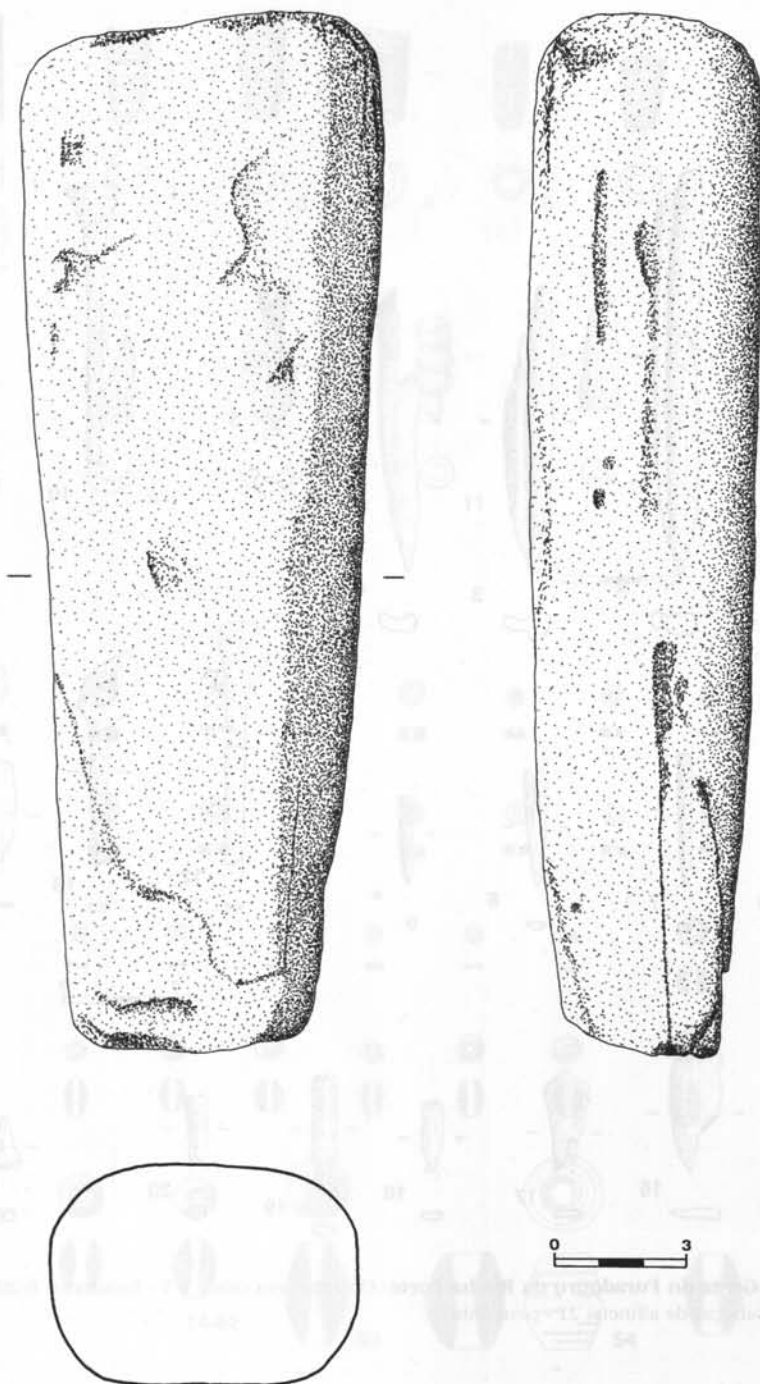


Fig. 90 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Ídolo-bétilo, em arenito.

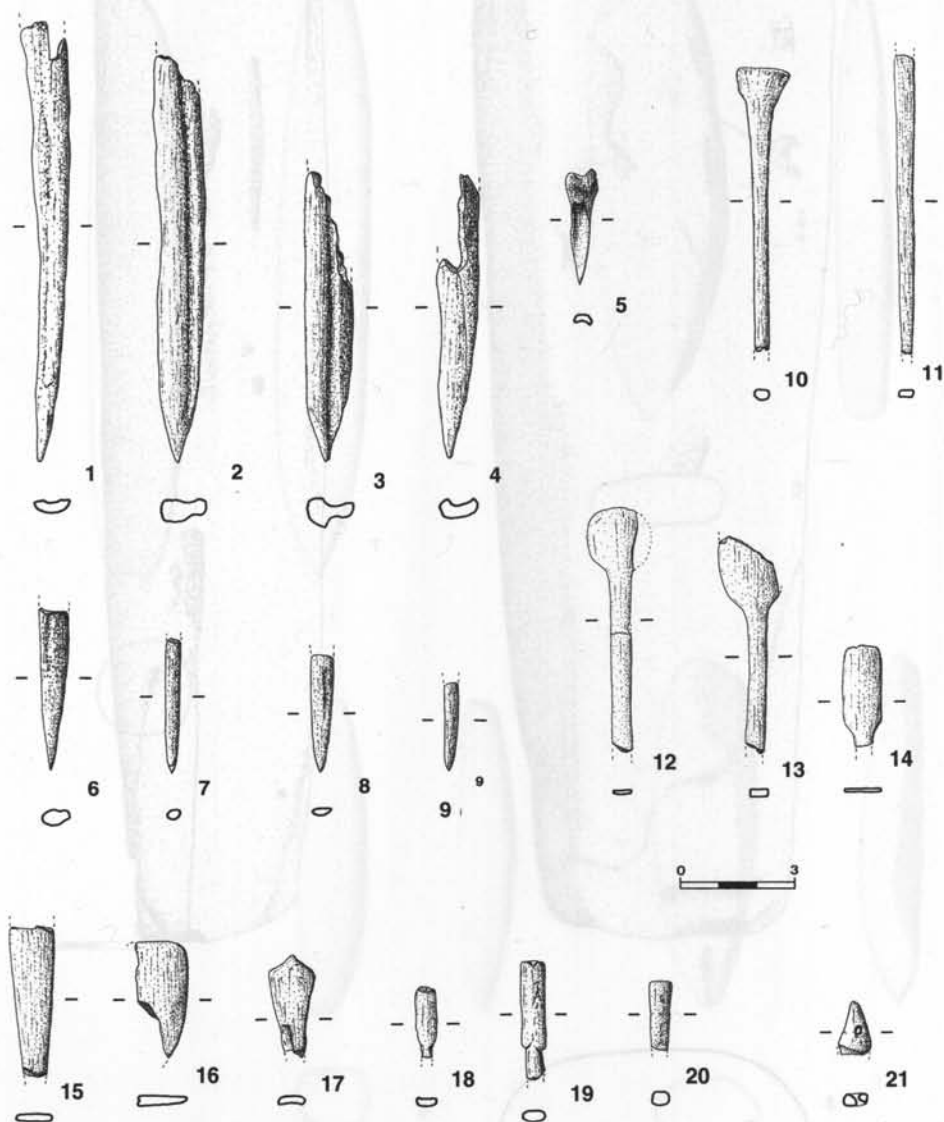


Fig. 91 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte**. Objectos em osso. 1-5 - furadores; 6-20 - hastes, pontas e cabeças de alfinete; 21 - pendente.

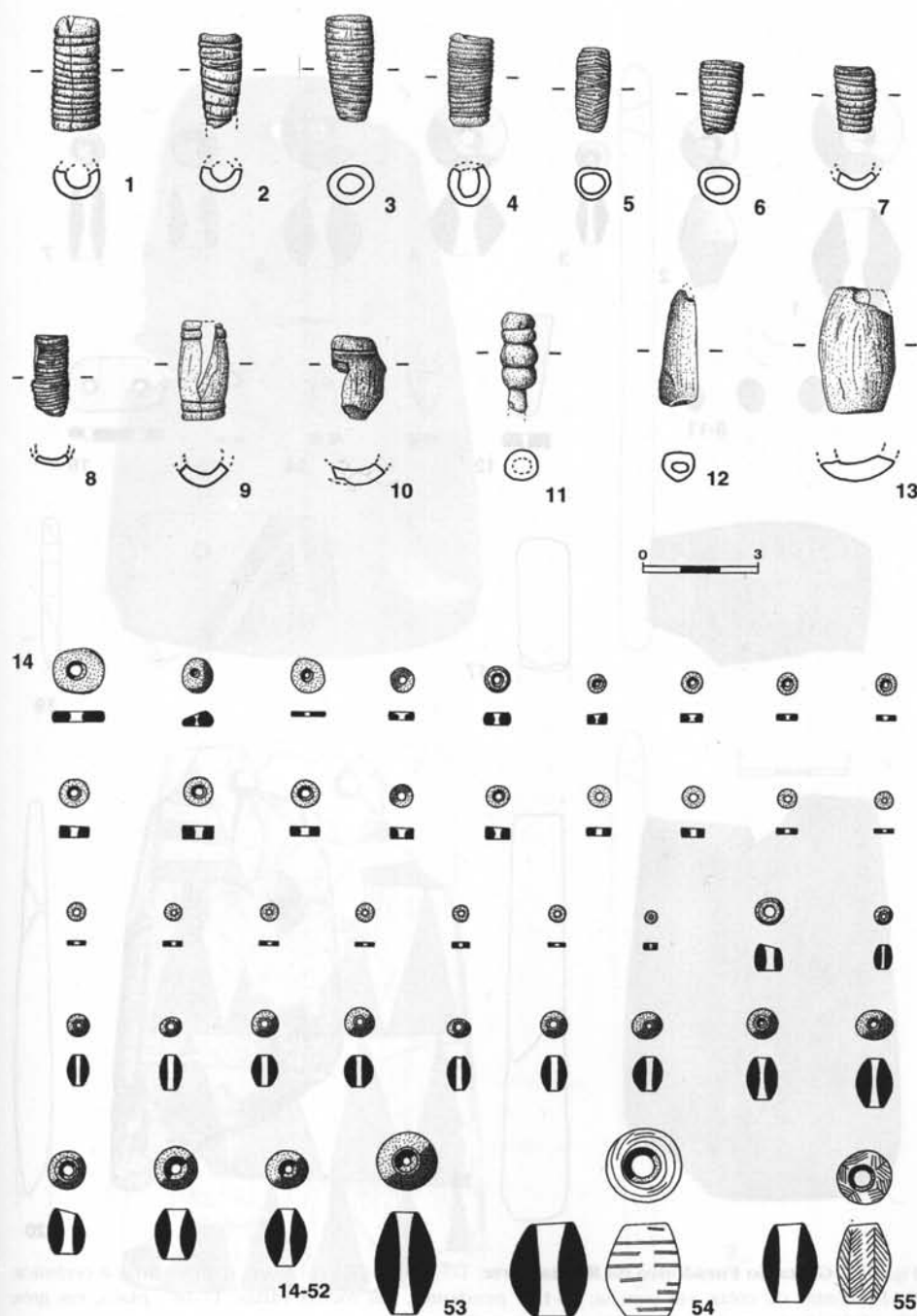


Fig. 92 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte.** 1-12 - cabeças de alfinetes caneladas, em osso; 13 - conta de colar, em osso; 14-55 - contas de colar, em rochas várias.

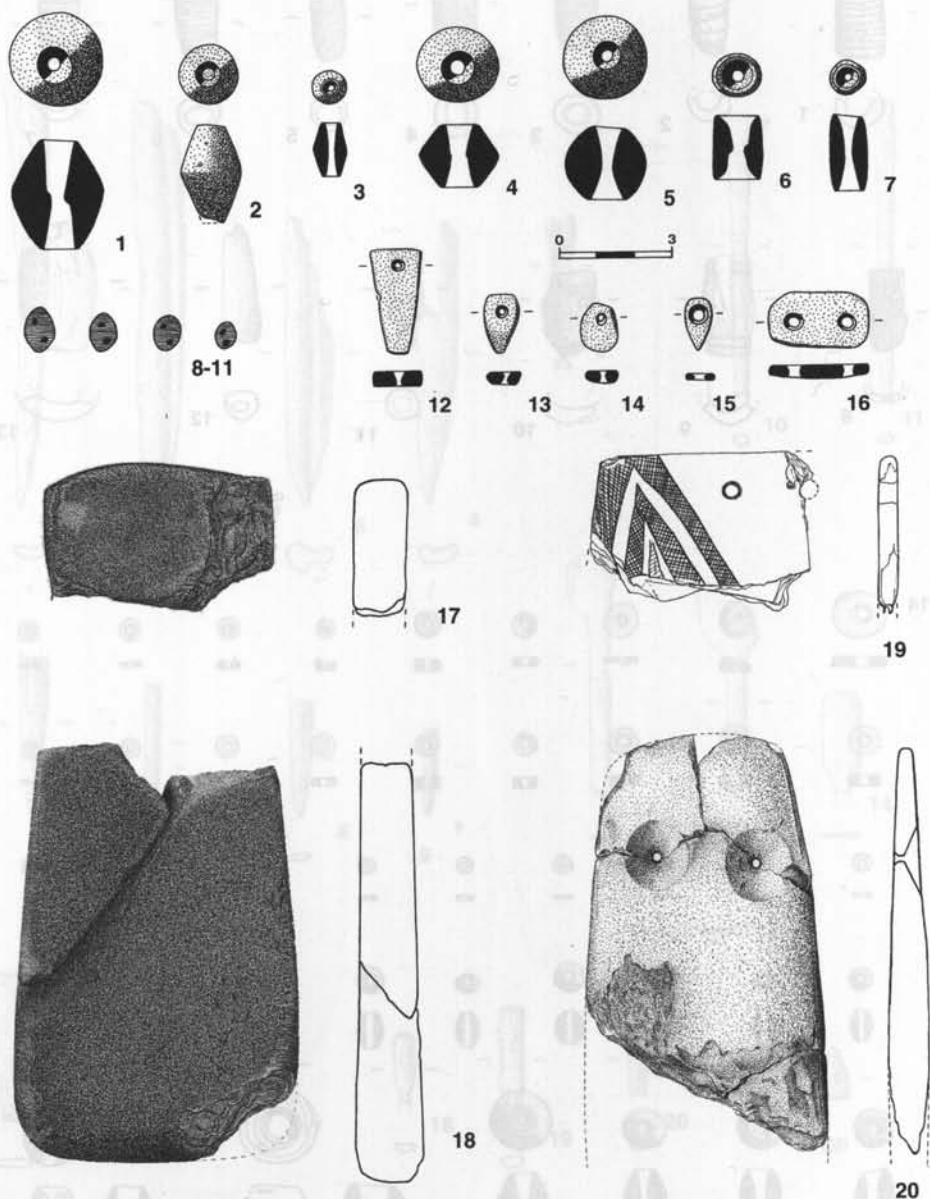


Fig. 93 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. 1-7 - contas de colar, em rochas várias e cerâmica; 8-11 - contas de colar, em concha; 12-16 - pendentes, em rochas várias; 17-18 - placa, em grés; 19 - ídolo-placa, em xisto; 20 - ídolo-placa, em micaxisto.

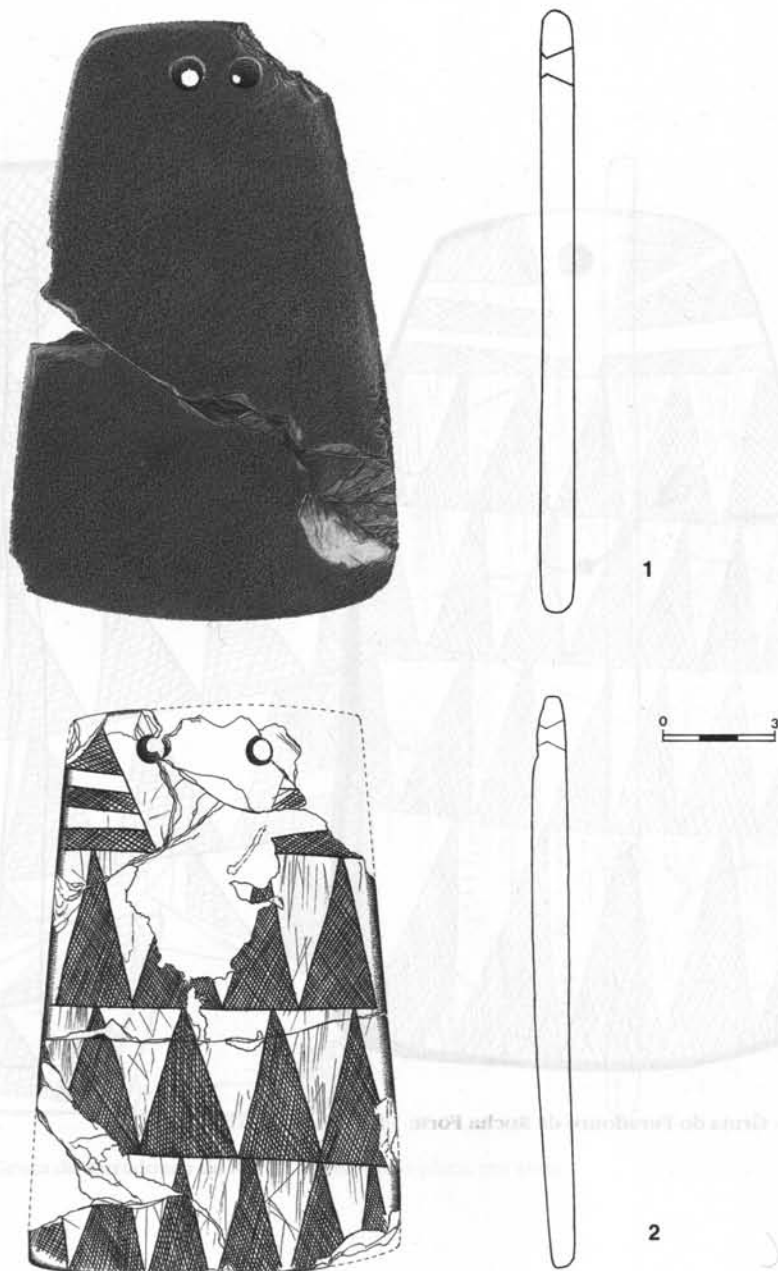


Fig. 94 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Ídolos-placa, em xisto.

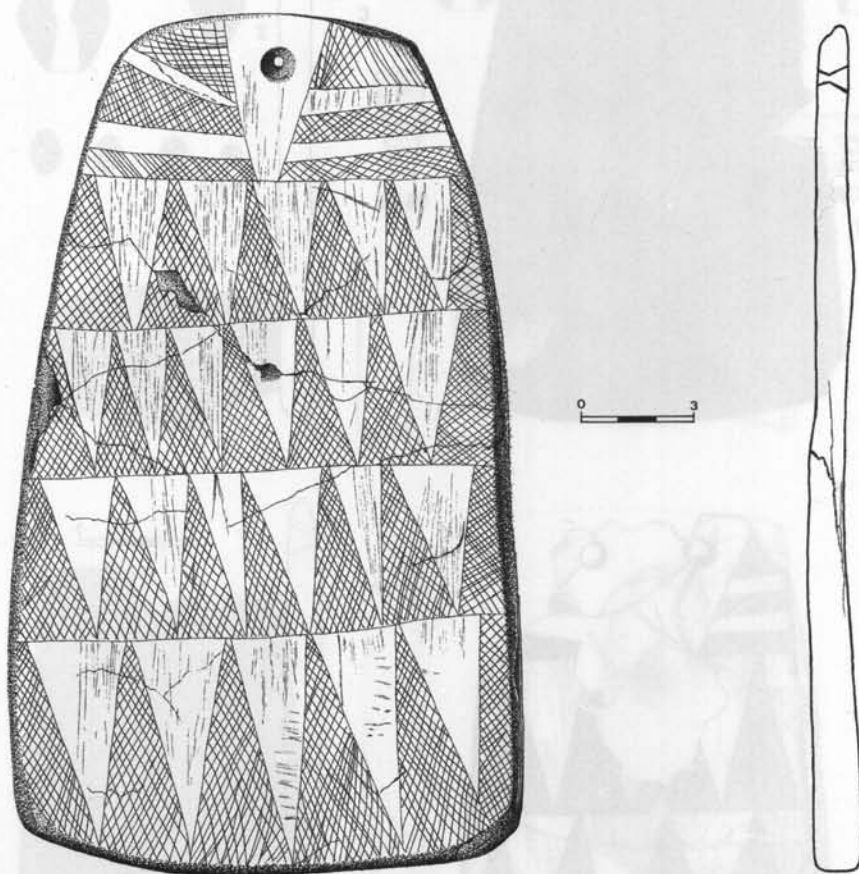


Fig. 95 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Ídolo-placa, em xisto.

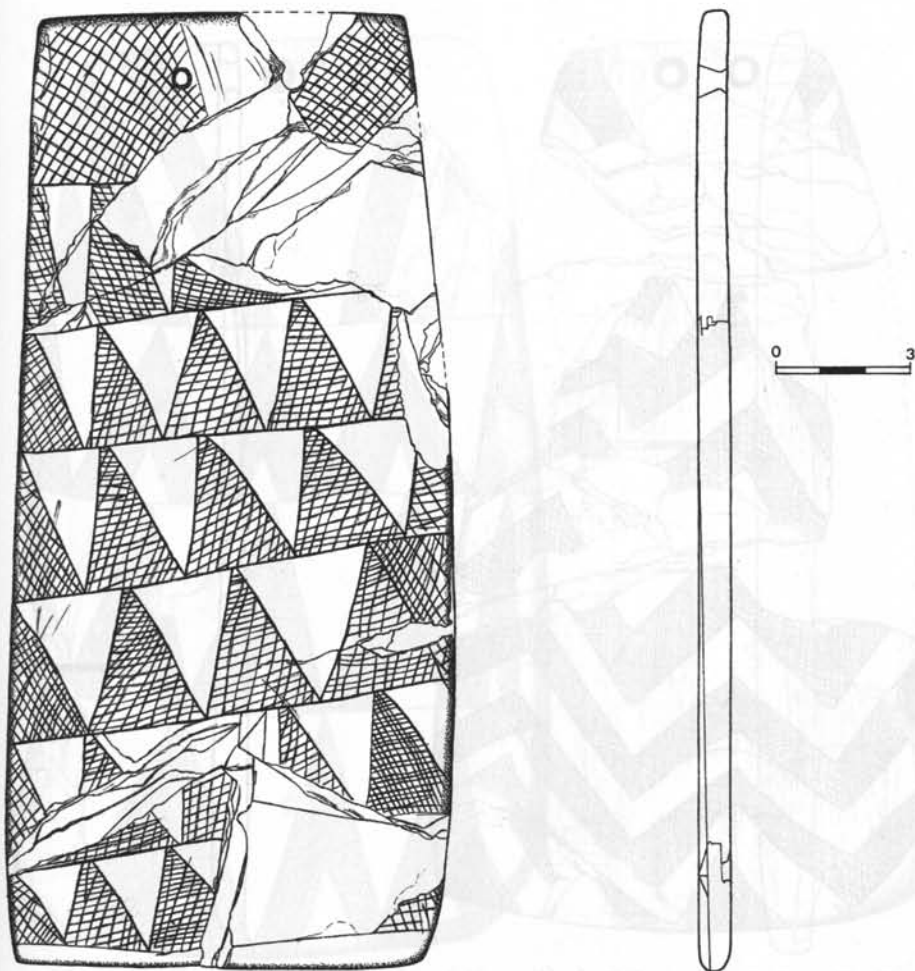


Fig. 96 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Ídolo-placa, em xisto.

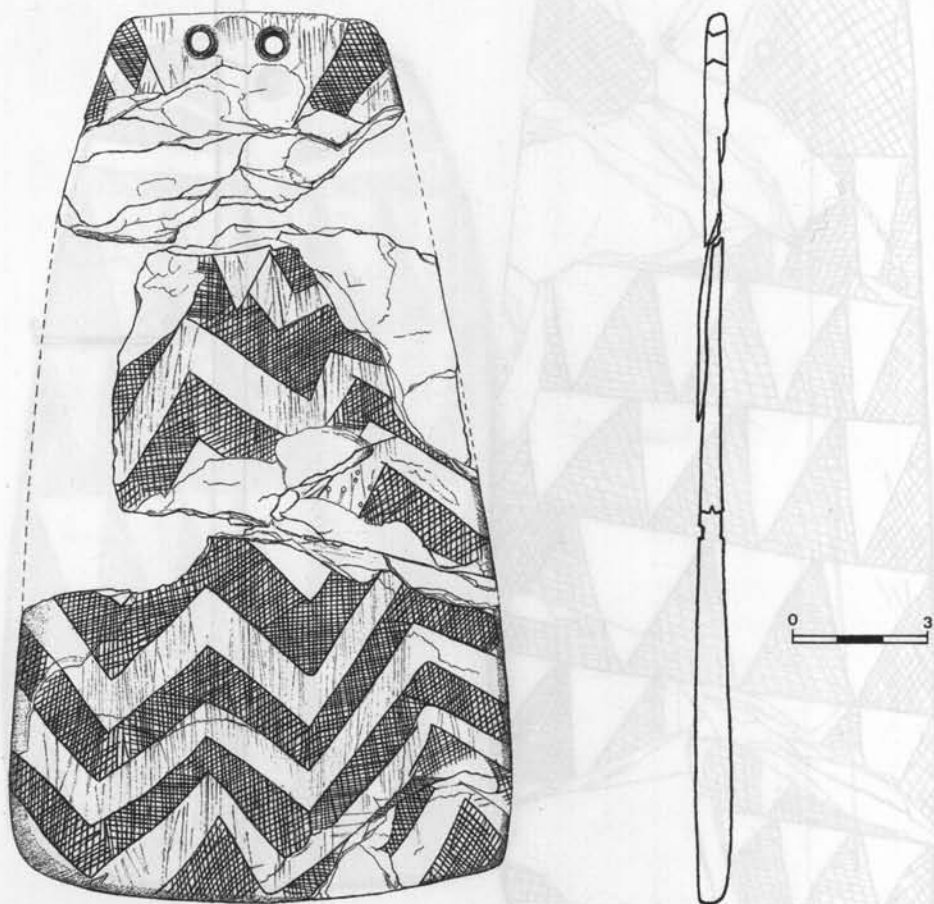


Fig. 97 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Ídolo-placa, em xisto.

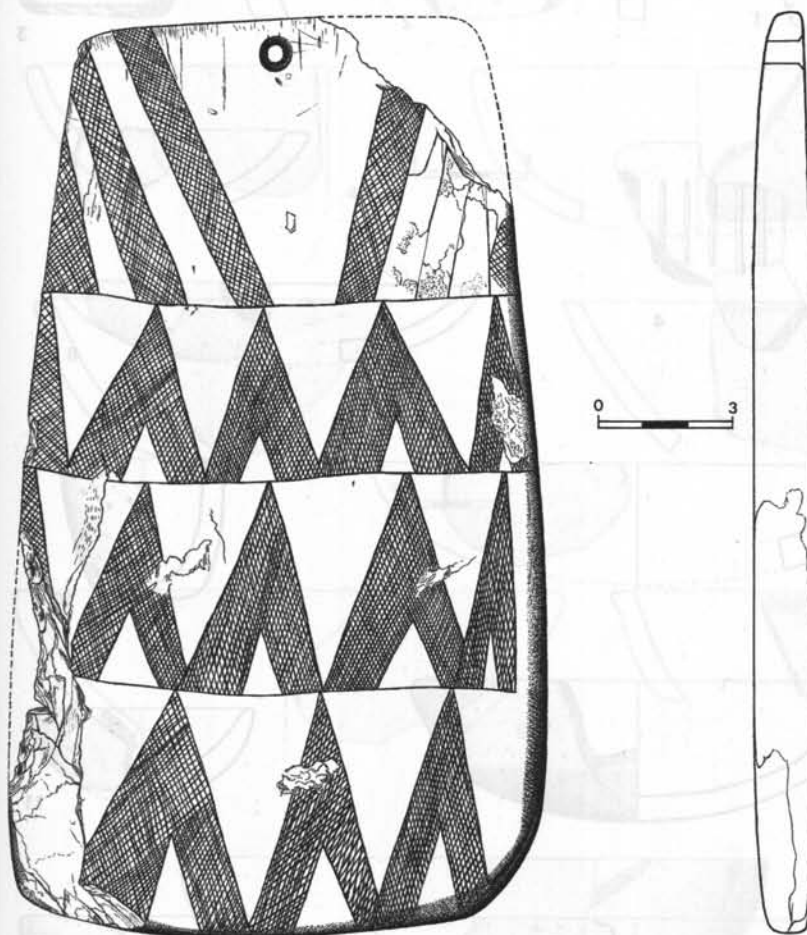


Fig. 98 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Ídolo-placa, em xisto.

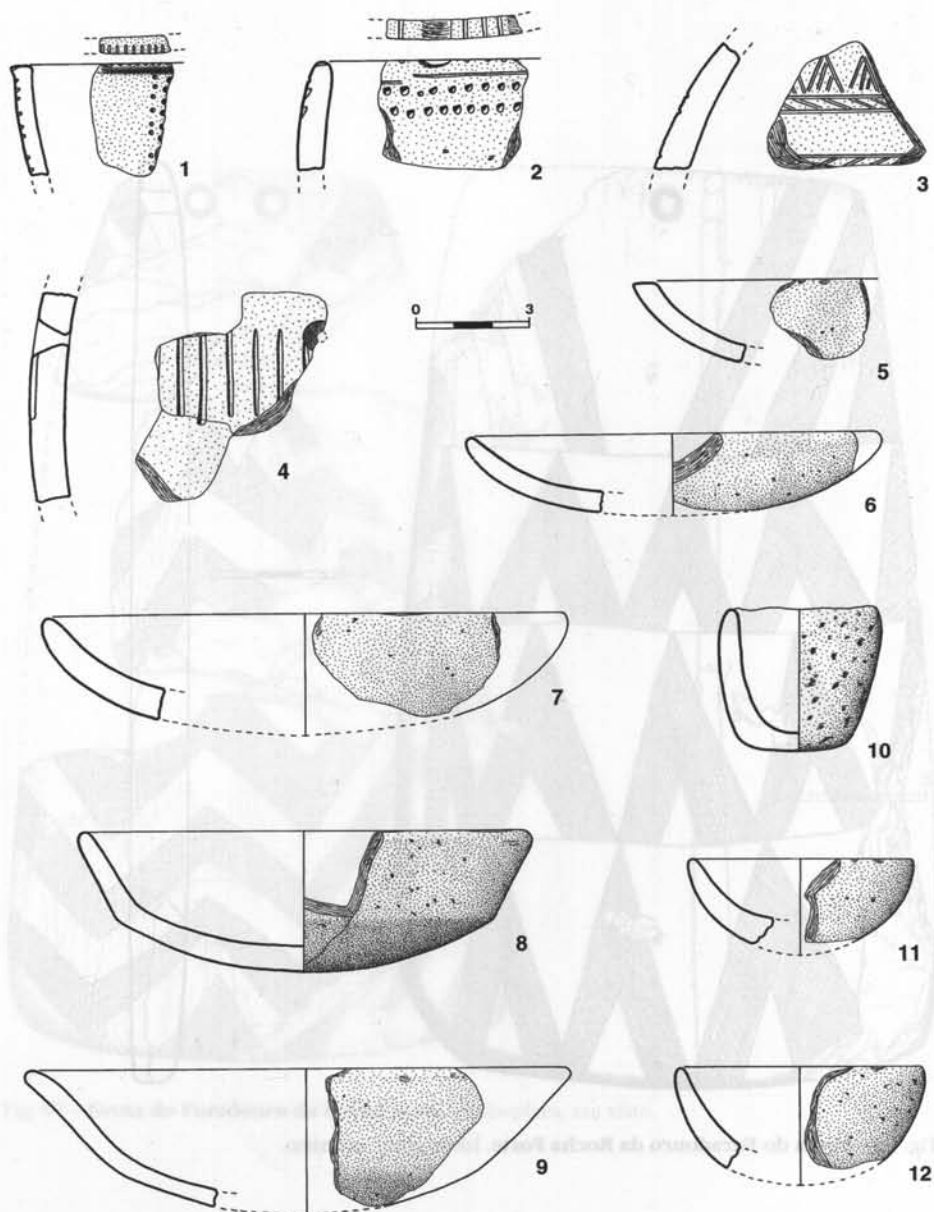


Fig. 99 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. 1-4 - bordos e fragmentos decorados; 5-9 - taças; 10 - copo; 11-12 - vasos hemisféricos.

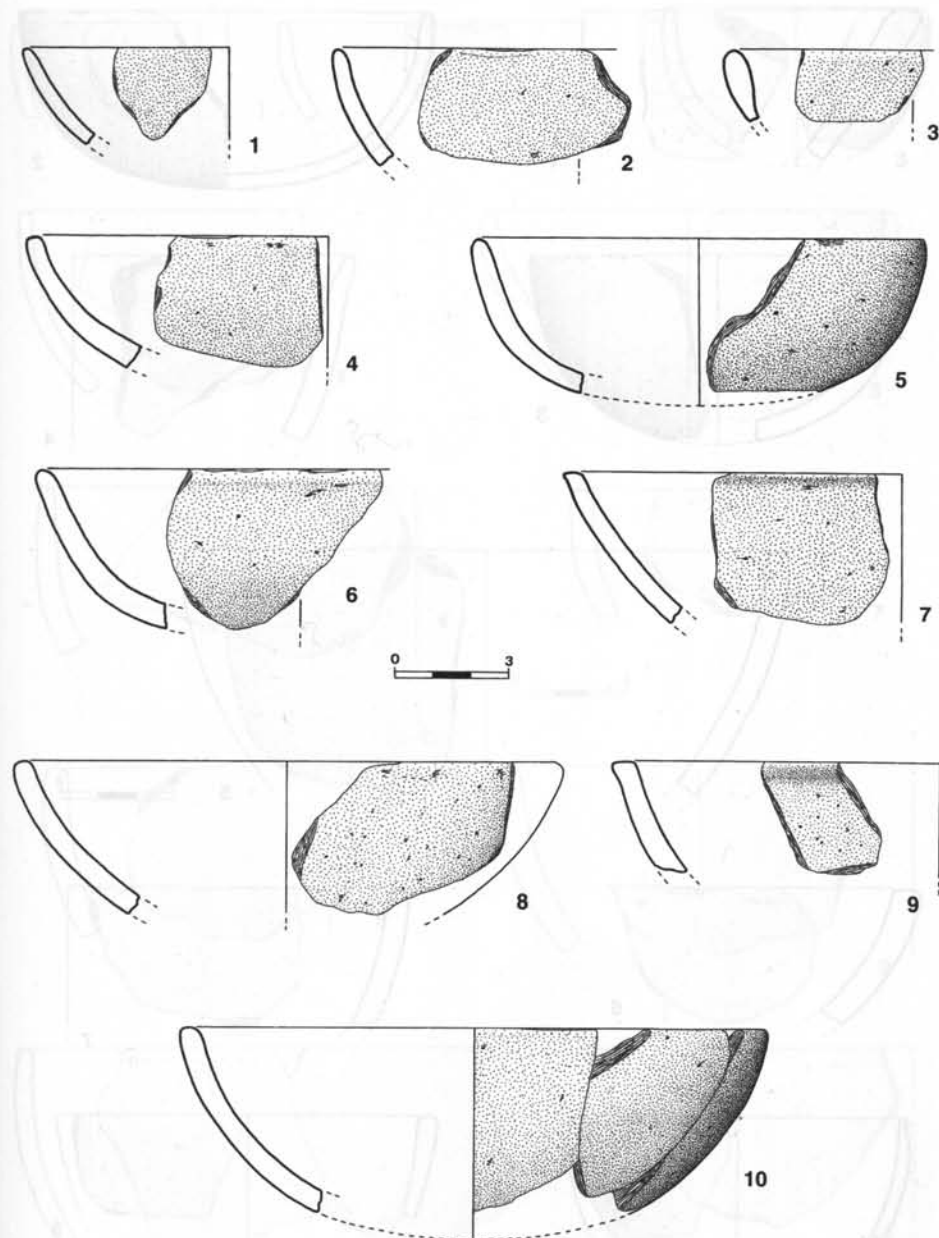


Fig. 100 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos hemisféricos.

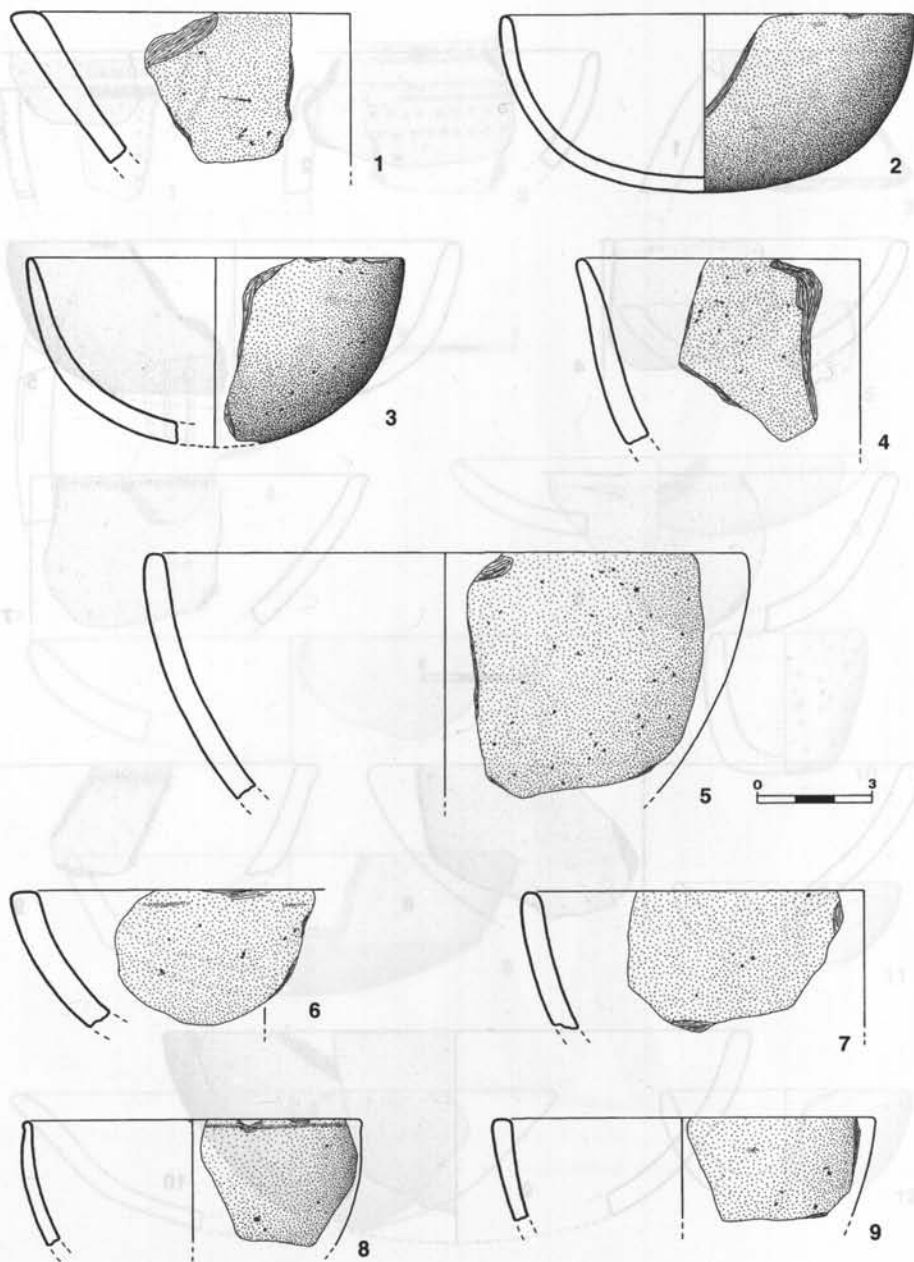


Fig. 101 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. 1-3 e 6 - vasos hemisféricos; 5 e 7-9 - vasos hemisféricos altos.

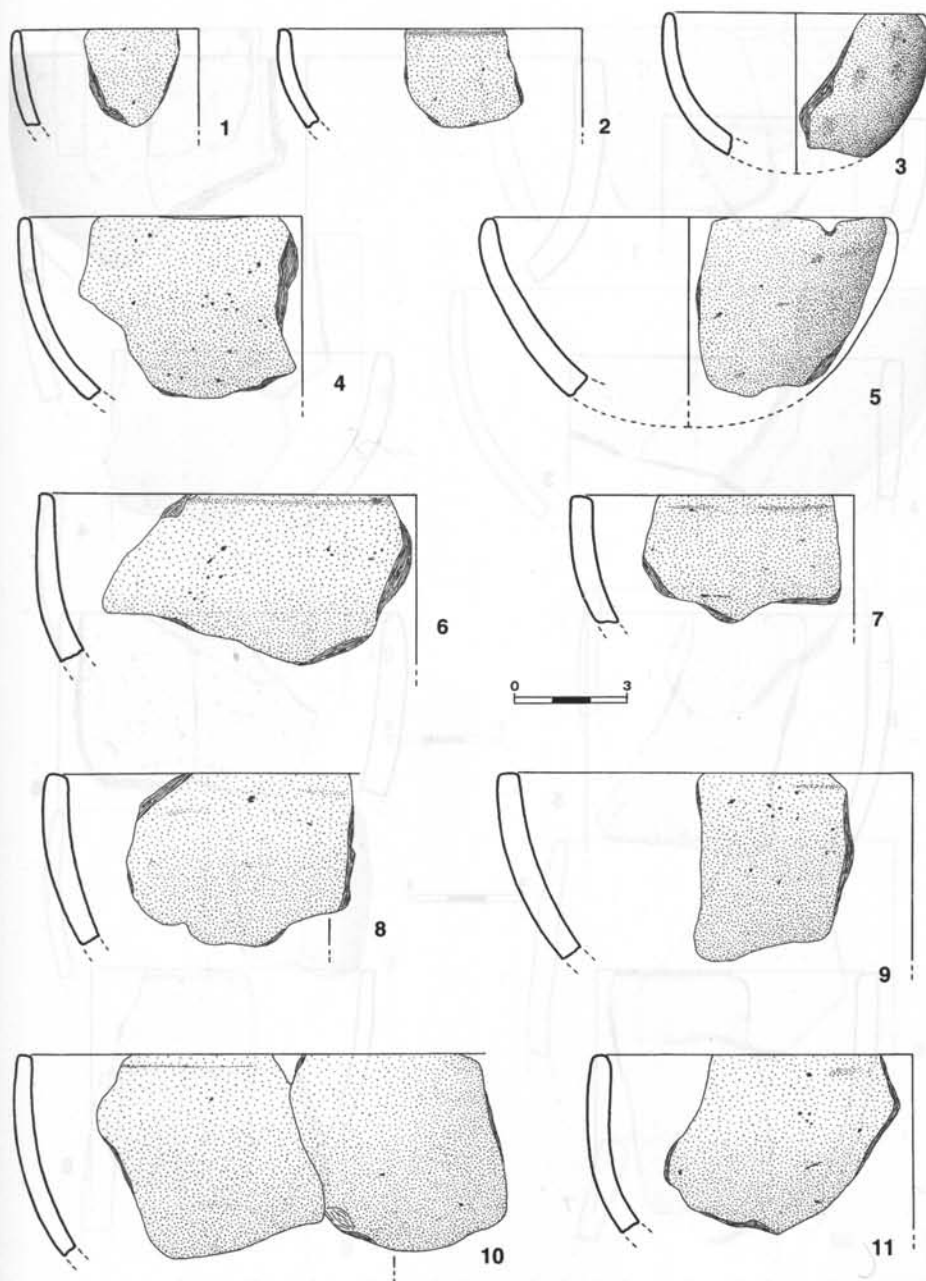


Fig. 102 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos hemisféricos altos.

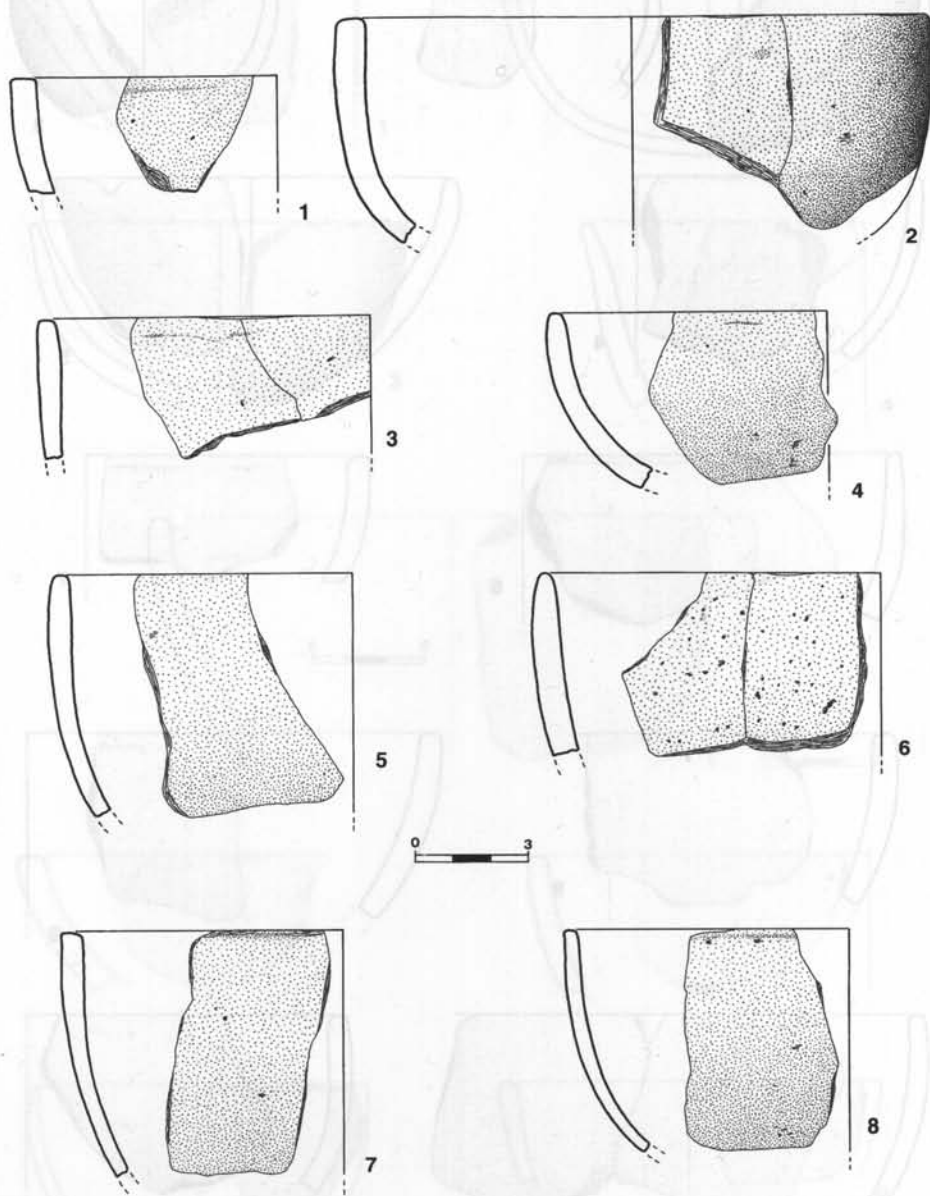


Fig. 103 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos hemisféricos altos.

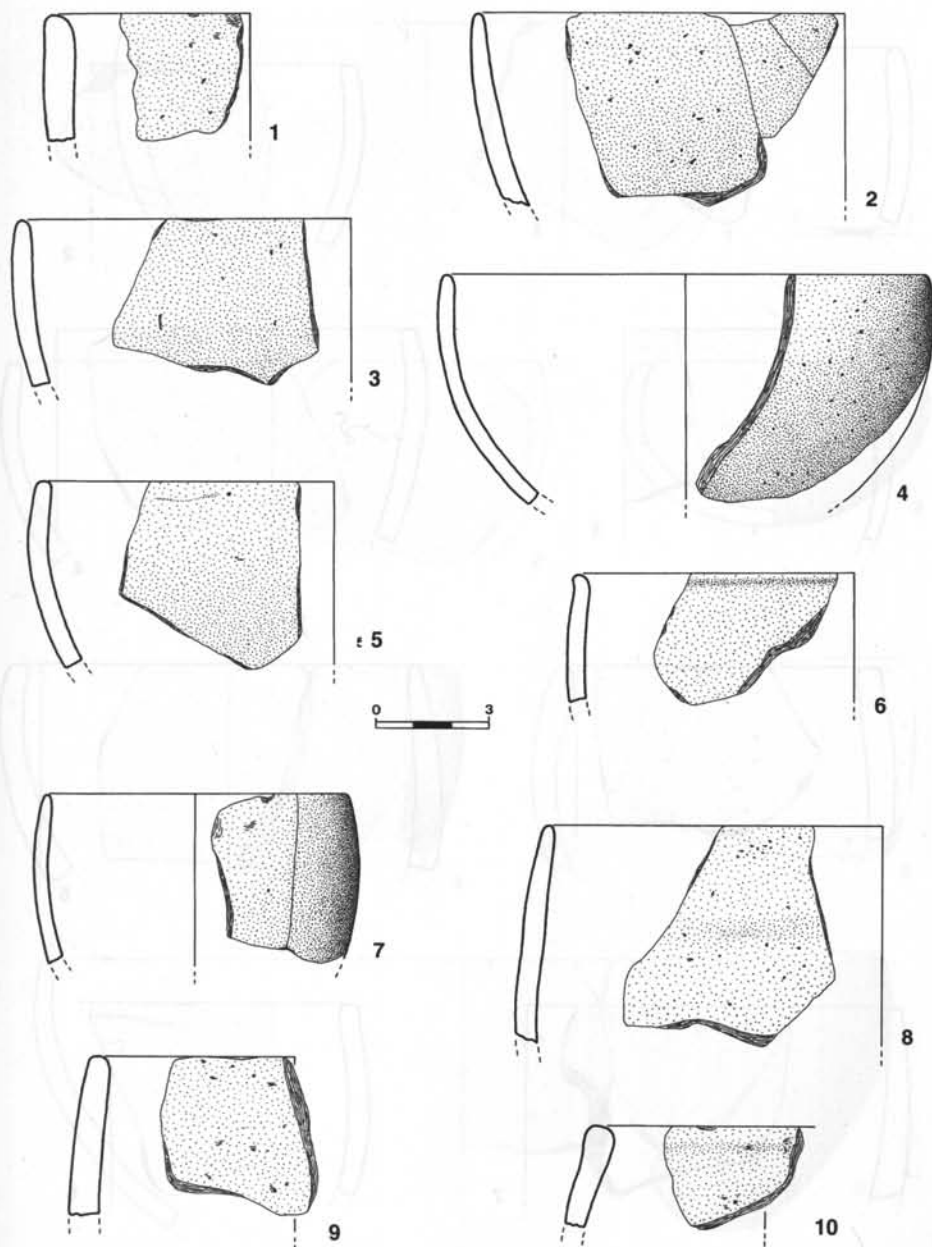


Fig. 104 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos hemisféricos altos.

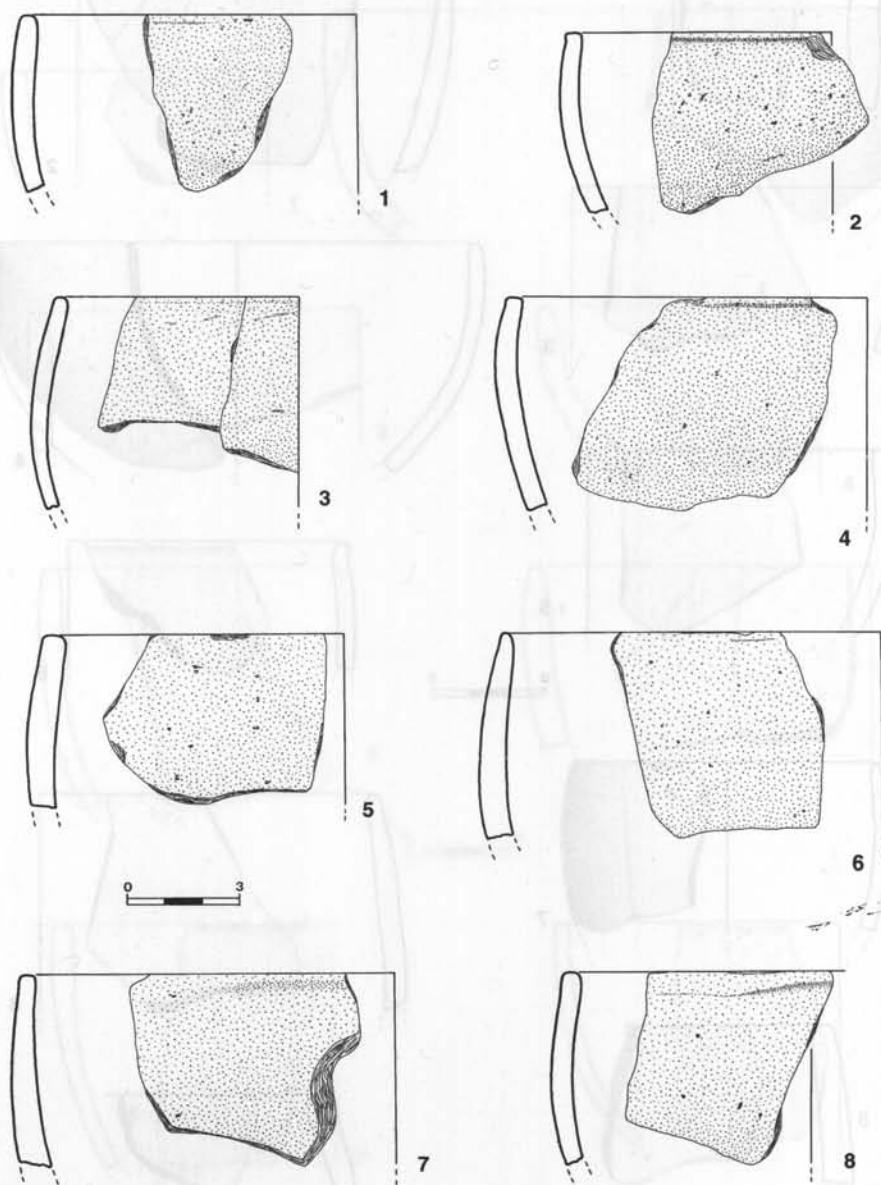


Fig. 105 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos hemisféricos altos.

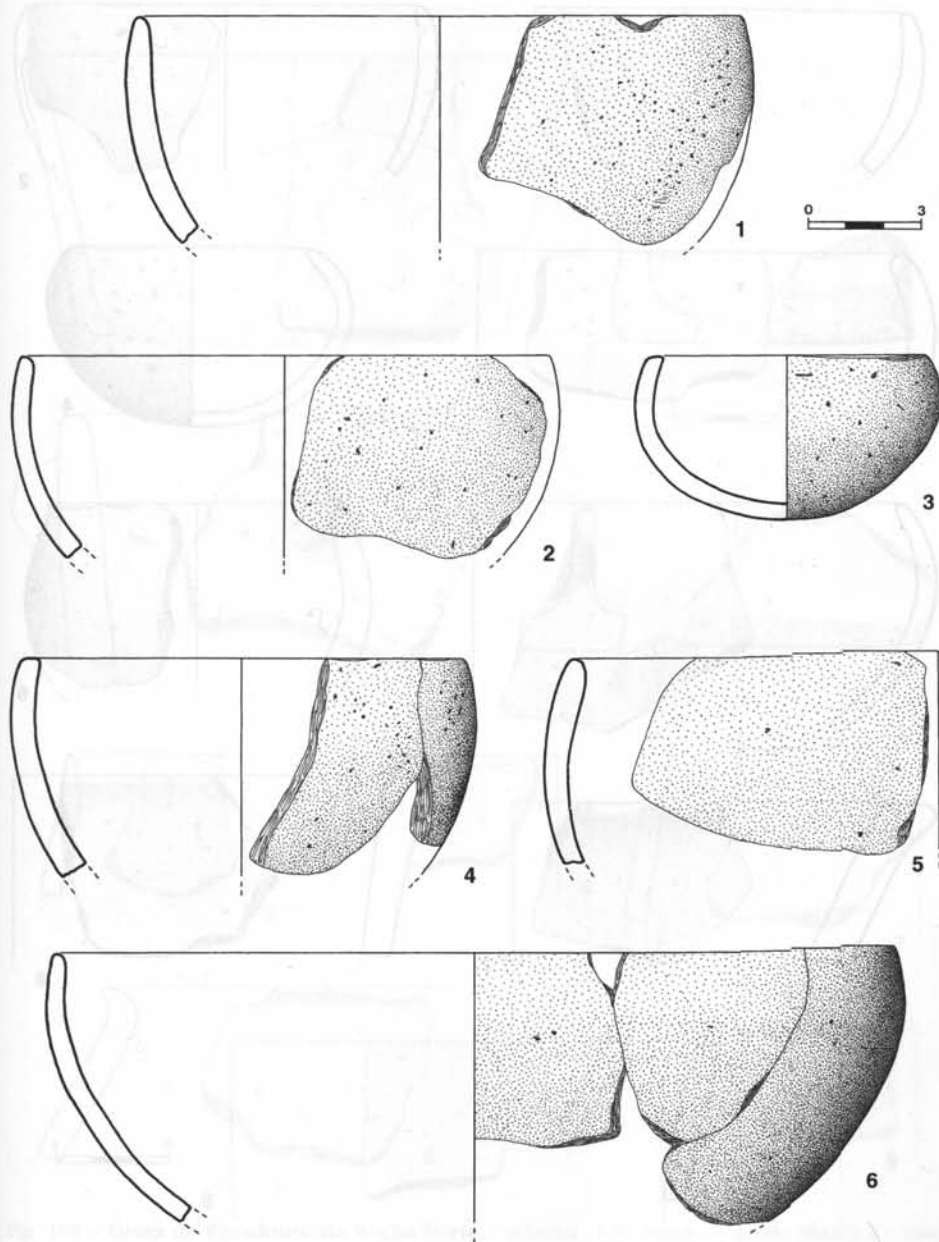


Fig. 106 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos hemisféricos altos.

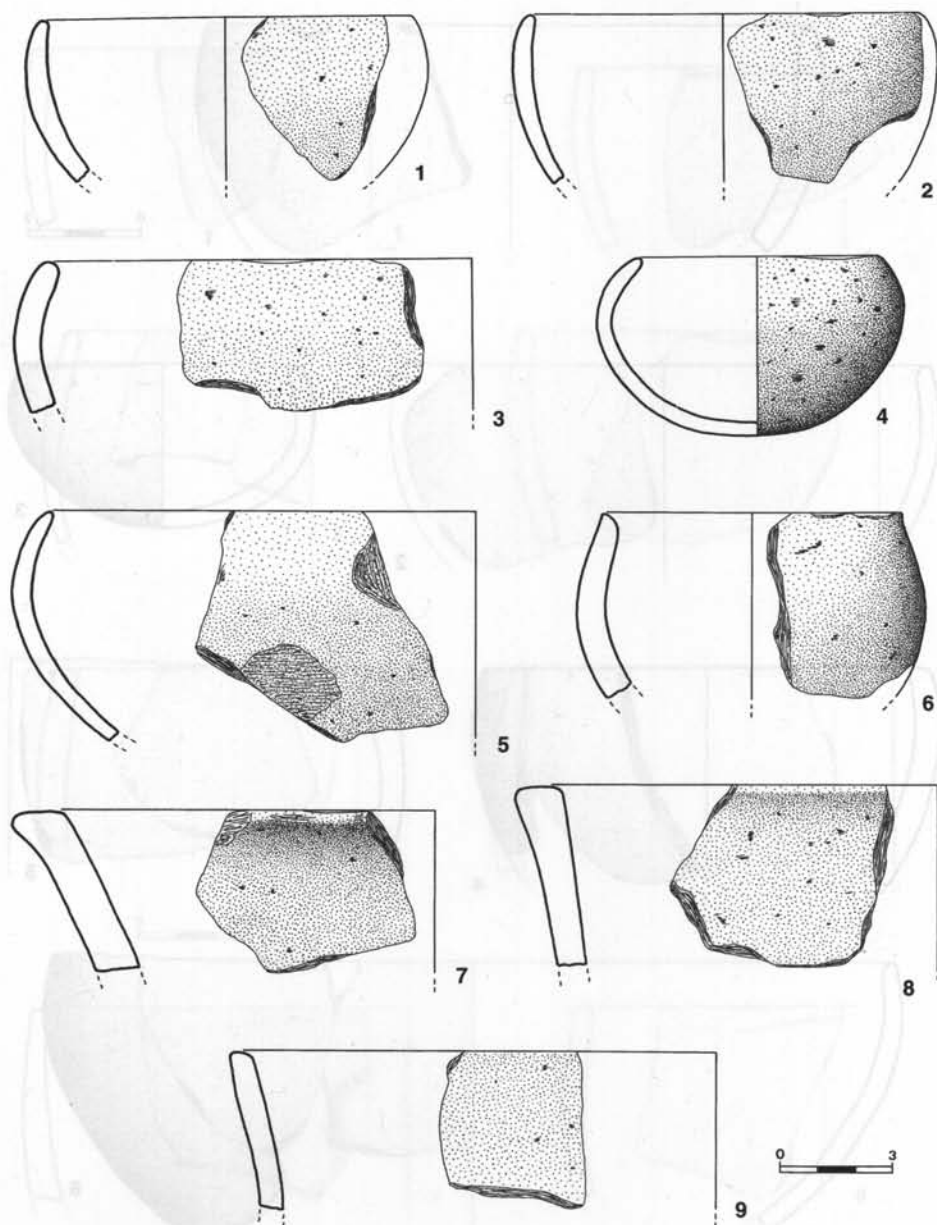


Fig. 107 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte.** Cerâmica. 1-6 - vasos hemisféricos altos; 7-9 - vasos de bordo extravasado.

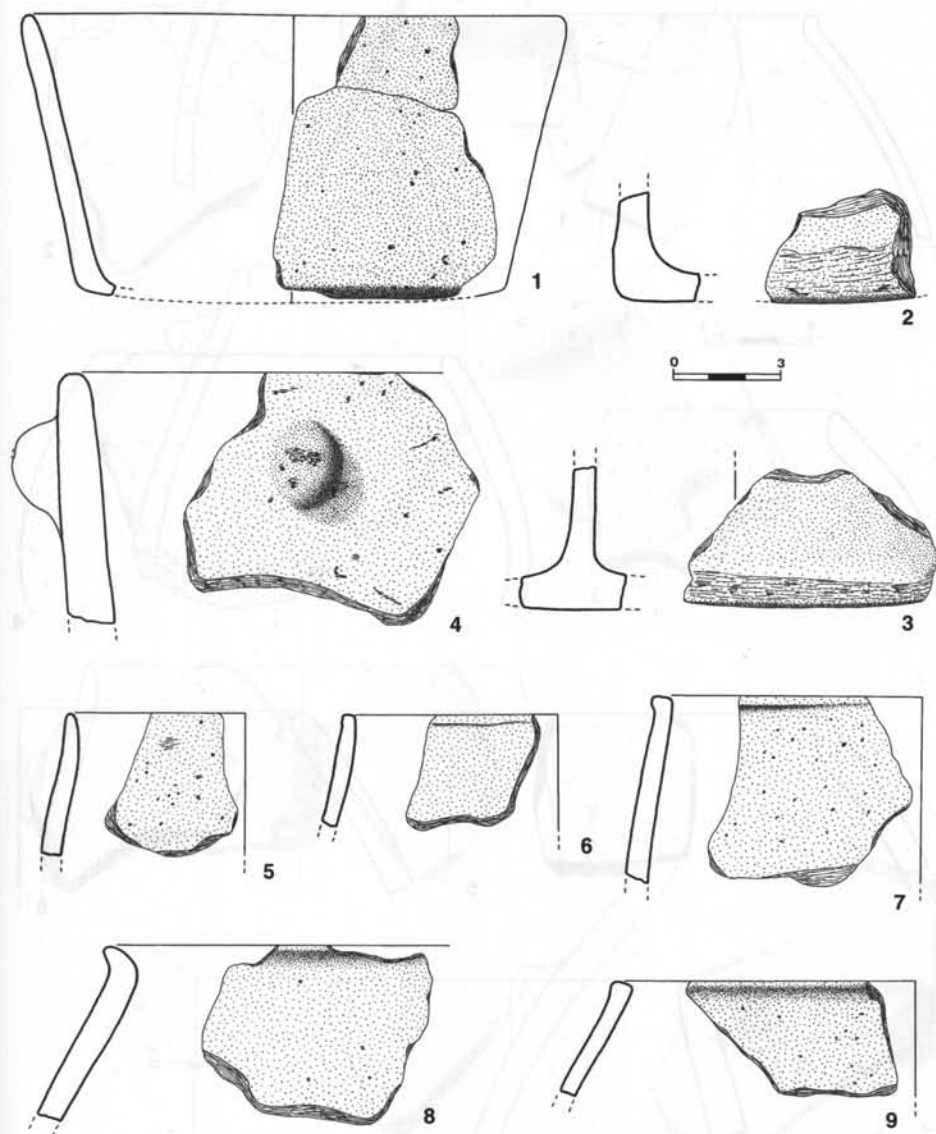


Fig. 108 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte.** Cerâmica. 1-3 - vasos de fundo plano; 4 - vaso com mamilo; 5-9 - vasos globulares.

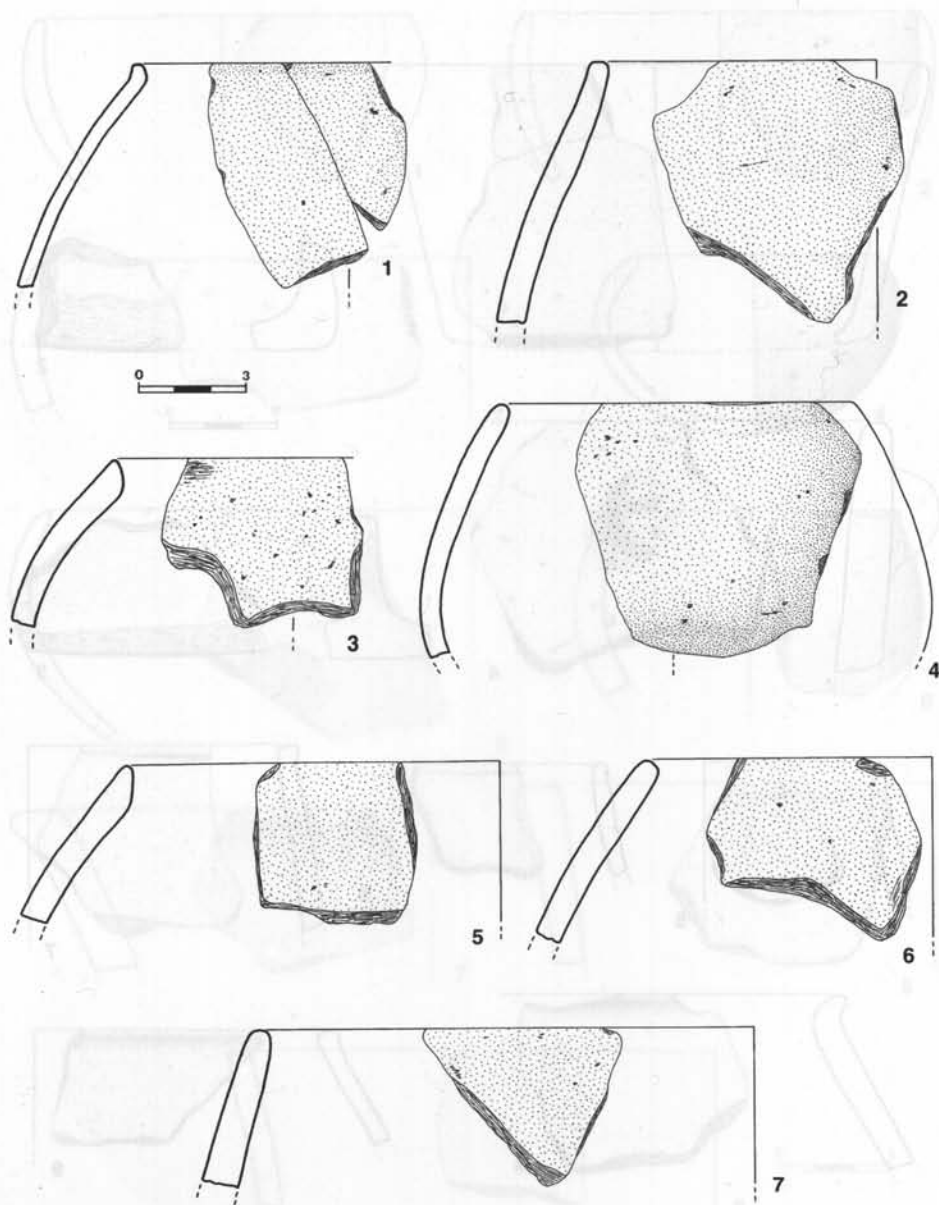


Fig. 109 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos globulares.

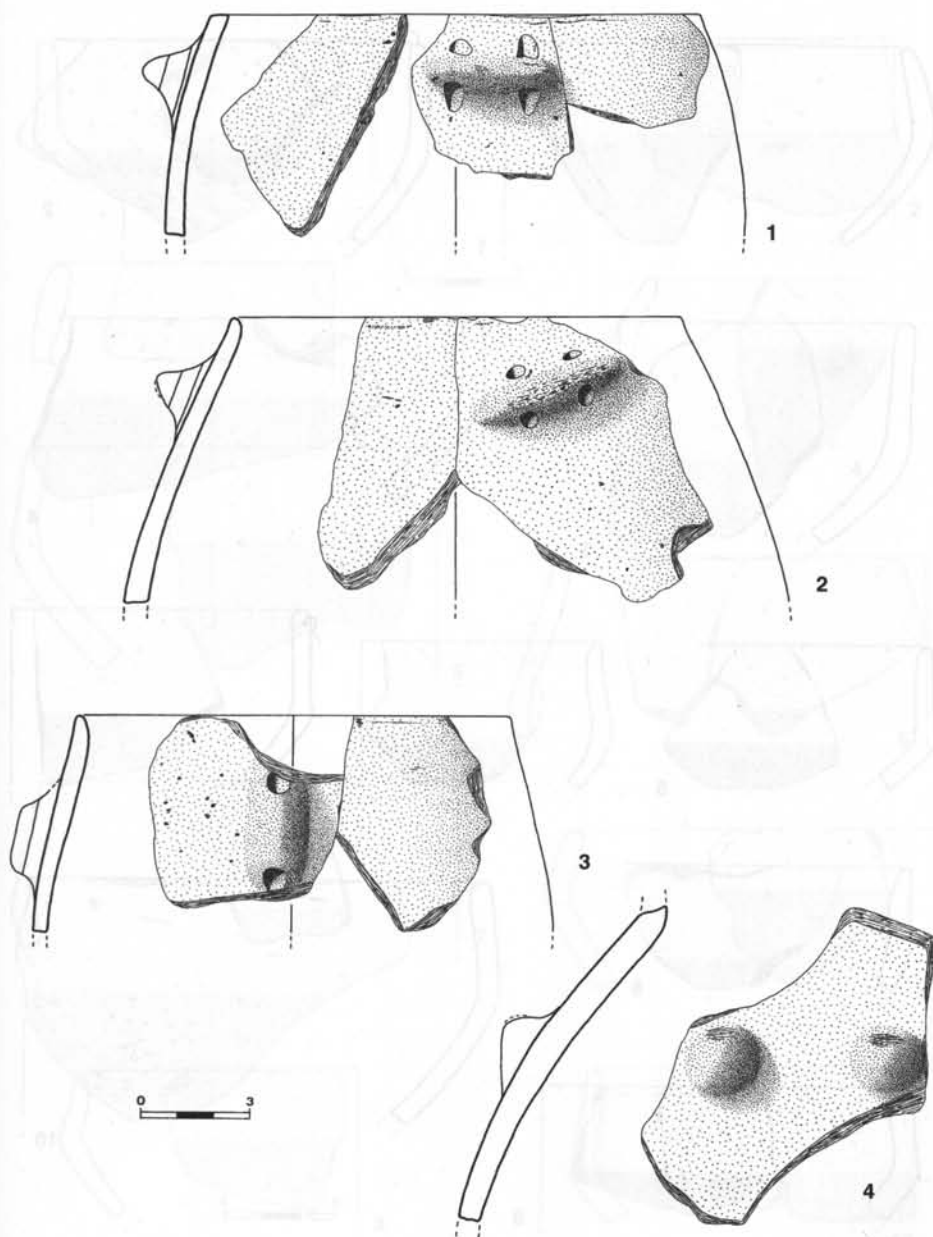


Fig. 110 – **Gruta do Furadouro da Rocha Forte**. Cerâmica. 1-3 - vasos globulares com pegas; 4 - vaso com mamilos.

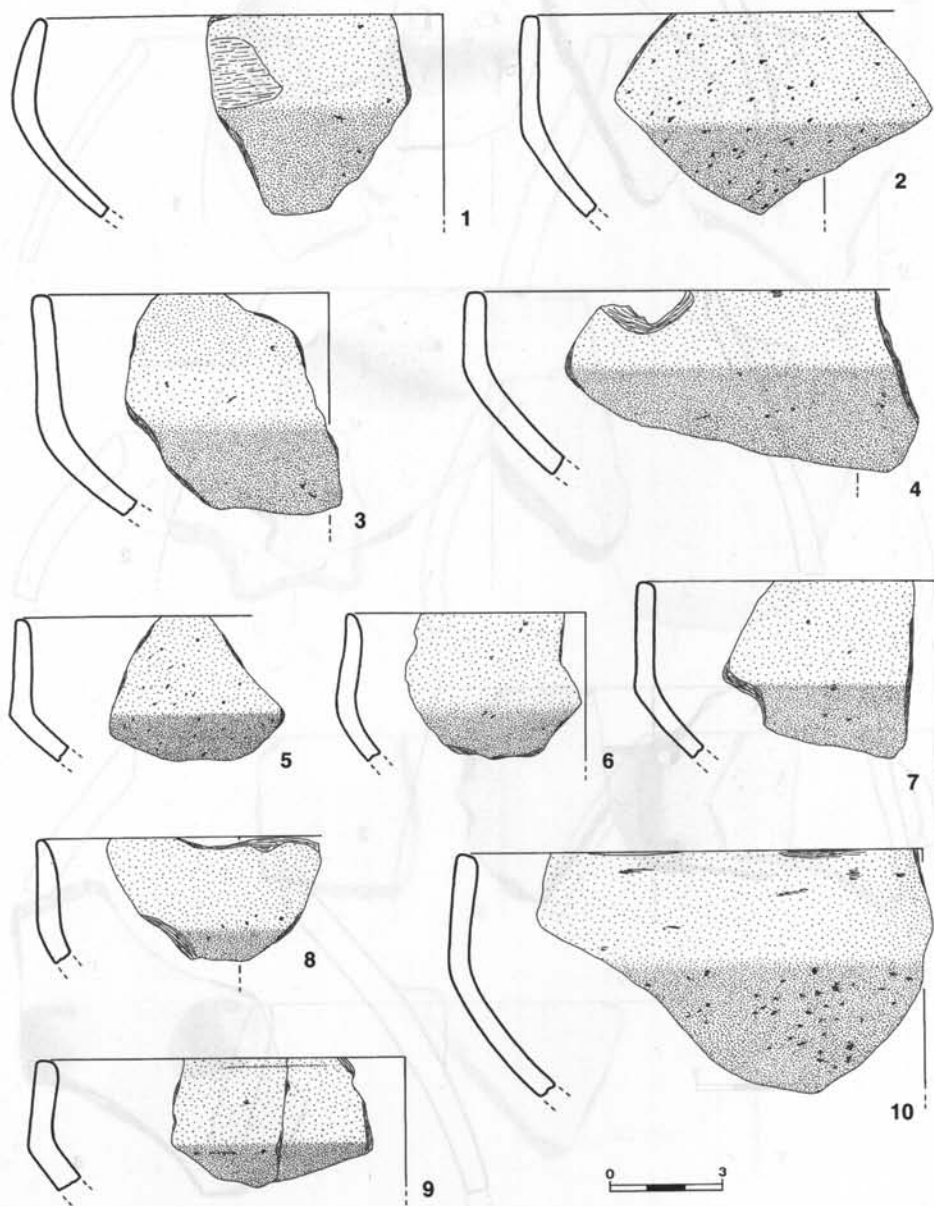


Fig. 111 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Taças carenadas.

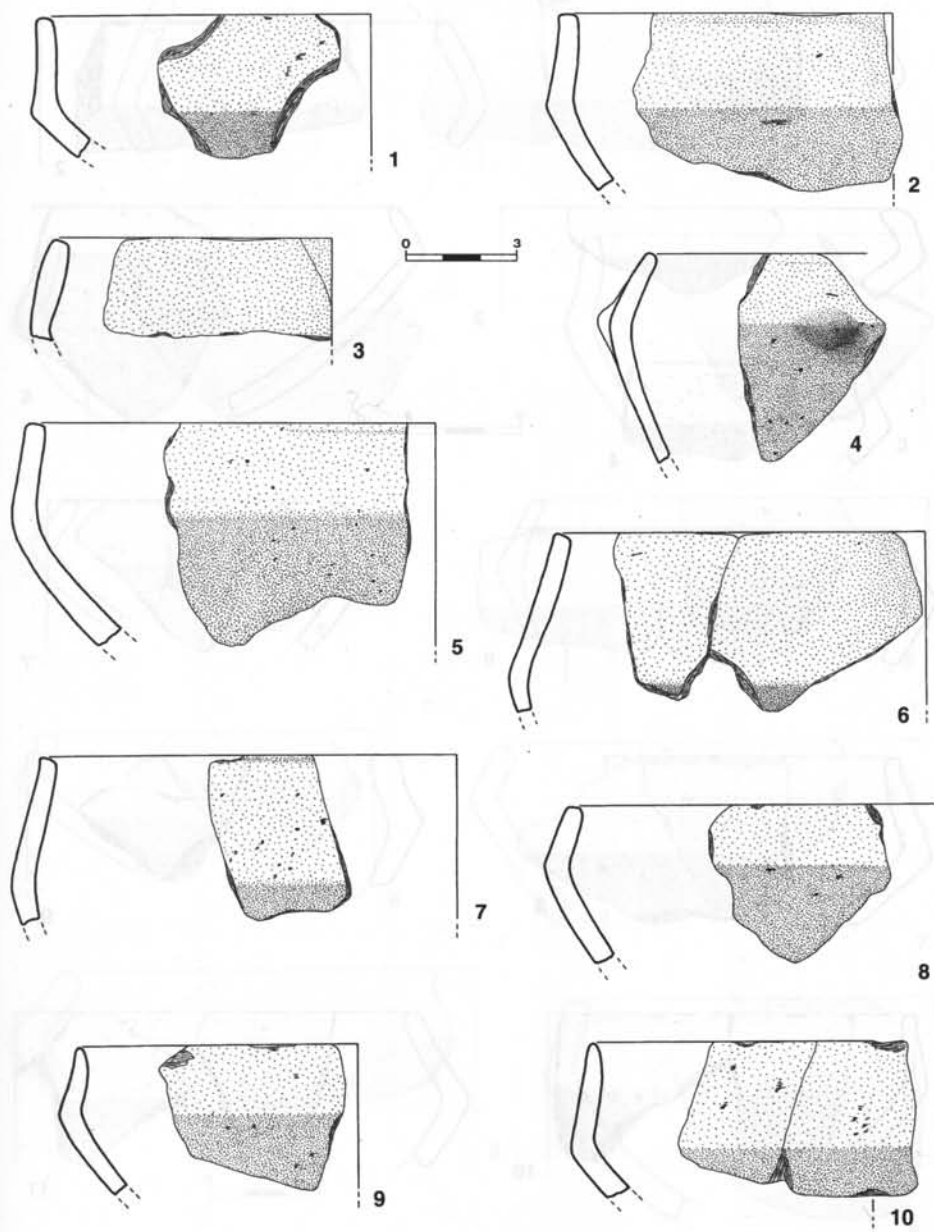


Fig. 112 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Taças carenadas.

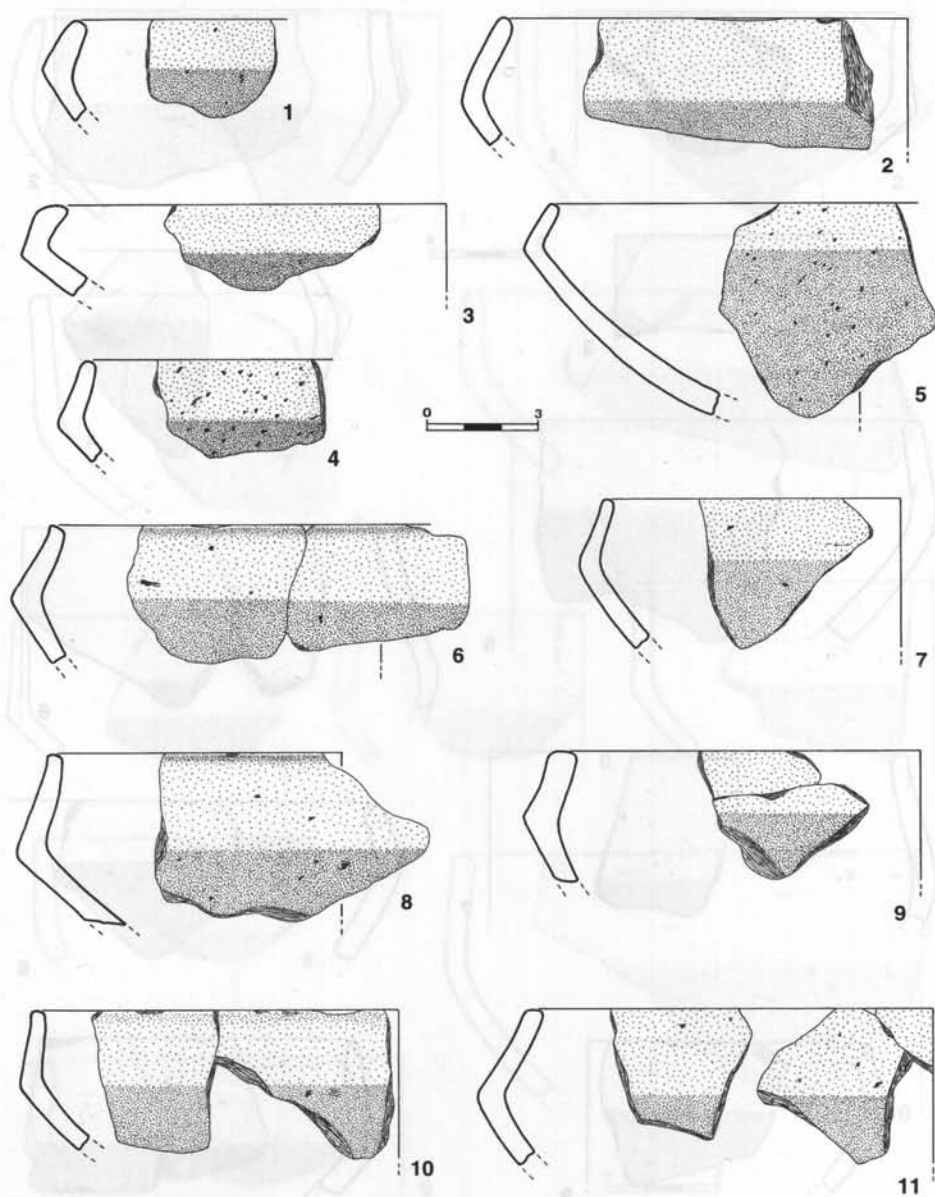


Fig. 113 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Taças carenadas.

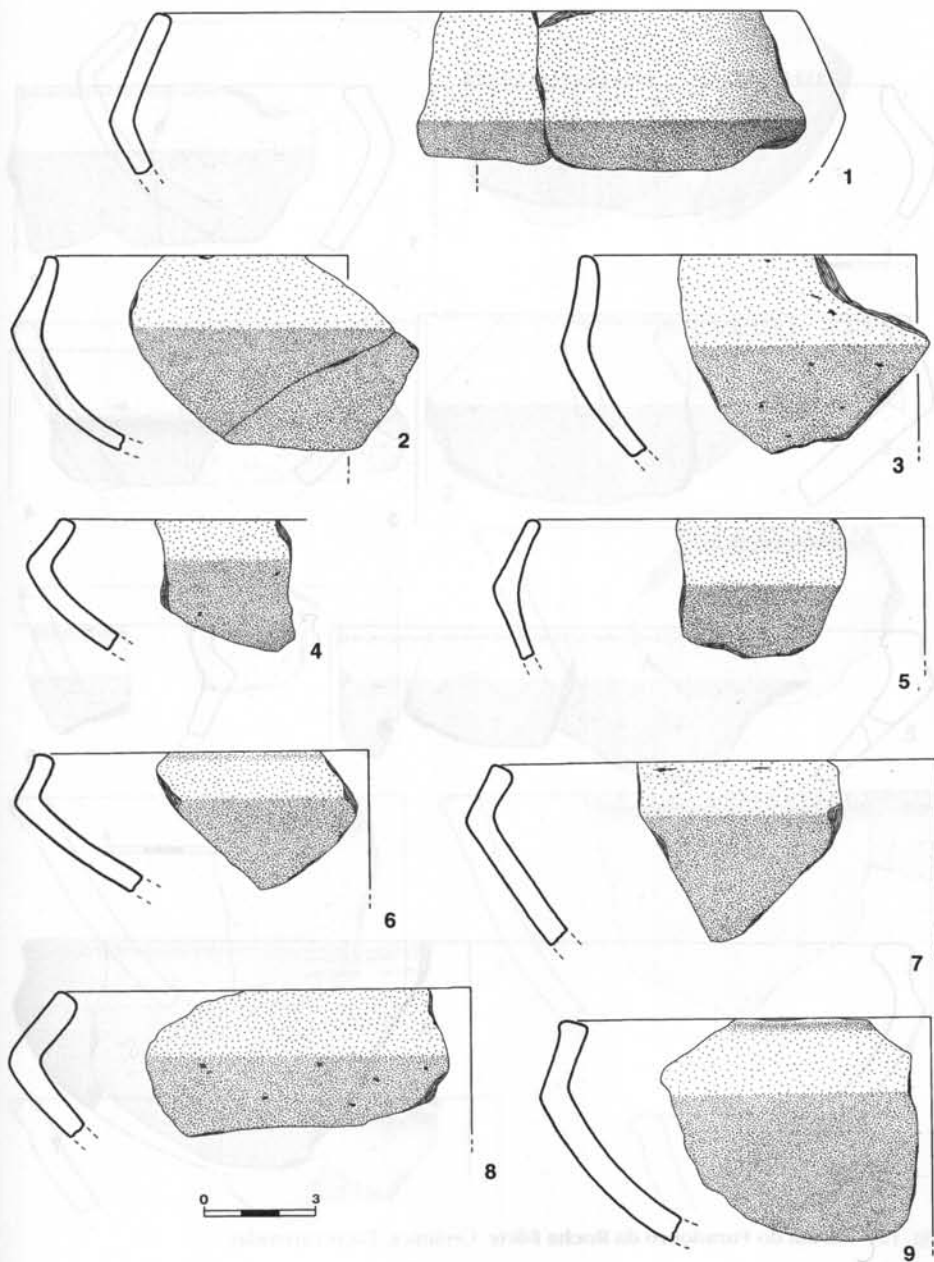


Fig. 114 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Taças carenadas.

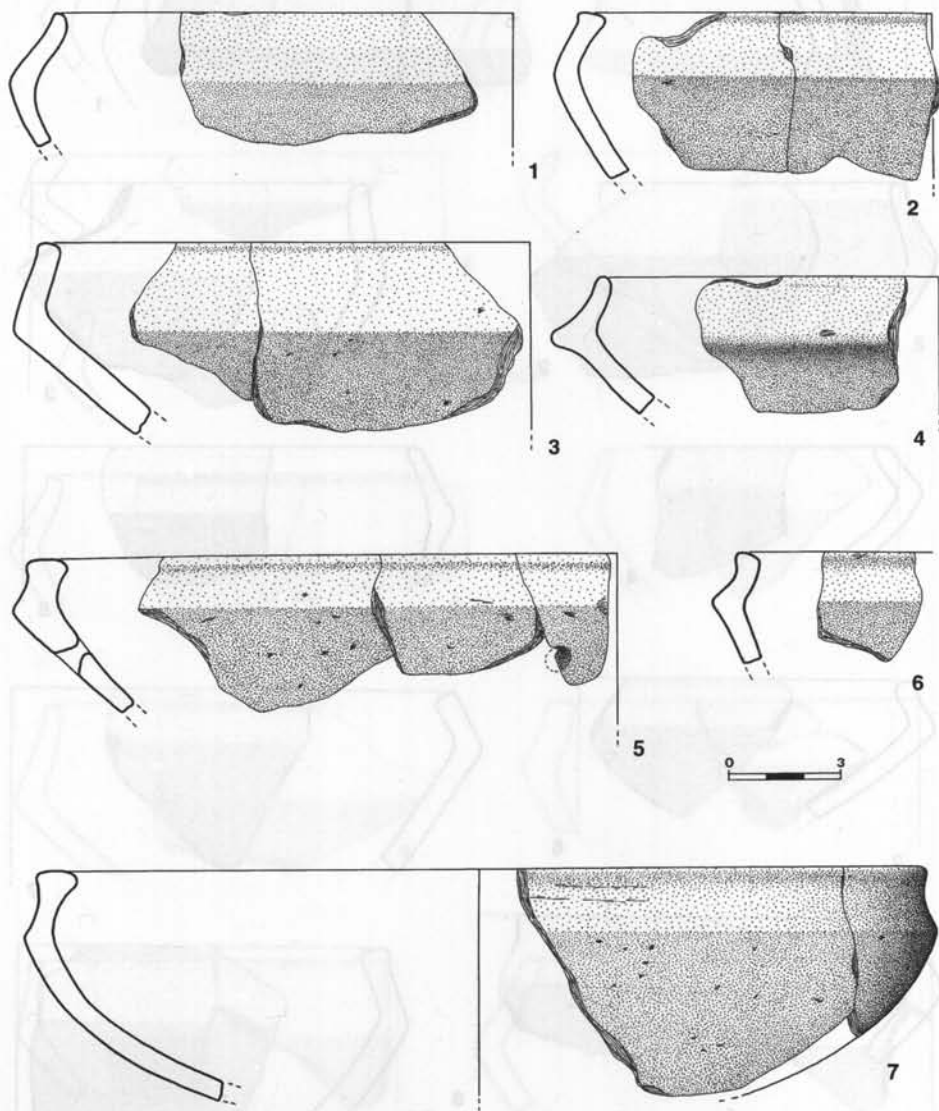


Fig. 115 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Taças carenadas.

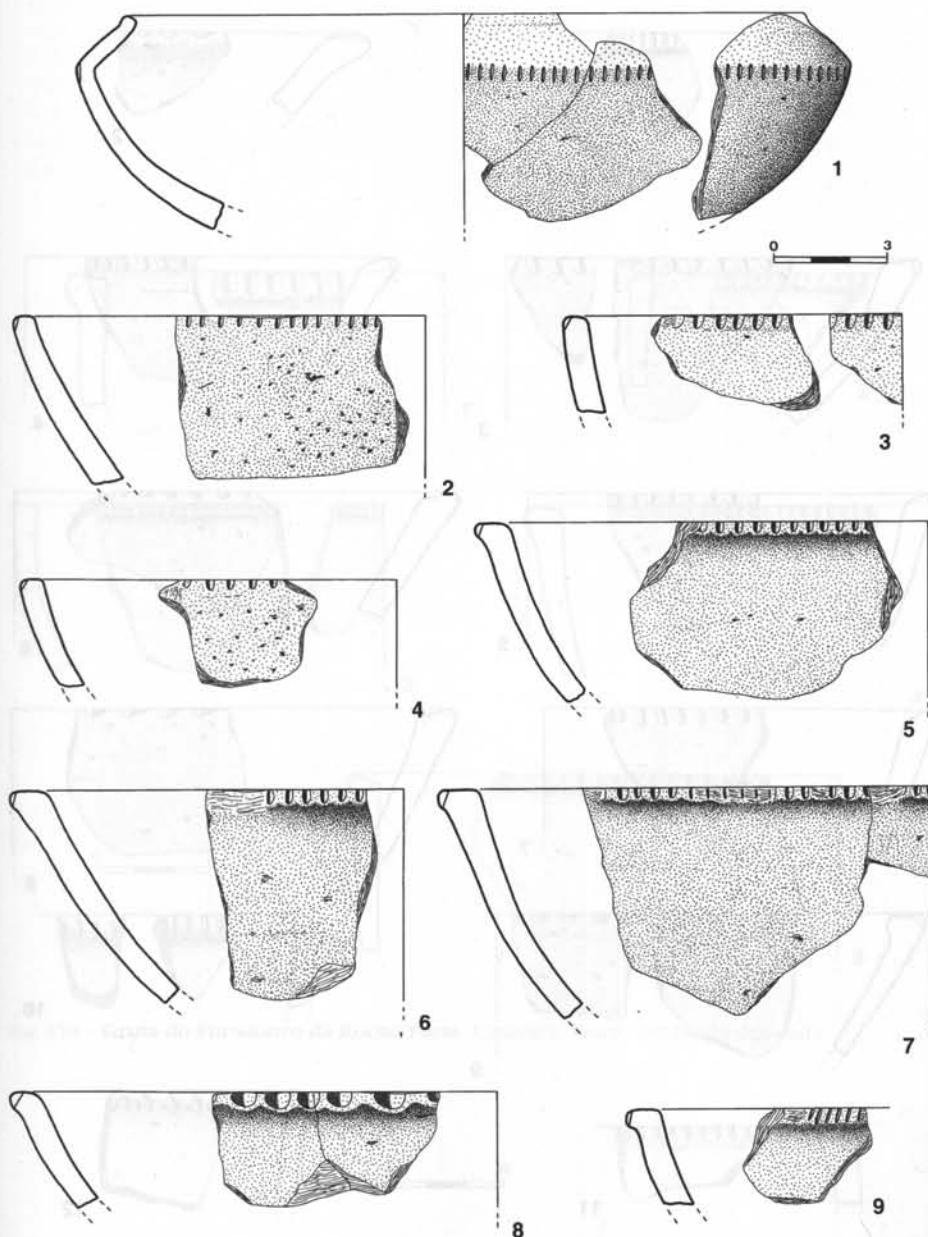


Fig. 116 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. 1 - taça carenada; 2-9 - vasos com bordo denteado.

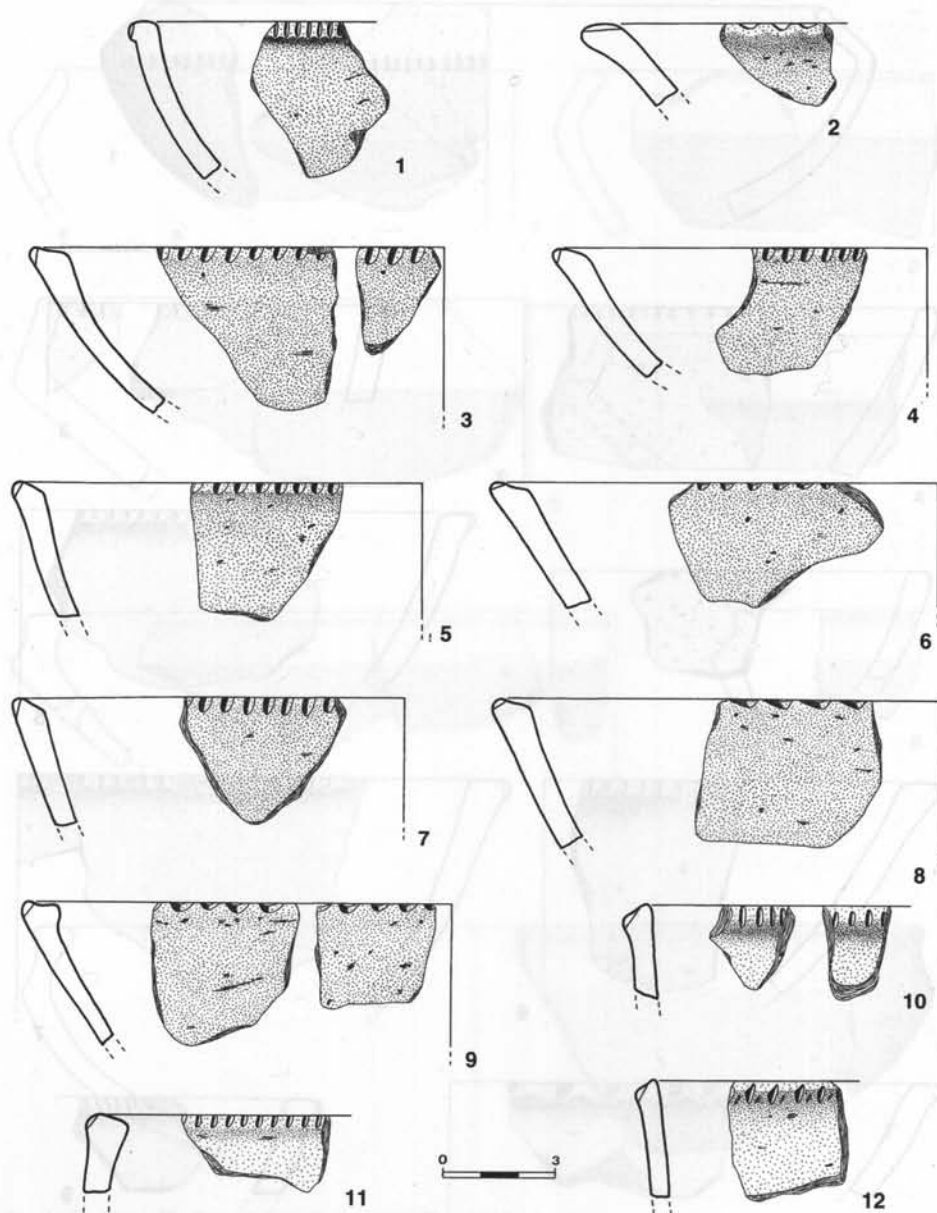


Fig. 117 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos com bordo denteado.

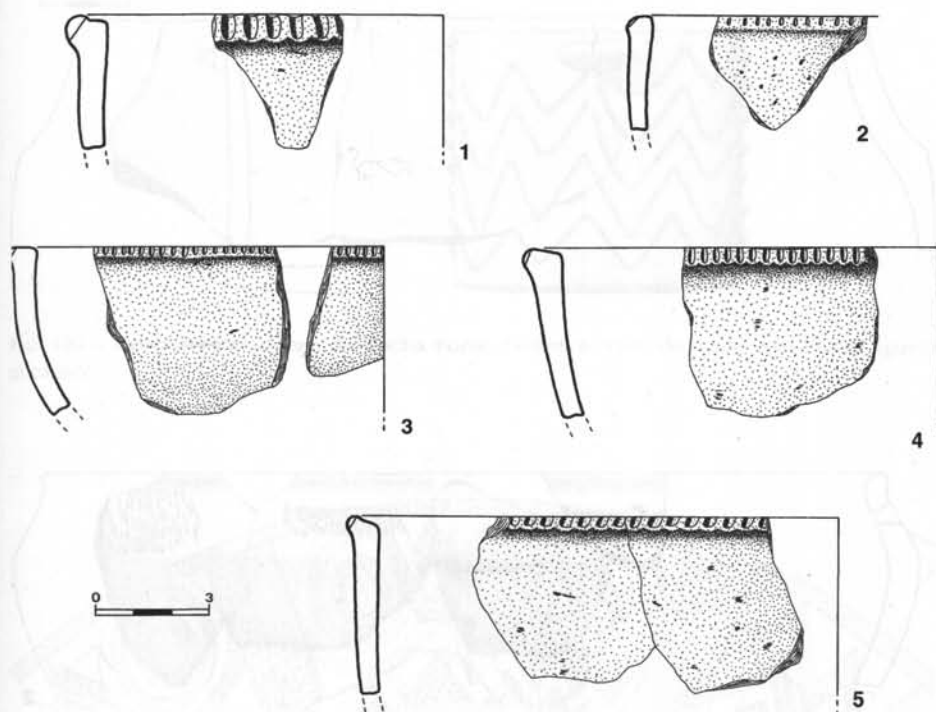


Fig. 118 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vasos com bordo denteado.

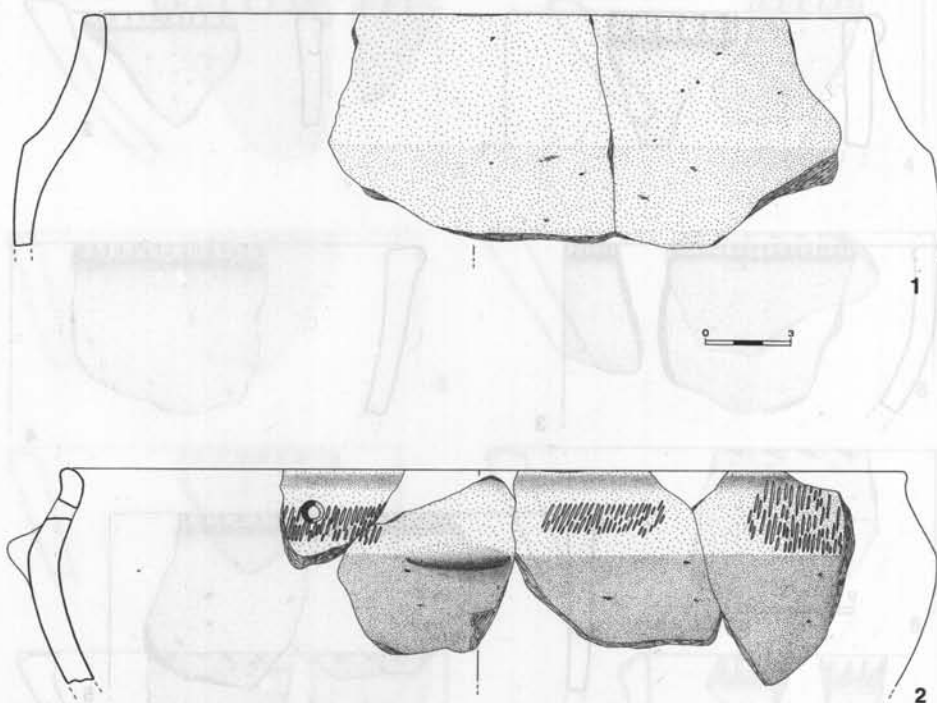


Fig. 119 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. 1 - vaso com colo; 2 - taça carenada decorada.

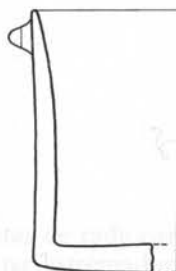
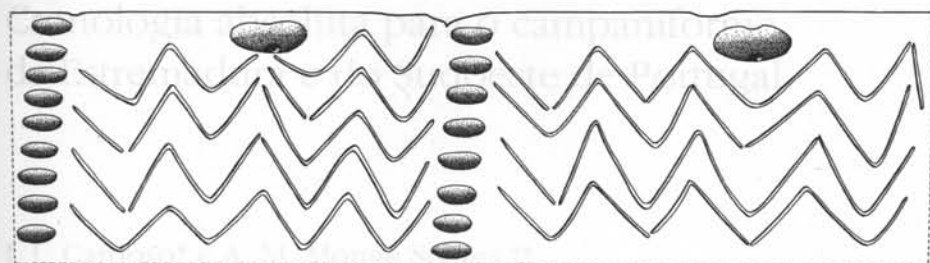


Fig. 120 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vaso decorado com linhas ziguezagueantes.

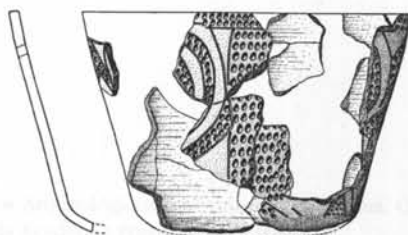
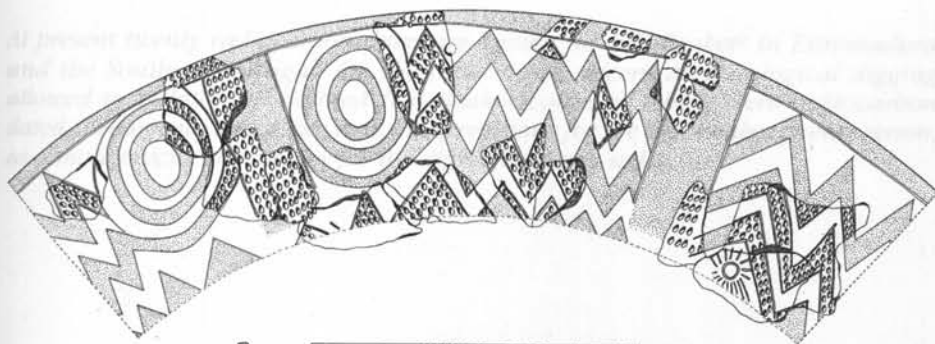


Fig. 121 – Gruta do Furadouro da Rocha Forte. Cerâmica. Vaso com decoração simbólica.



Fig. 12. Fragment of textile from the site of the Late Iron Age, showing a zigzag pattern.



Fig. 14. Fragment of textile from the site of the Late Iron Age, showing a complex geometric pattern.



Fig. 15. Fragment of textile from the site of the Late Iron Age, showing a zigzag pattern.